

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO

Projeto Final de Arquitetura 2013-2014 | Carina Carvalho Silvestre







ARQUITETURA

OU REVOLUÇÃO

LEARNING FROM THE SATELLITE

Projecto Final de Arquitectura

Candidato: Carina Sofia Carvalho Silvestre

Orientadores:

VERTENTE PROJECTUAL:

José Neves – Assistente Convidado

VERTENTE TEÓRICA:

Mafalda Teixeira de Sampayo – Prof. Auxiliar do ISCTE-IUL

ISCTE-IUL | Departamento de Arquitectura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitectura



AGRADECIMENTOS

Ao ISCTE pelos longos e duros anos de curso que me proporcionou;

Aos professores José Neves e Paulo Tormenta Pinto;

À minha Co-Orientadora Mafalda Sampayo, pelas longas horas que dispensou ao longo de todo o trabalho.

Muito mais do que professora, demonstrou uma grande amizade;

Aos professores do Laboratório de Urbanismo, Teresa Marat-Mendes e Rui Ricardo, por terem sido os nossos co-orientadores "emprestados";

Aos professores Pedro Botelho e Pedro Mendes pela grande dupla que formam enquanto aluna de 4º ano;

Um especial agradecimento aos meus pais, apesar da longa distância, ajudaram em todos estes anos de vida a atingir os meus objectivos;

À minha avó Fernanda pelo seu amor;

Ao meu irmão André por ter sido o grande apoio durante 365 dias por ano, nestes 23 anos passados;

Ao João pela importância que têm na minha vida;

À grande Sofia e Sara pela paciência, companhia e amizade que ofereceram nestes longos anos de curso e de vida;

A vocês Martim, Rúben, Varela, Fátima, Luís, Vasco, Pedro Amaro, Pedro Ferreira, Catarina G., Sofia Gaudêncio, Vanessa, Naiara e Susana pelos momentos especiais que vivemos ao longo destes 5 anos;

Ao meus amigos de longa data Daniela, Marta, João Pedro, Cristiana, Sebastião, Jorge, Viviana e Catarina S. por proporcionarem momentos especiais e diferentes;

A toda a família Silvestre e família Carvalho por fazerem parte de mim;

E por fim, a todos os que fazem parte da minha vida directa e indirectamente, pois são vocês que fazem de mim o que sou hoje.



ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO

1. VERTENTE PROJECTUAL

Introdução

1.1 Workshop de arranque

1.2 Reconhecimento do território e estratégia proposta

1.3 Projecto Individual: Escola primária e Jardim de infância

2. VERTENTE TEÓRICA

2.0 Introdução

2.1 Contexto histórico

2.2 Análise

2.3 Conclusão

2.4 Bibliografia

2.4 Anexos

3. BIBLIOGRAFIA

Bibliografia geral e específica

4. ANEXOS

4.1 Enunciado: tema do ano

4.2 Vertente projectual: Enunciado do exercício de Arranque e aquecimento

4.3 Vertente projectual: Enunciado do exercício anual (fase em grupo)

4.4 Vertente projectual: Enunciado do exercício anual (fase individual)

4.5 Vertente teórica: Enunciado do laboratório de urbanismo



INTRODUÇÃO

ARQUITECTURA OU REVOLUÇÃO. LEARNING FROM SATALLITE

O Projecto Final de Arquitectura teve como tema base “Arquitectura ou Revolução”. Este tema ganha importância devido às questões actuais sobre como intervir no crescimento urbano de uma cidade.

O projecto final de Arquitectura é constituído por duas vertentes, a prática e a teórica.

É pretendido que na vertente prática se intervenha na Portela. Pertencente à área metropolitana de Lisboa, no distrito de Loures, nos seus limites encontramos várias localidades distintas umas das outras. Encontramos a sul, os Olivais Norte; a este, Moscavide; a oeste, o Prior Velho; e a norte Sacavém. A Portela é caracterizada por estar numa zona periférica da cidade de Lisboa, nominada como um núcleo urbano satélite. A Portela é planeada com base nas 4 funções da carta de Atenas. A sua construção é aceite em 1965, época de grande aumento demográfico na cidade de Lisboa. A Portela caracteriza-se por edifícios de grande escala (habitação) em relação à sua envolvente e pelo seu centro (comércio, lazer e trabalho).

Para dar iniciação ao trabalho foi posta a questão: Supondo que existisse uma enorme catástrofe no centro da Portela, quais seriam os primeiros problemas a resolver?

Esta vertente assenta na elaboração de uma estratégia urbana em grupo e uma proposta individual. Na estratégia em grupo é pretendido que se resolva os problemas causados pela catástrofe que acontece no centro da Portela. Nessa estratégia são propostas soluções na qual as propostas individuais pretendem completar e enriquecer essas ideias.

Em grupo é feita uma análise da Portela para compreender o seu surgimento e desenvolvimento. Foram tidas em conta várias questões para iniciar esta análise, será importante manter as mesmas funcionalidades existentes no centro para esta nova estratégia? Ou devemos descentralizá-las? Quais as principais fraquezas da Portela? Estas questões foram tidas em conta no desenvolvimento da estratégia de grupo.

Através do desenvolvimento de grupo foi percebido que o centro da Portela teria de ser alterado, criando novas centralidades nos seus limites. Para ligar essas novas centralidades foram criadas ligações com espaço público, criando uma estrutura verde de ligação. Foram propostos vários pólos: Junta de freguesia, escola primária e jardim de infância, escritórios, comercial e cultural.



Na proposta individual foi desenvolvida uma escola primária e jardim de infância. Este pólo é importante por ser um elo de ligação com as localidades externas à Portela e por ser junto a uma entrada da mesma.

O principal objectivo da estratégia de grupo e individual é conseguir ligar uma intervenção nova com as pré-existências. Perceber o que se deve manter e realçar ou destruir e criar algo totalmente novo.

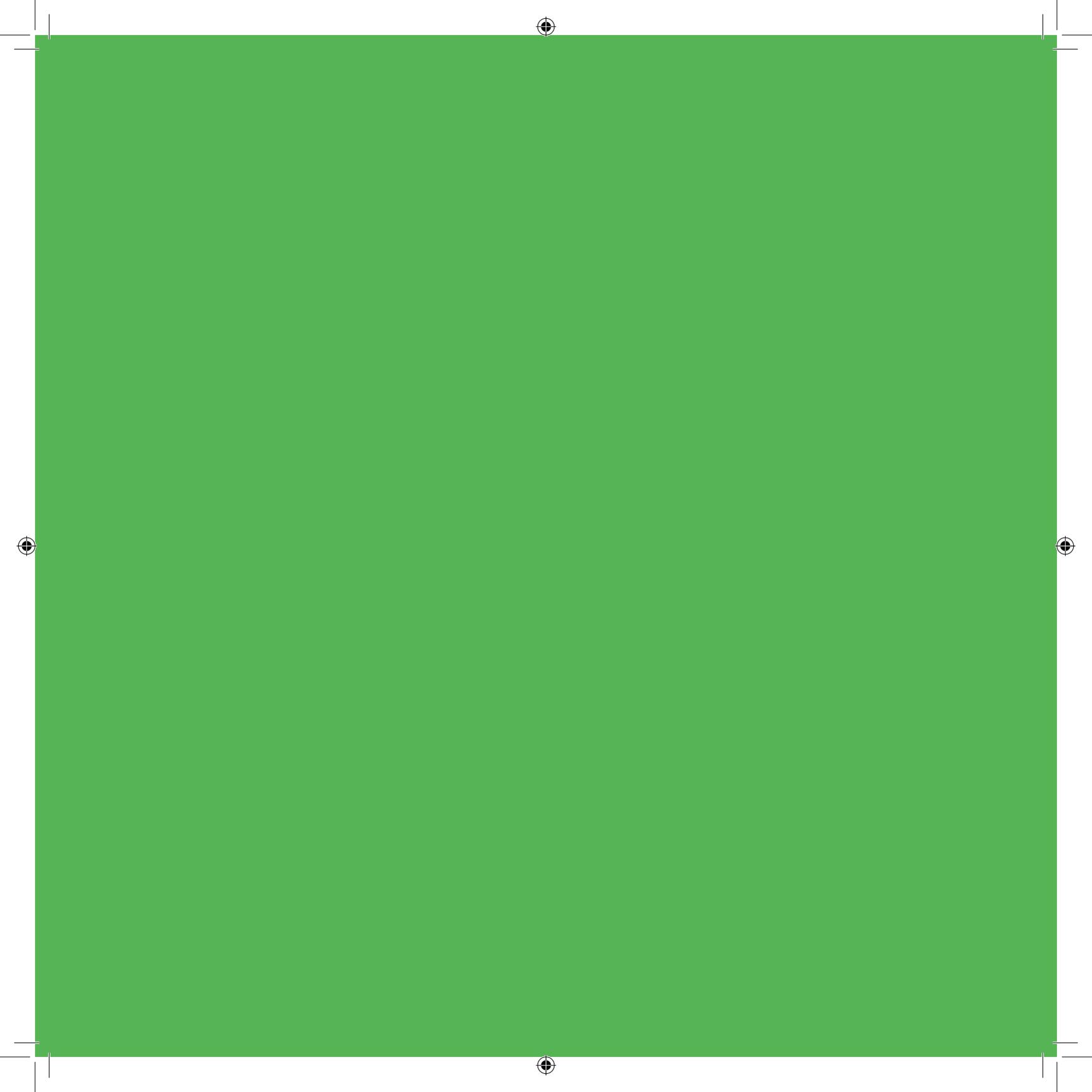
Na vertente teórica esta questão das pré-existências e da forma como construir nesses locais está bastante presente.

Nesta parte é desenvolvida uma investigação sobre o impacto que o metro teve a nível social, económico e urbano na Avenida da República em Lisboa. A avenida apresenta várias características interessantes a nível do seu edificado: a existência de edifícios de várias épocas de construção. Através de um estudo exaustivo em arquivo e análises gráficas foi possível perceber qual a evolução do edificado da Avenida da República e o impacto que o metropolitano de Lisboa teve nele. Nesse estudo percebeu-se como foi feita a intervenção a nível do edificado existente e pré-existente. Entendeu qual a importância a nível histórico dos edifícios e se as novas construções tiveram isso em conta.

A Avenida da República surge do planeamento das Avenidas Novas elabora por Ressano Garcia. Este plano é aprovado em 1889 e finalizado em 1940. Este planeamento tinha como principal objectivo introduzir novas zonas residenciais na cidade de Lisboa. À semelhança do plano para a Portela este surgem de uma necessidade de aumento da cidade para a periferia devido ao aumento demográfico. Estão aqui presentes duas fases de crescimento da cidade diferentes.

Um local com pré-existências têm de ser estudado antes de se intervir nele para se perceber qual a sua importância no território. A intervenção feita individualmente para a Portela têm em conta vestígios de um limite de uma antiga quinta. À semelhança, no trabalho teórico é pretendido perceber como foram tratados os vestígios de cada lote presente na Avenida da República.





[1]

VERTENTE PROJECTUAL

Orientador: José Neves – Assistente Convidado

AARQUITECTURA E A CIDADE
E SE TODA A ZONA CENTRAL DA PORTELA DE
SACAVÉM FOSSE DESTRUÍDA POR UMA CATÁSTROFE?



ÍNDICE

002 **INTRODUÇÃO**

- 025 **1.1 WORKSHOP DE ARRANQUE**
1. Área Metropolitana de Lisboa: Suburbanização
2. Póvoa de Santo Adrião
3. Edifício a intervir: relação com a envolvente
4. Proposta intervenção

15

- 049 **1.2 PORTELA DE SCAVÉM**
1. O plano de urbanização da Portela
2. A Portela nas suas relações com a envolvente
3. Estratégia de intervenção

- 081 **1.3 PROJETO INDIVIDUAL**
1. Estratégia
2. Localização
3. Primeira proposta
4. Segunda proposta
5. Terceira proposta
6. Memória descritiva



ÍNDICE DE FIGURAS

026 **Figura 1.1** - Almada

fonte: http://almadalmada.blogspot.pt/2012/05/coisas-de-almada-e-de-gente-que-viveu-e_23.html (acedido em Outubro de 2013)

Figura 1.2 - Calçada de Carriche

fonte: <http://publico.pt/local/noticia/dois-feridos-em-incendio-num-apartamento-em-lisboa-1327588> (acedido em Out. 2013)

Figura 1.3 - Barreiro

fonte: <http://www.adn-agenciadenoticias.com/2012/09/barreiro-veta-reorganizacao.html> (acedido em Outubro de 2013)

Figura 1.4 - Odivelas

fonte: <http://www.panoramio.com/user/833635/tags/Odivelas> (acedido em Outubro de 2013)

028 **Figura 1.5** - Igreja de Nossa Senhora da Anunciação, Paróquia da Póvoa de Santo Adrião

fonte: <http://www.paroquiapsadriao.com/historia.html> (acedido em Outubro de 2013)

Figura 1.6 - Póvoa de Santo Adrião, rua periférica

fonte: google street view (acedido em Outubro de 2013)

Figura 1.7 - Póvoa de Santo Adrião, rua interior

fonte: google street view (acedido em Outubro de 2013)

Figura 1.8 - Póvoa de Santo Adrião em festa

fonte: google street view (acedido em Outubro de 2013)

030 **Figura 1.9** - Envolvente do local de intervenção: distribuição de funções

032 **Figura 1.10** - Identificação na envolvente de edifícios com a mesma representação arquitetónica

fonte: esquema realizado com base em imagem do Bing Maps

Figura 1.11 - Identificação de edifícios com a mesma representação arquitetónica do escolhido para intervenção

Figura 1.12 - Edifício com a mesma representação arquitetónica do escolhido para intervenção

Figura 1.13 - Identificação, a vermelho, das vias dedicadas ao percurso automóvel, e a amarelo, ao pedonal

- 033 **Figura 1.14** - Edifício a intervir: galeria de distribuição
Figura 1.15 - Edifício a intervir: galeria de distribuição
Figura 1.16 - Edifício a intervir: galeria de distribuição
Figura 1.17 - Edifício a intervir: átrio de entrada
Figura 1.18 - Edifício a intervir: identificação a vermelho da galeria de distribuição
- 034 **Figura 1.19** - Processo evolutivo
- 036 **Figura 1.20** - Processo evolutivo: maquete
- 037 **Figura 1.21** - Processo evolutivo: desenho em planta de diferentes propostas
- 038 **Figura 1.22** - Planta: existente
- 039 **Figura 1.23** - Planta: proposta
- 040 **Figura 1.24** - Alçado norte
- 041 **Figura 1.25** - Alçado poente
- 042 **Figura 1.26** - Alçado sul
- 043 **Figura 1.27** - Alçado nascente
- 044 **Figura 1.28** - Corte
- 045 **Figura 1.29** - Corte
- 046 **Figura 1.30** - Maquete esc.: 1/50
- 047 **Figura 1.31** - Maquete esc.: 1/100
- 050 **Figura 2.1** - Contraste de escalas

Fonte: Farinha, 1995.

Figura 2.2 - Portela, 1960.

Fonte: Coelho, 2010, p.28.

Figura 2.3 - Fotografia aérea

Fonte: Bing Maps, 2010.



052 **Figura 2.4** - Sobreposição entre cartografia de 1960 e plano de urbanização da Portela.

Figura 2.5 - Plano Urbanização da Portela, Janeiro 1969.

053 **Figura 2.6** - Plano Urbanização da Portela, Maio 1979.

Figura 2.7 - Plano Urbanização da Portela, 2009.

054 **Figura 2.8** - Relação viária com a Cidade de Lisboa e com a margem sul do Rio Tejo.

056 **Figura 2.9** - “Portela Ilha” - barreiras e limites da Portela

058 **Figura 2.10** - Plano Director Municipal

19

Adaptado de: Câmara Municipal de Lisboa 'Planeamento Urbano' [Em linha]. Disponível em < <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/plano-diretor-municipal>> (Acedido em 2 de Agosto 2014) e de Câmara Municipal de Loures 'Plano Director Municipal' [Em linha]. Disponível em < [http://geoweb.cm-loures.pt/LouresDigital/\(S\(pjlbus55knfgarbfz-4bo055\)\)/MapView/SectionsViewer.aspx?id=5](http://geoweb.cm-loures.pt/LouresDigital/(S(pjlbus55knfgarbfz-4bo055))/MapView/SectionsViewer.aspx?id=5)> (Acedido em 2 de Agosto de 2014).

060 **Figura 2.11** - Distribuição de Funções

062 **Figura 2.12** - Estrutura Verde

064 **Figura 2.13** - Local de intervenção proposto: Rua Mouzinho de Albuquerque.

Figura 2.14 - Local de intervenção proposto: Jardim Almeida Garret.

Figura 2.15 - Local de intervenção proposto: Junta de Freguesia da Portela e habitação.

Figura 2.16 - Local de intervenção proposto: Junta de Freguesia da Portela e habitação.

066 **Figura 2.17** - Local de intervenção: Avenida do Ralis.

Figura 2.18 - Local de intervenção: Avenida do Ralis.

Figura 2.19 - Local de intervenção proposto: Escola Básica e Jardim de Infância da Portela.

Figura 2.20 - Local de intervenção proposto: Escola Básica e Jardim de Infância da Portela.

068 **Figura 2.21** - Local de intervenção proposto: Piscina Municipal da Portela.

Figura 2.22 - Local de intervenção: proposta de ligação entre a Portela e a Biblioteca.

Figura 2.23 - Local de intervenção proposto: Biblioteca.

Figura 2.24 - Parque do Tejo e do Trancão. PROAP, 1994-2004.

072 **Figura 2.25** - Proposta de espaço público - centro

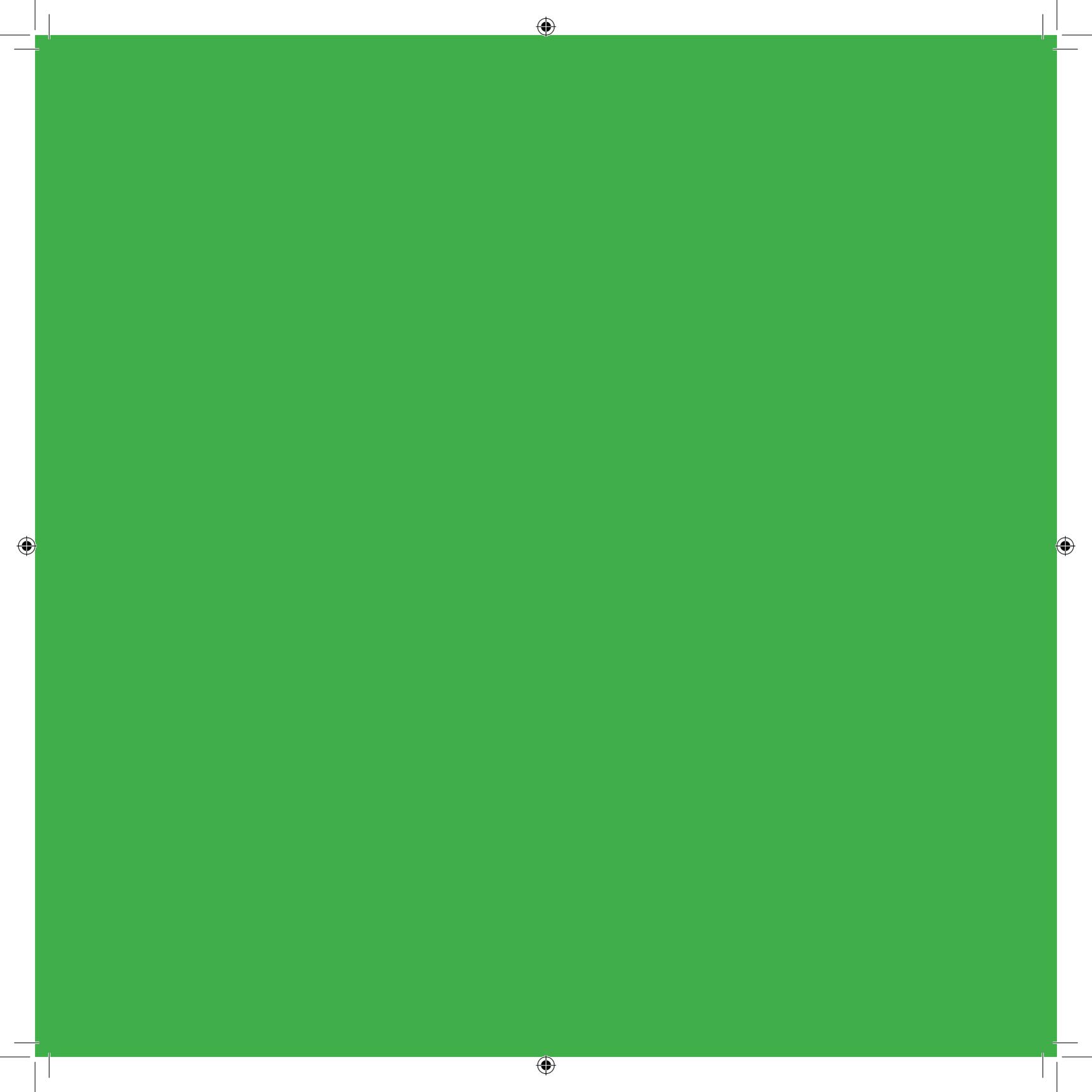


- 073 **Figura 2.26** - Desenho de equipamentos urbanos integrados na quadricula de 5mx5m.
- 074 **Figura 2.27** - Estratégia de intervenção - Planta proposta.
- 076 **Figura 2.28** - Planta - Identificação dos Cortes.
Figura 2.29 - Corte A-A' - Situação existente.
Figura 2.30 - Corte A-A' - Situação proposta
- 077 **Figura 2.31** - Corte B-B' - Situação existente
Figura 2.32 - Corte B-B' - Situação proposta
Figura 2.33 - Corte C-C' - Situação existente
Figura 2.34 - Corte C-C' - Situação proposta
- 078 **Figura 2.35** - Corte D-D' - Situação existente
Figura 2.36 - Corte D-D' - Situação proposta
Figura 2.37 - Corte E-E' - Situação existente
Figura 2.38 - Corte E-E' - Situação proposta
- 079 **Figura 2.39** - Maqueta conceptual | esc.: 1/10000
Figura 2.40 - Maqueta estratégia | esc.: 1/1000
- 082 **Figura 3.1** - Localização da proposta individual tendo em consideração as propostas de grupo
- 084 **Figura 3.2** - Sobreposição da carta de 1960 com a actual
- 086 **Figura 3.3** - Local de intervenção: Vista da estrada de acesso a Sacavém.
Figura 3.4 - Local de intervenção: Vista para a escola secundária e fábrica automóvel.
Figura 3.5 - Local de intervenção: Vista para Sacavém.
Figura 3.6 - Local de intervenção: Vista da estrada de acesso a Sacavém.
Figura 3.7 - Local de intervenção: Vista da estrada de acesso a Sacavém e a auto-estrada
Figura 3.8 - Local de intervenção: Torre de habitação.
Figura 3.9 - Local de intervenção: Torres de habitação.

- o89 **Figura 3.10** - Ideia conceptual.
Figura 3.11 - Primeiro esquema da ideia.
Figura 3.12 - Segundo esquema da ideia.
Figura 3.13 - Terceiro esquema da ideia.
- o90 **Figura 3.14** - Esquiço com proposta para o local de intervenção
Figura 3.15 - Esquiço com proposta para o local de intervenção
Figura 3.16 - Esquiço com proposta para o local de intervenção
- o91 **Figura 3.17** - Planta da primeira proposta
Figura 3.18 - Corte transversal
Figura 3.19 - Corte longitudinal
- o92 **Figura 3.20** - Maqueta de estudo
- o93 **Figura 3.21** - Maqueta de estudo
- o94 **Figura 3.22** - Piso 0
Figura 3.23 - Piso 1
- o96 **Figura 3.24** - Piso 2
Figura 3.25 - Alçado
- o97 **Figura 3.26** - Corte AA
Figura 3.27 - Corte BB
Figura 3.28 - Corte CC
Figura 3.29 - Corte DD
- o98 **Figura 3.30** - Maqueta de estudo
- o99 **Figura 3.31** - Maqueta de estudo
- 100 **Figura 3.32** - Esquissos
- 102 **Figura 3.33** - Esquissos

- 103 [Figura 3.34](#) - Planta de localização
- 104 [Figura 3.35](#) - Plantas de cobertura, piso 0, piso 1 e piso 2
- 106 [Figura 3.36](#) - Cortes e alçados
- 108 [Figura 3.37](#) - Plantas e corte construtivo
- 110 [Figura 3.38](#) - Maqueta de estudo
- 111 [Figura 3.39](#) - Maqueta de estudo
- 116 [Figura 3.40](#) - PLantas piso -2, piso -1
- 117 [Figura 3.41](#) - Plantas piso 0, piso 1
- 118 [Figura 3.42](#) - Plantas piso 2 e cobertura
- 119 [Figura 3.43](#) - Corte

Nota: consideram-se de autoria própria todas as fontes não identificadas



[1·1]

WORKSHOP DE ARRANQUE

REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NO TEMPO DO SPACE SHUTTLE COLUMBIA

grupo de trabalho: Carina Silvestre, José Urbino Santos, Micael Abreu, Sara Albuquerque, Sofia Gregório

“À medida que se foi ampliando a capacidade de observação do globo terrestre, através dos satélites colocados no espaço, também as relações globais se foram estreitando, aproximando todos os territórios terrestres. As comunicações entre os povos virtualizaram-se na complexidade das diversas redes que, numa dimensão planetária, acabaram por envolver o mundo. Este fenómeno provocou uma relativização das autenticidades culturais e uma metamorfose das relações humanas com o espaço”.

Enunciado exercício de arranque e aquecimento (anexo 2)



|fig. 1.1| Almada

|fig. 1.2| Calçada de Carriche (Lisboa)

|fig. 1.3| Barreiro

|fig. 1.4| Odivelas



1. Área Metropolitana de Lisboa: Suburbanização

O crescimento de muitas cidades, depois da II Guerra Mundial determinou o desenvolvimento dos subúrbios. Apesar de esta situação caracterizar muitas das cidades mundiais, foi nas cidades norte americanas onde o processo teve particular importância. Os apoios estatais à habitação, novos eixos viários e as inovações tecnológicas, diminuíram as distâncias e permitiram novos bens acessíveis às famílias. Os americanos apresentaram grande mobilidade residencial, os motivos da mudança de residência estavam associados às suas necessidades, desejos e aspirações (Rossi, 1955). Os residentes que saíram foram o resultado da mudança na sociedade e na estrutura de classes.

A nível nacional, e a uma escala muito inferior ao resto do mundo, foi em redor de Lisboa e do Porto que primeiramente se deu este processo de suburbanização. Até aos anos 50 a população da Área Metropolitana de Lisboa, encontrava-se maioritariamente junto dos centros urbanos. Foi após os anos 50, fortemente marcados pela industrialização em Portugal, e pelo abandono do meio rural que o crescimento da cidade e periferias se deu.

Após o 25 de Abril de 1974, com a entrada de população oriunda das antigas colónias portuguesas em África, a AML viu alterada as suas dinâmicas territoriais. Lisboa aumentou os seus residentes, e a periferia viveu novos processos de crescimento.

A grande necessidade de alojamento e a deficiência de resposta, levou ao recurso da construção ilegal que se tornou num flagelo que as administrações autárquicas actualmente ainda não conseguiram eliminar, apesar de um esforço sério de construção social que têm vindo a desenvolver. Este processo de suburbanização tem conduzido à saída de população em idade activa do centro da cidade. As necessidades de habitação de muitas famílias encontraram resposta nas ofertas imobiliárias na periferia, muitas vezes ausentes de políticas urbanas que respondessem às necessidades de infra-estruturas e equipamentos colectivos adequados às necessidades, o que estimulou um crescimento metropolitano desordenado, em “mancha de óleo” (como refere Álvaro Domingues), e, conseqüentemente, desqualificado em termos sociais e urbanísticos.



► Aparece nos mapas, com o nome de **Póvoa**, integrante da **Freguesia de Loures**. Constituída na altura por um pequeno conjunto de casarios de camponeses que dividiam a sua actividade agrícola com a exploração piscatória no Rio Trancão. O núcleo habitacional desenvolvia-se ao longo da Estrada Real (actual EN8) e da Ribeira.

séc. XV

► Criada como **Freguesia da Póvoa de Loures**. Em meados do século, após a freguesia se ter tornado autónoma, adopta o nome do seu orago, ou seja, **Santo Adrião**.
Construção da Igreja Matriz.

séc. XVI

► Passou para o domínio do **Concelho dos Olivais**, aquando da extinção do Termo de Lisboa (amplo território de primordial importância para a capital do reino, pois dele provinham os mantimentos).

1852

2. Póvoa de Santo Adrião



5



6



▶ Após a extinção dos Concelhos de Belém e Olivais, a Póvoa de Santo Adrião, que já tinha sido de Loures, foi **integrada no novo Concelho de Loures**.

1886

séc. XX

▶ Decorreram mais de cem anos de História, de mudanças, de criação e separação de novas e velhas Freguesias de identidade saloia.

1960-1970

▶ “Uma verdadeira explosão populacional” devido à proximidade com Lisboa. Altera a sua centralidade, onde ocorre uma forte expansão para norte, transformando as antigas quintas em bairros habitacionais. Foi também a norte que se vieram a instalar os serviços básicos, como o Mercado, a Junta de Freguesia, as escolas básicas e secundária, o conservatório de música, a esquadra da PSP, ...

1986

▶ Torna-se Vila.

1998

▶ Criação do **Município de Odivelas**, onde esta Freguesia volta a mudar de Concelho.



Igreja de Nossa Senhora da Anunciação, Paróquia da Póvoa de Santo Adrião [\[fig. 1.5\]](#)

Póvoa de Santo Adrião, rua periférica [\[fig. 1.6\]](#)

Póvoa de Santo Adrião, rua interior [\[fig. 1.7\]](#)

Póvoa de Santo Adrião em festa [\[fig. 1.8\]](#)





[fig. 1.9] Envolvente do local de intervenção: distribuição de funções

Zona industrial (amarelo torrado) | Equipamentos (azul claro) | Saúde (amarelo) | Comércio (azul escuro) | Local de intervenção (vermelho)



2. Edifício a intervir: relação com a envolvente

O edifício escolhido para intervenção localiza-se na freguesia da Póvoa de Santo Adrião, pertencente ao concelho de Odivelas, uma das áreas de expansão de Lisboa e insere-se perto da zona industrial da Póvoa de Santo Adrião.

Nesta zona encontram-se maioritariamente oficinas e habitações colectivas de alta densidade. A nível de ruído não se notam grandes problemas pois este é quase inexistente ou é atenuado pela vegetação envolvente. Visualizam-se também alguns edifícios semelhantes que deverão ter sido construídos na mesma data ou pertencendo ao mesmo projecto, mas observa-se que não fazem parte do mesmo conjunto por se localizarem em pontos diferentes. Foram ainda encontrados dois edifícios muito semelhantes a outros dois, dos quais faz parte o edifício escolhido.

A construção deste data de 1985, tendo sido pintado recentemente. Contudo, aparenta ser uma obra pouco qualificada do ponto de vista arquitectónico quando se observa a estrutura do edifício, onde os pilares constituintes possuem diferentes tamanhos e diferentes afastamentos, assim como uma galeria destinada para uso comercial, em que a relação entre largura e altura é desproporcional e onde actualmente dois dos espaços destinados para comércio estão abandonados, sendo que um deles nunca chegou a ser utilizado, levando à reflexão e pondo em causa a localização de comércio naquele local, tendo em conta as características do edifício e da sua envolvente.

Possui uma galeria no piso 0, garagens nos piso -1 e -2 e uma cobertura com terraço percorrível. O átrio de entrada ocupa a mesma largura da caixa de escadas tendo umas dimensões muito reduzidas. O embasamento do edifício leva a querer que não se deu muita importância às diferenças de cotas no terreno, sendo que no nível de entrada para o piso 0 foram acrescentados alguns degraus e os níveis inferiores foram aproveitados para estacionamento.

O objecto de estudo implanta-se numa cota mais alta em relação à envolvente, funcionando assim com miradouro. O alçado Norte, com menos privilégios em relação às vistas da envolvente, tem uma estrada adjacente, localizando-se neste a entrada principal para as habitações.

Em relação aos acessos, os mais privilegiados e facilitados são destinados ao automóvel, enquanto que os acessos pedonais são pouco qualificados, sendo estes caracterizados por grandes desníveis.



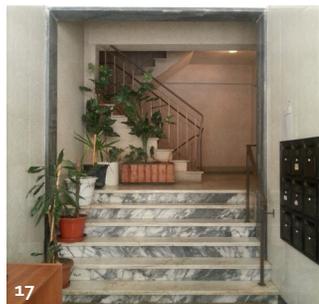


[fig. 1.10] Identificação na envolvente de edifícios com a mesma representação arquitetónica;

[fig. 1.11] Edifício com a mesma representação arquitetónica do escolhido para intervenção;

[fig. 1.12] Edifício com a mesma representação arquitetónica do escolhido para intervenção;

[fig. 1.13] Identificação, a vermelho, das vias dedicadas ao percurso automóvel, e a amarelo, ao pedonal.



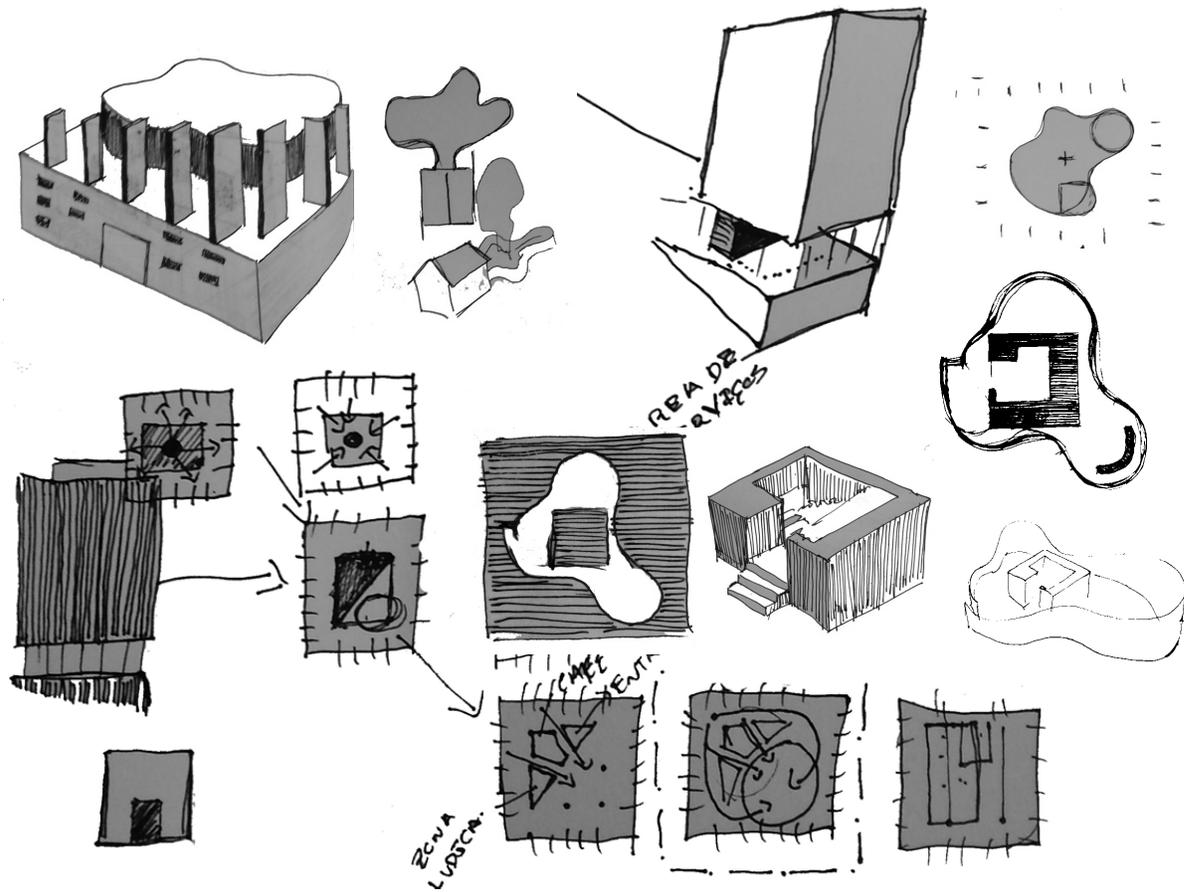
[fig. 1.14] Edifício a intervir: galeria de distribuição;

[fig. 1.15] Edifício a intervir: galeria de distribuição;

[fig. 1.16] Edifício a intervir: galeria de distribuição;

[fig. 1.17] Edifício a intervir: átrio de entrada;

[fig. 1.18] Edifício a intervir: identificação a vermelho da galeria de distribuição.



[fig. 1.19] Processo evolutivo.



3. Proposta de intervenção

A proposta de intervenção incide sobre a requalificação do espaço da galeria do edifício confinada no R/C e complementada por espaços de comércio que, actualmente se encontram parcialmente abandonados ou pouco usados, assim como o espaço exterior, cujas proporções da galeria apenas permitem circulação e não permanência.

Deste modo, pretende-se uma reconfiguração, transformando o espaço num “organismo vivo” que aposte fundamentalmente na renovação do exterior privilegiando desta vez o convívio e a permanência e melhorando o espaço de entrada nas suas dimensões.

O programa distribuído deverá funcionar de forma autónoma e independente relativamente ao átrio de acesso do conjunto habitacional, para que possa ser de uso público e independe ao edifício de habitação. O desenho da forma e a materialidade fazem da proposta um acontecimento singular na cidade, pelas suas relações entre interior e exterior, pelo seu impacto visual e pela nova qualidade de habitabilidade que contrasta com a construção existente e sua envolvente, procurando adaptar-se às pré-existências, alimentando-as e tirando partido da mesmas, redefinindo o espaço de forma a potenciar e requalificar o seu uso e ocupação.

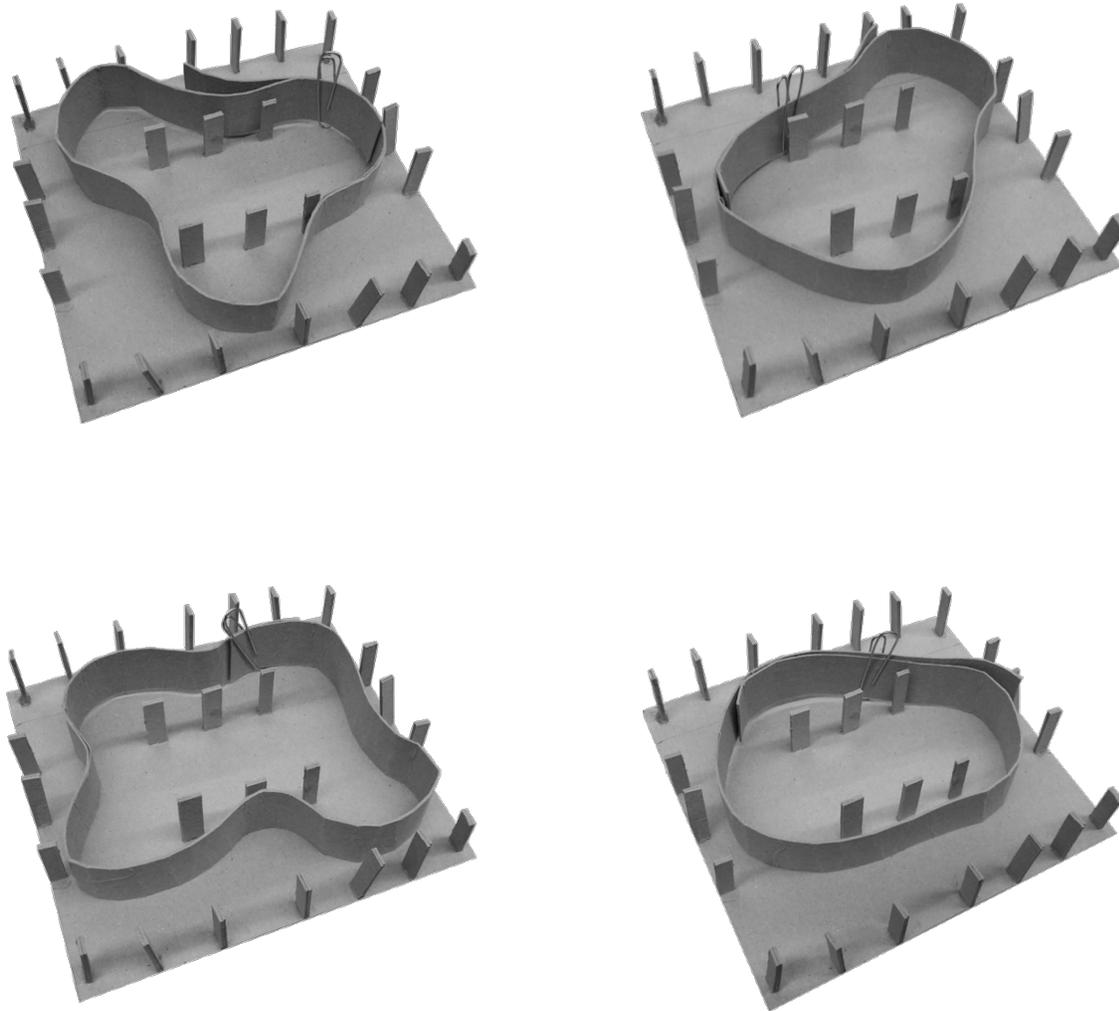
Os materiais escolhidos tiveram em conta os objectivos pretendidos e o orçamento reduzido para uma intervenção mínima que qualifica-se a habitabilidade na estrutura existente. Para este efeito desenhou-se uma “máscara” que envolve-se as paredes exteriores que configuram o espaço da galeria, optando-se por telhas em policabornato translúcidas como revestimento, sendo um material bastante económico, assim como uma estrutura leve em metal que sustenta este revestimento, sendo que os pilares existentes e a caixa de escadas e elevador pré-existentes são mantidos no edifício.

A estimativa orçamental do custo da obra:

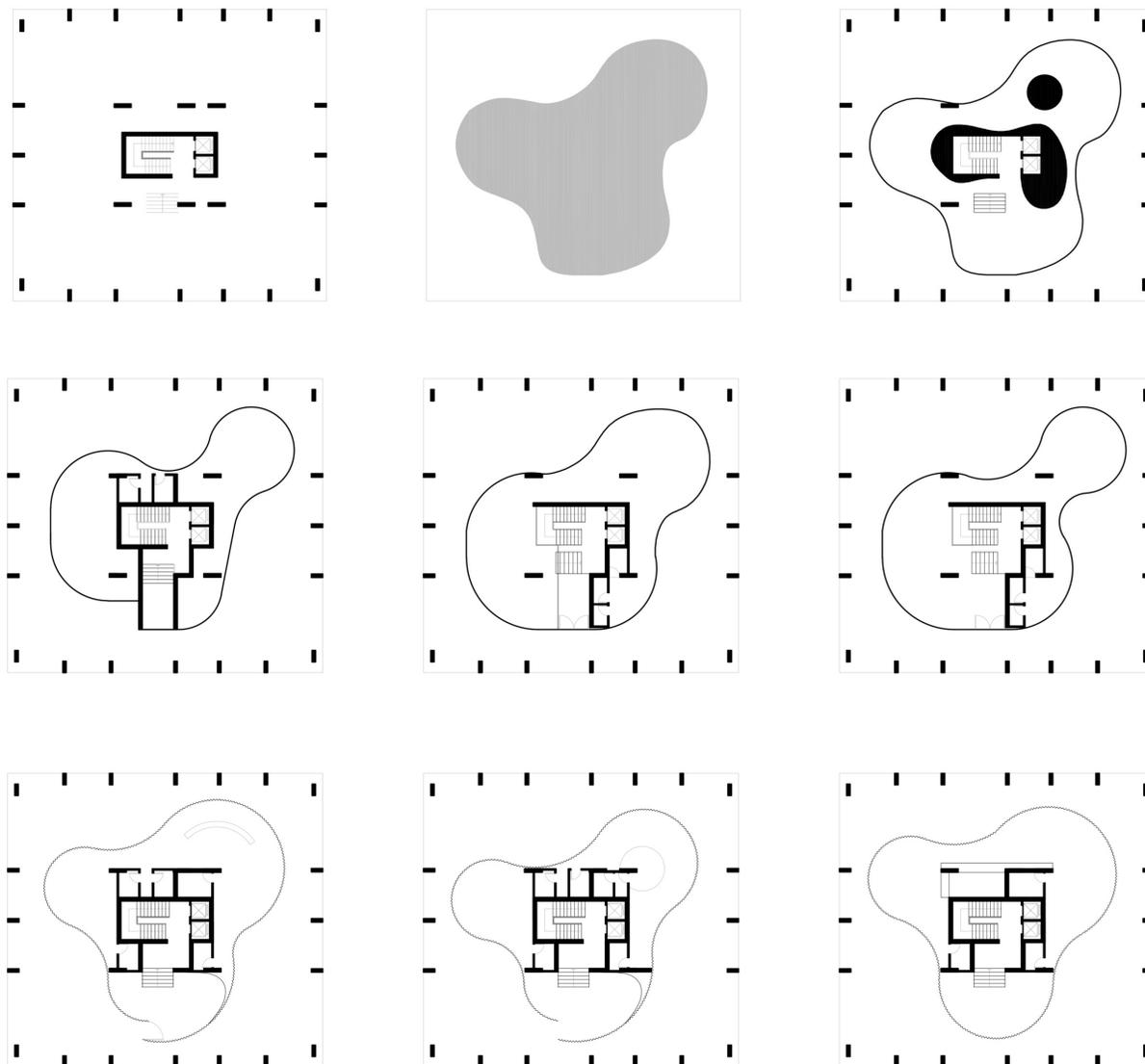
Revestimento Interno - chapa de zinco $12 \text{ €} \times 50 = 600 \text{ €}$

Revestimento Externo - placa de policarbonato $70 \text{ cent m}^2 \times 400 = 280 \text{ €}$

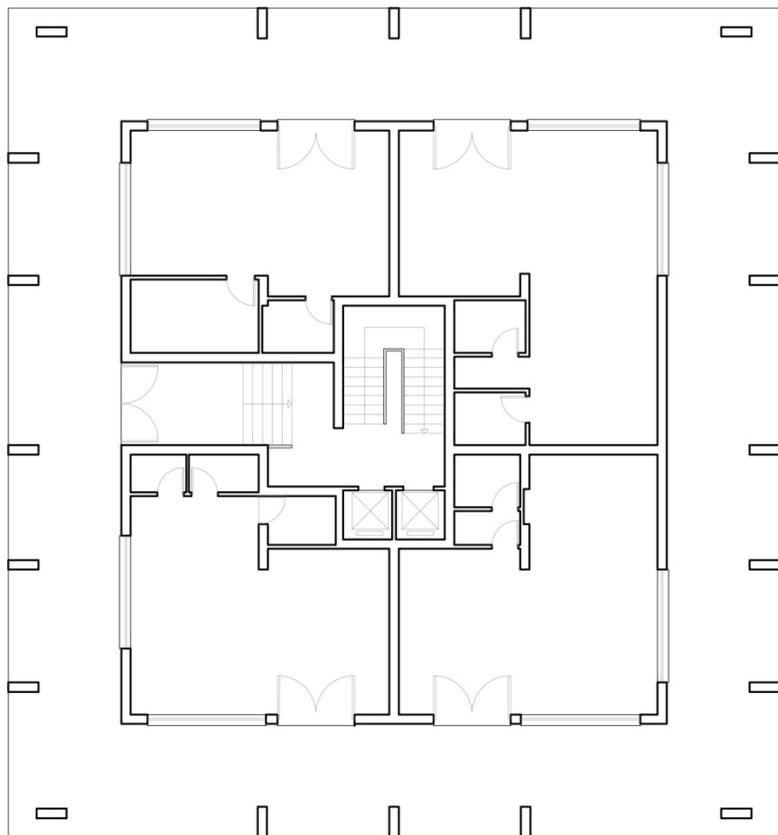




[fig. 1.20] Processo evolutivo: maquete.

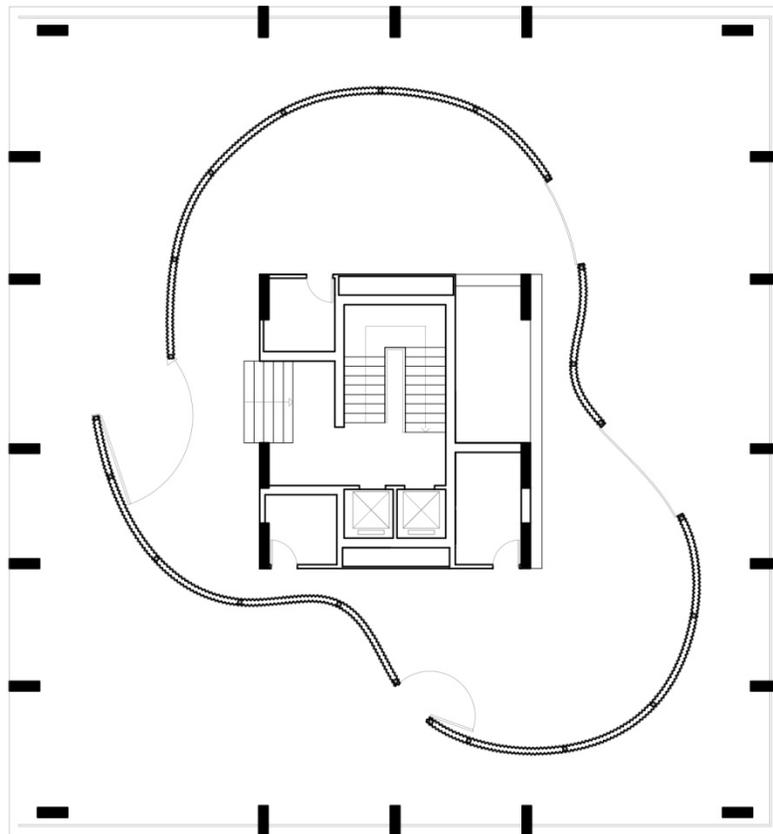


[fig. 1.21] Processo evolutivo: desenho em planta de diferentes propostas.

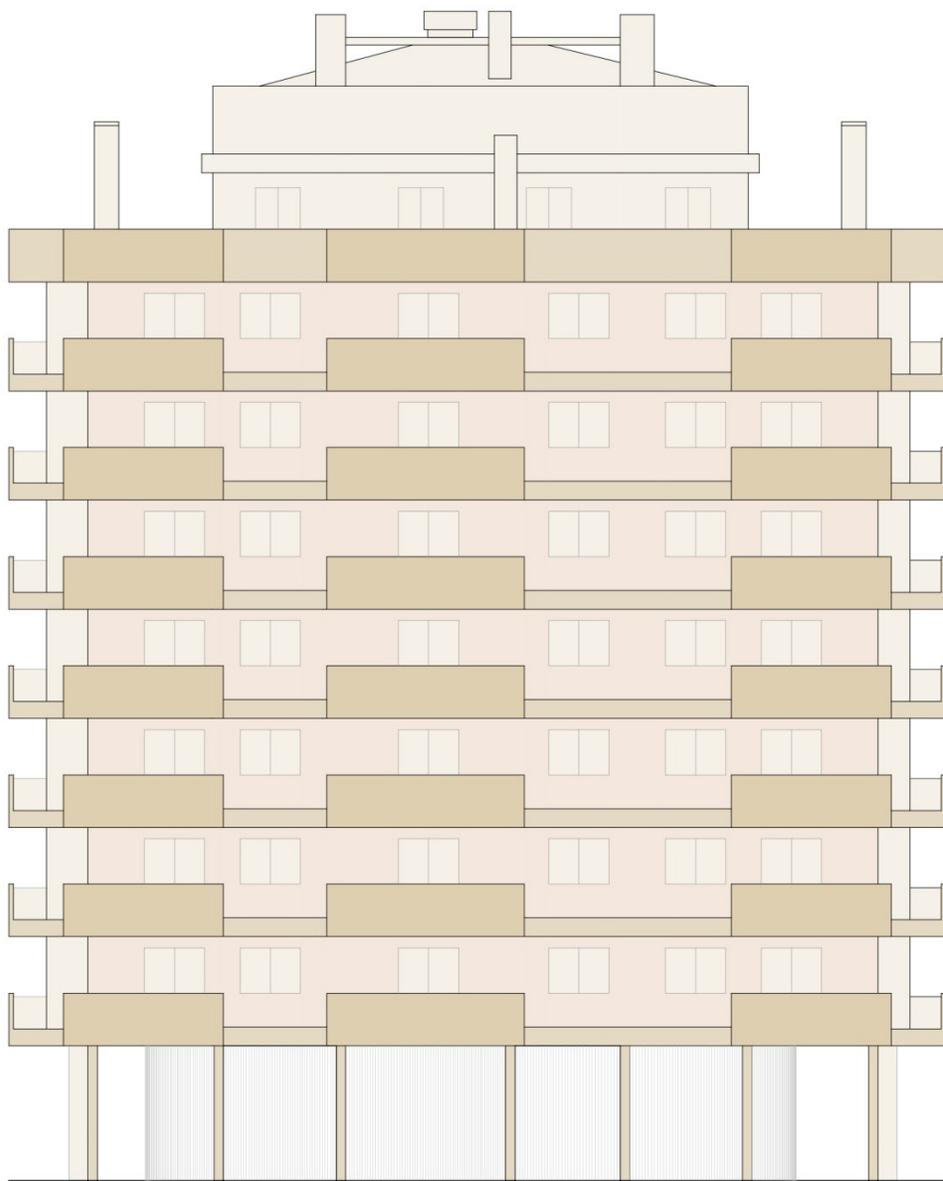


[fig. 1.22]

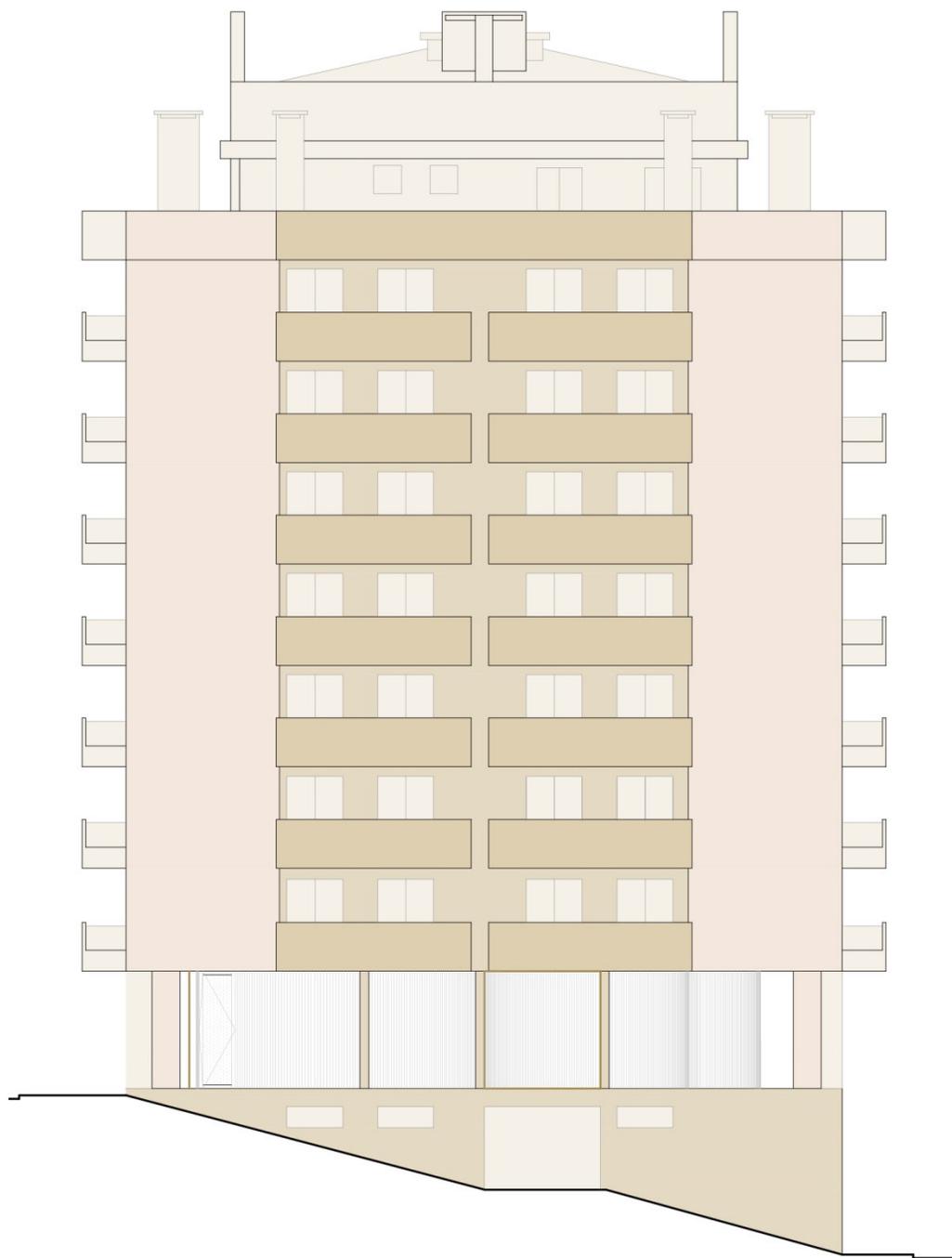
Planta - existente
esc.1/200



[fig. 1.23]
Planta - proposta
esc.1/200

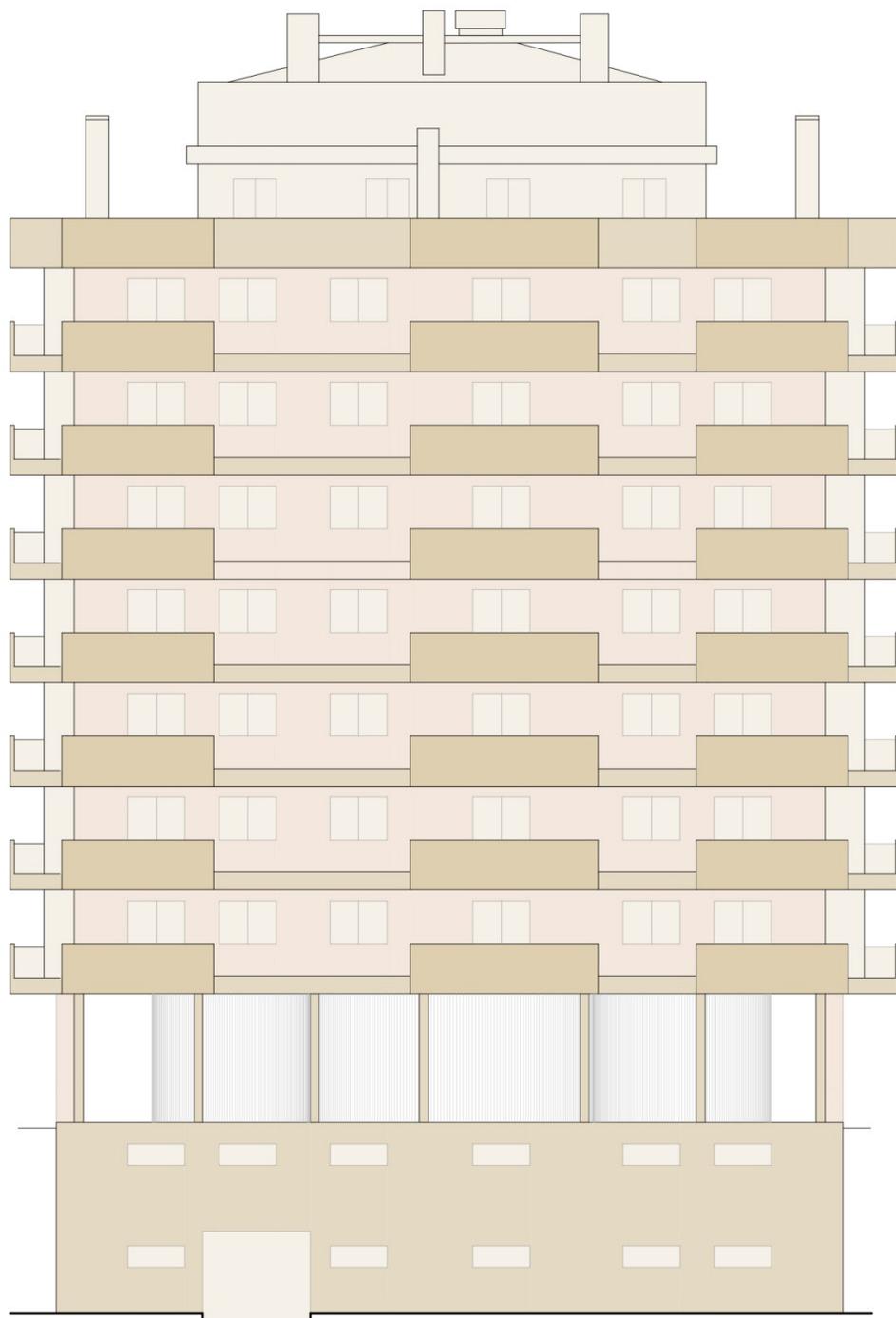


[fig. 1.24]
Alçado norte
esc.1/200

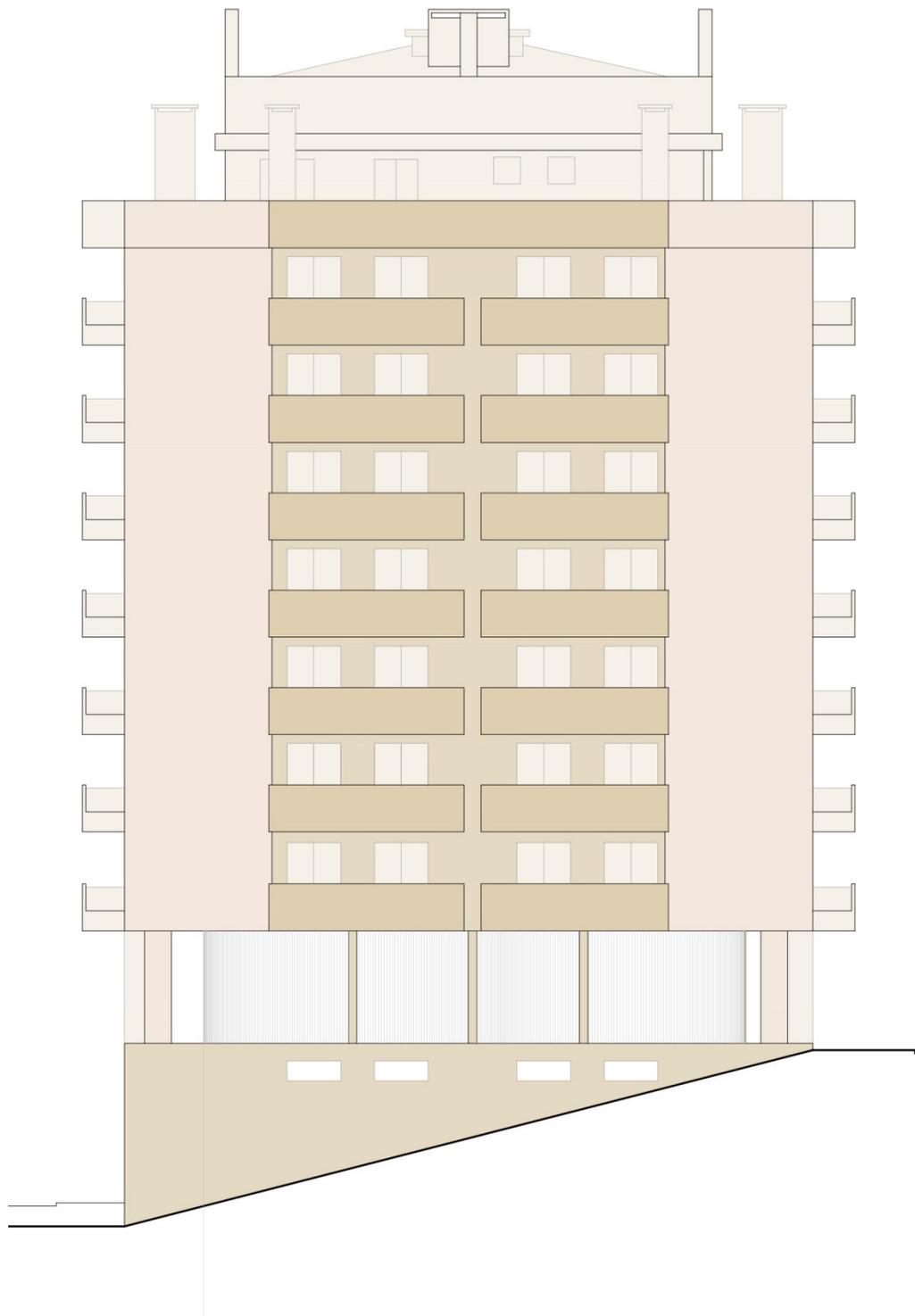


41
WORKSHOP DE ARRANQUE

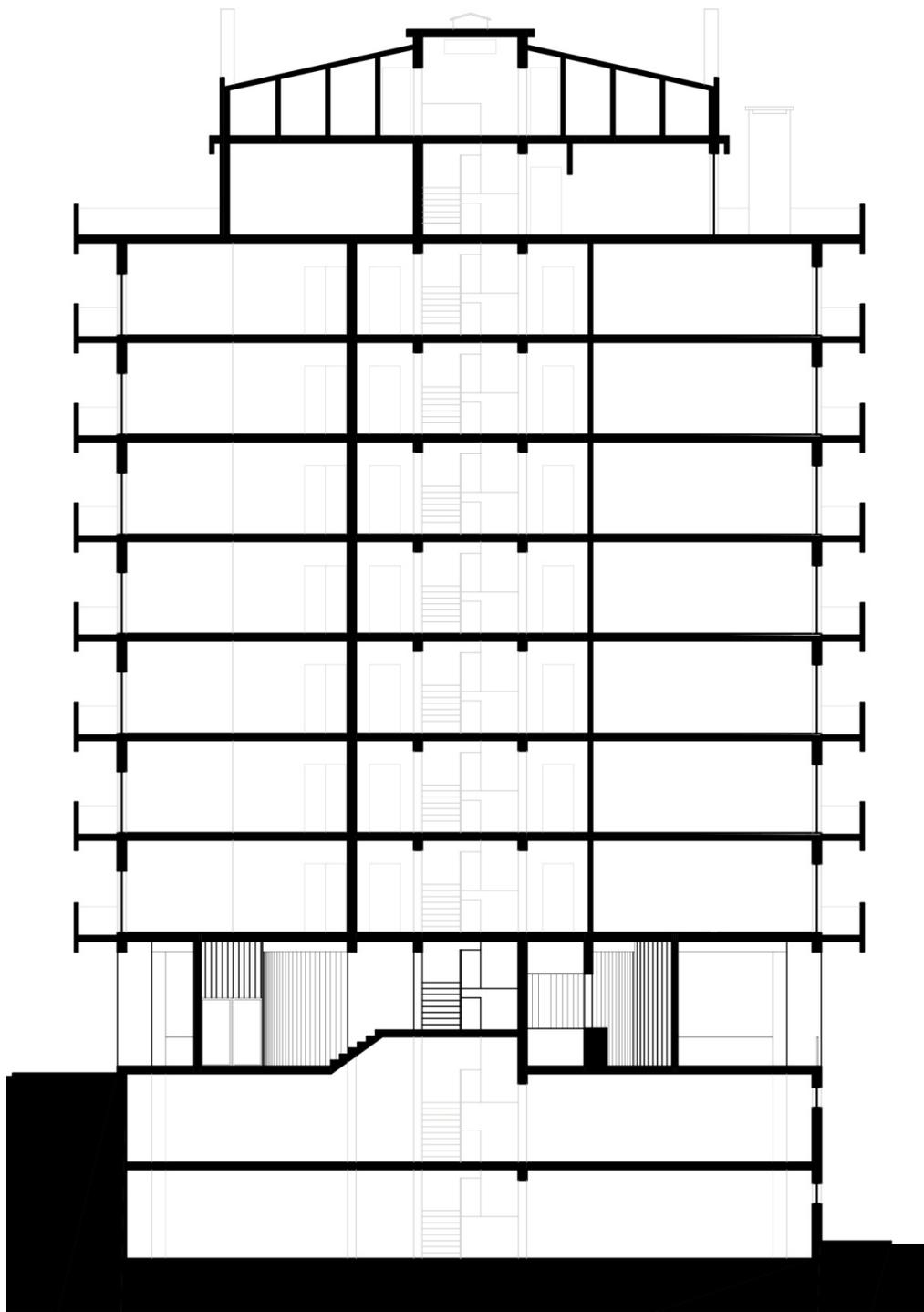
[fig. 1.25]
Alçado poente
esc.1/200



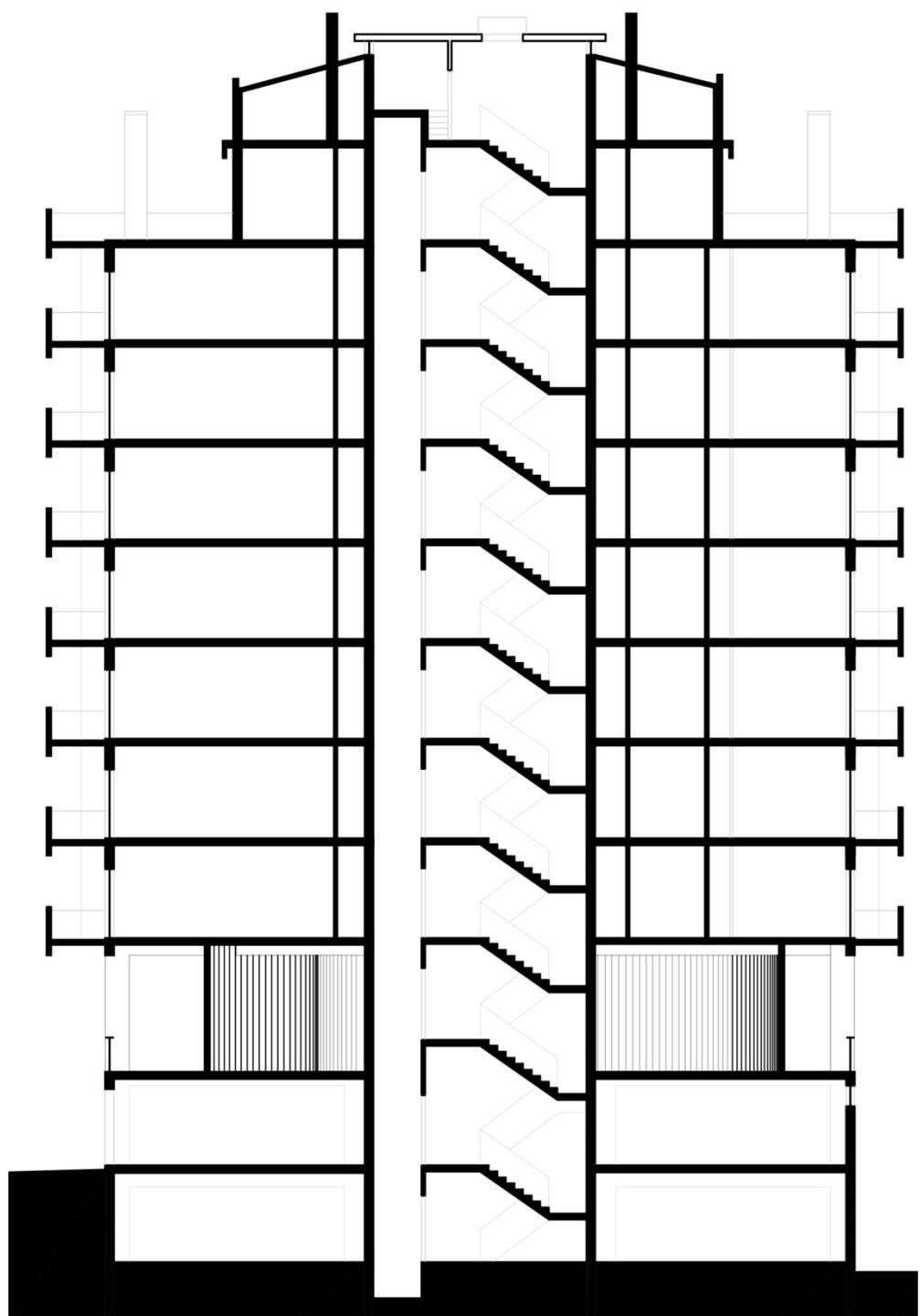
[fig. 1.26]
Alçado sul
esc.1/200



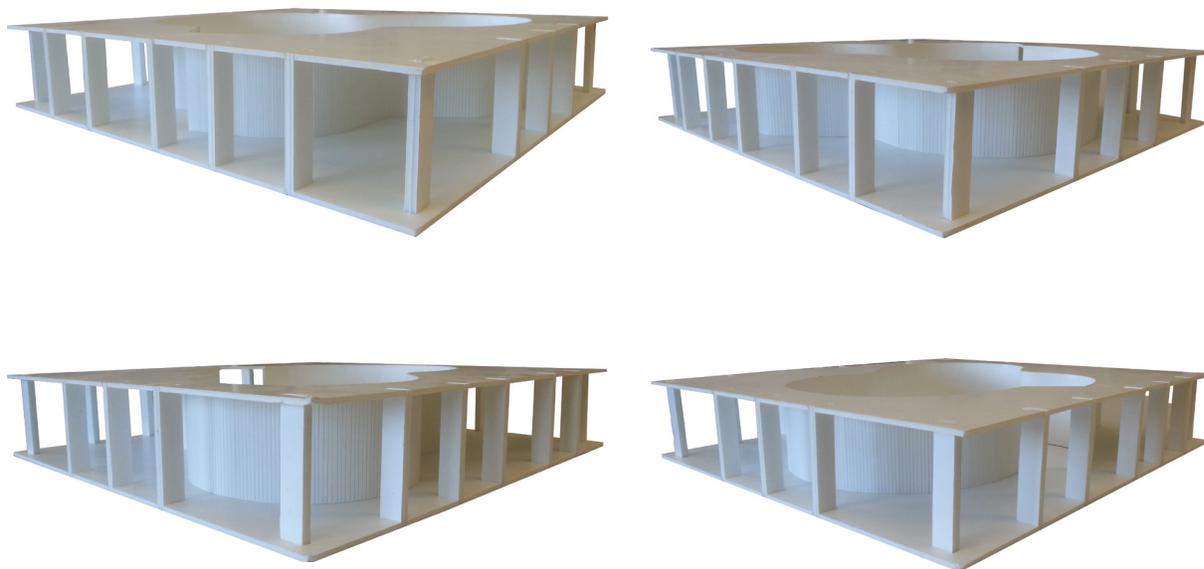
[fig. 1.27]
Alçado nascente
esc.1/200



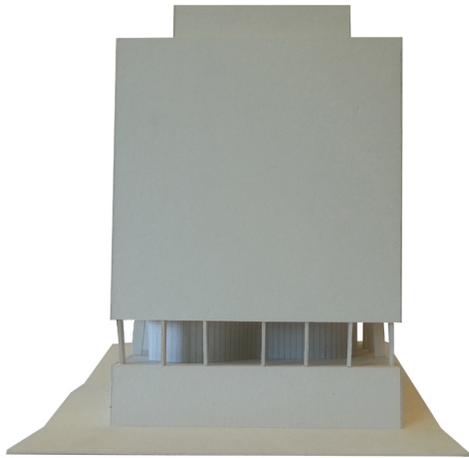
[fig. 1.28]
Corte - esc.1/200



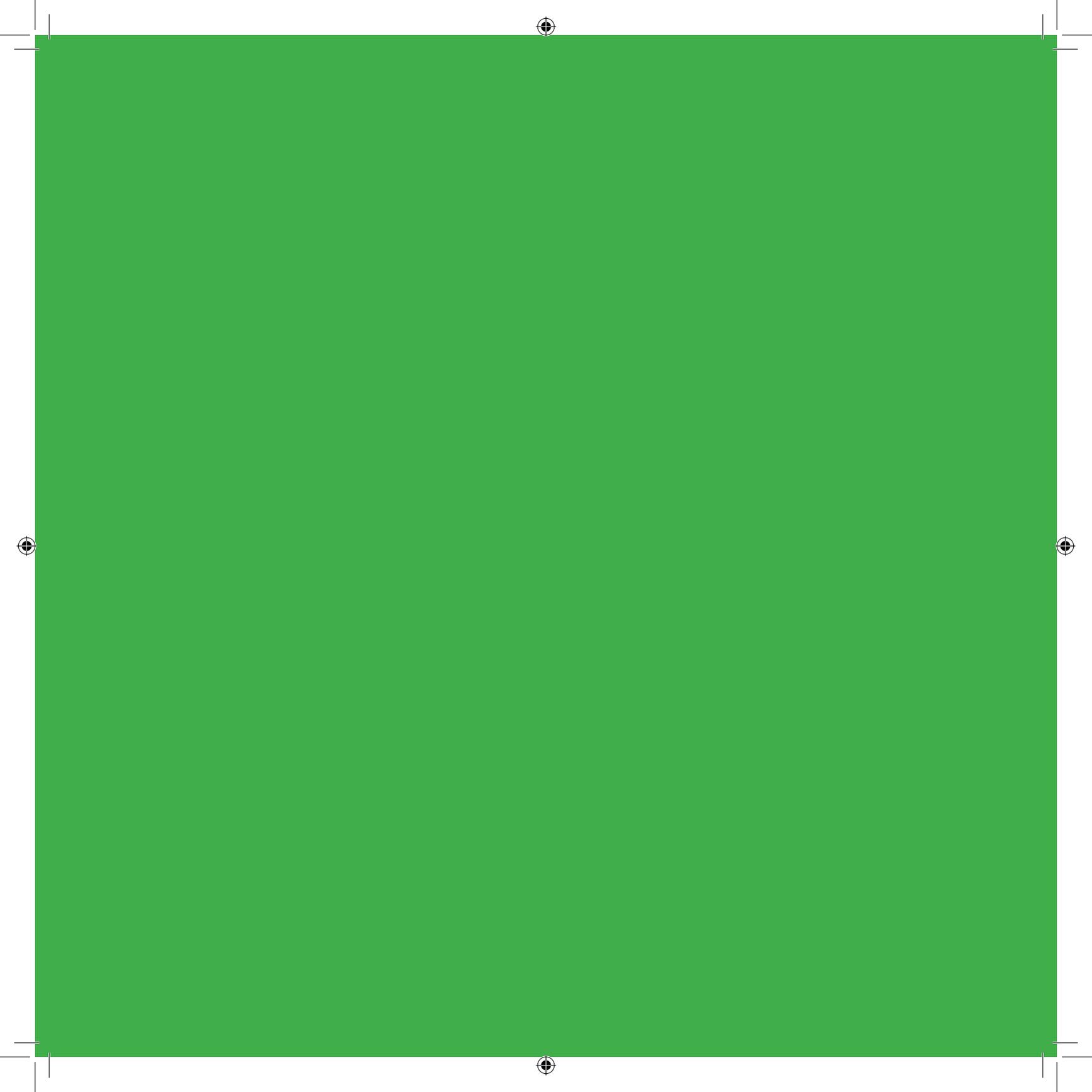
[fig. 1.29]
Corte - esc.1/200



[fig. 1.30] Maqueta esc.: 1/50



[fig. 1.31] Maqueta esc.: 1/100



[1·2] PORTELA DE SACAVÉM

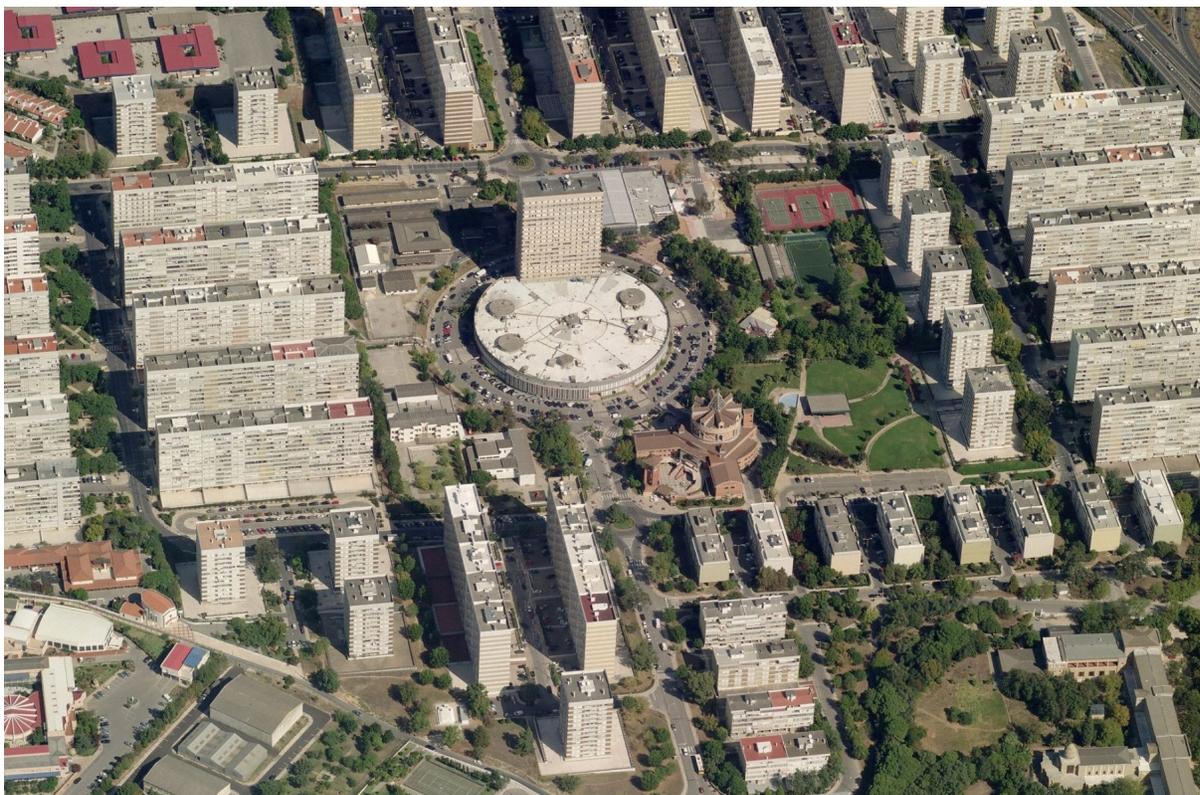
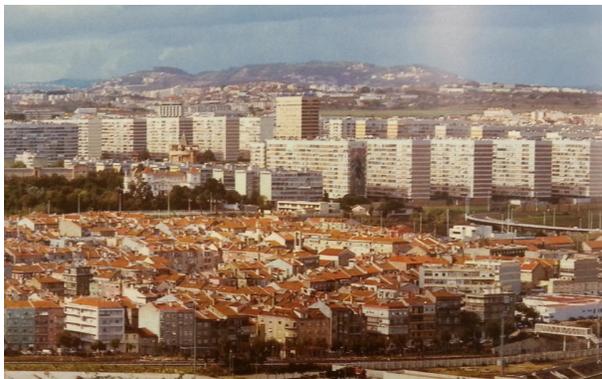
A ARQUITECTURA E A CIDADE:

E se toda a zona central da Portela de Sacavém fosse destruída por uma catástrofe?

grupo de trabalho: Carina Silvestre, Micael Abreu, Sara Albuquerque, Sofia Gregório

“Hoje, passados quase 50 anos sobre o Ante-Plano de Urbanização da Portela, verifica-se uma grande transformação: os territórios envolventes foram entretanto preenchidos (...) uma alteração profunda no modo como este aglomerado, pensado para 18.500 habitantes, se relaciona consigo próprio e com as áreas urbanas que a circundam. O alastramento em “mancha de óleo” dos núcleos urbanos da área metropolitana de Lisboa, aglutinaram a Urbanização da Portela no manto urbano contínuo, alterando as suas dimensões originais de isolamento e descontinuidade. “

Enunciado exercício Annual (Anexo 3)



[fig. 2.1] Contraste de escalas. in: FARINHA, J.S. 1995

[fig. 2.2] Portela, 1960. in: COELHO, Hugo. 2010

[fig. 2.3] Fotografia aérea, Bing Maps, 2010



1. O plano de urbanização da Portela

A Urbanização da Portela, da autoria do arquitecto Fernando Silva (1914-19839), vê o seu Anteprojecto aprovado a 11 de Janeiro de 1965. Implicou a expropriação dos terrenos referentes às Quintas da Vitoria, Casquilho, Ferro, Carmo e Alegria, perfazendo um total de 50 hectares, onde seriam construídos 4500 fogos e o respectivo equipamento urbano.

Verifica-se, na essência do plano, a aplicação das 4 funções definidas pela Carta de Atenas: habitar, trabalhar, repousar e circular. Coelho (2010) refere que:

Procurou-se, no planeamento da Urbanização da Portela, uma solução que permitisse uma relação e uma coordenação racional das funções da unidade, conjugando a habitação com os equipamentos sociais, comerciais e a circulação, para proporcionar um ambiente de conforto e segurança para os seus habitantes. A escala e monumentalidade de todo o conjunto resultam da ampla zona central de 285mx300m onde se concentrou o necessário equipamento urbano para uma população estimada de 18.500 habitantes, distribuída por 196 lotes e 4503 fogos.

(Coelho, 2010, p.27)

Do conflito e da impossibilidade de conciliar a velocidade natural de um pedestre, com a velocidade mecânica de um automóvel, tal como defende a Carta de Atenas, Fernando Silva concebe um esquema de circulação centralizado e propõe uma hierarquização das vias de circulação em função dos meios de deslocação das suas velocidades: vias principais; ruas de trânsito secundário; ruas residenciais de acesso às habitações; e caminhos de passeio para peões terão tratamentos diferenciados.

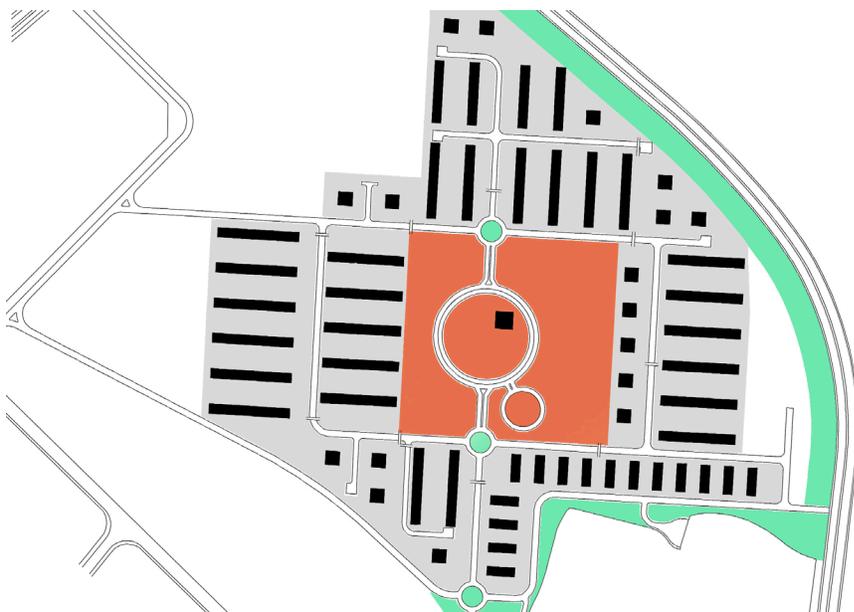
É criada uma zona central definida por um parque urbano e uma zona comercial e de serviços. Consiste numa zona de trabalho e comércio concentrada, configurada por um “disco” de 3 pisos onde se encontra o Centro Comercial, e uma Torre de escritórios, que se destaca volumetricamente no conjunto, assinalando o centro.

Se, à data da construção a Portela funcionava como um núcleo urbano satélite, hoje, após os territórios envolventes terem sido preenchidos, este aglomerado sofre uma profunda alteração na forma como de relaciona consigo próprio e com as áreas urbanas que o circundam.

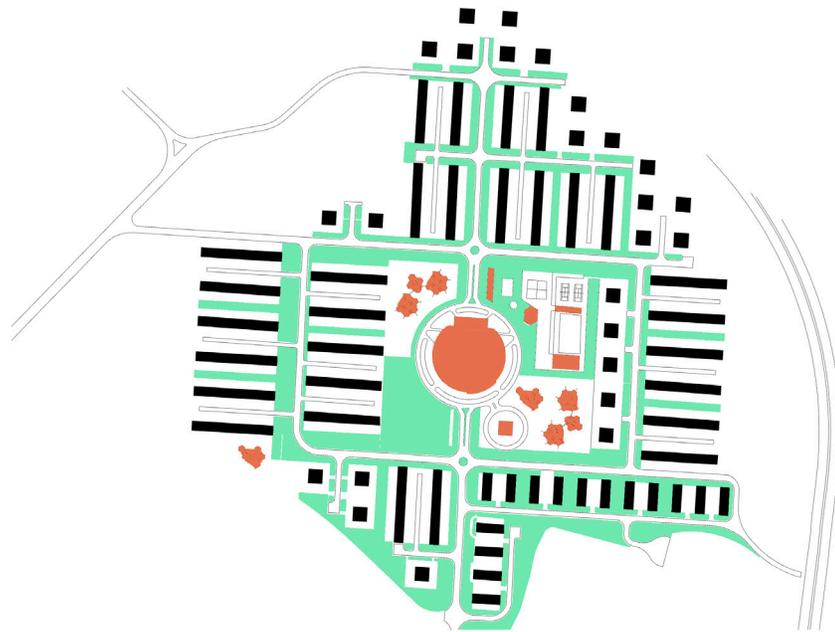




[fig. 2.4]
Sobreposição entre
cartografia de 1960 e plano de
urbanização da Portela.



[fig. 2.5]
Plano Urbanização da Portela,
Janeiro 1969.



[fig. 2.6]
Plano Urbanização da Portela,
Maio 1979.



[fig. 2.7]
Plano Urbanização da Portela,
2009.



CRIL

Calçada de Carrões

Eixo Norte-Sul

2ª circular

Avenida Marechal Gomes da Costa

IC2

Avenida Infante Dom Henrique

A5

Ponte 25 de Abril

Ponte Vasco da Gama



2. A Portela nas suas relações com a envolvente

A cidade de Lisboa tem vindo a sofrer enormes transformações no âmbito da arquitectura e urbanismo, que genuinamente contribuíram para uma ruptura no desenvolvimento urbano da cidade. O aumento do tráfego automóvel, início do metropolitano, a construção da ponte sobre o Tejo e o crescimento das zonas periféricas da cidade, durante os anos 60 e 70, originam uma nova realidade urbana que fez com que fosse necessário fazer alterações ao antigo plano, pois estas transformações urbanas não eram previstas e a cidade continuava a crescer de maneira desregulada. Nesta época a explosão nos aglomerados periféricos, consequência do êxodo rural – como sinal de progresso da expansão industrial, surgiu a necessidade de concretizar actual 2ª Circular, já contemplada no plano de Groer de 1948.

Todos estes factores contribuíram para uma necessidade de construir infra-estruturas viárias, complementando as existentes. Existe, então, uma supremacia rodoviária relativamente às intervenções urbanísticas e a cidade hoje apresenta uma forte fragmentação do tecido urbano, malhas dispersas e vazios desqualificados.

O plano para a urbanização da Portela surge neste contexto, em 1965. Situa-se no concelho de Loures, mais precisamente na freguesia de Moscavide e Portela. Esta freguesia assume uma relação de limite entre Loures e Lisboa, podendo ser considerada uma das portas de entrada para a Capital. Este facto faz com que a Portela se torne uma das zonas mais densas e urbanizadas no concelho de Loures, na sua relação entre área construída e área da freguesia disponível. Por outro lado, a Portela situa-se junto a Sacavém, que inclui uma das áreas elevadas à condição de cidade no concelho de Loures e ainda junto ao Parque das Nações, uma das zonas emblemáticas de Lisboa, devido à concretização da Exposição Mundial de 1998.



[fig. 2.9] "Portela Ilha" - barreiras e limites da Portela



Contudo, apesar destas relações de proximidade , a Portela é actualmente entendida como uma “ilha”, pois encontra-se envolvida por barreiras como a CRIL, a 2ª circular, a IC2 e a linha de comboio, factores que isolam a Portela em relação ao resto da malha urbana adjacente. O próprio desenho urbano de Fernando Silva e a programação de funções para a Portela já pressupunha que esta urbanização se tratasse de um espaço independente, uma “cidade satélite”.

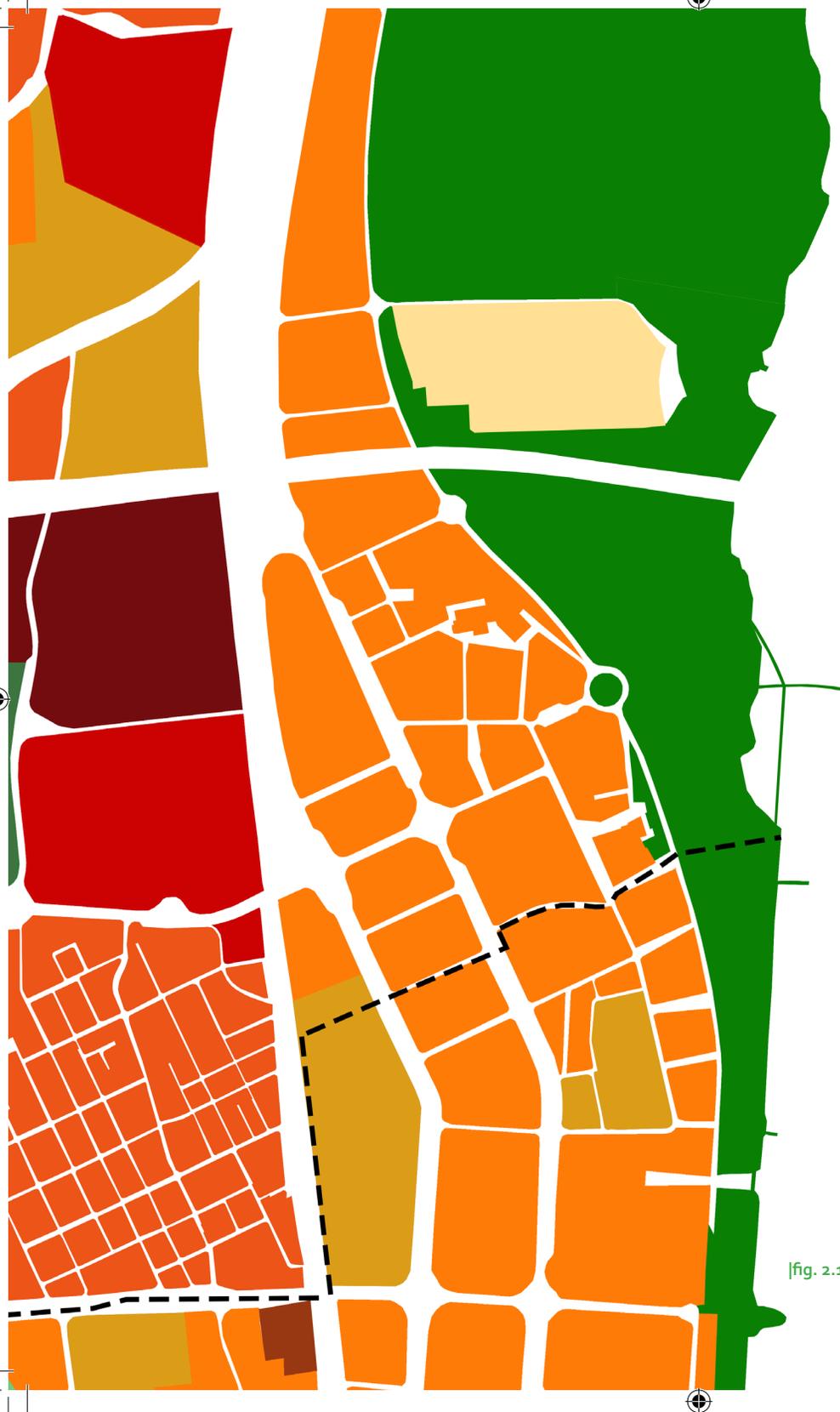
Deste modo, é necessário olhar para o que existia na década de 60 (desenvolvimento da Urbanização da Portela entre 1960 e 1979) e o que existe actualmente, pois quando a urbanização da Portela foi construída existia pouco mais do que a malha de Moscavide consolidada.

Deste modo, é necessário compreender as mudanças que foram efectuadas ao longo do tempo e as tendências da cidade, ou seja, é preciso perceber se a Portela deve ou não continuar a ser uma cidade isolada ou ter ligações a toda a área metropolitana, permitindo a renovação e revitalização de alguns espaços, assim como uma maior e melhor conectividade entre zonas.



Loures

Lisboa



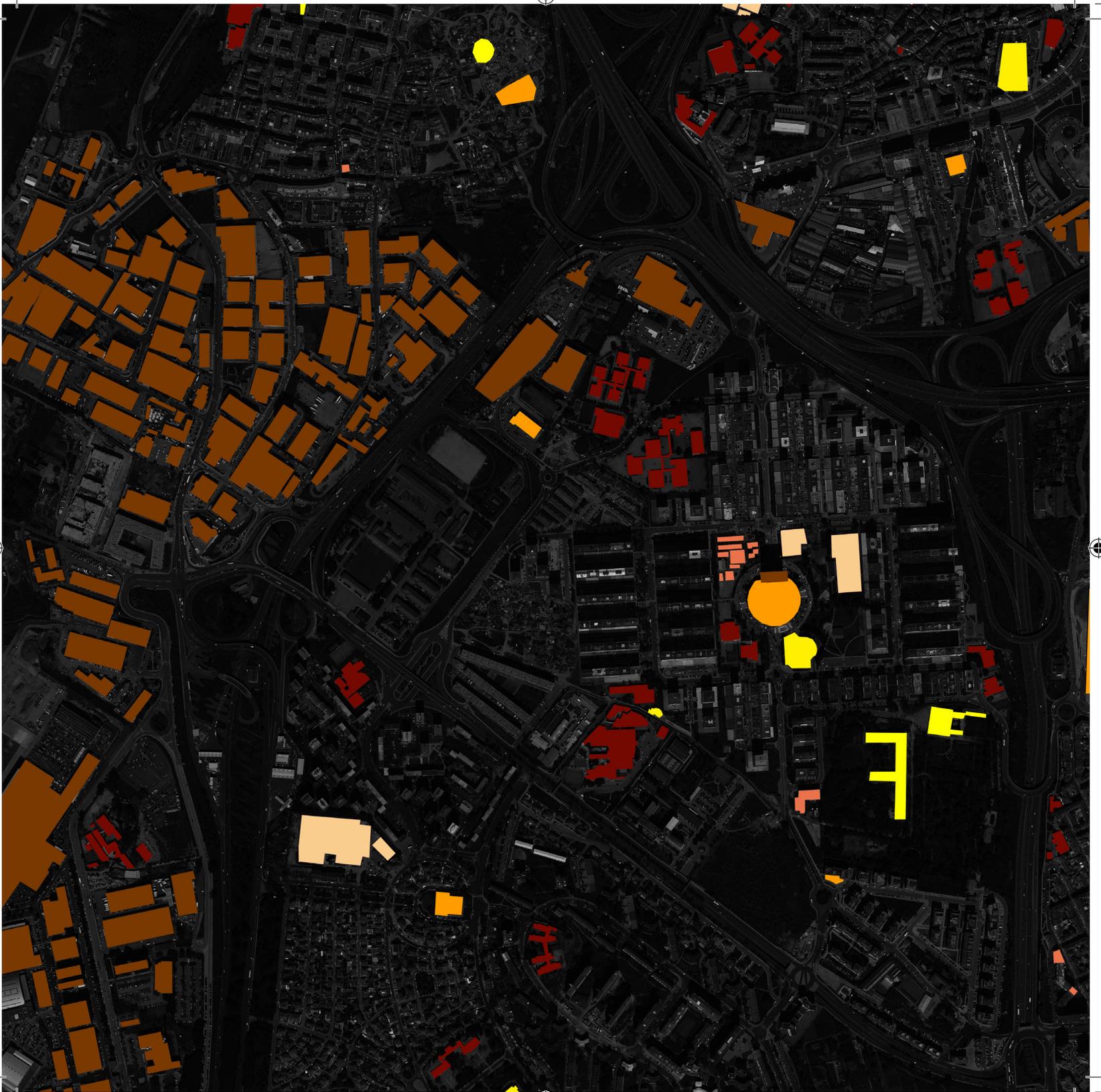
LOURES

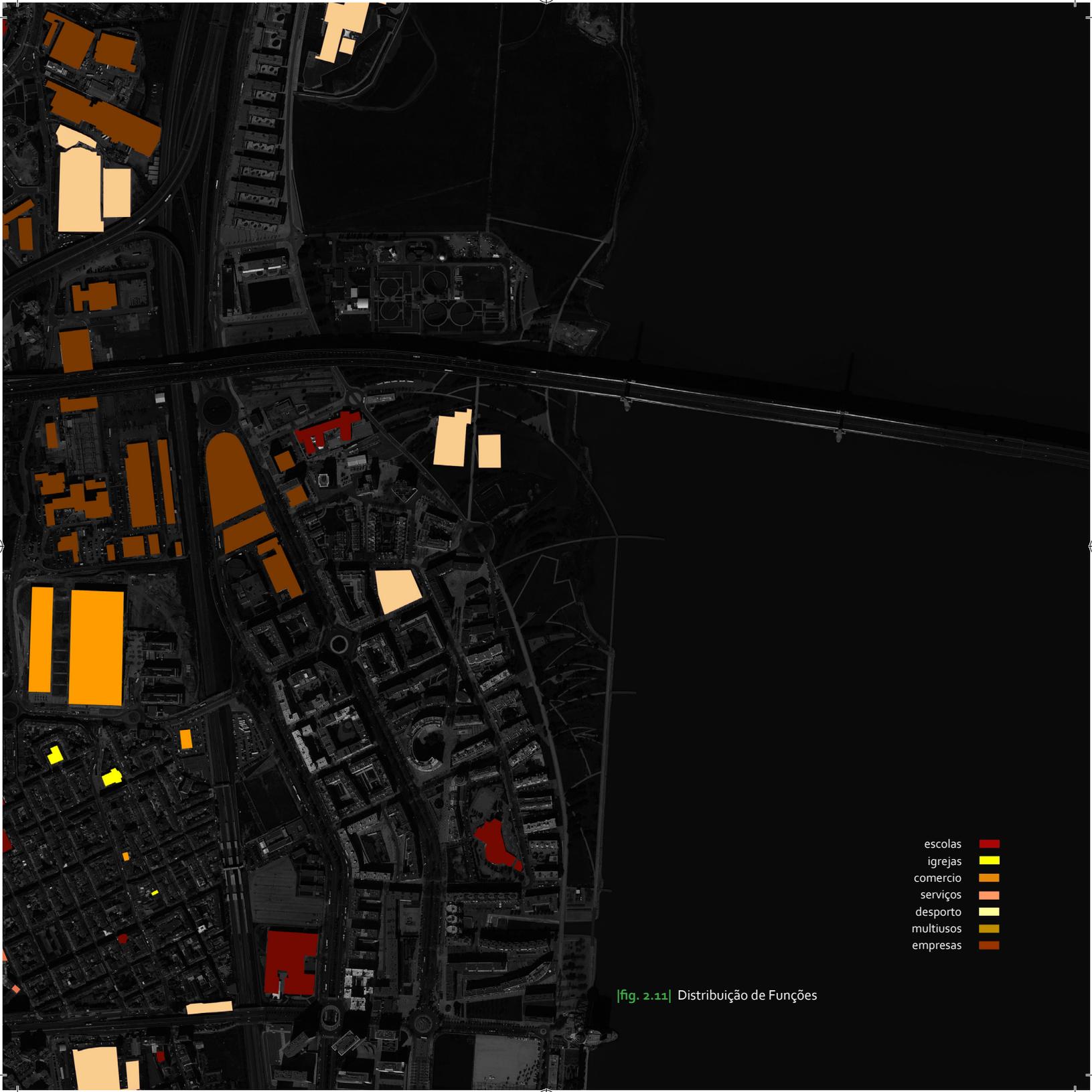
- habitação de baixa e média densidade a consolidar e a beneficiar
- equipamentos e outros usos de interesse público
- industriais a manter e a beneficiar
- industriais a reconverter
- mistos de indústria e terciário
- Quartel
- estação de tratamento de águas residuais
- verde urbano de protecção e enquadramento
- verde urbano equipado

LISBOA

- espaços centrais residenciais
- espaços centrais e residenciais: a consolidar
- actividades económicas
- espaços de uso especial de equipamentos
- espaços de usos especiais de infraestruturas
- espaços verdes de enquadramento a infraestruturas
- espaços verdes de protecção e conservação
- verdes ribeirinhos

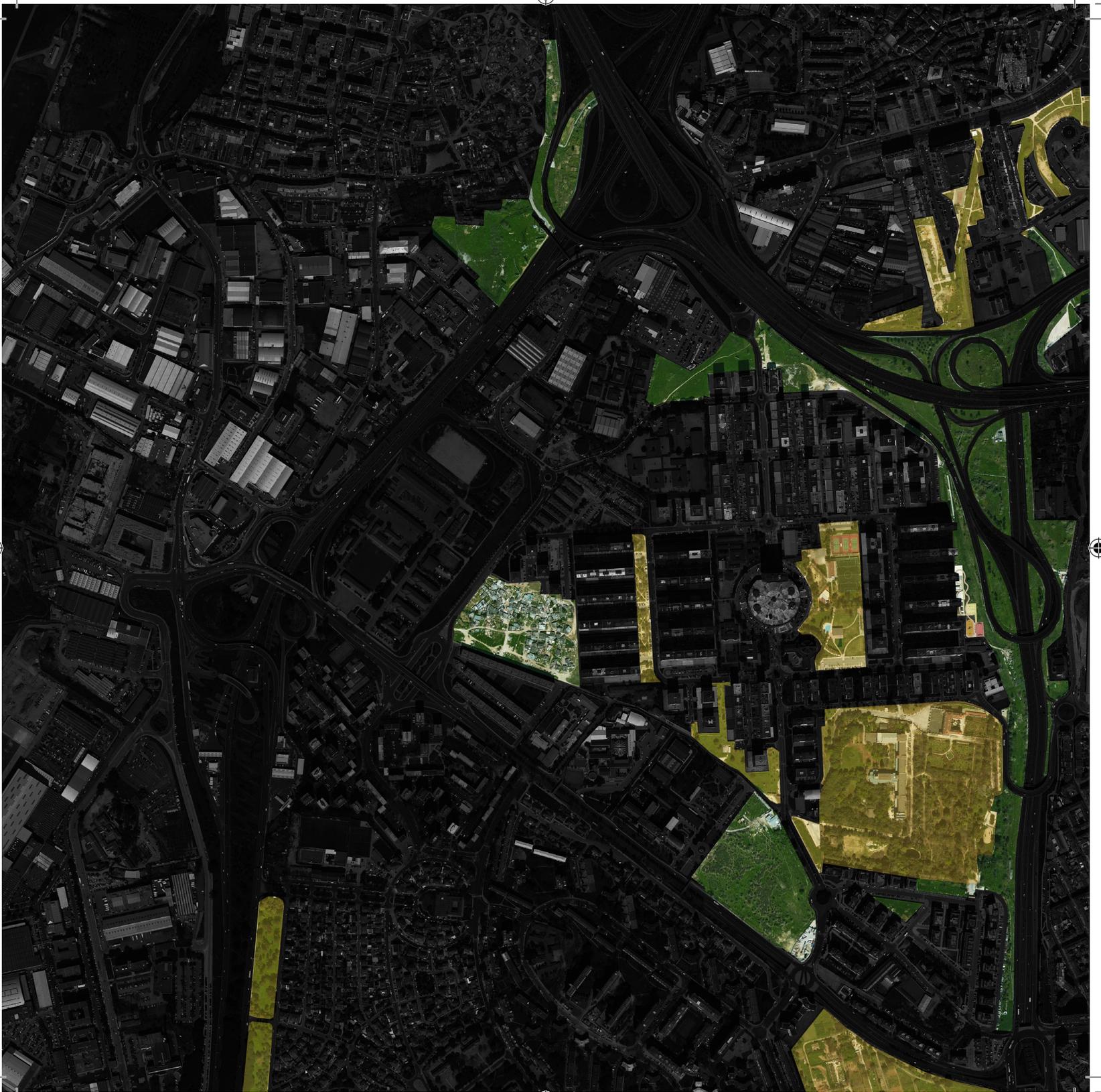
[fig. 2.10] Plano Director Municipal





- escolas ■
- igrejas ■
- comercio ■
- serviços ■
- desporto ■
- multiusos ■
- empresas ■

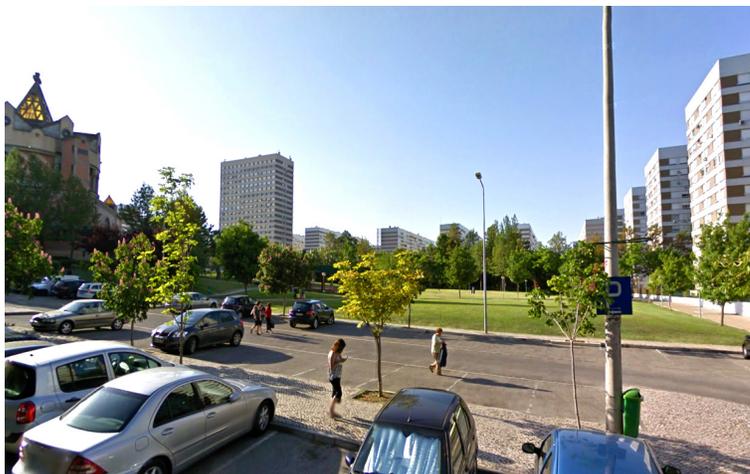
[fig. 2.11] Distribuição de Funções





baldios ■
espaços planejados ■

|fig. 2.12| Estrutura Verde



[fig. 2.13] Local de intervenção: Rua Mouzinho de Albuquerque.

[fig. 2.14] Local de intervenção: Jardim Almeida Garret.

[fig. 2.15] Local de intervenção: Junta de Freguesia da Portela e habitação.

[fig. 2.16] Local de intervenção: Junta de Freguesia da Portela e habitação.



3. Estratégia de intervenção

A proposta consiste na elaboração de uma estratégia geral que pretende responder os propósitos do PDM, no qual é sublinhado a necessidade de consolidação das áreas obsoletas e desqualificadas periféricas à Portela. Os objectivos principais da proposta dividem-se em três temáticas: coesão sócio-territorial, mobilidade e espaços verdes.

O conceito inerente ao projecto tem a ver com a estrutura do espaço público. Pretende-se que esta estrutura seja capaz de criar ligações entre zonas que actualmente se apresentam sem uso, dispersas ou isoladas, como um elemento capaz de criar novas movimentações e ligações entre Portela, Sacavém, Moscavide e o Parque do Tejo e do Trancão.

É proposta a requalificação do espaço público ao longo de um eixo onde se geram novos fluxos e novas vontades. O eixo em estudo tem uma extensão de percurso desde o Parque do Tejo e do Trancão até à Portela e pode continuar até à Encarnação ou Prior Velho pelos percursos já existentes. Pretende-se que esta nova linha de percurso seja o elo de ligação entre várias zonas equipadas propostas que surgem em locais actualmente desconexos ou inutilizados e que são agora requalificados.

Deste eixo parte uma ramificação de conexão ao centro da Portela. Segundo a estratégia geral, deslocam-se algumas actividades do centro da Portela e adicionam-se alguns equipamentos nos espaços vazios existentes nos limites da urbanização, com o objectivo de criar uma maior conectividade no tecido urbano da cidade- entre a Portela e os territórios adjacentes.

O centro "explode" porque algumas das funções que dotavam o centro do seu carácter de direccionalidade, encontram outras lógicas de localização e de aglomeração, o que faz com que o centro tradicional perca a sua hegemonia (Domingues, 2001,p.133)

Pretende-se que o modelo actual de uma Portela voltada para si mesma mude para um modelo em que este território interage com os territórios em volta, em que o seu centro assume igualmente importância, mas que não concentra nem aglomera todas as actividades e serviços úteis. Deste modo, os serviços como a junta de freguesia, escolas e piscinas encontram outras lógicas de localização, sendo que o centro passa a ser um local de encontro ,de lazer e um ponto de referencia da urbanização.

Trata-se assim, de um processo de mediação entre a Portela e a envolvente, através de uma





[fig. 2.17] Local de intervenção: Avenida do Ralis.

[fig. 2.18] Local de intervenção: Avenida do Ralis.

[fig. 2.19] Local de intervenção proposto: Escola Básica e Jardim de Infância da Portela.

[fig. 2.20] Local de intervenção proposto: Escola Básica e Jardim de Infância da Portela.



requalificação do território envolvente ao centro consolidado do bairro.

Desta forma, surgem ao longo deste eixo novos equipamentos e novas infra-estruturas que pretendem romper algumas barreiras erigidas pelas estradas e linha de comboio existentes. É nesse território que serão implantados os equipamentos outrora existentes no centro da Portela, como é o caso da Junta de Freguesia, da Escola Primária e das Piscinas. Pretende-se assim que estes equipamentos não sirvam só a população da Portela, mas sim que funcionem em rede com outros equipamentos existentes nas áreas periféricas, como é o caso do parque verde do Trancão.

3.1 Localização de novos equipamentos e infra-estruturas

Após o “incêndio” o novo desenho para a parte central da Portela surge de um espaço “em bruto” constituído por um limite exterior edificado e pela existência de crateras de edifícios pré-existentes que se assumem como vestígios dentro deste limite.

As maiores áreas dos vestígios gerados pelas pré-existências são reaproveitadas para novas construções. Implanta-se uma **estação de metro** agregada a uma **zona comercial** e uma grande praça no mesmo local de implantação que o anterior centro comercial, assim como uma **igreja** com jardim, localizada também no sítio onde estava a anterior igreja.

A construção destinada ao novo centro da Portela (fig. 2.13 e 2.14) trata-se ocupar grandes áreas, mas em pequena altura, contrastando com os prédios envolventes e constituindo aparentemente um grande vazio no território, com construções rasteiras ou enterradas, à excepção da torre sineira da igreja. O edificado é constituído por plataformas que pretendem vencer os desníveis do terreno e facilitar os acessos ao peão, integrando uma igreja à cota do terreno, um espaço comercial parcialmente enterrado e uma estação de metro totalmente subterrânea.

O centro da Portela fica reservado a um espaço que pretende ser local de encontro, cruzamento e atravessamento. Assim, o som da torre sineira da igreja será uma referência e a definição de uma praça no centro geométrico será um local de lazer, de convívio e de chegada, ou partida, através da infra-estrutura do metropolitano que se implanta num nível inferior à praça.

Na estratégia geral, para além dos equipamentos localizados nas periferias como forma de interagir com os territórios envolventes e quebrar barreiras, a oportunidade do metropolitano surge por permitir





[fig. 2.21] Local de intervenção proposto: Piscina Municipal da Portela

[fig. 2.22] Local de intervenção: proposta de ligação entre a Portela e a Biblioteca

[fig. 2.23] Local de intervenção proposto: Biblioteca.

[fig. 2.24] Parque do Tejo e do Trancão. PROAP, 1994-2004.



cumprir os mesmos objectivos a uma escala maior, atingindo um maior número de áreas, sem barreiras físicas e em tempo menor.

Implantado no terreno mais a oeste da estratégia (fig. 2.15 e 2.16), recentemente desocupado, surge o volume dedicado à **Junta de Freguesia** e à **habitação**, ambos os programas, anteriormente localizados no centro da Portela. Assim, pretende-se que tanto de dia, como de noite, o local seja movimentado, apresentando conseqüentemente uma maior segurança, não se assumindo o espaço como periférico à Portela, mas sim como elemento central na união desta com os bairros que a delimitam.

A volumetria estudada pretende integrar o desenho paralelepípedo da Portela de Sacavém, com os volumes enviesados a este, pertencente à comunidade cigana. O volume desenvolve-se em torno de um centro, vazio, como se de um anfiteatro se tratasse, o local onde múltiplas actividades possam acontecer.

O terreno situado a norte em relação ao desenho da estratégia, baldio sem edifícios pré-existentes, é o único ponto de ligação da Portela de Sacavém com Sacavém (fig. 2.19 e 2.20). Situado junto à escola secundária da Portela e à escola de 2º e 3º Ciclo, nasce um novo volume com intuito de acolher a nova **Escola Básica e Jardim de Infância da Portela**, antes situada no centro da Portela. O local é escolhido pela sua proximidade às escolas já existentes e por estar perto da ligação com Sacavém, constituindo-se um novo polo de escolas.

No local verificavam-se alguns elementos importantes: a forma desregular dos limites do terreno e a existência de um caminho pedestre não tratado. A forma do edifício advém de um limite de terreno pré-existente que pertencia à antiga Quinta da Vitória, hoje ocupado por uma fábrica de automóvel. Considerou-se importante manter o caminho pedestre existente, devido ao seus longos anos de existência. Este caminho é usado por ser mais rápido o aceso pedonal a Sacavém.

A **piscina** surge implantada junto a uma das vias principais de entrada na Portela, que permite a ligação direta com Sacavém, num terreno atualmente espectante. A volumetria estudada, integra-se na malha de 5mx5m definida para o desenho do espaço público (assunto este desenvolvido adiante neste capítulo), em que parte do volume é rebatido de forma a integrar-se num eixo paralelo aos eixos viários existentes (A36 e E9). Deste modo, para a implantação da piscina foram desenhados limites de forma a isolar e proteger o local, através do próprio desenho do edifício e da definição de um jardim público do qual a piscina faz parte.

O encontro entre as diferentes escalas da Portela e da sua envolvente tornou-se um dos aspectos mais





debatidos na nossa proposta.

A **biblioteca** (fig.2.23) acrescenta uma ligação do centro da portela à zona nascente através de um percurso feito em parte por túnel e outra parte por ponte, dependendo da topografia e dos eixos viários. O percurso transforma e requalifica a área do aqueduto existente e possibilita uma passagem para a outra margem e conexão ao parque do Tejo, estabelecendo ainda a continuidade das ligações para a zona de Moscavide e de Sacavém.

Os **escritórios**, associados à habitação, e a diferentes equipamentos públicos que venham a servir aquele espaço, assumem uma localização estratégica na intervenção. Para a implantação destes volumes, é elaborado um plano urbano, em terrenos atualmente desvalorizados, localizados entre o eixo viário IC2, e o Parque do Tejo e do Trancão. Este plano, de traçado paralelo ao elaborado para a Expo, mantém as pré-existentências, edifícios que marcam a história daquele espaço. É através desta área que se completa a ligação pretendida entre a Portela, e o já referido parque.

3.2 Desenho do espaço público

A proposta para o desenho do espaço público procurou estabelecer uma organização que permitisse a união entre os diferentes equipamentos estrategicamente implantados.

O desenho proposto parte de uma quadricula de 5m x 5m, elaborada a partir do prolongamento do desenho paralelepípedo e ortogonal que caracteriza a Portela. A partir desta malha são desenhados os percursos e delimitados os espaços de estar, assim como o mobiliário urbano.

No eixo nascente-poente, desde a Avenida do Ralis, até ao Parque do Tejo e do Trancão, é desenhada uma ciclovia que acompanha toda a sucessão de espaços em que se intervém. Junto às vias com maior tráfego automóvel, são criados limites através da plantação de arvoredo ou através da manipulação do terreno elevando o seu nível em relação às vias rodoviárias, permitindo um maior conforto e uma maior segurança ao peão naquele espaço. A vegetação surge nos espaços de estar, implantada de forma menos regular e com diferentes intensidades de sombra. Junto aos percursos, esta surge regularizada, com distâncias de plantação iguais a 5m, marcando um ritmo. Esta não se encontra definida em termos de espécies, mas apenas em tamanhos de copa e alturas, respondendo a diferentes desejos de conforto para o espaço em questão. Sempre que o desenho o permite, mantêm-se as árvores existentes.

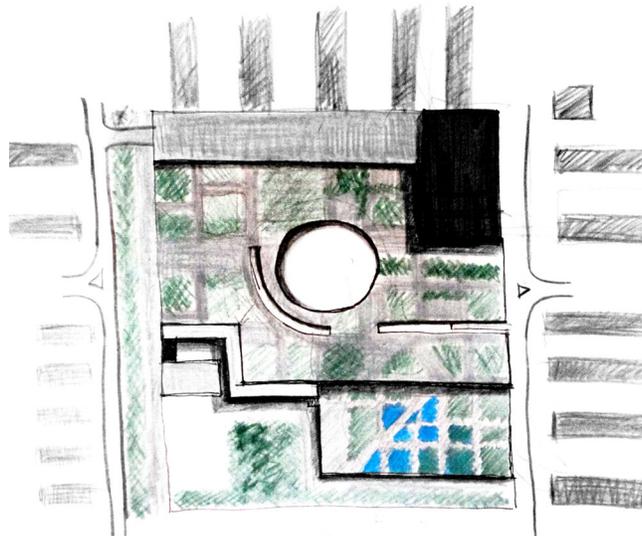
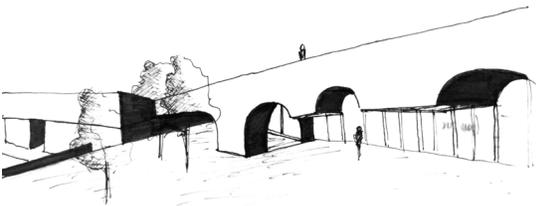
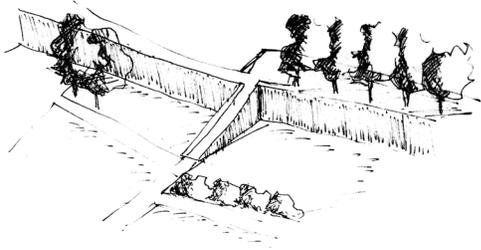
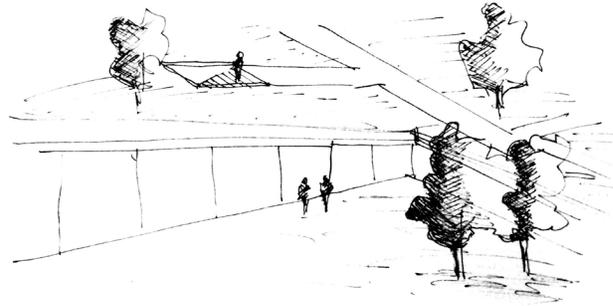
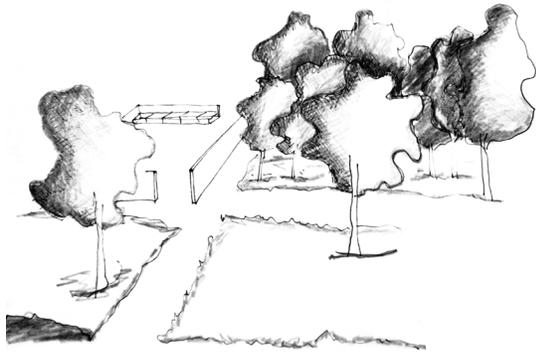


Na parte central da Portela mantêm-se os mesmos propósitos e segue-se a mesma malha quadriculada. As plataformas desenhadas para a implantação do edificado geram muros que limitam o espaço e conduzem um percurso. A malha quadriculada pretende dar forma ao espaço nas plataformas, encontrando uma regra que cumpra determinados objectivos funcionais: percursos diversificados; diferentes ambientes e atmosferas ao longo dos percursos; a definição de uma praça.

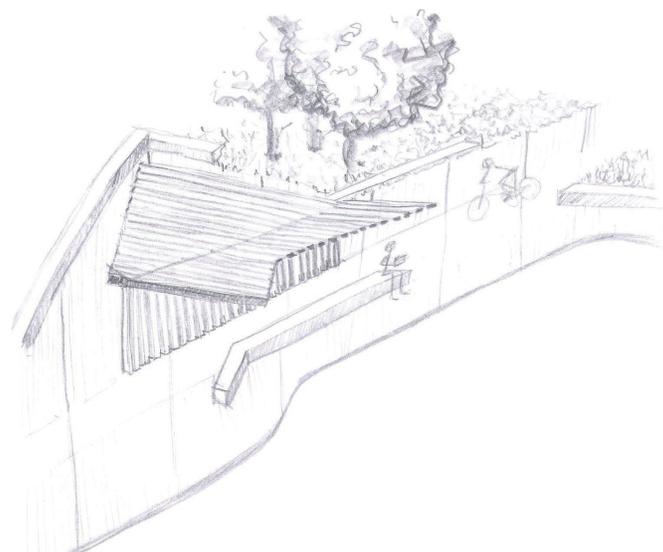
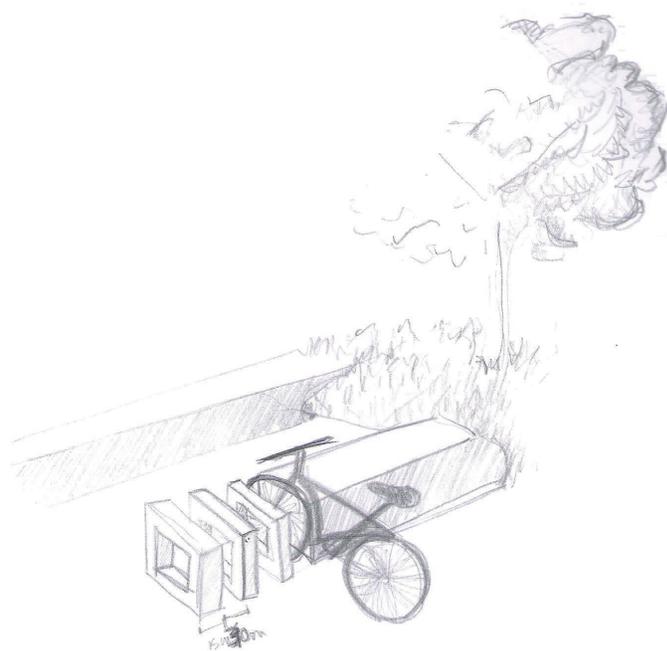
A circulação pedonal no tecido urbano adjacente à área em projecto deverá tirar proveito do espaço desenhado no centro da Portela como espaço de atravessamento, cruzamento e encontro. Pretende-se que os espaços entre percursos tenham ambientes diversificados e que existam zonas densas com elementos verdes onde os prédios da envolvente não sejam tão presentes e que no centro exista uma clareira, um vazio urbano definido por uma grande praça afundada 6 metros e envolvida por espaços comerciais, apenas perceptíveis nesta zona central.

A esta intenção aliou-se a de filtrar o espaço de trânsito de automóveis e o ruído resultante, criando um ambiente de estadia e acesso e salvaguardando ao centro uma área vazia que se quer ver como praça.

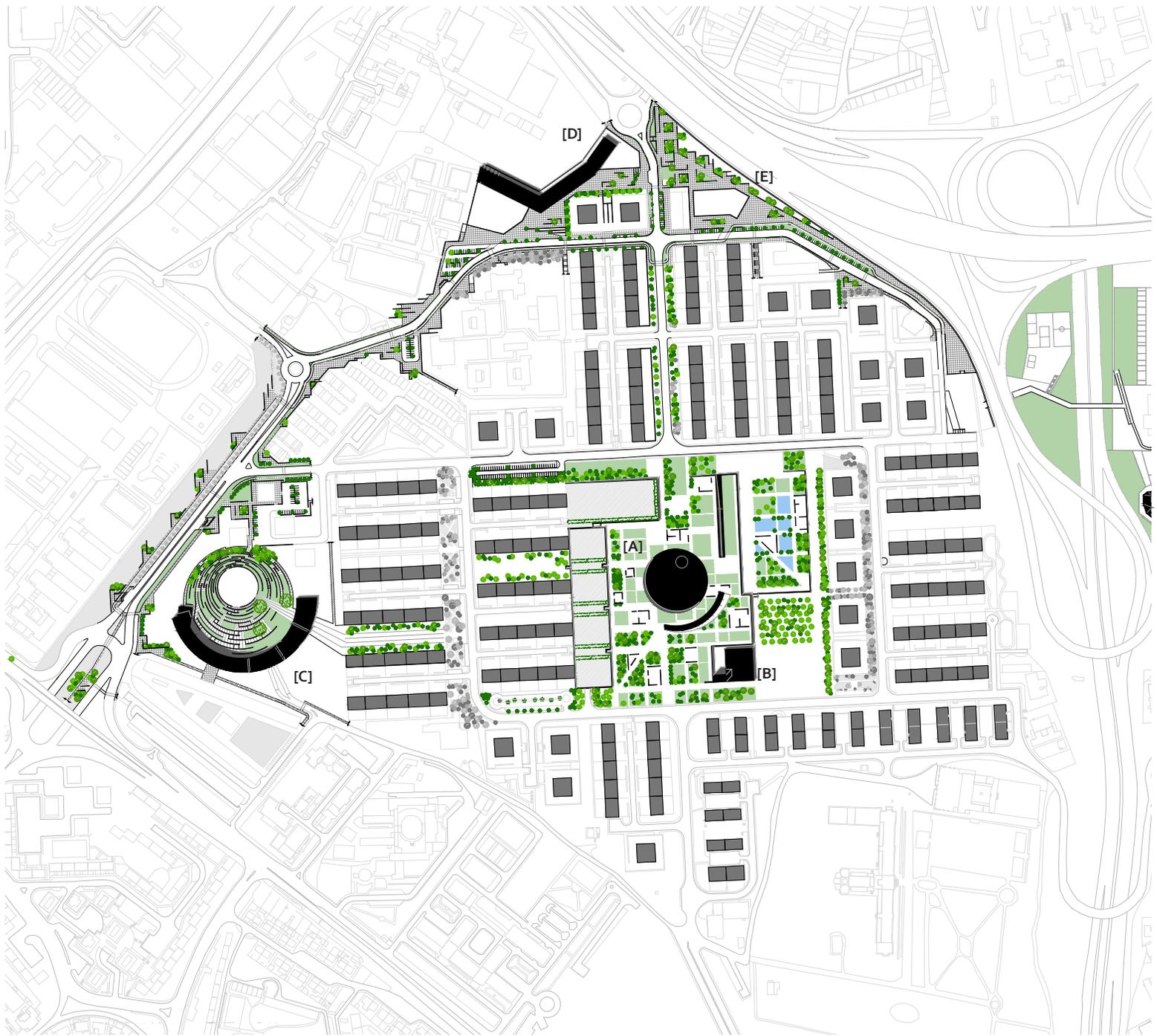
Com a existência de um grande equipamento -estação de metro, zona de estacionamento de automóveis, facilidade de acessos e percursos, espaços de sombra e de estadia, bem como iluminação nocturna, o centro da Portela assume um papel multifuncional.



[fig. 2.25] Proposta de espaço público - centro



[fig. 2.26] Desenho de equipamentos urbanos integrados na quadricula de 5mx5m.



[fig. 2.27] Estratégia de intervenção - Planta proposta

[A] Estação de Metro e Zona Comercial [B] Igreja
(projeto desenvolvido por Sara Albuquerque)



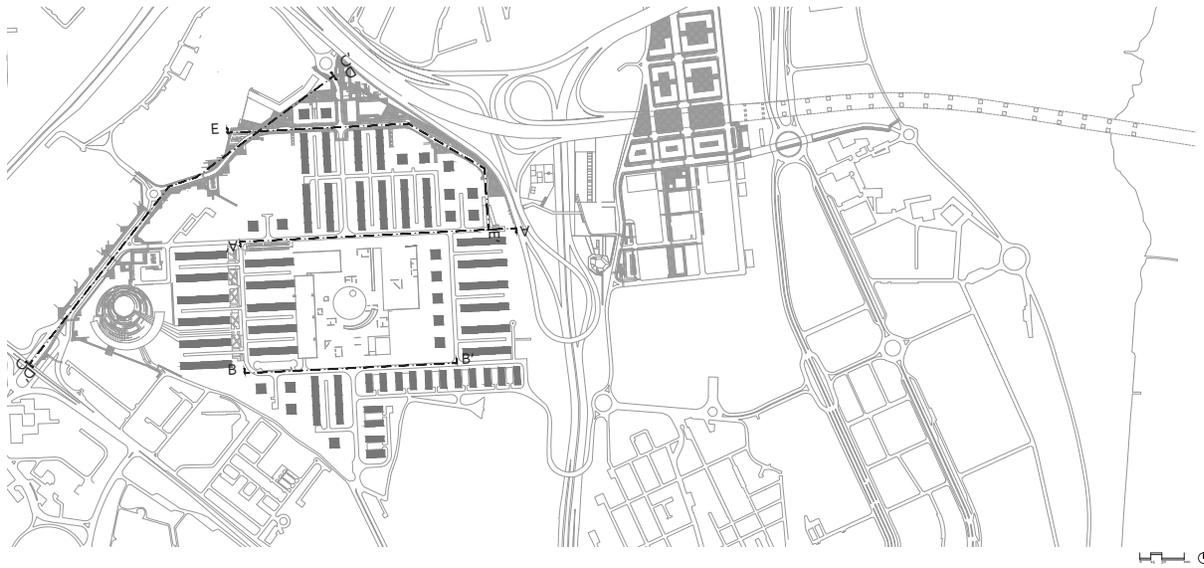
[C] Junta de Freguesia da Portela. Habitação
(projeto desenvolvido por Sofia Gregório)

[D] Escola Básica e Jardim de Infância da Portela
(projeto desenvolvido por Carina Silvestre)

[E] Piscinas Municipais da Portela

[F] Biblioteca (projeto desenvolvido por Micael Abreu)

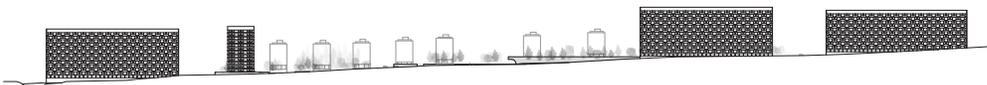
[G] Escritórios



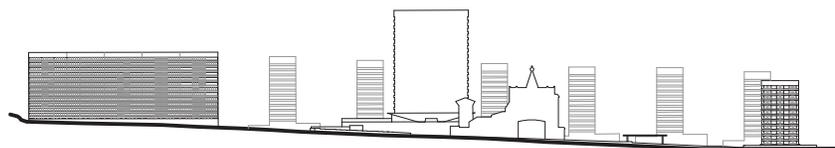
[fig. 2.28] Planta - Identificação dos Cortes



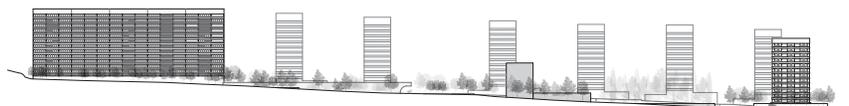
[fig. 2.29] Corte A-A' - Situação existente



[fig. 2.30] Corte A-A' - Situação proposta



[fig. 2.31] Corte B-B' - Situação existente



[fig. 2.32] Corte B-B' - Situação proposta

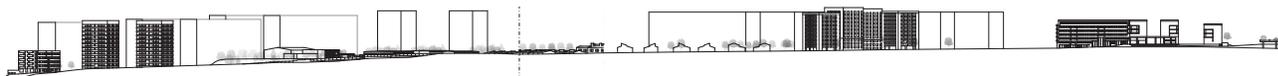


[fig. 2.33] Corte C-C' - Situação existente



[fig. 2.34] Corte C-C' - Situação proposta





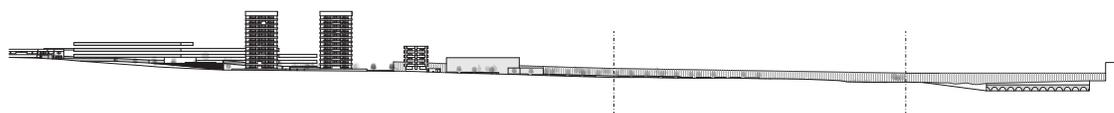
[fig. 2.35] Corte D-D' - Situação existente



[fig. 2.36] Corte D-D' - Situação proposta

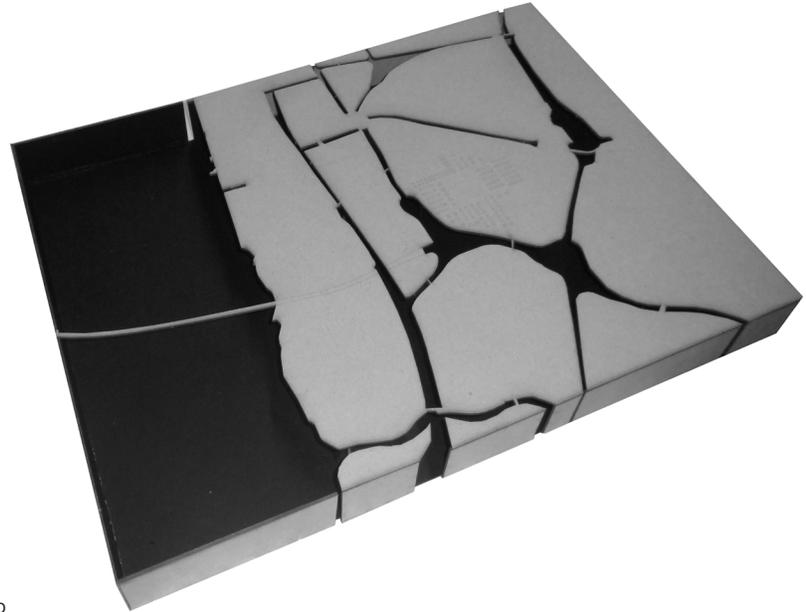


[fig. 2.37] Corte E-E' - Situação existente



[fig. 2.38] Corte E-E' - Situação proposta

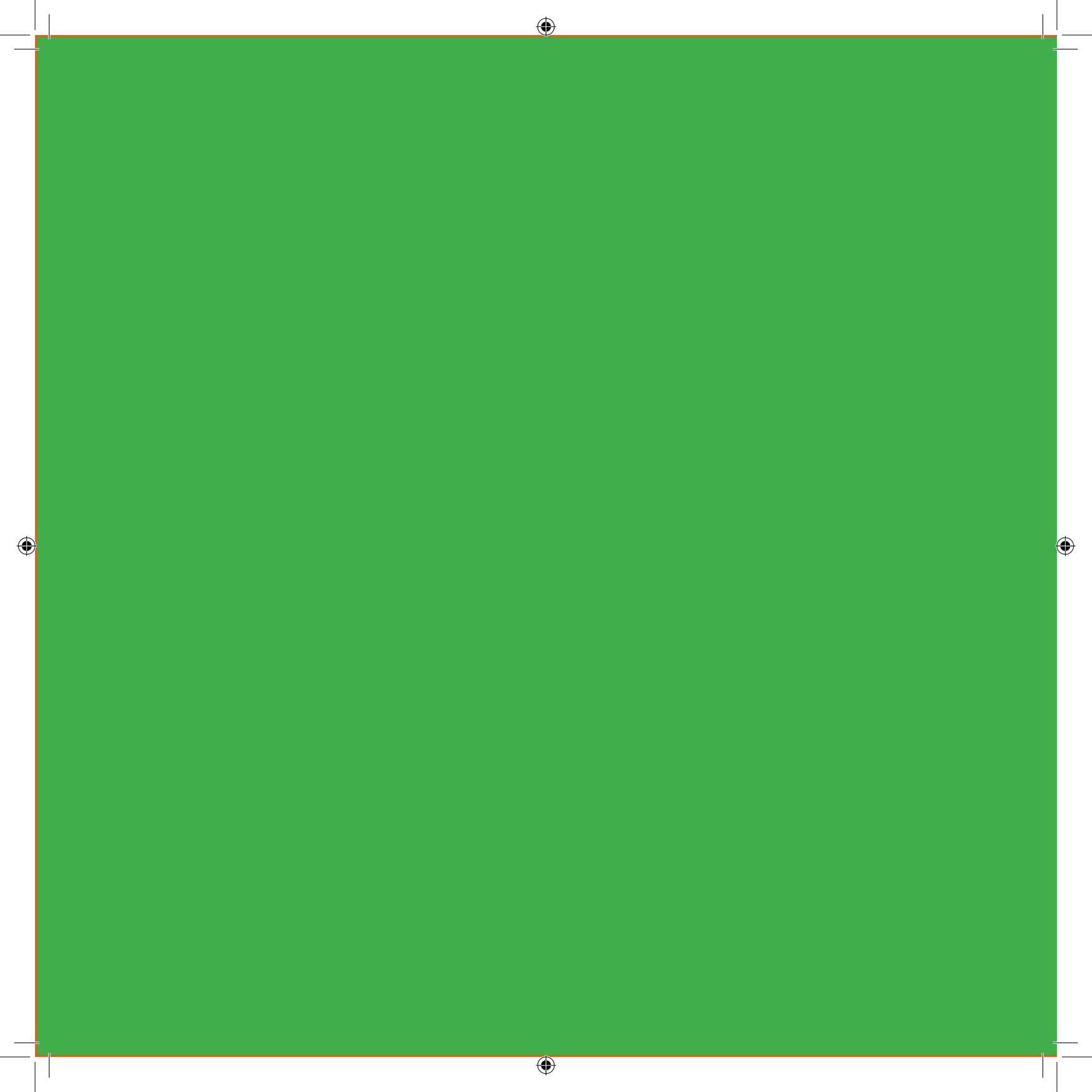




[fig. 2.39] Maqueta conceptual | esc.: 1/10000



[fig. 2.40] Maqueta estratègia | esc.: 1/1000



[1·3]

PROJETO INDIVIDUAL

ESCOLA PRIMÁRIA E JARDIM DE INFÂNCIA



1. Estratégia

No terreno mais a norte da estratégia de grupo encontramos um baldio destinado a uma nova escola. Este local caracteriza-se pela existência de mais duas escola, uma fábrica de automóveis, duas torres de habitação do plano da Portela e a auto-estrada.

Depois de ter acontecido a catástrofe no centro da Portela. A escola primária e Jardim de infância desaparecem. É então necessário planear uma nova estratégia de integração da mesma. No plano da estratégia de grupo foi decido que a escola ficaria junto às outras escolas existentes. Criando assim um novo pólo escolar. A escola é retirada do centro para que os limites da Portela sejam quebrados. Se a escola continuasse no centro, continuaria a pertencer apenas e só à Portela. Sendo que esse não é o objectivo que é pretendido alcançar.

Visto que este local é destinado a pertencer a uma escola, era importante pensar nos acessos e na sua implantação. Na linha de estratégia este local é uma passagem inevitável. Integra espaços verdes que criam ligações diversas. Tem uma forte ligação com todas as novas intervenções propostas e principalmente com a cidade de Sacavém.



2. Localização

Segundo a estratégia elaborada pelo grupo, o local apresentado tem como principal objectivo dar uma nova entrada à Portela de Sacavém.

A proposta insere-se numa zona mais a norte da Portela. O esquema presente corresponde a uma sobreposição do edifício proposto e da proposta de Fernando Silva para a Portela com uma carta de 1960. Neste esquema percebemos que as ruas existentes não foram tidas em conta para a elaboração do plano da Portela. Apenas se verifica a existência da actual escola do 3º ciclo. O projecto proposto desenvolveu-se através de pré-existências do terreno. Nesta carta percebemos, que a proposta segue uma linha. Essa linha corresponde a um limite de uma antiga quinta, a Quinta da Victória.

Actualmente, as principais características deste terreno são marcadas por elementos antigos. Temos o limite da antiga quinta e um caminho traçado pelas pessoas. Na carta de 1960 esse caminho já estava desenhado. Esse caminho, hoje, aparenta ter pouca importância na sua envolvente. Na realidade ele é usado por muitas pessoas que pretendem ter um acesso rápido a Sacavém. O acesso automóvel para Sacavém encontra-se junto ao local de intervenção. Visto o acesso automóvel estar resolvido, houve a necessidade de valorizar a passagem pedonal existente naquele local.

Na envolvente do terreno encontramos duas torres de habitação, uma escola secundária, uma escola de 3º ciclo e uma fábrica de automóveis. A fábrica de automóveis encontra-se no local da antiga quinta da Victória. A ligação entre o terreno e a fábrica é muito próxima, o que dificulta a intervenção neste local.

É importante que neste local não esteja apenas mais uma proposta para a periferia da Portela. Mas sim uma proposta que integre a Portela com a sua periferia. Tal como a estratégia de grupo propõe.

[fig. 3.2] Sobreposição da carta de 1960 com a actual



[fig. 3.3] Local de intervenção: Vista da estrada de acesso a Sacavém.

[fig. 3.4] Local de intervenção: Vista para a escola secundária e fábrica automóvel.

[fig. 3.5] Local de intervenção: Vista para Sacavém.

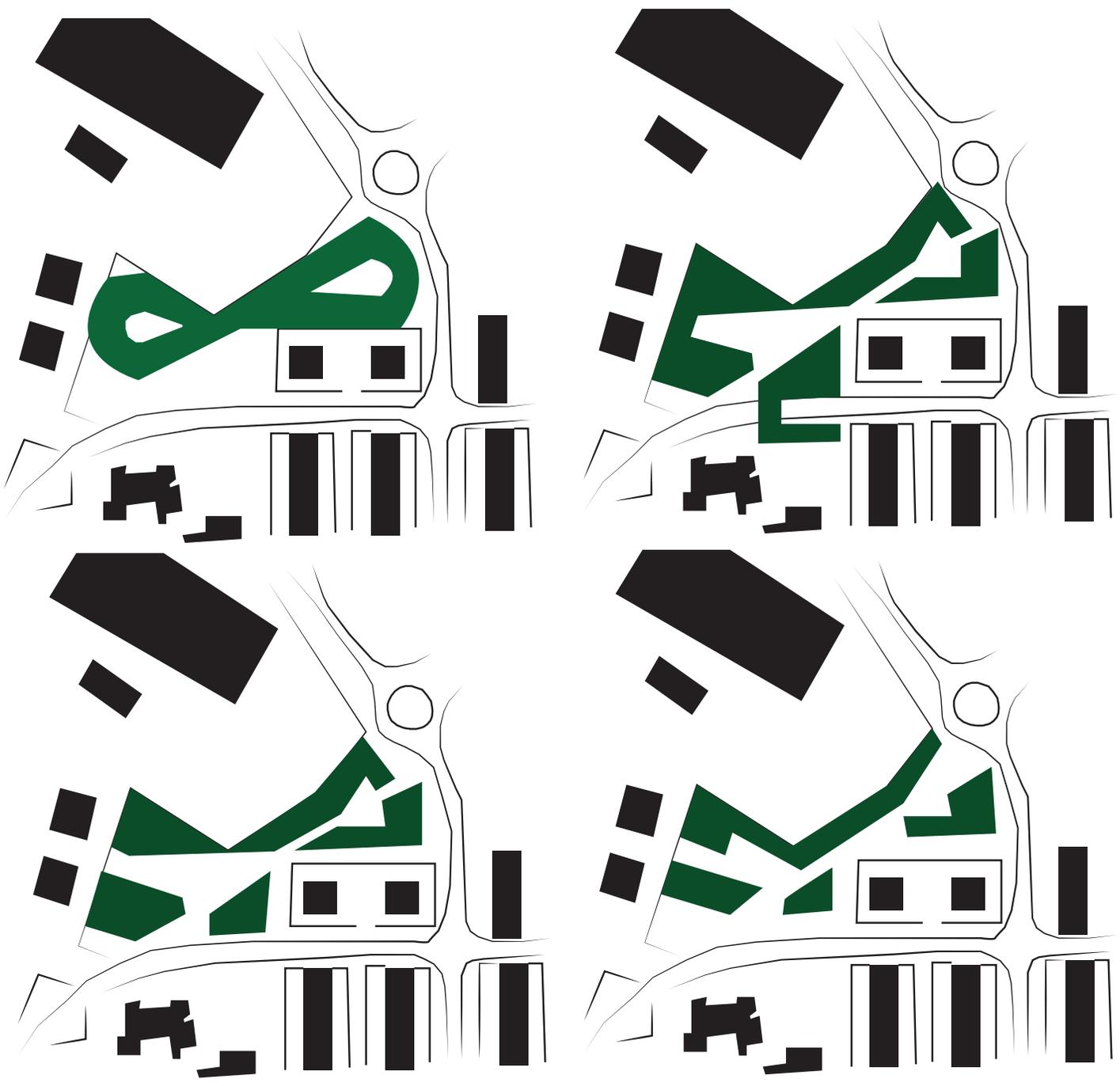
[fig. 3.6] Local de intervenção: Vista da estrada de acesso a Sacavém.



[fig. 3.7] Local de intervenção: Vista da estrada de acesso a Sacavém e a auto-estrada

[fig. 3.8] Local de intervenção: Torre de habitação.

[fig. 3.9] Local de intervenção: Torres de habitação.





3. Primeira proposta

Nos esquemas apresentados percebe-se que a ideia inicial parte da ocupação dos limites do terreno. Através desta ideia de limites, surge a forma de “oito”.

Com esta forma surge a ideia de criar dois recreios separados. Sendo que é proposto uma escola primária e um jardim infantil para este local, esta ideia serviu para a ideia de separação.

Era importante manter o caminho pedonal existente. Foram então desenhadas várias formas em que o “oito” é quebrado pelo eixo do caminho pedonal e outro eixo que liga a parte da estratégia de grupo com o projecto da escola. No ultimo esquema já se observa a forma que foi realizada para esta primeira proposta. Apenas o limite da antiga Quinta da Victória se mantém. Surge também um volume para marcar o outro eixo proposto para a ligação com a estratégia de grupo.

Nesta proposta surge a primeira ideia de marcação horizontal na fachada. Esta ideia advém das fachadas dos edifícios da portela que estão bastante marcadas. Dando também a ideia que o edifício é mais baixo e comprido.

Uma das características deste terreno é o terreno ser bastante inclinado. É pretendido manter essa ideia. Para a reforçar, as linhas horizontais são quebradas para dar a ideia que a altura do edifício segue a cota do terreno.

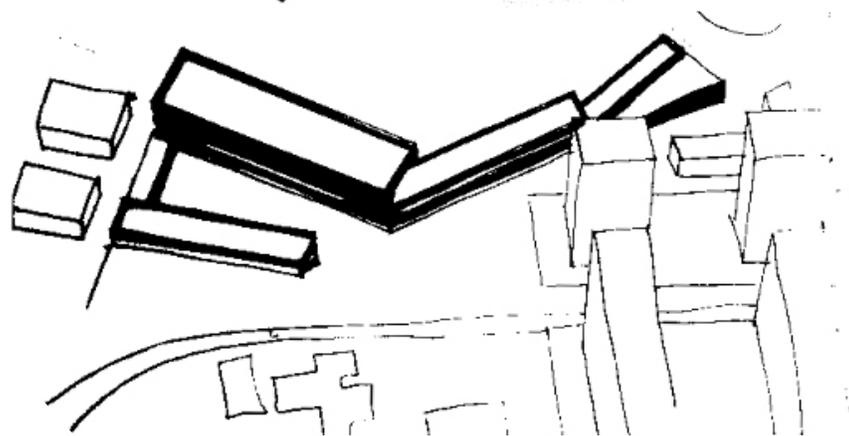
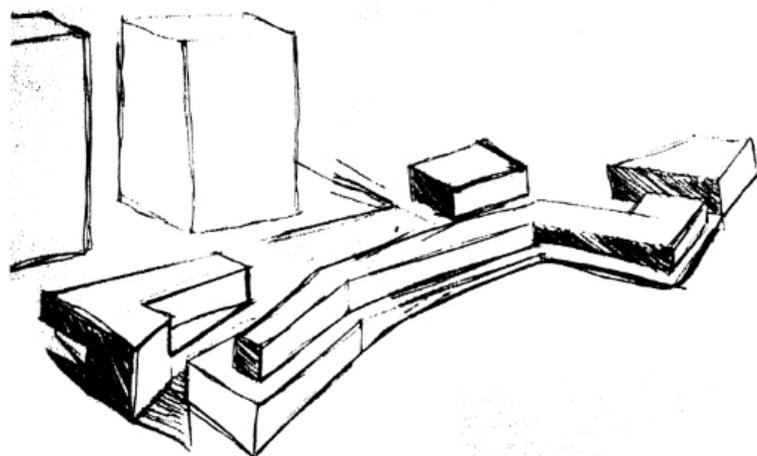
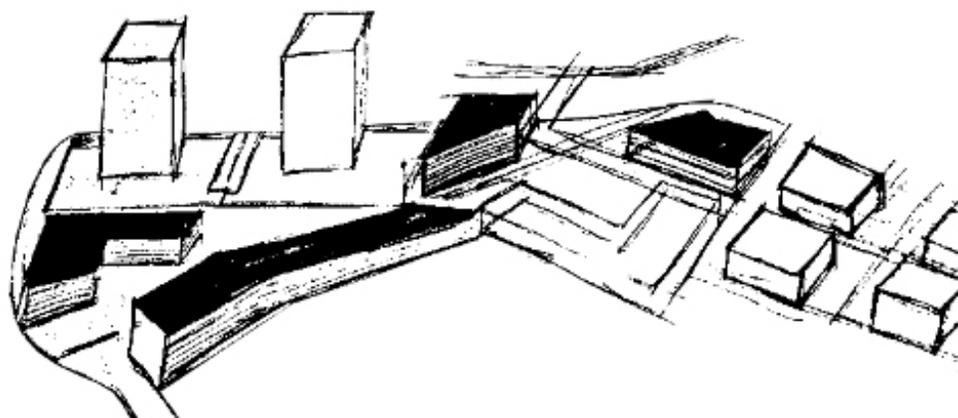
[fig. 3.10] Ideia conceptual.

[fig. 3.11] Primeiro esquema da ideia.

[fig. 3.12] Segundo esquema da ideia.

[fig. 3.13] Terceiro esquema da ideia.

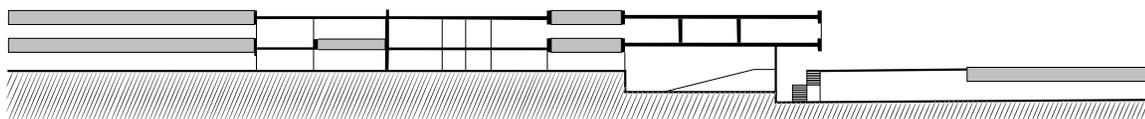
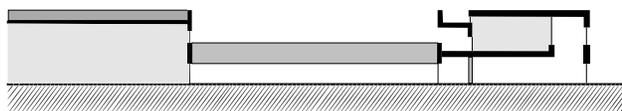




|fig. 3.14| Esquízo com proposta para o local de intervenção

|fig. 3.15| Esquízo com proposta para o local de intervenção

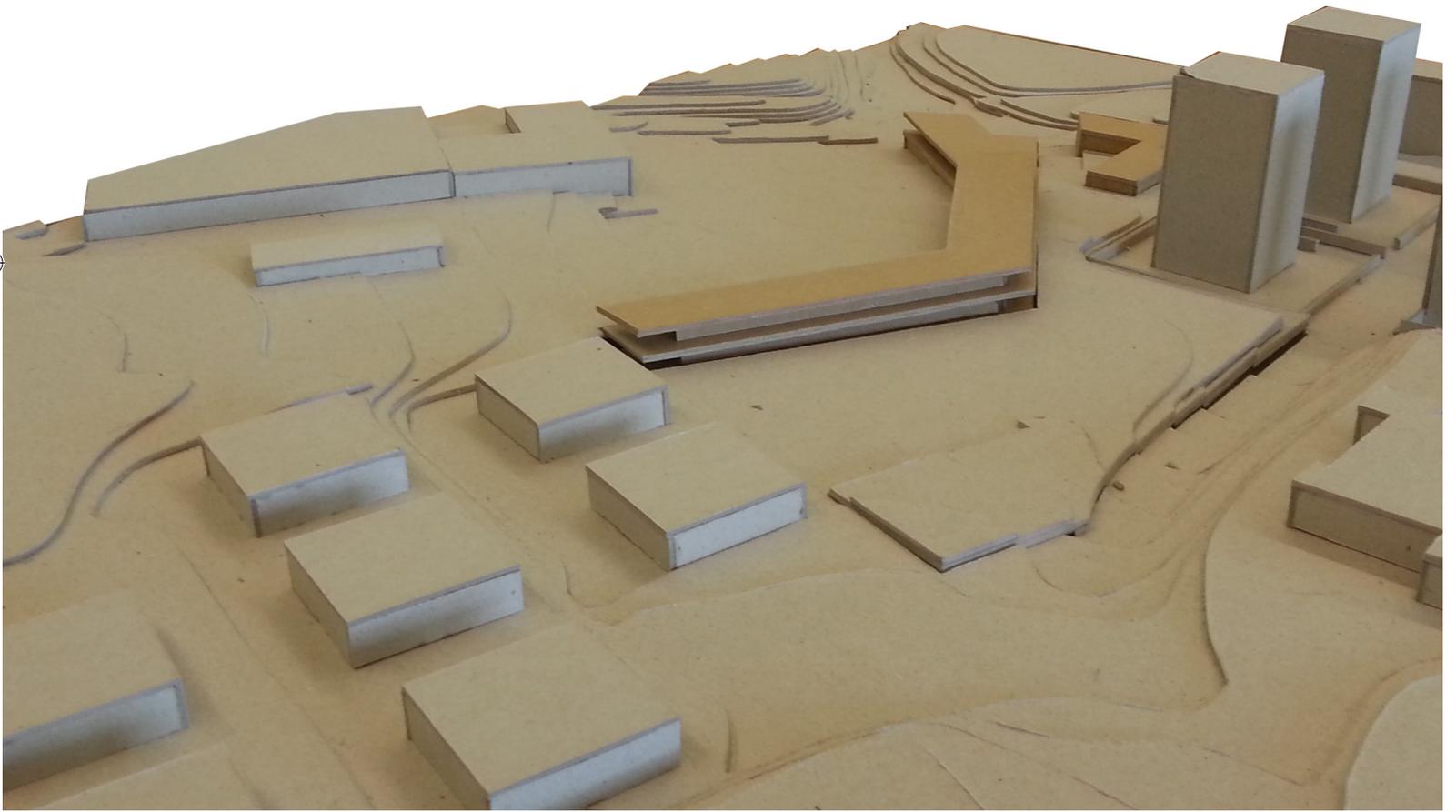
|fig. 3.16| Esquízo com proposta para o local de intervenção



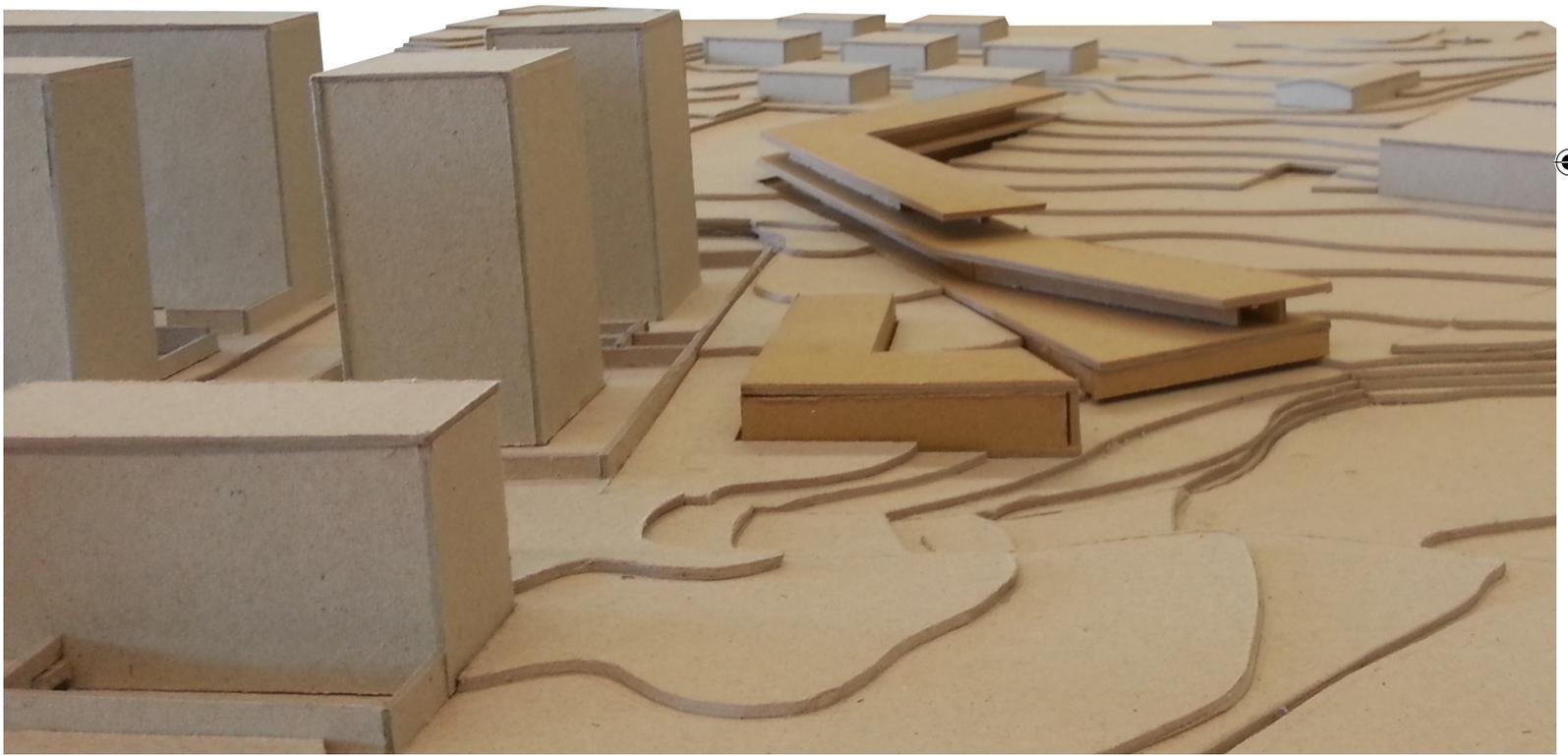
[fig. 3.17] Planta da primeira proposta

[fig. 3.18] Corte transversal

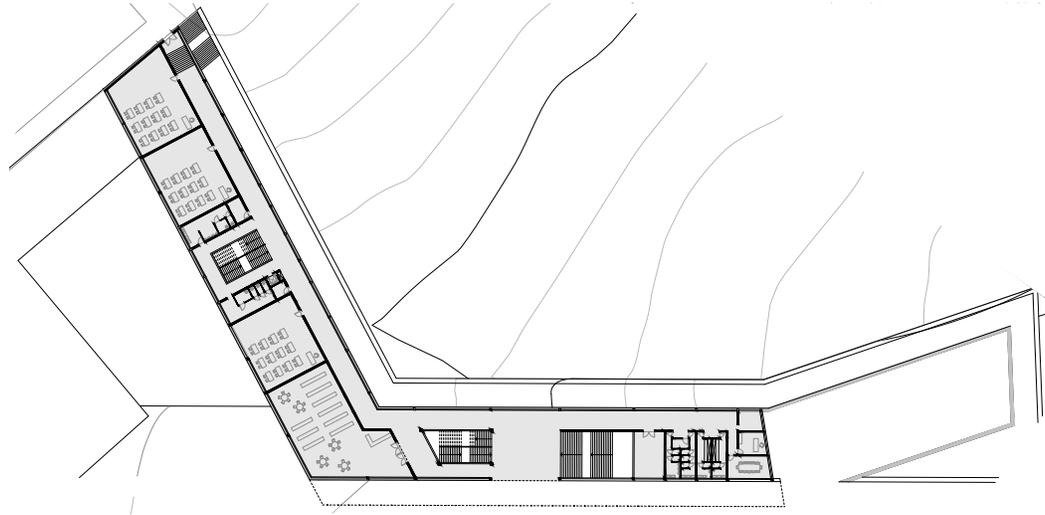
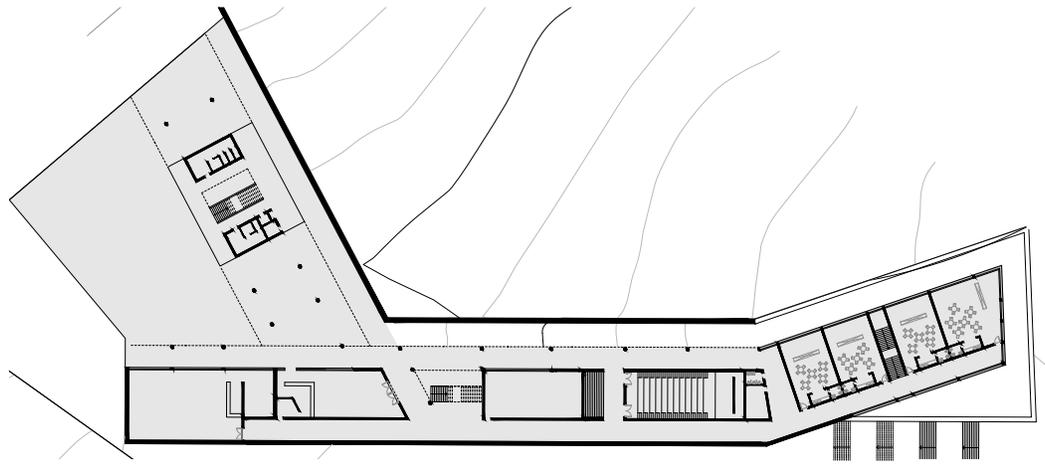
[fig. 3.19] Corte longitudinal



|fig. 3.20| Maqueta de estudio



[fig. 3.21] Maqueta de estudo



[fig. 3.22] Piso 0

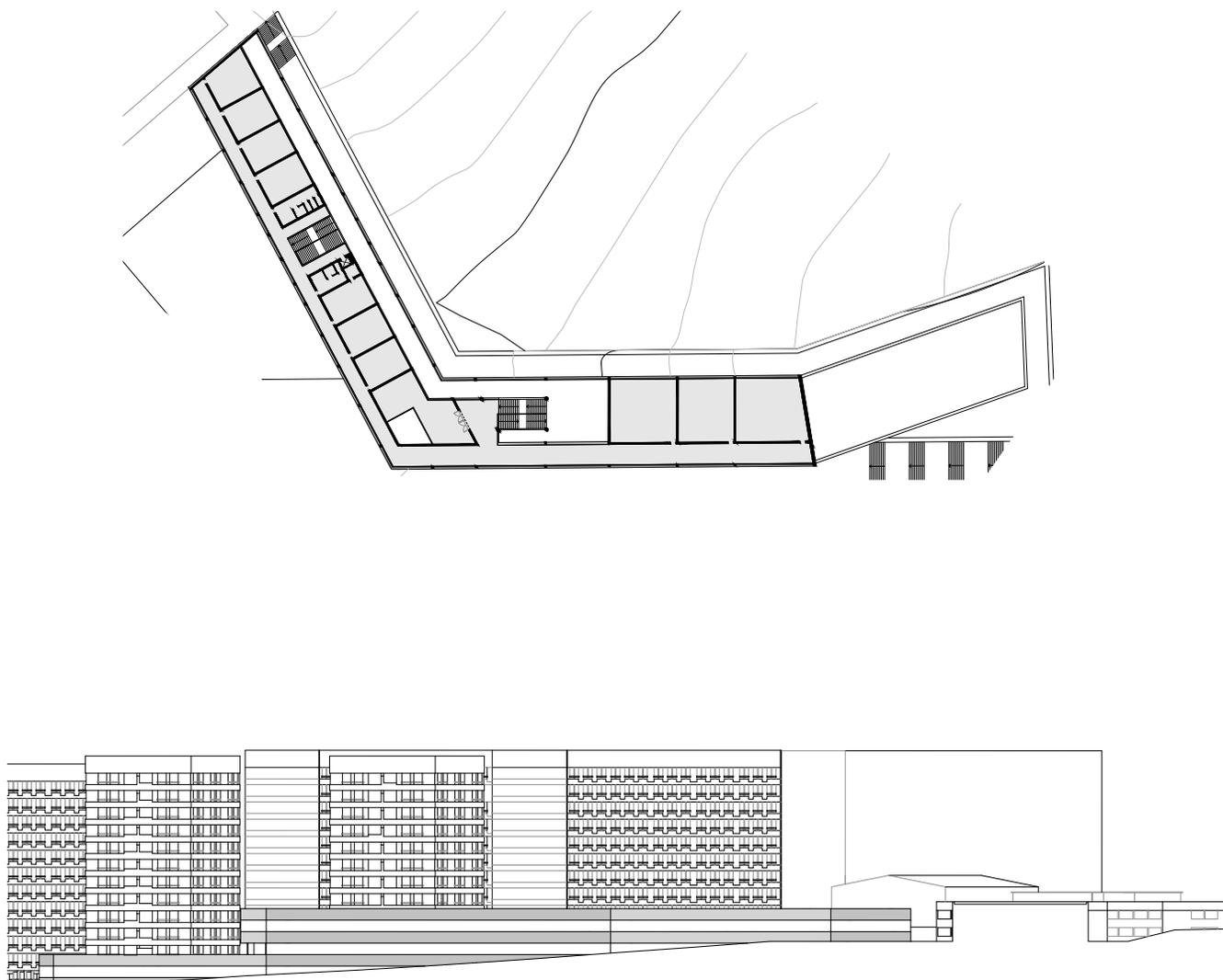
[fig. 3.23] Piso 1

4. Segunda proposta

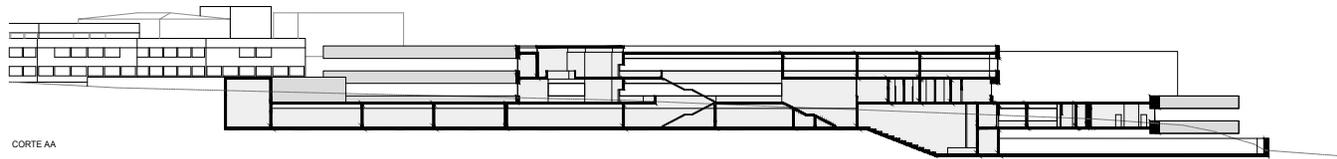
Nesta proposta o volume é afastado do limite existente. Criando assim uma passagem que liga os dois recreios. São desenhados os interiores nesta fase.

A separação dos escolas é feita a partir do tamanho dos recreios e do tamanho dos volumes. Percebe-se que existem 3 troços no volume. Através disto é feita a divisão da escola primária, do jardim de infância e dos serviços da escola. O jardim de infância fica na zona a norte e a escola primária a sul. A partir da ideia de separação, houve a necessidade de partilhar alguns serviços em comum. Os espaços de refeitório, desporto, sala de professores, auditório, biblioteca, sala de funcionários encontram-se no centro do edifício. Assim como a entrada da escola é feita apenas por uma entrada que também se encontra no centro.

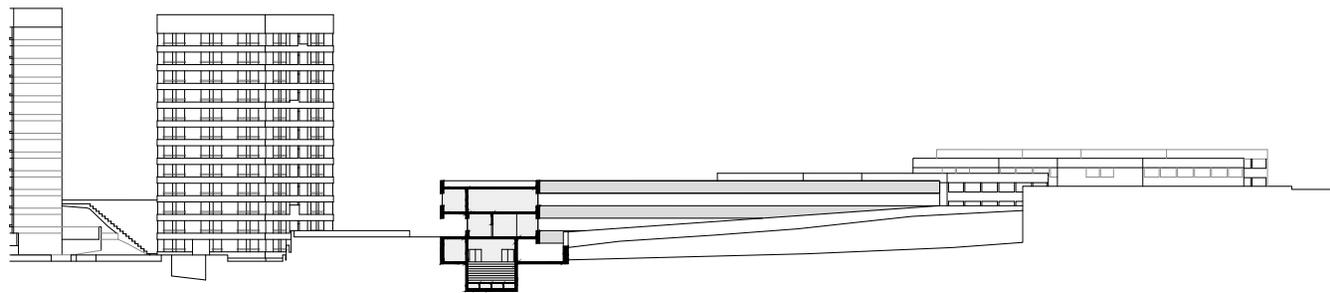
Esta proposta teve como problemas, a exposição solar que não estava bem resolvida. As salas não tinham o tamanho adequado para receber luz natural na parte mais funda. Existiam também poucas ligações entre pisos e pouca relação com os recreios.



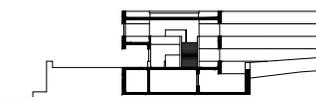
|fig. 3.24| Piso 2 
|fig. 3.25| Alçado



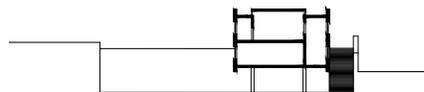
CORTE AA



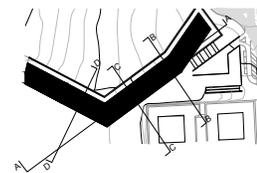
CORTE BB



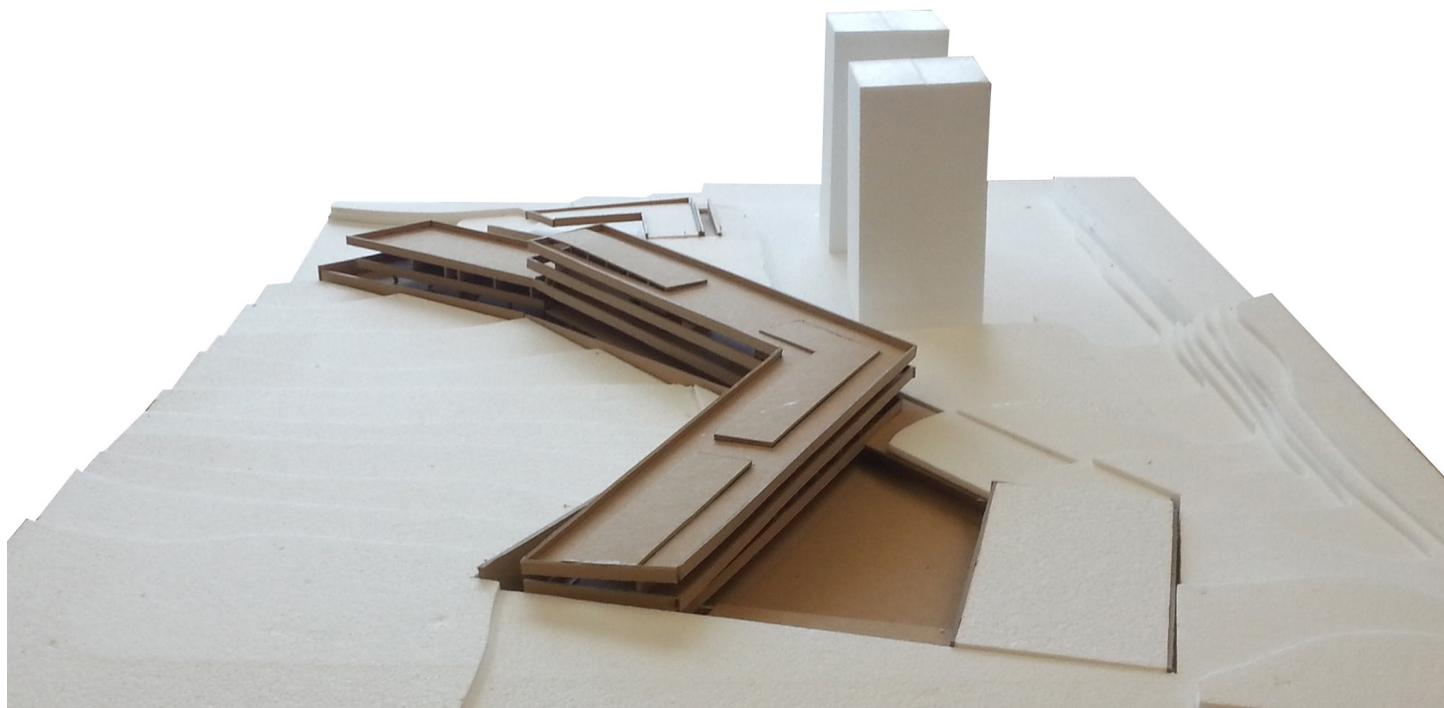
CORTE CC



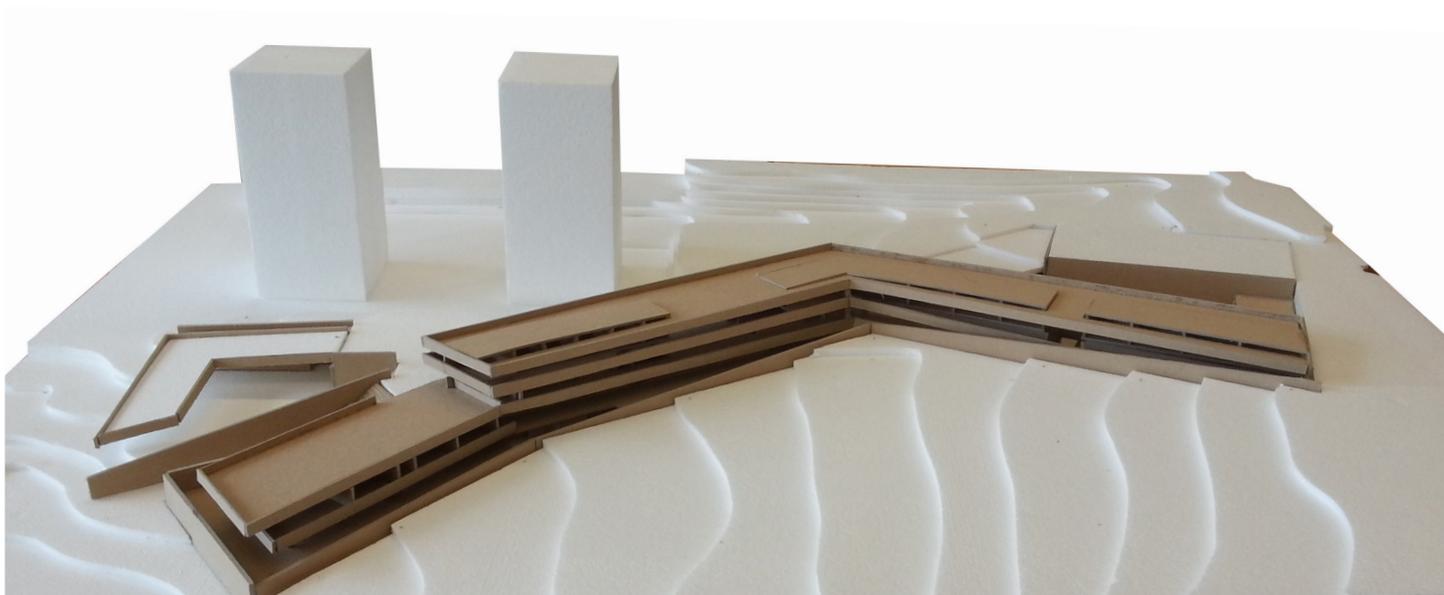
CORTE DD



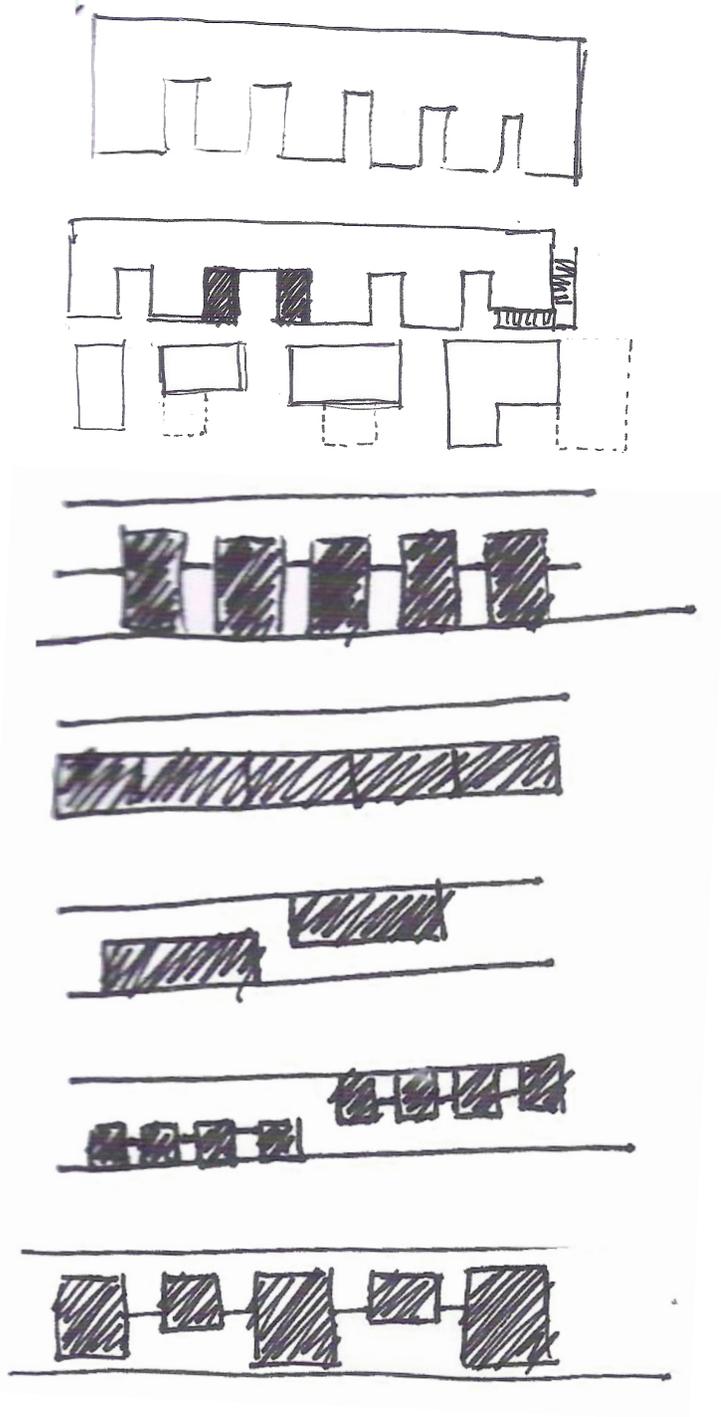
- [fig. 3.26] Corte AA
- [fig. 3.27] Corte BB
- [fig. 3.28] Corte CC
- [fig. 3.29] Corte DD



|fig. 3.30| Maqueta de estudo



[fig. 3.31] Maqueta de estudo



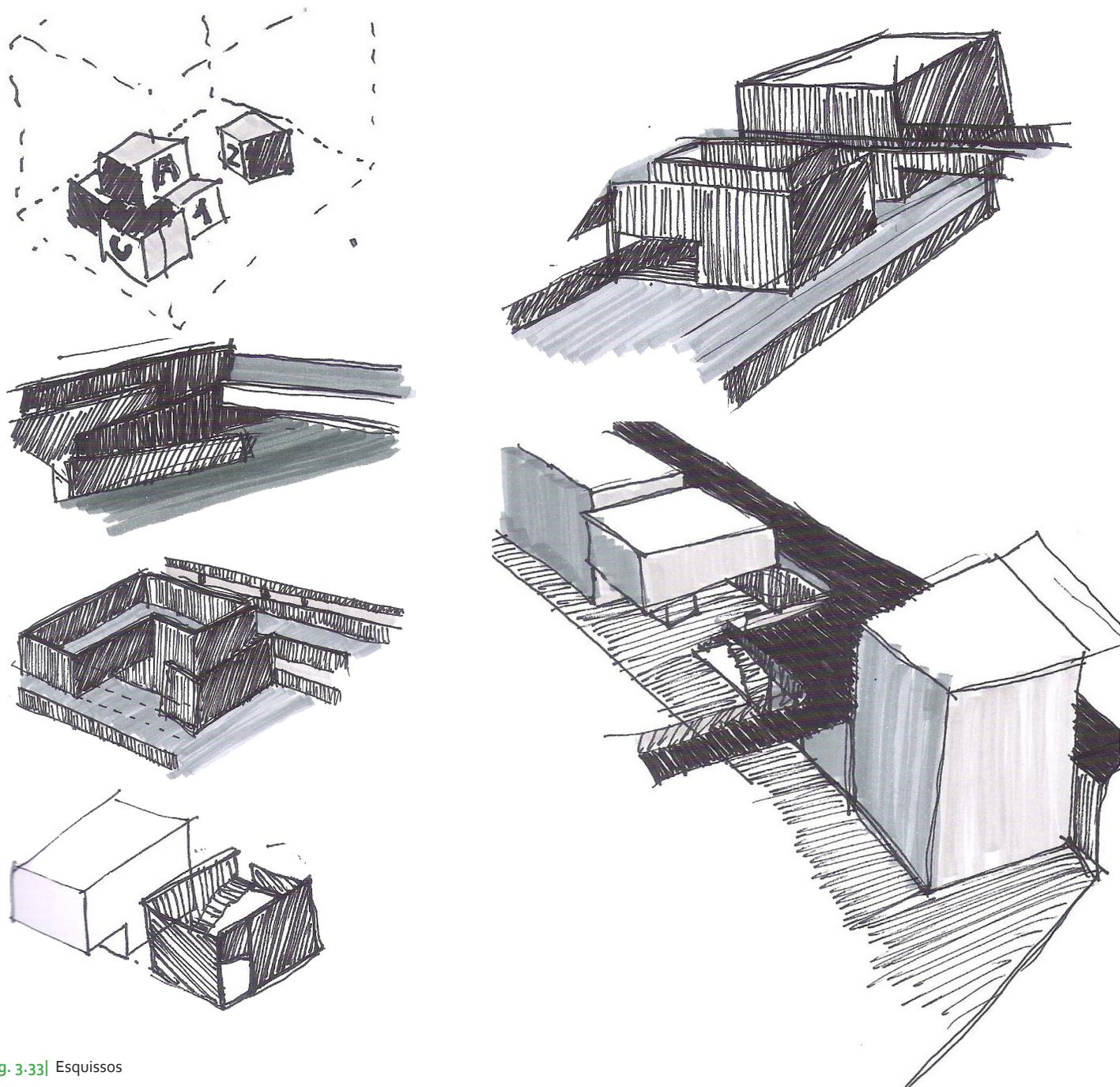
5. Terceira proposta

Nesta proposta os interiores são trabalhados de forma diferente da proposta 2. Pretende-se que o projecto se pareça mais com uma escola. A verdade é que a escola é para as crianças. Logo surge a ideia de personalizar as salas com a ideia de caixinhas de brincar. Cada sala corresponde a uma caixa.

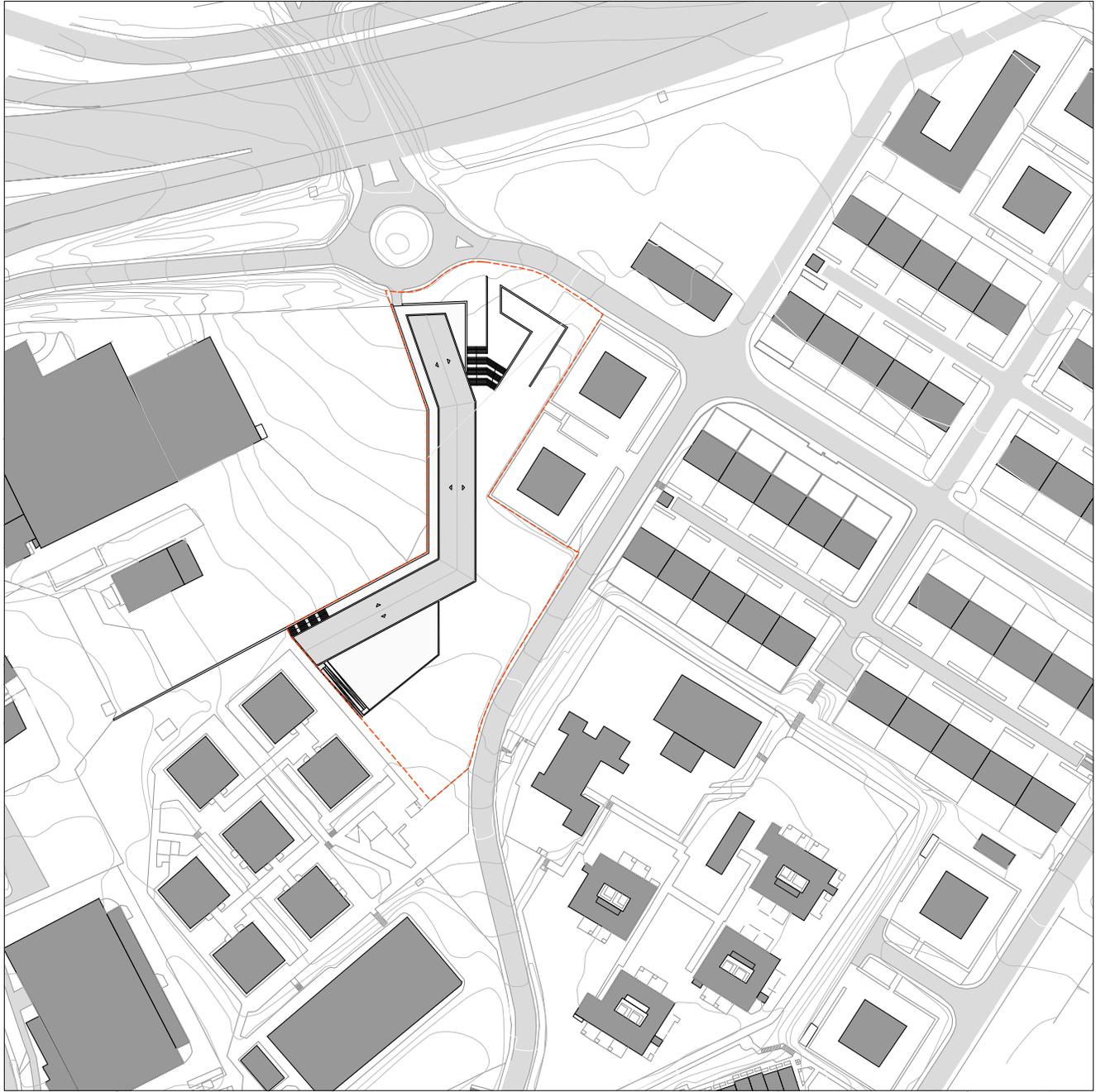
Nos esquemas apresentados, temos várias propostas de como as salas dariam uma ideia de caixa. Foi então que surge a ideia de separá-las. Nos intervalos de cada caixa teríamos espaços de entradas para as salas em que teríamos ligação visual para o corredor do piso de baixo. A ligação visual entre pisos é criada nos corredores e nas salas de aula. É diferenciado o material de revestimento das paredes das salas e da zona de circulação.

Os espaços comuns e as escolas continuam a estarem dispostas da mesma maneira e a entrada mantém-se na parte central do edifício. Entendeu-se que a entrada não estava no local mais adequado pois não estava visivelmente destacada e o acesso a ela não era facilitado aos pais.

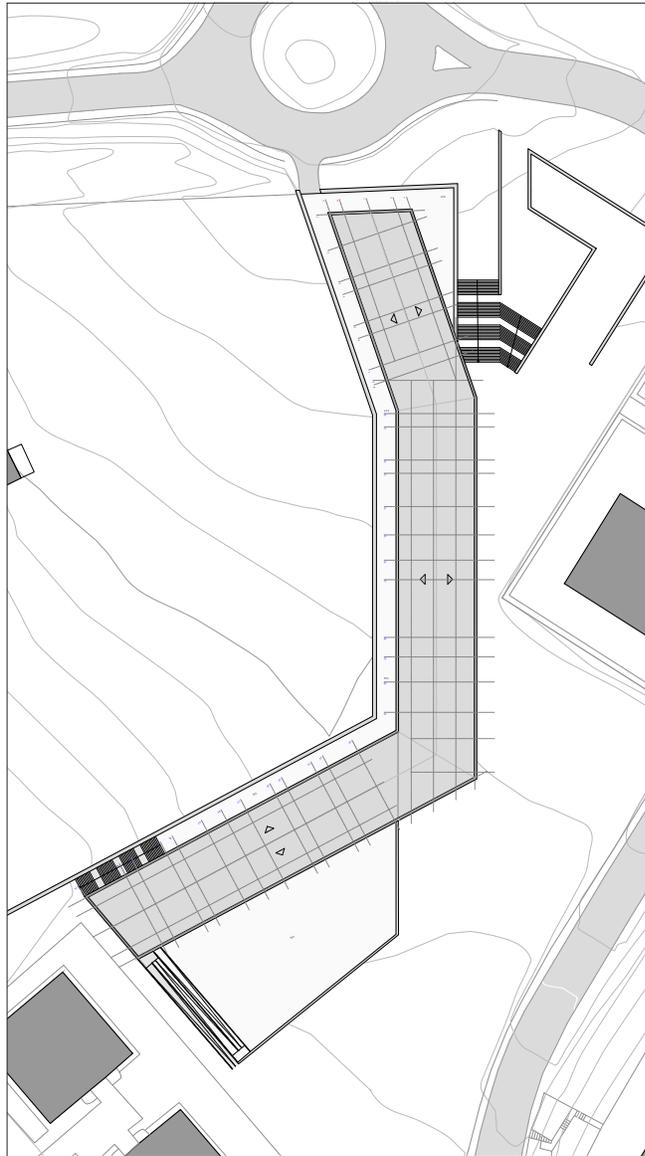
A questão da iluminação natural para algumas salas continua a ser um problema nesta proposta. A ligação ao recreio também não se encontra bem resolvida.



|fig. 3.33| Esquissos



[fig. 3.34] Planta de localização



PLANTA DE IMPLANTACÃO | ESCALA 1:500



PLANTA PISO 0 | ESCALA 1:500

PROGRAMA E ÁREAS DO PISO 0

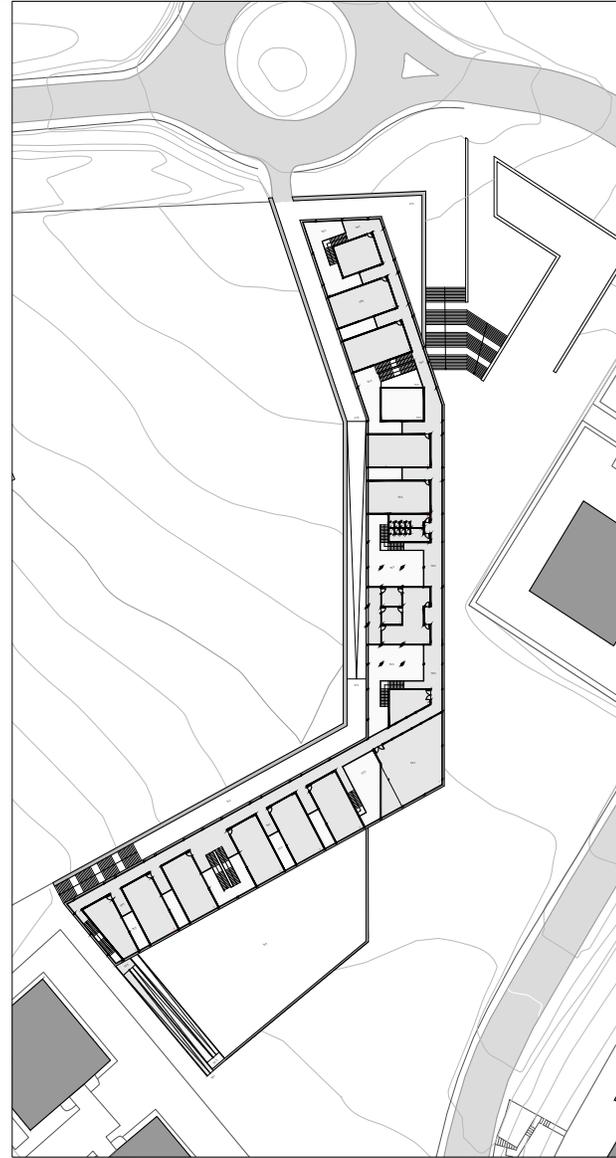
- ▲ MC ALMOÇO (100,0 m²)
- BALNEÁRIOS (100,0 m²)
- SALA DE EXPOZICÃO (100,0 m²)
- ESCADARIA (100,0 m²)
- ◆ PROGRAMÁTICO (10,0 m²)
- COZINHA (10,0 m²)
- RECEPTIVO (10,0 m²)
- WC (10,0 m²)
- AUDITÓRIO (10,0 m²)
- RECEPTIVO PARA O JARDIM DE INFÂNCIA (10,0 m²)
- RECEPTIVO EXTERIOR COBERTO (100,0 m²)
- RECEPTIVO EXTERIOR (100,0 m²)

[fig. 3.35] Plantas de cobertura, piso 0, piso 1 e piso 2



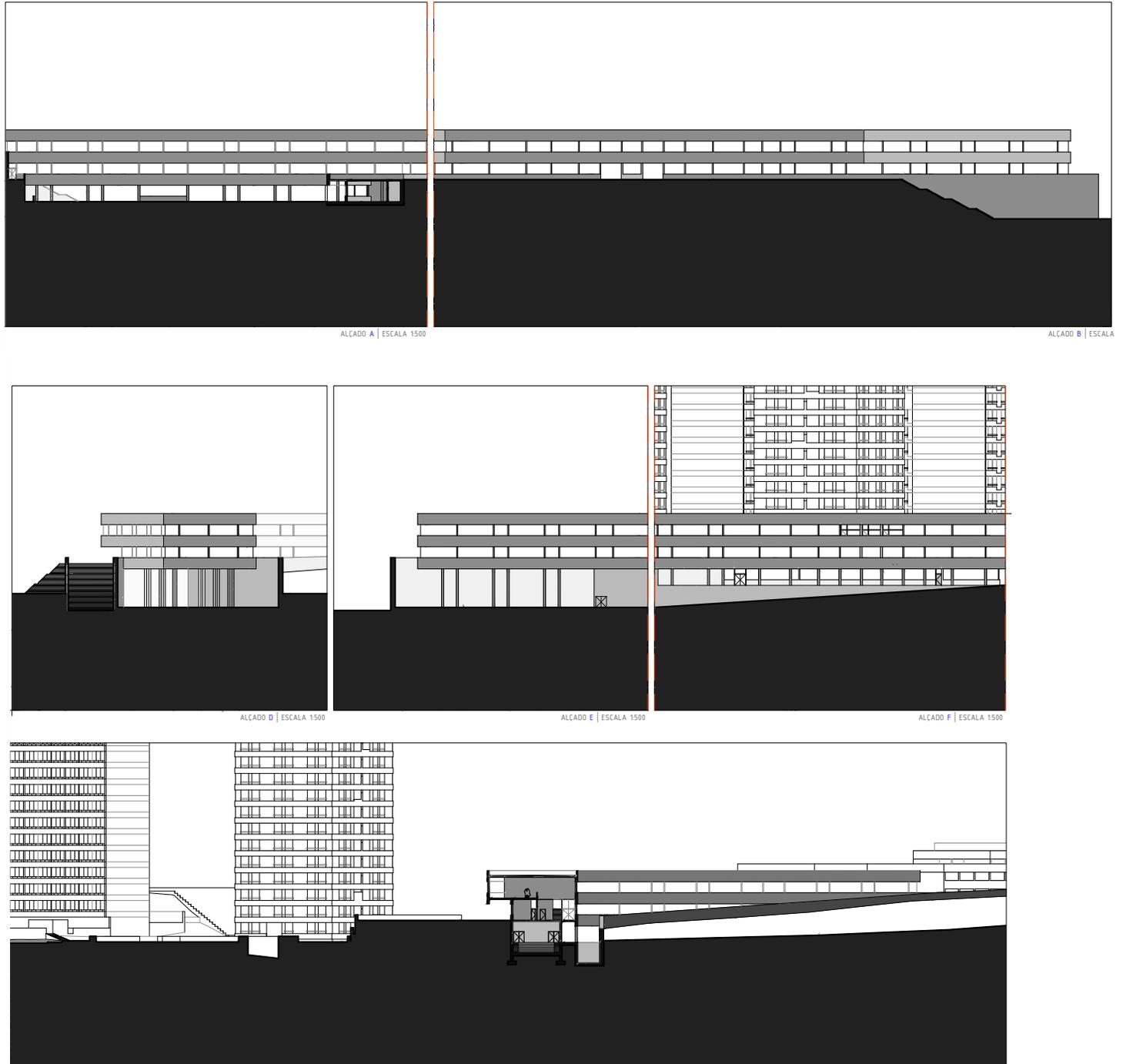
PLANTA PISO 1 | ESCALA 1:500

- PROGRAMA E ÁREAS DO PISO 1
- A | SALA DE AULA (101 m²)
 - B | SALA DE AULA (101 m²)
 - C | SALA DE AULA (101 m²)
 - D | MC ALUNOS (10 m²)
 - E | BIBLIOTECA (101 m²)
 - F | VESTIÁRIO PARA OS FUNCIONÁRIOS (10 m²)
 - G | VESTIÁRIO PARA OS FUNCIONÁRIOS (10 m²)
 - H | RECEPÇÃO (10 m²)
 - I | PORTARIA (10 m²)
 - J | MC DA PORTARIA (10 m²)
 - K | VESTIÁRIO DA PORTARIA (10 m²)
 - L | BALNEÁRIO (10 m²)
 - M | BALNEÁRIO (10 m²)
 - N | SALA DE DESPORTO (101 m²)
 - O | SALA DE AULA (101 m²)
 - P | MC ALUNOS (10 m²)
 - Q | MC ALUNOS E PROFESSORES (10 m²)
 - R | SALA DE AULA (101 m²)
 - S | SALA DE AULA (101 m²)

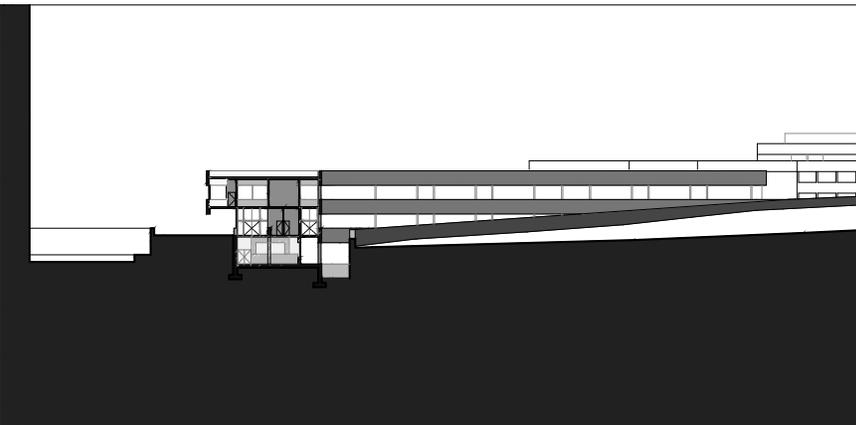
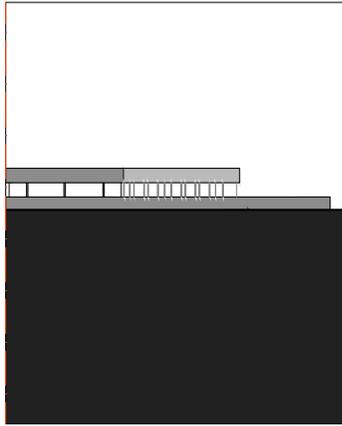
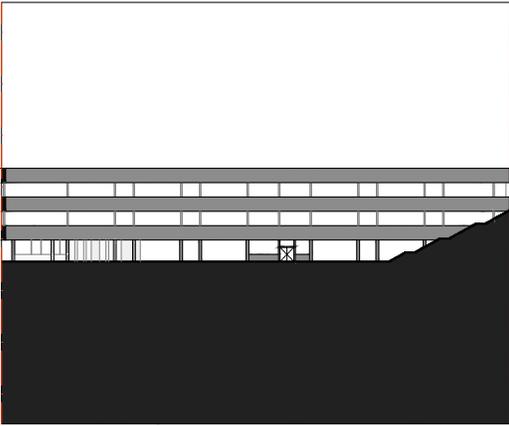
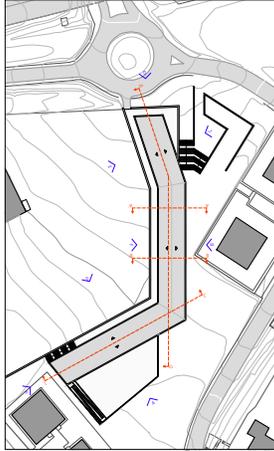
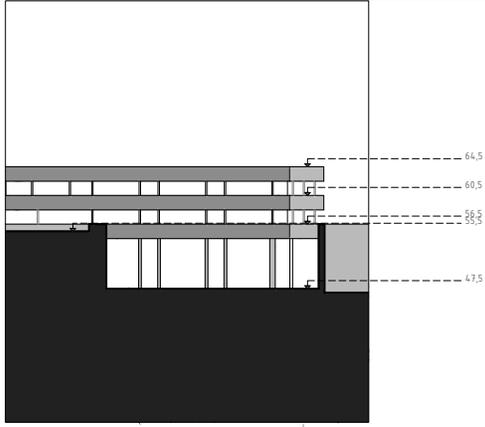


PLANTA PISO 2 | ESCALA 1:500

- PROGRAMA E ÁREAS DO PISO 2
- A | SALA DE AULA (101 m²)
 - B | SALA DE AULA (101 m²)
 - C | BIBLIOTECA (101 m²)
 - D | SALA MULTIFUNÇÃO (101 m²)
 - E | SALA DOS PROFESSORES (101 m²)
 - F | GABINETE DO DIRECTOR (10 m²)
 - G | SALA DE REUNIÃO (10 m²)
 - H | MC PROFESSORES (101 m²)
 - I | ENFERMARIA (10 m²)

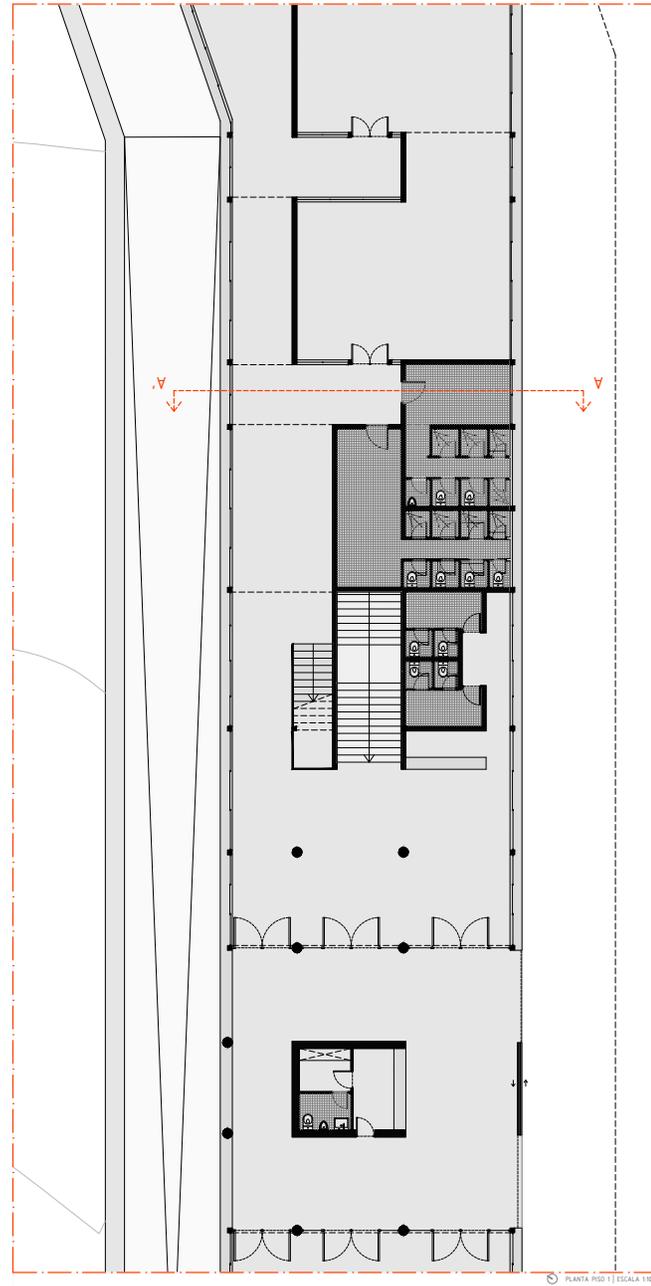


|fig. 3.36| Cortes e alçados

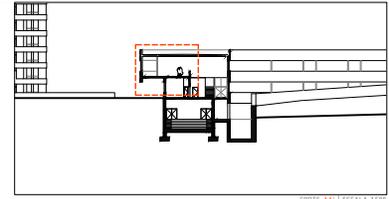


CORTE BB | ESCALA 1500

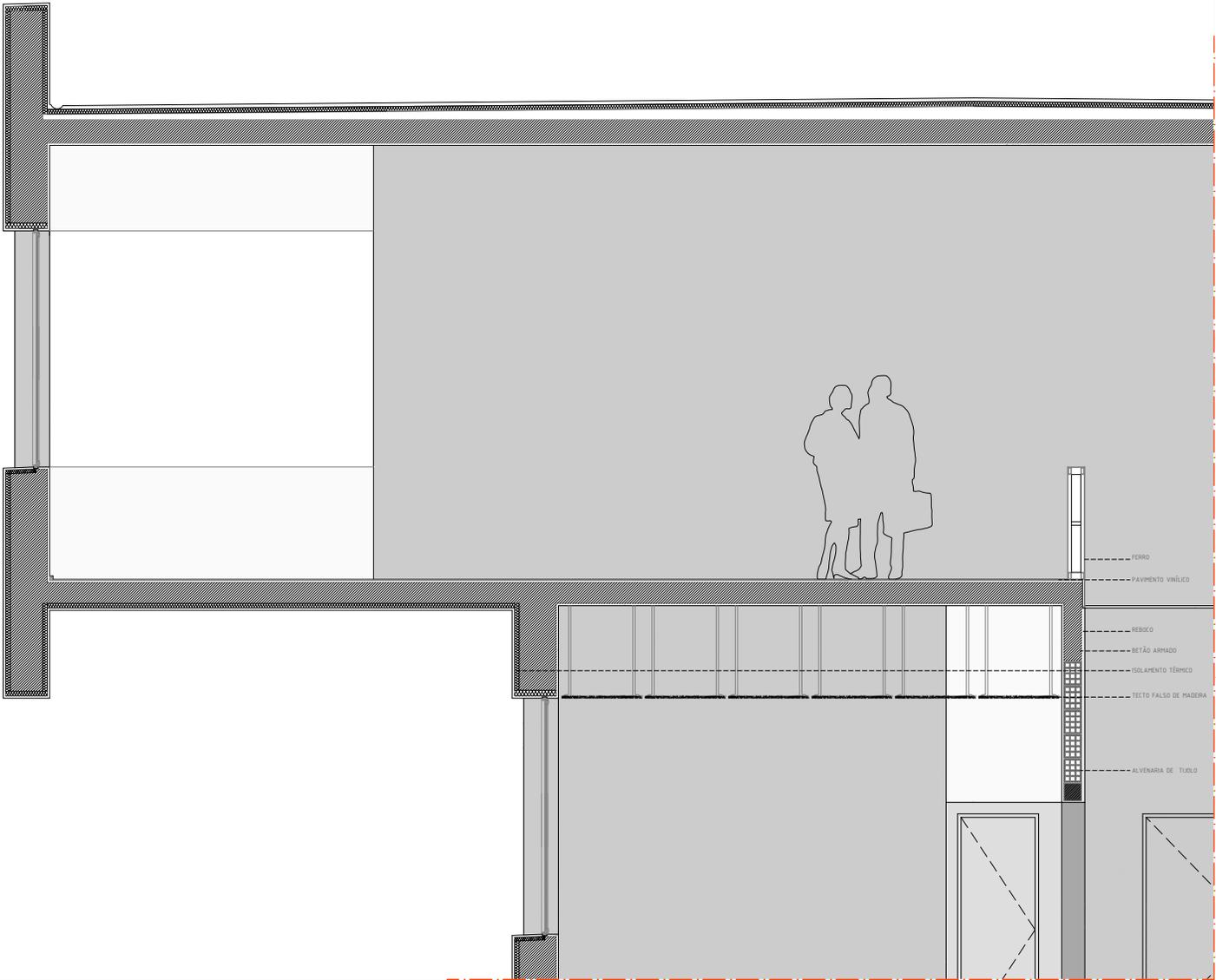




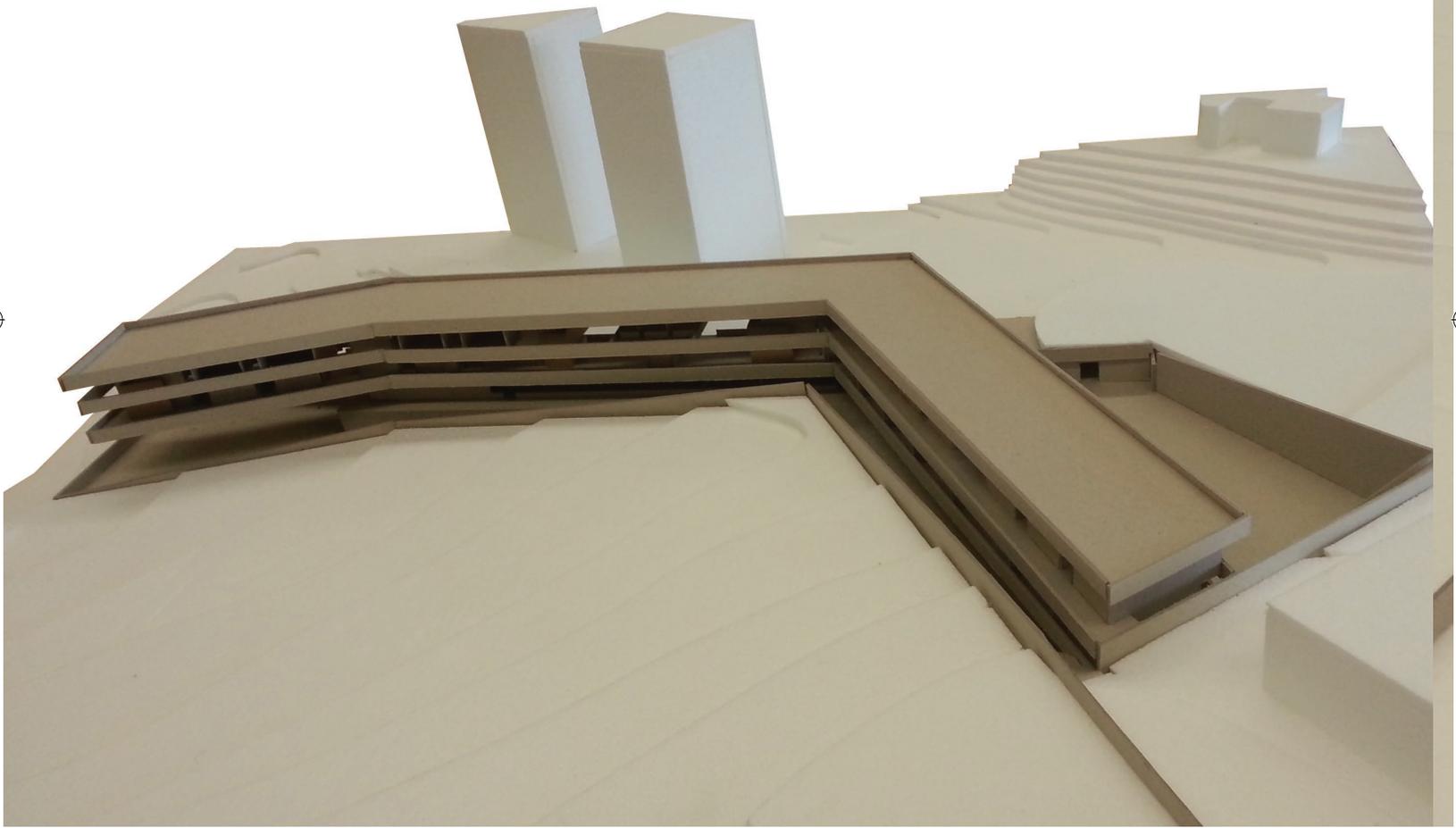
|fig. 3.37| Plantas e corte construtivo



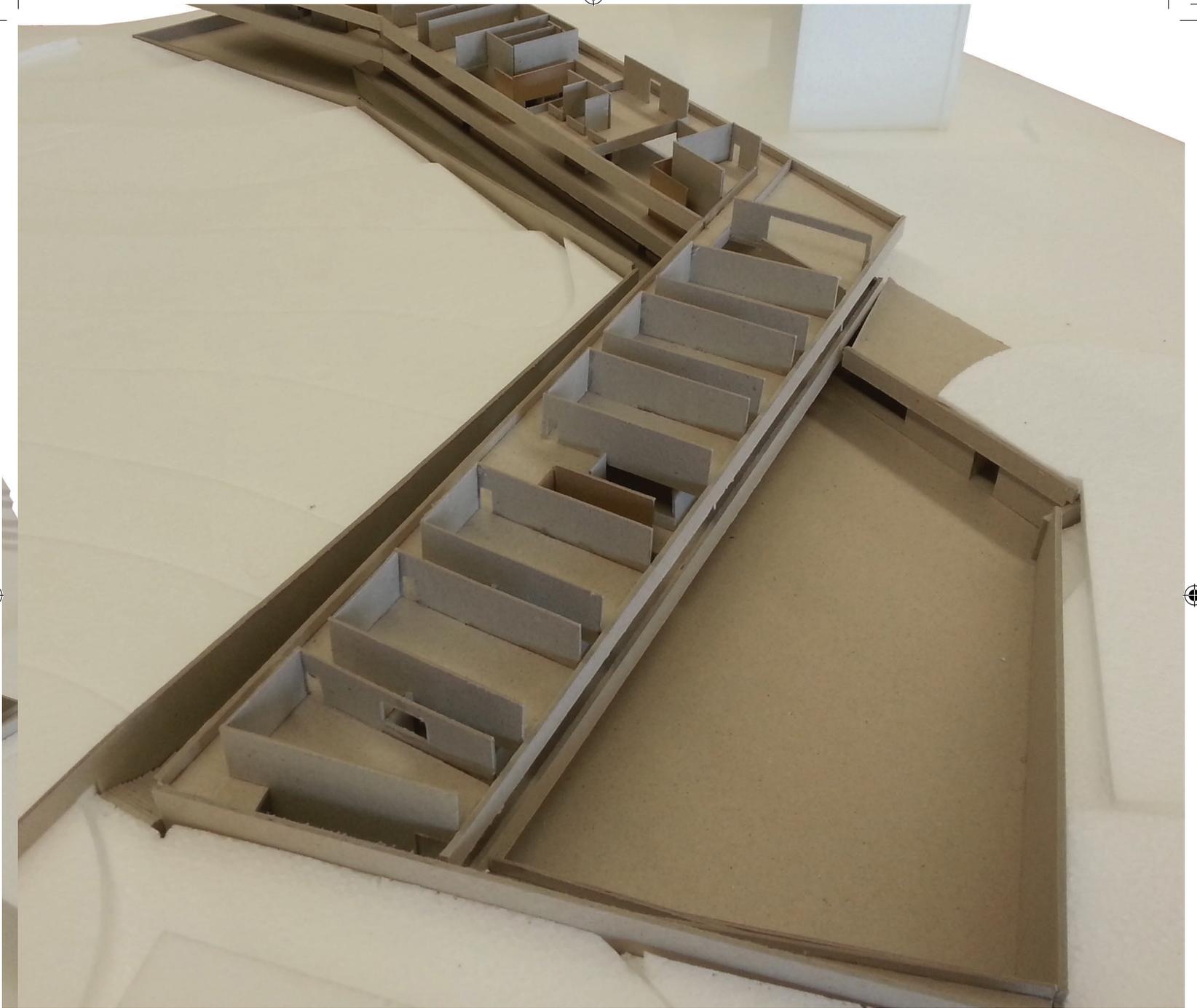
CORTE AA | ESCALA 1:500



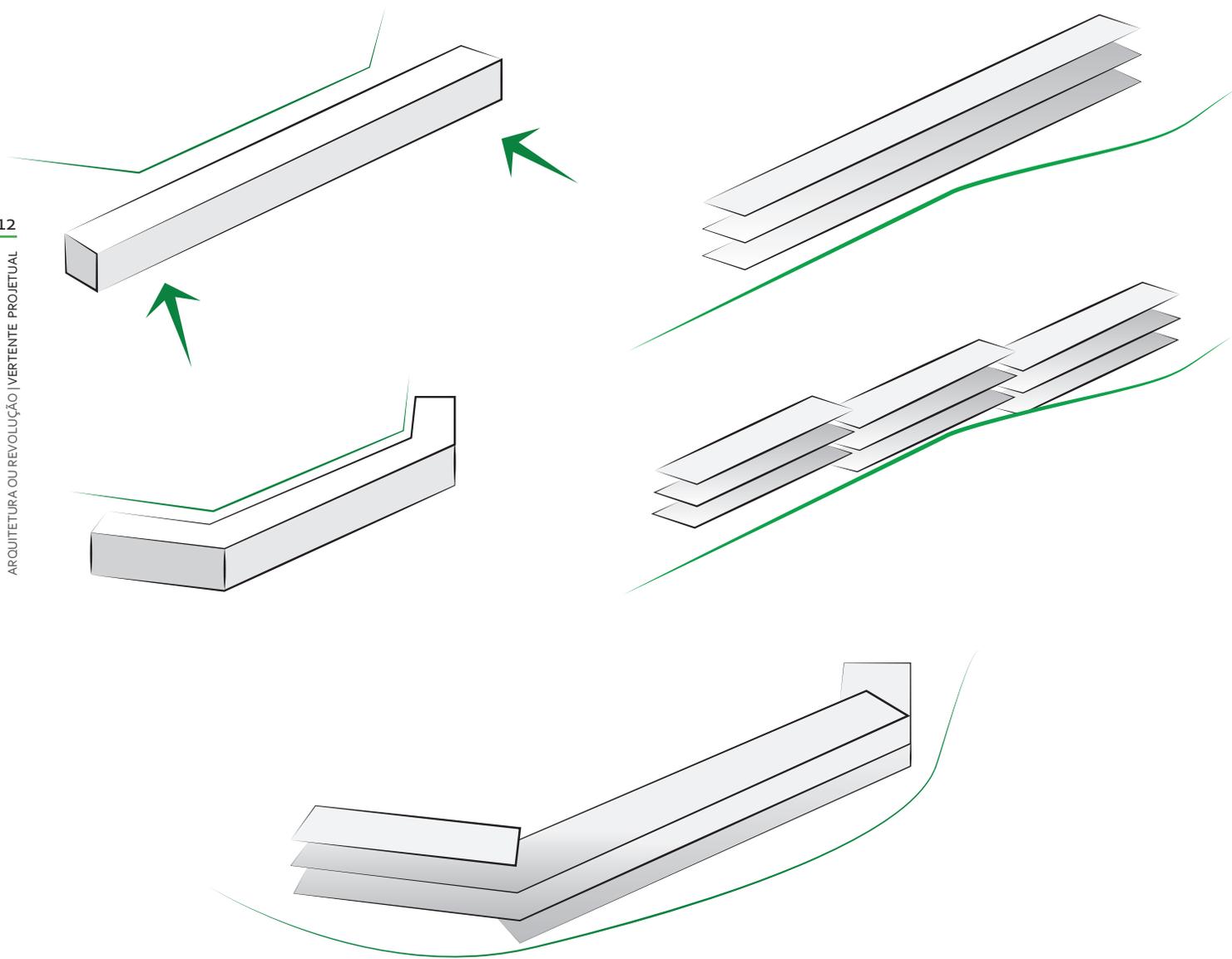
CORTE AA | ESCALA 1:20



|fig. 3.38| Maqueta de estudio



[fig. 3.39] Maqueta de estudo



|fig. 3.40| Esquemas

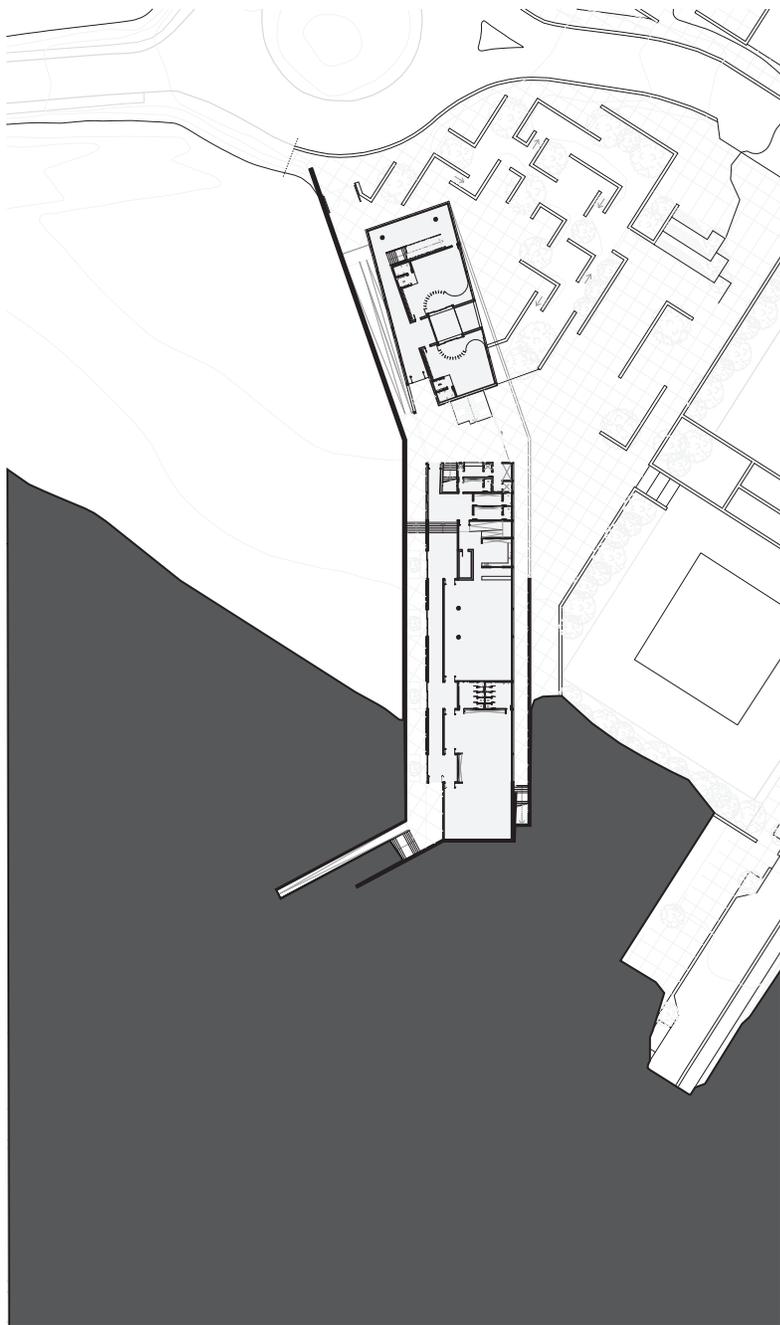
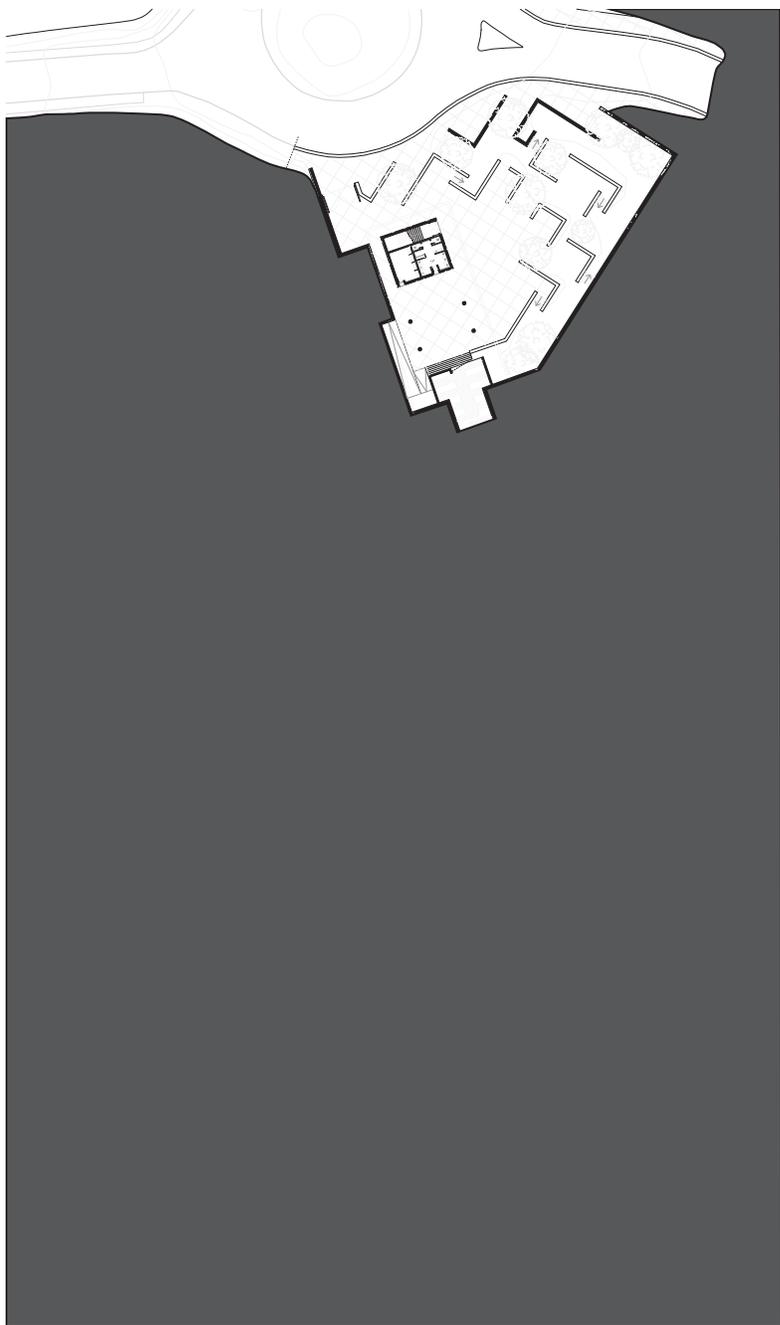
6. Memória descritiva

Depois da grande catástrofe no centro da Portela, foi elaborada uma proposta para resolver o grande acontecimento. A proposta consiste em alterar a identidade central daquele local para uma identidade mais periférica. O objectivo é criar novas micro centralidade em redor da Portela. Uma dessas micro centralidades tem como objectivo criar um pólo escolar. Integrando a escola primária e o jardim de infância da Portela anteriormente destruída pela catástrofe no centro.

Na zona das escolas existentes, encontra-se um baldio bem localizado. Este local tem uma grande presença na entrada mais a norte da Portela, dando acesso à cidade de Sacavém. A ligação entre estas duas localidades é feita através de um túnel, que passa baixo da auto-estrada. Para quem chega à Portela o local teria de ser apelativo. Era então importante transformá-lo alterando o cartão de boas vindas com uma obra importante e que sirva a todos. Não só a quem vive na Portela mas também às localidades periféricas a esta.

Este baldio contém várias características interessantes: a sua forma irregular, as vistas para a cidade de Sacavém e a auto-estrada, o seu caminho pedonal que atravessa todo o terreno, as diferentes escalas da sua envolvente e a grande inclinação do terreno. O local é rodeado por duas vias: a avenida das escolas e a rua Mouzinho de Albuquerque. Entre essas duas vias encontramos duas torres de habitação pertencente ao plano da Fernando Silva. Na zona a sul do terreno encontramos duas escolas: a escola de 2º e 3º Ciclo e a escola secundária da Portela. Na zona a noroeste encontramos uma fábrica de automóvel, a Citroën. E na zona a norte encontramos o túnel de ligação de Sacavém à Portela no qual se insere a auto-estrada no nível superior. A oeste encontra-se outro baldio, no qual se destina à implantação de um jardim e da piscina da Portela proposto pelo grupo. Como já foi referido o terreno é bastante inclinado. A parte mais baixa corresponde à cota 48 e a mais elevada corresponde à cota 60. Em relação à exposição solar o terreno não está bem fornecida. O facto de existirem as duas torres de habitação localizadas numa zona a sudoeste, acaba por dificultar a exposição solar no terreno.

É então proposto a nova escola para este local. O volume proposto tem forma de um paralelepípedo quebrado em três partes. Essa forma advém do limite existente mais a este do terreno que correspondia ao limite de uma antiga quinta. Esse limite é importante fase à tábuca rasa do planeamento da Portela. Acaba por ser um grande vestígio do que existia naquele local. É desta forma reforçado e realçado através da forma do edifício



[fig. 3.41] Plantas piso -2, piso -1



proposto.

É feito um planeamento urbano junto ao edifício. Este plano tenta realçar o edifício, criando espaços amplos que valorizam as entradas da escola. Existem espaços de sentar para os pais que esperam pelos filhos com árvores adjacentes a esses espaços.

Para realçar o edifício com a sua envolvente é proposto nas fachadas, tiras horizontais à semelhança dos edifícios de habitação da Portela. Percebe-se desse modo onde se iniciam e onde acabam os pisos do edifício. O volume segue o nível do terreno. Esta ideia é reforçada com a quebra das ripas horizontais em todos os pisos.

A escala do edificado envolvente é bastante variada. Temos as torres da Portela com 12 pisos, a escola secundária que não ultrapassa os 3 pisos e a escola de 2º e 3º Ciclo que também não ultrapassa os 3 pisos mas que se encontra numa cota mais elevada em relação ao terreno de intervenção. Era importante a escola não destoar em relação à sua envolvente, foi então proposto um edifício que não ultrapassa os 3 pisos. Com a quebra do edifício em 2 zonas, este não aparenta ter uma escala tão grande horizontalmente.

No espaço exterior pertencente à escola encontramos dois recreios. Um recreio que serve a escola primária e outro que serve o jardim de infância. Esses dois recreios tentam integrar a proposta da estratégia de grupo com o inserir de muros que se integram com o terreno que servem para locais repouso. E integram um espaço mais amplo para as correrias de crianças. Esses recreios são integrados com o edifícios com dois recreios cobertos.

Para aceder ao edifícios são criadas duas entradas: uma para a escola primária e outra para o jardim de infância. Cada idade têm necessidade diferentes. A idade mais avançada as crianças já podem ir para a escola sozinhos, o que não acontece nas idade do jardim de infância. A entrada para o jardim de infância é mais facilitada pela proximidade a estacionamentos de automóvel. Na outra entrada já é mais facilitado em relação ao estacionamento rápido do automóvel, os pais apenas param o carro para as crianças saírem.

A escola é dividida em 3 partes. Uma parte que corresponde à escola primária, outra ao jardim de infância e outra parte que liga estas duas, com serviços que servem as duas partes.

Na zona da escola primária encontramos 4 salas de aulas com casas de banho em todas elas. Em todas as salas temos uma zona de leitura com ligação a um pátio interior. Este pátio ajuda a introdução da luz natural em toda a sala e a ligação visual com a salas próximas. As salas têm um dimensionamento favorável para a disposição das mesas em forma circular. As salas têm vistas diferentes em relação à rua. As salas do piso o estão



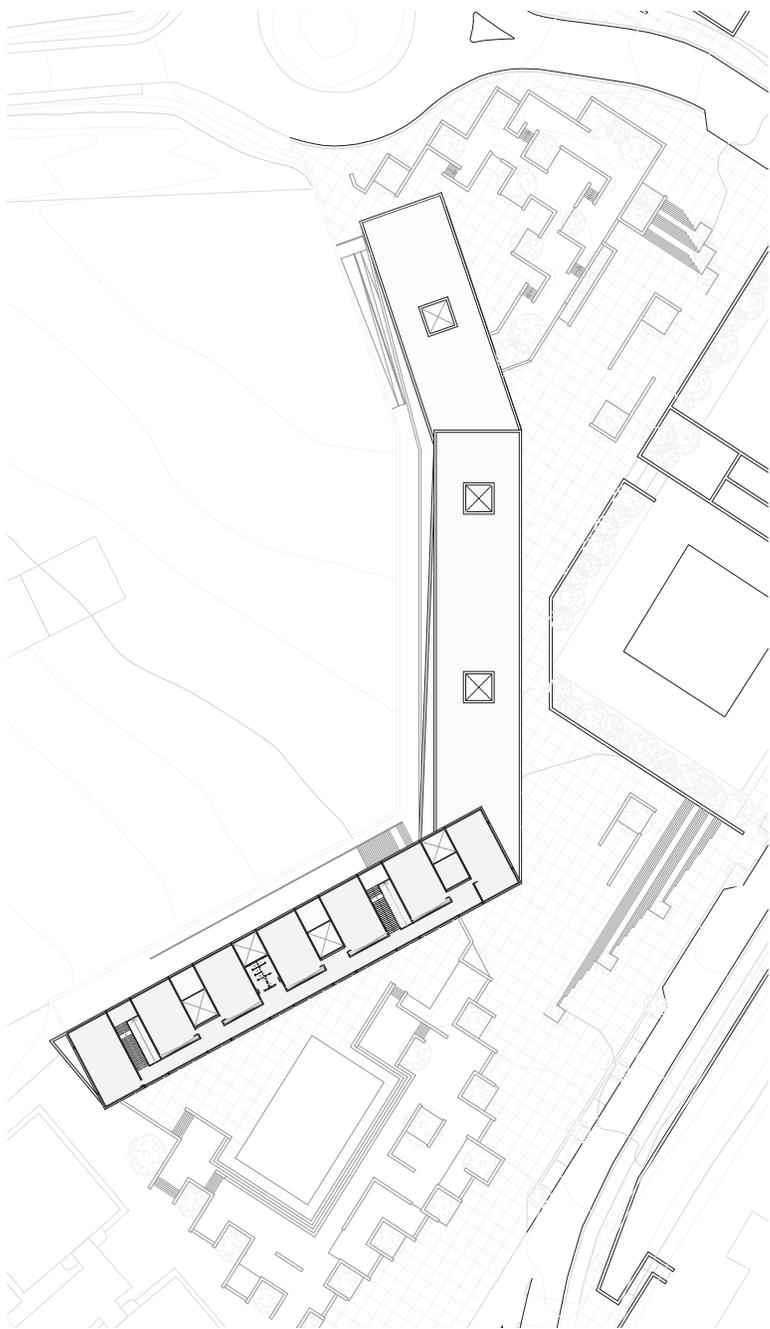
orientadas para o recreio e as salas do piso superior estão orientadas para uma vista ampla da zona do Prior Velho. A orientação solar das salas está favorável em ambos os lados. As salas do piso inferior estão orientadas ligeiramente a NO e as salas do piso superior estão ligeiramente orientadas a SE.

Na zona da escola primária encontramos 13 salas de aulas, 2 salas de Artes Plásticas e 1 sala de música. As salas desta zona têm dimensões menores em relação às do jardim de infância. As salas também estão orientadas umas para o recreio e outras para o lado do Prior Velho. As salas orientadas para o recreio tinham o problema por estarem orientadas a Sul. Surge a ideia de afastar as salas da fachada para que essas criem sombra nas salas de aula. As salas não podiam ser orientadas a Norte por estarem viradas para a fábrica de automóveis.

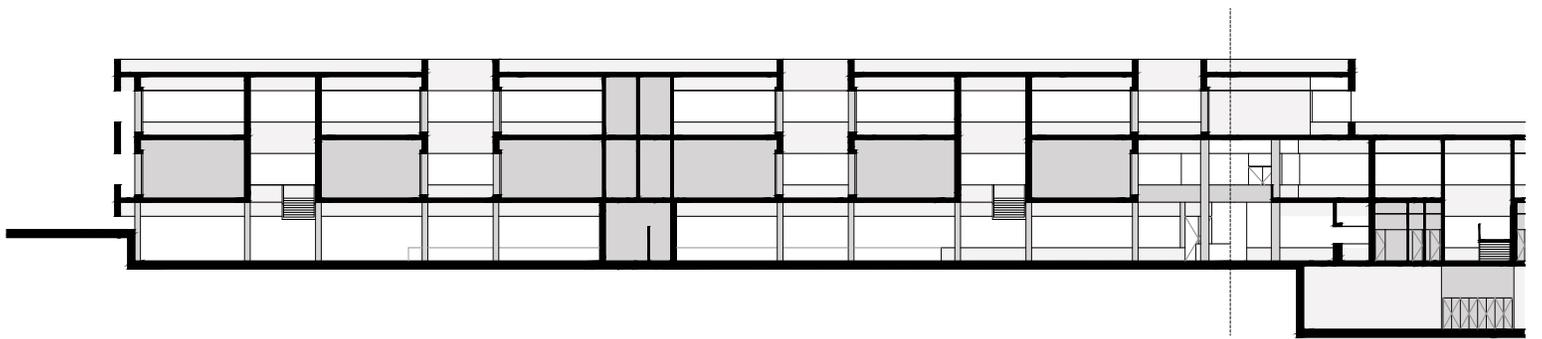
Na zona que liga a duas escolas encontramos a parte dos serviços da escola. Encontramos a biblioteca, 1 sala de apoio social, 4 vestiários para os funcionários, 1 sala de professores, 1 sala de arquivos, 1 sala do Director, 1 sala de reuniões, 1 secretaria, 1 refeitório, 1 cozinha, 2 salas de desporto e 2 balneários. Estes espaços também contém pátios interiores que os ligam entre eles. Estão ligados também por uma zona exterior que faz ligação entre os dois recreios da escola. Este acesso também serve para os serviços de restauração da escola.

Cada sala têm como ideia a serem como cubos de aprendizagem. Para caracterizar essa ideia, as salas são destacadas dos restantes espaços da escola. As salas irão ter betão pigmentado aparente para se destacar. O pavimento utilizado nas salas de aulas será vinílico para melhorar o higiene e protecção das crianças. Nas zonas de circulação será utilizado a madeira como pavimento e revestimento de algumas paredes.

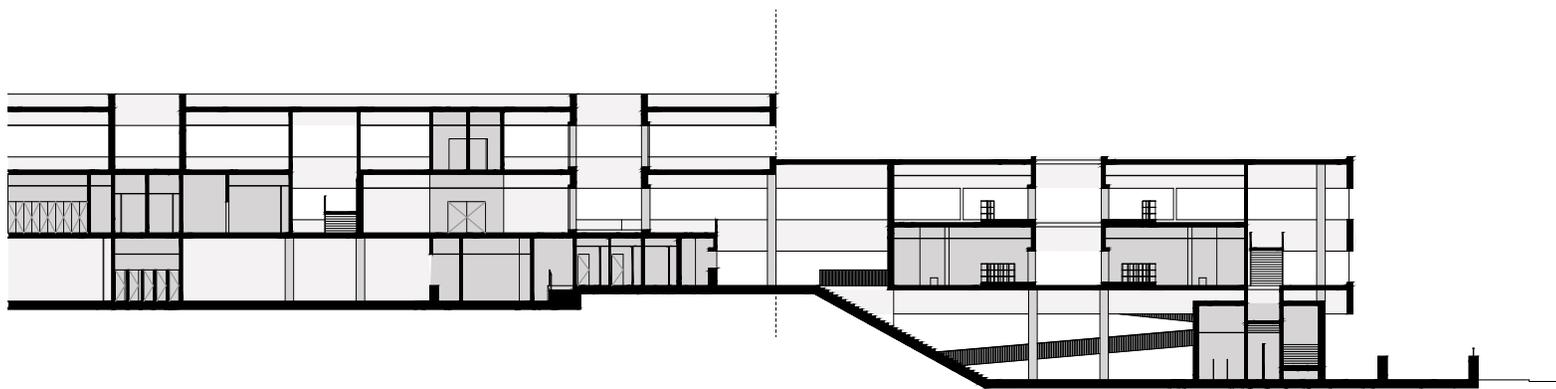
[fig. 3.42] Plantas piso 0, piso 1

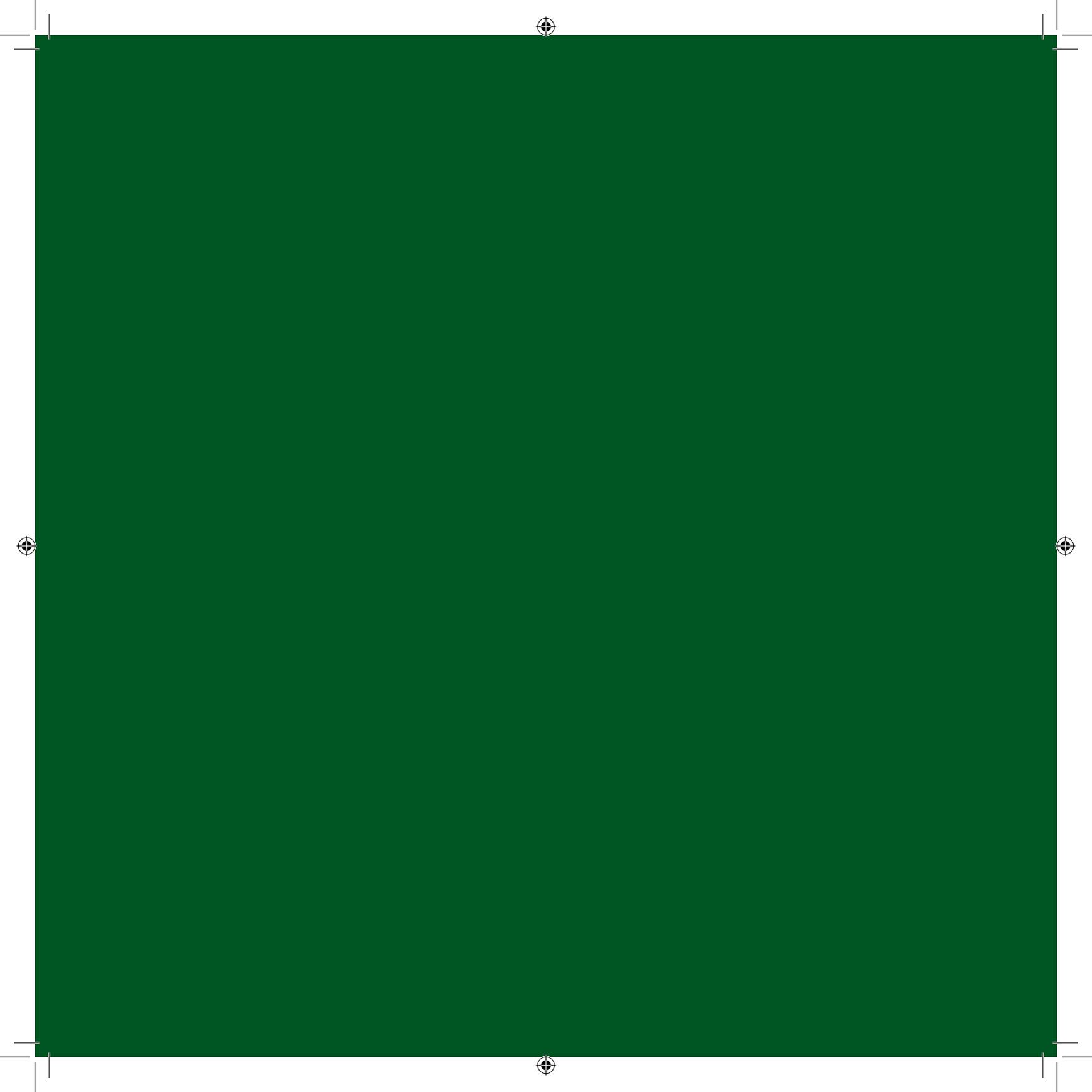


[fig. 3.42] Plantas piso 2 e cobertura



[fig. 3.43] Corte





[2] VERTENTE TEÓRICA

Co-orientador: Mafalda Teixeira de Sampaio - Professora Auxiliar do ISCTE-IUL

O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DA AVENIDA DA REPÚBLICA COM
CONSEQUÊNCIA DO METROPOLITANO DE LISBOA (1888 a 2014)



RESUMO

Na primeira metade do século XX a expansão de Lisboa é contextualizada por uma regeneração urbana resultante do aumento demográfico. Em termos urbanísticos a cidade é marcada nesta fase pelo projecto das Avenidas Novas.

Neste trabalho é mostrado como é que o desenvolvimento da Avenida da República, elemento marcante no desenho urbano das Avenidas Novas, é afectado pelo surgimento e crescimento do metropolitano. O método de estudo utilizado baseia-se na pesquisa em cartografias referentes às datas de 1908, 1950, 1970 e 2014, nas quais é perceptível a evolução do edificado ao longo da Avenida. A baliza temporal utilizada é a data de inauguração da Avenida da Liberdade em 1888 até à actualidade (2014), integrando deste modo a data da aprovação do planeamento das Avenidas Novas de Frederico Ressano Garcia em 1888 (SILVA, 1989). O estudo é complementado através de investigação no Arquivo do Arco do Cego e no Arquivo Intermédio, onde encontramos informação sobre a maioria dos edifícios construídos e demolidos na Avenida da República, desde o planeamento das Avenidas Novas.

125

A abertura de uma nova estação de metro é um factor que potencializa a oferta de novas oportunidades em sectores distintos, como por exemplo o desenvolvimento de novos espaços públicos e o surgimento de novas arquitecturas em seu redor (RODRIGUES e SAMPAYO, 2009). Deste modo, é analisado o crescimento da Avenida da República face à introdução de 3 estações de metro: Entrecampos, Campo Pequeno e Saldanha.

Através da leitura das cartografias de 1908, 1950, 1970 e 2014 para a Avenida da República é possível verificar a persistência do espaço público e as alterações na edificação correspondente a estas datas, conseqüentes da introdução e evolução da rede do metropolitano.

Os resultados desta análise vêm por fim reforçar a ideia de que a infra-estrutura “metro” condiciona e promove ao mesmo tempo o desenvolvimento do território. Com o crescimento da linha de metro a presença de novas centralidades aumenta, funcionando este como atractor de diversos usos da cidade, consoante a localização das estações. Desta forma, podemos ter locais mais adequados a serviços, a comércios, a escritórios, a habitação, entre outros.

Palavras-chave: Avenida da República, Metropolitano de Lisboa, Arquitectura, Desenho Urbano, Espaço Público



ABSTRACT

During the first half of the 20th century the expansion of the city of Lisbon is contextualised by an urban regeneration as a consequence of the demographic growth. In terms of urbanistic characterisation this phase is marked by the “AvenidasNovas” project.

Within this study it is shown how the development of “Avenida da República” boulevard, one of the striking elements in the urban design of “AvenidasNovas”, is impacted by the appearance and evolution of the Lisbon subway. The method followed is based on the analysis of cartographies of 1908, 1950, 1970 and 2014, in which is visible the buildings evolution along the boulevard. The time frame used goes from 1988 until today thereby including the plan for the “AvenidasNovas” of FredericoRessano Garcia approved in 1988 (SILVA, 1989). The present work is complemented by the results of the research carried out in “Arquivo do Arco do Cego” and in “Arquivolntermédio”, where one is able to find information of the most part of buildings of “Avenida da República” boulevard since its preliminary design.

127

The opening of a new subway station is a transformative event that has a potential impact on the development of different sectors and in the growth of the city, as the development of new public spaces and the appearance of new architectonic influences in the surroundings (RODRIGUES e SAMPAYO, 2009). In the present work it is assessed the development of “Avenida da República” boulevard owing to the construction of three subway stations: Entrecampos, Campo Pequeno e Saldanha.

When analyzing the cartographies of 1908, 1950, 1970 and 2014 of “Avenida da República” boulevard it is possible to identify the maintenance of the public spaces and the modifications in the buildings as a consequence of the introduction and development of the subway network.

Furthermore, the results of the present study reinforce the idea that the subway constrains and promotes the territory development at the same time. The subway network growth gives rise to new forms of centrality, acting as an attractor for new city usages, according to the location of subway stations. This role of the subway can define different typologies, with places suited for services, commerce, and office buildings, residential, among others.

Keywords: Avenida da República, Lisbon Subway, Architecture, Urban Design, Public Space



ÍNDICE

121 **RESUMO**

129 **2.0 INTRODUÇÃO**

1. Enquadramento
2. Questões
3. Objectivo
4. Metodologia
5. Justificação da importância do estudo e motivação
6. Contribuição científica
7. Revisão de literatura
8. Estrutura do trabalho teórico

129

141 **2.1 CONTEXTO HISTÓRICO**

1. Ressano Garcia
2. Avenida da República

153 **2.2 ANÁLISE**

- 1 Análise da rede do metropolitano de Lisboa de 1959 a 1912
- 2 Análise gráfica sobre cartografia de 1908, 1950, 1970 e 2014: **2.1** Conceitos | **2.2** Fases da evolução do tecido urbano das avenidas novas quarteirões | **2.3** Vazios urbanos e estrutura verde | **2.4** Quarteirões | **2.5** Parcelas | **2.6** Edificado | **2.7** Cércas do edificado | **2.8** Usos do edificado | **2.9** Conservação do edificado

197 **2.3 CONCLUSÃO**

201 **2.4 BIBLIOGRAFIA**

207 **2.5 ANEXOS**

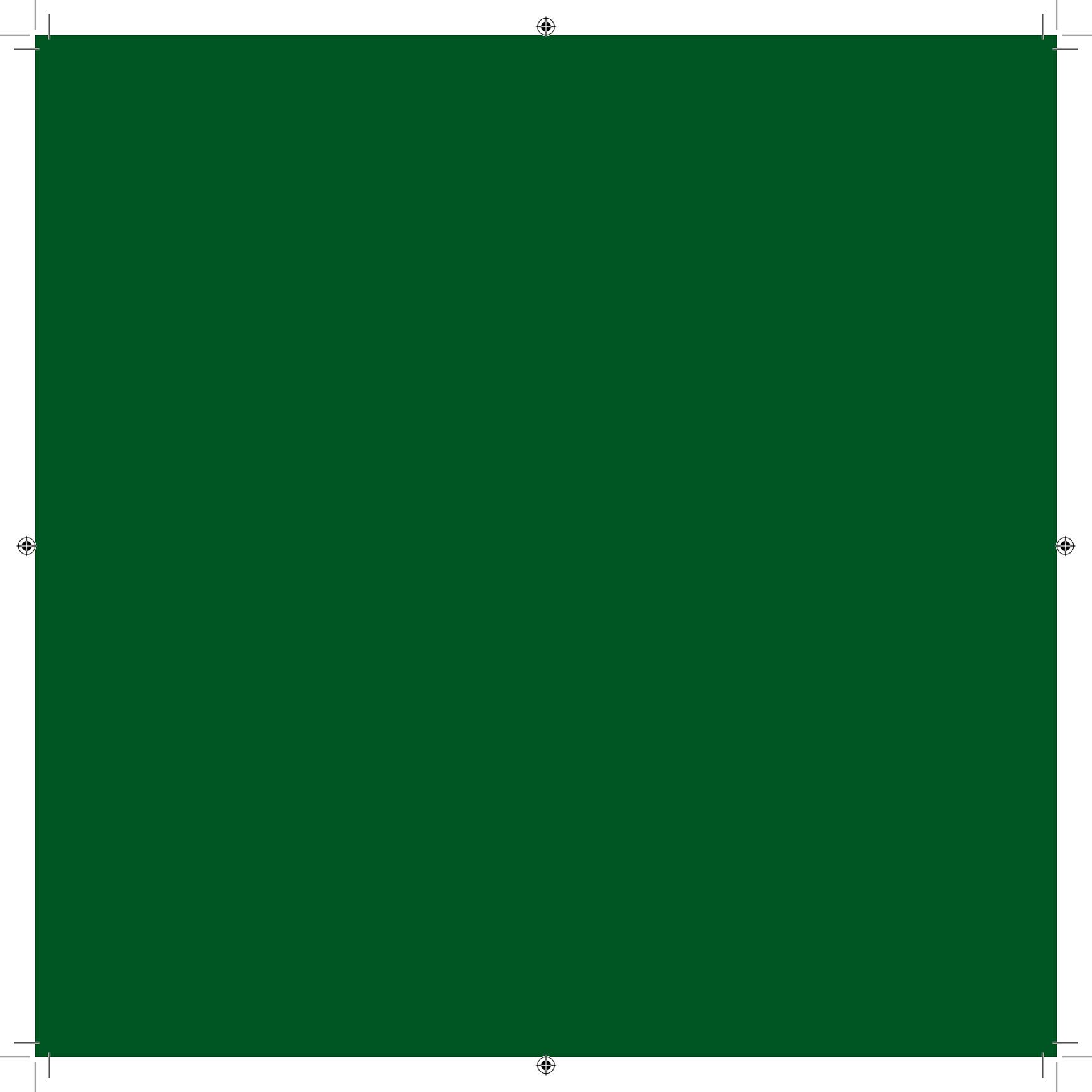
- 1 ANEXO A - Catalogação da cartografia
- 2 ANEXO B - Fichas de caracterização dos edifícios da Avenida da República

ÍNDICE DE FIGURAS

- 146 **Figura 2.1** - Ressano Garcia
fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Frederico_Ressano_Garcia#mediaviewer/File:Frederico_Ressano_Garcia.jpg (acedido em Outubro de 2014)
- Figura 2.2** - Plano da parte da Cidade Baixa 1897
fonte: Arquivo municipal de Lisboa - Arco do Cego (acedido em Out. 2014)
- Figura 2.3** - Mercado da Ribeira Nova
fonte: Arquivo municipal de Lisboa - Arco do Cego (acedido em Out. 2014)
- 148 **Figura 2.4** - Propostas de Ressano Garcia para as saídas da cidade
fonte: Os planos da Avenida da Liberdade e seu prolongamento, pp. 46
- 150 **Figura 2.5** - Plano de melhoramento da cidade de Lisboa 1903
fonte: Lisboa de Frederico Ressano Garcia 1874 - 1909
- 152 **Figura 2.6** - Plano cadastral das Avenidas Novas ,1902
fonte: Arquivo municipal de Lisboa - Arco do Cego
- Figura 2.7** - Plano de melhoramento da cidade de Lisboa ,1906
fonte: Arquivo municipal de Lisboa - Arco do Cego
- 154 **Figura 2.8** - Memória descritiva da Avenida da República
fonte: Arquivo municipal de Lisboa - Arco do Cego
- 158 **Figura 2.9** - Desenvolvimento da linha do metro
- 160 **Figura 2.10** - Betwenness com 7 estações
- Figura 2.11** - Closeness com 7 estações
- Figura 2.12** - Betwenness com 10 estações
- Figura 2.13** - Closeness com 10 estações
- 162 **Figura 2.14** - Cartografia original
fonte: Arquivo municipal de Lisboa - Arco do Cego
- 166 **Figura 2.15** - Evolução do tecido urbano
- 168 **Figura 2.16** - Zona de entrecampos antes da introdução do metropolitano, 1950
fonte: Arquivo municipal de Lisboa - Arquivo fotográfico

- Figura 2.17** - Obras de introdução do metropolitano na zona de entrecampos, 1957
fonte: Arquivo municipal de Lisboa - Arquivo fotográfico
- Figura 2.18** - Obras de alteração dos passeios da avenida, 1967
fonte: Arquivo municipal de Lisboa - Arquivo fotográfico
- Figura 2.19** - Obras de introdução do metropolitano junto à Avenida de Berna, 1957
fonte: Arquivo municipal de Lisboa - Arquivo fotográfico
- 170 **Figura 2.20** - Evolução da estrutura verde das Avenidas Novas
- 173 **Figura 2.21** - Percentagem de ocupação dos lotes
- 174 **Figura 2.22** - Fases de evolução do tecido urbano
- 178 **Figura 2.23** - Loteamento da Avenida da República em 1904
- 180 **Figura 2.24** - Evolução das parcelas
- 182 **Figura 2.25** - Arquitectos e construtores dos edifícios da Avenida da República nas 3 fases de construção
- 184 **Figura 2.26** - Anos de construção dos edifícios
- 187 **Figura 2.27** - Cérceas do edificado nas 3 fases de construção
- 188 **Figura 2.28** - Evolução das cérceas
- 190 **Figura 2.29** - Montagem de alçados de 1939 do lado esquerdo da Avenida da República
- Figura 2.30** - Montagem de alçados de 1939 do lado direito da Avenida da República
- Figura 2.31** - Esquema com sobreposição dos edifícios de 1939 e dos edifícios actuais do lado esquerdo da avenida
- Figura 2.32** - Esquema com sobreposição dos edifícios de 1939 e dos edifícios actuais do lado direito da avenida
- 192 **Figura 2.33** - Usos do edificado
- 194 **Figura 2.34** - Usos do edificado em 2014
- 198 **Figura 2.35** - Estado de conservação do edificado em 2014

Nota: consideram-se de autoria própria todas as fontes não identificadas



[2·0] INTRODUÇÃO

“A cidade é a invenção mais complexa do homem, mas também a sua obra mais incompleta”

REIS, 1989, p.11





1. Enquadramento

Partindo do pressuposto que a infra-estrutura metro impulsiona transformações no tecido urbano da cidade escolhemos como estudo de caso a Avenida da República em Lisboa e três estações de metro que servem este eixo estruturante da cidade. O propósito é examinar as mutações nesta avenida, nomeadamente a nível do edificado, ao longo do tempo, tendo como referência os períodos cruciais do desenvolvimento do metropolitano de Lisboa.

A hipótese de trabalho assenta no pressuposto que a introdução da estrutura metro numa dada área urbana introduz alterações no seu desenvolvimento. Sempre que o metropolitano sofre alterações na rede estas têm implicações na cidade à superfície.

A evolução dos meios de transporte é em parte responsável pelo desenvolvimento e revitalização de uma cidade. A rede de metro possibilita o encurtamento das distâncias geográficas, económicas e sociais. Como consequência da redução destas distâncias teremos custos mais baixos nos deslocamentos e um maior acesso da população a todo o espaço urbano. Todavia, esta condição reverte para uma densificação urbana das áreas mais centrais.

A infra-estrutura “metro” condiciona e promove ao mesmo tempo o desenvolvimento do território. Esta faz parte de um processo de renovação urbana. Com o crescimento da linha de metro a presença de novas centralidades aumenta, funcionando este como atractor de diversos usos da cidade, consoante a localização das estações. Desta forma, podemos ter locais mais adequados a serviços, a comércio, a escritórios, a habitação, entre outros.

Para o estudo de caso da influência do metro no crescimento da Avenida da República em Lisboa teve-se em consideração quatro datas determinantes (1908, 1950, 1970 e 2014) no desenvolvimento da avenida.

A investigação procura cruzar as quatro datas acima referidas com o surgimento do metro e desenvolvimento do mesmo. No ano de abertura do metro (1959) as estações Entrecampos, Campo Pequeno e Saldanha abrem na Avenida da República introduzindo alterações nos diversos usos desta avenida e impulsionando o crescimento da mesma. Com o desenvolvimento da linha de metro a importância destas estações irá sofrer variações com implicações na identidade da avenida que se traduzem principalmente na modificação da frente do edificado da mesma.



2. Questões

As principais questões existentes para a iniciação deste estudo são as seguintes:

1. Como é que os transportes, nomeadamente o metropolitano podem condicionar e alterar o crescimento e desenho urbano da cidade e interferir nos factores sociais e económicos desta?
2. Como é que o metropolitano afecta o tecido urbano, ligando (ou, eventualmente, desconectando) áreas da cidade?
3. Quais são os edifícios que permanecem desde o início da construção na Avenida da República?
4. Quais os principais arquitectos que contribuíram na construção de edifícios na Avenida da República?
5. Quais as principais razões que existiram para as inúmeras demolições do edificado da Avenida da República ao longo do tempo?
6. Terá o Metropolitano de Lisboa sido o principal motivo da evolução do edificado da Avenida da República?

3. Objectivos

O objectivo principal desta investigação é estudar as alterações na Avenida da República ao longo do tempo tendo como referência os períodos cruciais do desenvolvimento do metropolitano de Lisboa.

Os objectivos secundários para o estudo da Avenida da República são:

- i) Identificar os edifícios que permanecem desde o início da sua construção;
- ii) Avaliar a influência da implantação e desenvolvimento do metropolitano de Lisboa;
- iii) Identificar a que se devem as diversas demolições do edificado de 1959 a 2014.

4. Metodologia

O método de estudo utilizado baseia-se em: i) Pesquisa em arquivo; ii) Construção de Fichas; iii) Análise gráfica sobre cartografia e iv) Interpretação de dados.

Na pesquisa nos arquivo (Arquivo do Arco do Cego, Arquivo Fotográfico e Arquivo Intermédio da Câmara Municipal de Lisboa) foram identificadas cartas de várias datas. Confrontando-as justifica-se a evolução do edificado ao longo dos anos.

Assim, para o estudo de caso da influência do metro no crescimento da Avenida da República em Lisboa teve-se em consideração quatro cartas de datas distintas (1908, 1950, 1970 e 2014). A informação recolhida nestas quatro cartas foi cruzada com o restante material seleccionado para a construção deste trabalho (processos dos edifícios, fotografias antigas dos edifícios e fotografias actuais dos edifícios).

No Arquivo Intérmedio do CML foram consultados os processos referentes a cada edifício da Avenida da República. Esta consulta permitiu averiguar as datas de construção dos edifícios assim como obter a designação dos projectistas.

Para uma leitura sintética sobre o edificado da Avenida da República, elaboraram-se 122 fichas de caracterização para cada edifício da avenida. As fichas contém: i) imagens do edificado pré-existente e existente; ii) as datas dos edifícios construídos e reconstruídos iii) as utilizações funcionais dos edifícios; iv) o número de pisos e v) o autor do projecto.

A análise gráfica foi realizada sobre a cartografia através da utilização de vários sistemas de software – CAD e GIS. Estes dois software ajudaram a completar a visão do desenvolvimento do edificado da Avenida da República ao longo dos anos. O CAD e o GIS permitem análises complementares. Este último é fundamental como ferramenta de trabalho pois facilita na análise quantitativa de dados espaciais.

Relativamente à interpretação de dados usou-se os resultados obtidos através dos softwares de GIS e VISIONE. O GIS para informações quantitativas relativas às cartas e o VISIONE para a tradução matemática dos conceitos aplicados à análise da rede do metropolitano de Lisboa.

Com base neste processo efectuou-se uma confrontação entre todos os dados adquiridos sobre a evolução da Avenida da República e do metropolitano de Lisboa.

5. Justificação da importância do estudo e motivação

A importância deste estudo justifica-se no esclarecimento do crescimento da Avenida da República. Pretende-se evidenciar o motivo da diversidade do edificado na Avenida da República ao longo dos anos.

O planeamento da Avenida da República foi baseado unicamente no desenvolvimento da cidade de Lisboa. Esse pensamento foi tão importante que com o seu crescimento, a avenida continuou a desenvolver-se baseada no progresso e não no património edificado ao longo dos tempos. Este acontecimento leva a ques-

tionarmo-nos sobre o que realmente é importante, o progresso ou o património? Que alternativas existem ou poderão existir para que estes funcionem juntos?

Este estudo pode ser um exemplo de investigação sobre as influências que o metropolitano tem nas nossas cidades. O metropolitano pode ser um elemento destruidor de história como um elemento fundamental no crescimento arquitectónico dos edifícios que o rodeiam.

Existem mais estudos realizados para a Avenida da Liberdade do que para a Avenida da República. Como já foi referido anteriormente a investigação de Sampayo e Rodrigues comprova quais são as centralidades existentes na rede do metropolitano ao longo dos anos. Existem apenas duas centralidades até agora, a estação do Marquês e a estação do Saldanha. Como tal consideramos que o estudo realizado para esta dissertação ficaria completo com uma análise à Avenida da Liberdade, que contemplasse os mesmos critérios de investigação realizados para a Avenida da República.

6. Contribuição científica

Este trabalho é um contributo para a demonstração da história do desenvolvimento das Avenidas Novas de Lisboa, cruzada com a análise do desenvolvimento do metro.

Durante o período de elaboração deste trabalho publicaram-se diversos artigos que sintetizam as várias fases de desenvolvimento do mesmo. Estes artigos resultam de apresentações do trabalho num âmbito académico. Tanto estas apresentações como os seus artigos devem ser encaradas como uma contribuição científica para os investigadores desta área. A investigação foi apresentada no "21st International Seminar on Urban Form" no Porto, e no 3º Seminário Internacional da AEAULP em Lisboa. (

7. Revisão de literatura

No processo de análise da cidade de Lisboa, nomeadamente, no que diz respeito às avenidas novas e à Avenida da República encontramos diferentes contributos metodológicos para o processo de entendimento deste tecido urbano. Estes contributos seguem abordagens distintas na análise deste estudo. Estas abordagens fundamentam-se na história urbana, no desenho urbano e nas infra-estruturas/análise de redes. Salientamos em seguida três grupos de autores, enquadrados nos temas que analisamos, pelos seus contributos metodológicos na análise do tema desta investigação (Figura 1).



Para este estudo contribuíram, primeiramente, os investigadores que abordam as avenidas novas e em particular a Avenida da República, através duma análise **histórica urbana** (DÁ MESQUITA, 2006; DÁ MESQUITA e SERRANO, 2007; MORAIS e ROSETA, 2005; SILVA, 2008, 2006, 2001, 1998, 1984; ROLLO, 2005). O segundo conjunto de autores procura averiguar a importância do **desenho urbano** na construção das cidades (KOSTOF, 2006, 2002; KRIER, 1999; SAMPAYO, 2012, 2003). O terceiro grupo de investigadores procura entender a cidade através do estudo das **infra-estruturas e das análises de redes** nomeadamente o metro nas transformações do desenho urbano (RODRIGUES e SAMPAYO, 2009; DERRIBLE e KENNEDY, 2009; DERRIBLE, 2012).

Dá Mesquita e Serrano (2007) fazem, através da análise da revista “Construção Moderna”, uma abordagem a vários temas presentes na evolução do planeamento da cidade, no início do século XX, que se tornam indispensáveis a este estudo. Salientam que, neste período, o domínio da cidade escapa ao planeamento, uma vez que o poder de decisão depende dos proprietários dos terrenos. Desta forma, descrevem que a intervenção urbanística na cidade do início do século XX é regulada por “soluções espaciais cujo o valor técnico e estratégico se sobrepõe à construção de uma imagem da cidade definida aprioristicamente” (DÁ MESQUITA e SERRANO, 2007, p. 69).

Silva apresenta as avenidas novas como “uma imagem eficaz do desenvolvimento da capital em finais do século XIX” (SILVA, 2006, p.127) referenciada à época industrial. Segundo esta autora, o boulevard parisiense, idealizado por Georges-Eugène Haussmann (1809-1891), foi a principal referência para a ligação do Campo Grande ao antigo Passeio Público. Todavia, a autora afirma que a “qualidade do projecto urbanístico não teve correspondente na resolução arquitectónica” (SILVA, 2006, p. 127). Este facto está ainda hoje visível na construção do edificado ao longo da Avenida da República.

Silva (2006) faz uma breve exposição do contexto histórico e expõe as principais causas que impulsionaram o crescimento de Lisboa no início do século XX. Compara as cidade de Paris e Barcelona, por serem planeadas de forma radical, numa grande escala onde se encontram presentes as questões da ventilação e iluminação. Questões estas consideradas importantes para Ressano Garcia (1847-1911) na época do planeamento das avenidas novas. Silva expõe também uma breve referência ao loteamento do plano em que os engenheiros ponderam espaços vazios para a possível existência de espaços verdes no interior dos quarteirões, e possíveis jardins laterais ao edificado. Analogamente a outros autores referenciados por nós ao longo deste estudo, Silva apresenta aprofundadamente as questões do edificado ao longo das avenidas novas e manifesta a introdução



dos novos conceitos higienistas do final do século XIX e início do século XX.

Morais e Roseta (2005) analisam as avenidas novas através das várias propostas para a Avenida da Liberdade disponibilizando cartografia variada. Algumas das cartas publicadas por estes autores eram desconhecidas até ao momento e são de extrema utilidade nos estudos das avenidas novas. Os autores defendem que na Avenida da República a engenharia do trânsito sobrepõem-se ao “lugar urbano” (MORAIS e ROSETA, 2005, p.14) e argumentam que o “objectivo do projecto urbano ultrapassa a resolução da circulação, a divisão de lotes, a colocação de infra-estruturas e a determinação de cedências: o plano tem de ter um enredo, um sentido para quem o habita.” (Morais e Roseta, 2005, p.15). Partilhamos da mesma opinião e reforçamos que o plano das avenidas novas não atingiu o objectivo do projecto urbano na medida em que descorou a regra dos alçados em prol do projecto do “chão”.

Kostof (2006) defende que as grelhas urbanas representam um sistema igualitário de distribuição da terra expressa no contexto das democracias modernas. É este sistema que está presente na base do plano das avenidas. O autor argumenta que o desenho urbano de planeamento rectilíneo coloca diferentes problemas no traçado das grelhas, nomeadamente, no desenho dos limites exteriores, na introdução de espaços abertos e até na dimensão e forma dos quarteirões como iremos ver na configuração da malha urbana das avenidas. A valorização do plano de Ressano Garcia está na permanência dos principais espaços abertos (as grandes avenidas) e na flexibilidade da grelha que pode permitir a introdução de vazios sem desvirtuar o conceito do plano como refere Kostof (1992, p. 130): “Where within the urban form public places are deployed is an often a matter of accident as it is of forethought.

The persistence of open space is one factor. A large public monument of one period with an open usable space may become a public square in another period, regardless of the shifts in the urban fabric during the interim.”

O maior interesse do trabalho de Krier (1999) para este estudo prende-se com a definição de conceitos, no âmbito da forma urbana. As propostas e teorias de desenho urbano de Krier mostram tecidos urbanos em consonância com a tradição cultural europeia. Para este autor a qualidade do espaço urbano depende das geometrias dos planos. Nesse sentido, o plano das avenidas novas presenteou a cidade de Lisboa com uma dimensão urbanisticamente moderna.

Sampayo (2003, 2012a, 2012b, 2014) analisa a forma urbana relativamente ao espaço público, mostrado



que a “lei da permanência do plano” (“plan permanence law”) anunciada por Lavedan (1859-1940) é verificada em diversas situações urbanas ao longo da história. O plano das avenidas novas é mais um exemplo da regra ditada por Lavedan.

A investigação de Derrible e Kennedy (2009) centra-se nos sistemas de topologias do metro, considerando o projecto da rede como um todo. Para tal, incorporaram alguns conceitos da teoria de grafos através do uso de características como o número de linhas, estações e transferências entre outras especificidades.

O estudo do metro, através da análise de redes, nas transformações do desenho urbano, é um dos temas de trabalho de Derrible (2012). O seu artigo “Network Centrality of Metro Systems” analisa um dos aspectos fundamentais no que diz respeito ao trânsito - a centralidade da rede. Nesta investigação o autor aplica a noção de “betweenness” a 28 sistemas de metro de todo o mundo no sentido de perceber as tendências globais na evolução da centralidade com o tamanho da rede e examinar vários sistemas individuais em mais detalhes. Este trabalho analisa conceitos como o de “betweenness” que justificam ser revistos no entendimento da nossa investigação.

Rodrigues e Sampayo (2009) analisam o conceito de centralidade, assim como, o papel de cada estação de metro na globalidade da rede do metropolitano de Lisboa de 1959 a 2009, através da noção de *Closeness and Betweenness* na rede. Para a concretização desta análise desenham as redes dos vários estágios de expansão do metro e medem as propriedades consideradas de interesse no estudo da forma urbana. O nosso estudo aplica uma metodologia idêntica para a análise do desenvolvimento do metro até 2012.

8. Estrutura do trabalho teórico

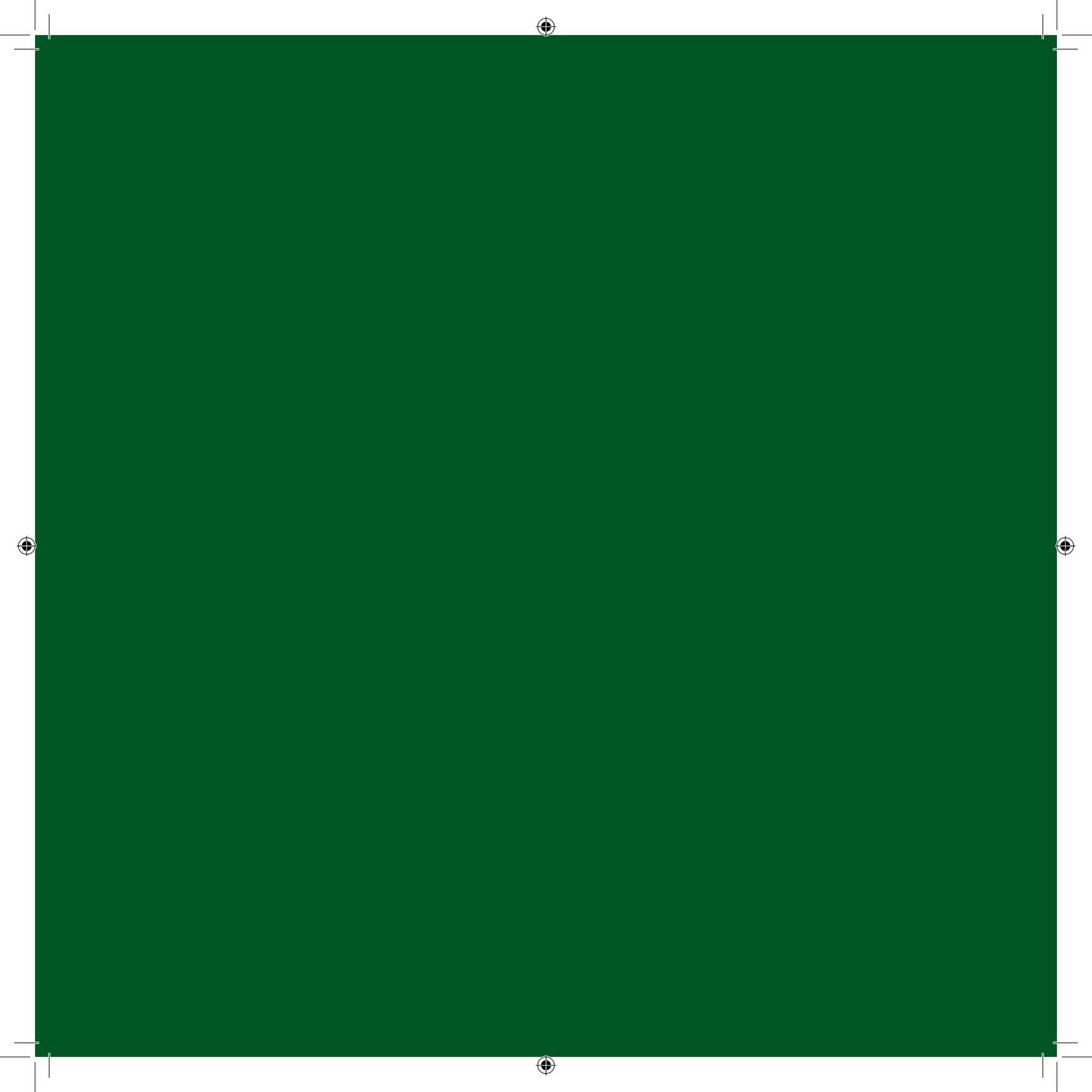
O trabalho é estruturado em dois capítulos. O primeiro capítulo contextualiza historicamente o plano das Avenidas Novas em Lisboa. Neste capítulo é feita uma breve biografia de Ressano Garcia realçando o seu contributo para o planeamento de Lisboa do final do século XIX. É apresentado o Plano de Melhoramento da Cidade e fundamentados os seus ideais. É feita a leitura aprofundada sobre o plano das Avenidas Novas de Lisboa, contextualizando-o na história da cidade e apresentando-o através de cartografia antiga e esboços feitos pelo autor. Neste capítulo introduzimos ainda um olhar focalizado na Avenida da República.

O segundo capítulo apresenta a análise da leitura da forma urbana à Avenida da República face à pre-



sença do metropolitano e apresenta as interpretações através de esquema gráficos. Este capítulo apresenta as várias fase de desenvolvimento de pesquisa, análise e comparações feitas para o desenvolvimento do trabalho. Contém a análise feita sobre a comparação da cartografia antiga de Lisboa, a análise retirada dos processos dos edifícios preexistente e existentes na Avenida da República e fotografias antigas dos mesmos. Introduce o assunto do impacto do metropolitano de Lisboa na Avenida da República com material de análise.

No final é apresentada uma conclusão sobre o trabalho realizado propondo várias possibilidades de continuação do tema em estudo.



[2·1]

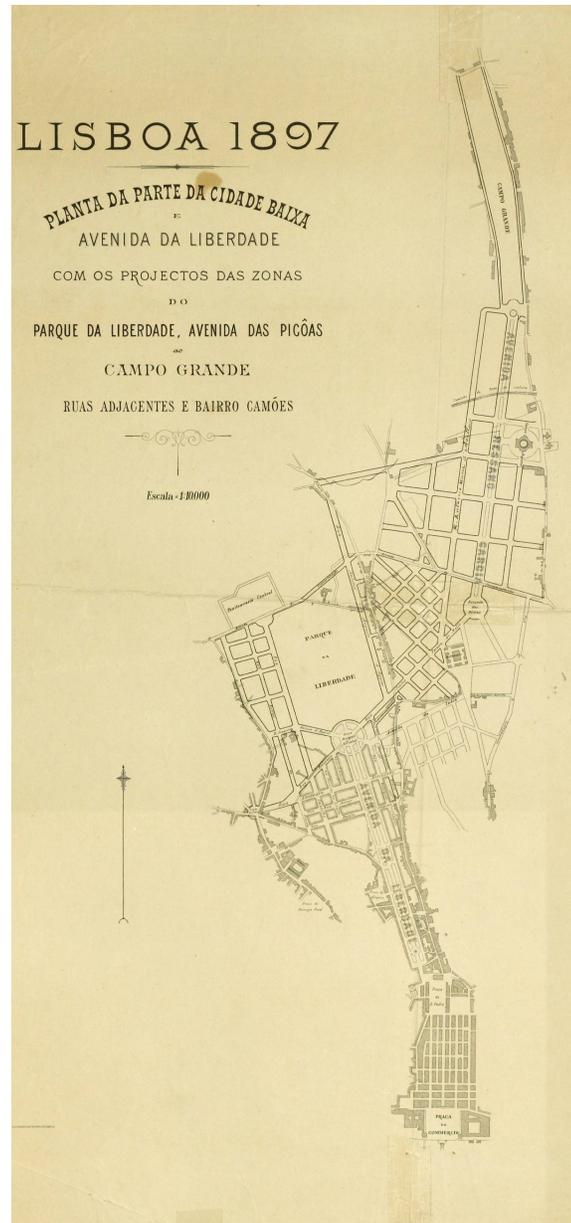
CONTEXTO HISTÓRICO



[fig. 2.1] Ressano Garcia

[fig. 2.2] Plano da parte da Cidade Baixa 1897

[fig. 2.3] Mercado da Ribeira Nova





1. Ressano Garcia

Frederico Ressano Garcia nasce no dia 12 de Novembro de 1847 em Lisboa. Estuda engenharia durante 4 anos na Escola Politécnica de Lisboa (1861 - 1865). Frequenta durante 3 anos a “École Impériale des Ponts et Chaussées” de Paris (1866- 1869). Não só obtém um estudo actualizado do que se planeava nesta época como também presencia o momento de transformação urbana da cidade de Paris planeada por Haussmann durante as décadas de 1850 e 1860.

Instala-se a guerra civil francesa e Ressano Garcia decide voltar para Portugal. Em 1870, regressa a Lisboa para trabalhar como professor de geometria descritiva, estereotomia e topografia no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa. Em 1873 aceita trabalhar durante um ano como engenheiro na Câmara de Belém (SILVA, 1989).

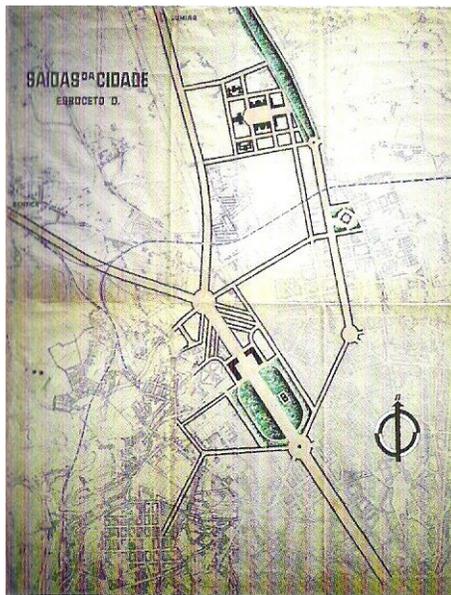
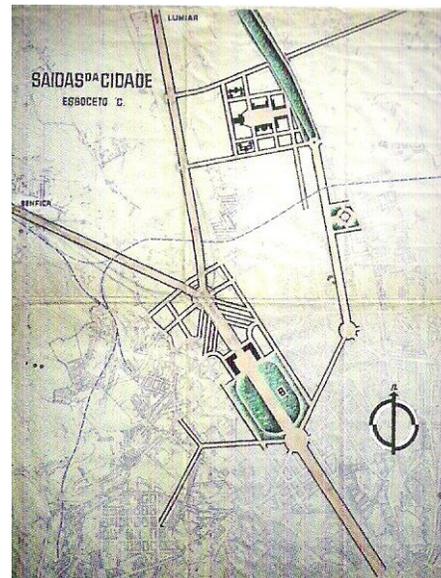
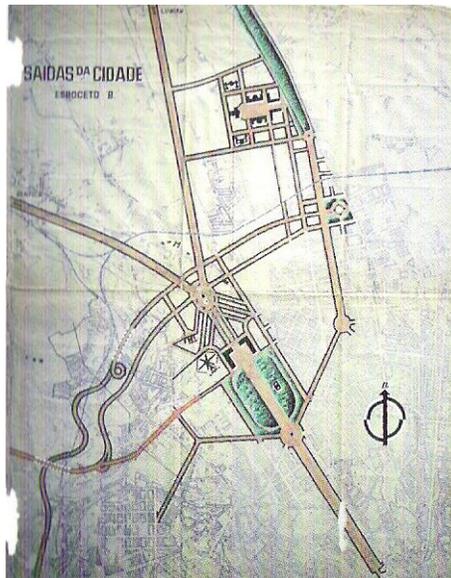
Lisboa nesta época não reunia as melhores condições de habitabilidade. Era uma cidade com inúmeras doenças como cólera e a febre amarela. Não existiam redes de esgotos, as habitações tinham insuficiências de iluminação, ventilação e saneamento e as margens do rio Tejo estavam completamente poluídas. É então proposto o Plano Geral de Melhoramento da Capital a cargo do Ministério das Obras Públicas, da Câmara Municipal e do Conselho de Saúde Pública. Surge a necessidade de intervir na cidade com novas ideias, incluindo ideias de higienização, distribuição de energia, meios de transportes e comunicações (SILVA, 1989).

Depois da morte do Engenheiro P. J. Pezerat (1856-1872), abre uma vaga para o cargo de engenheiro da Câmara de Lisboa em 1874. É feito um concurso para a escolha do novo engenheiro e José Victorino Damásio é escolhido para fazer parte do júri. 4 candidaturas corresponderam ao exigido. Dessas quatro candidaturas foram seleccionada duas: a de Ressano Garcia e de Caetano da Câmara Manuel. Ressano Garcia é escolhido pelo júri com a maioria dos votos (SILVA, 1989).

Depois da sua selecção como engenheiro da Câmara de Lisboa Ressano Garcia elabora propostas de projectos para o melhoramento da cidade de Lisboa. Reorganiza simultaneamente também “o regulamento e reestruturação do quadro de pessoal técnico” (CORREIA, 2011).

Em 1876, Ressano Garcia integra a comissão encarregada pelo Plano Geral de Melhoramentos finalmente aprovado em 1904. Apesar de grandes protestos contra Ressano Garcia e sua equipa em relação à falta de financiamento económico para o desenvolvimento do plano, este implementou-se. Os principais projectos elaborados por Ressano Garcia pertencentes ao Plano de Melhoramento da Cidade são: i) o Mercado da Ribeira Nova (Fig. 2.3), inaugurado em 1881; ii) o plano de esgotos da capital, apresentado em 1884; iii) o plano da Avenida da Liberdade, inaugurada em 1889; iv) a praça do Marquês de Pombal, onde incidem grandes avenidas que fazem ligação com zonas periféricas da cidade; v) o parque da Liberdade; vi)





[fig. 2.4] Propostas de Ressano Garcia para as saídas da cidade



o plano das Avenidas Novas, destinado à construção de residências. (CORREIA, 2011)

Os assuntos sobre “expropriação de terrenos e construções, demolições, imposições de novas regras de construção, estímulos à construção de habitações, controlo de preços de arrendamentos e de venda, constituição de entidades empresariais (...)” passam a ser discutidos com grande importância pelos políticos. (CORREIA, 2011, s/p)

Ressano Garcia não se mostra indiferente aos assuntos políticos. Integra o partido Progressista em 1897 no qual é eleito deputado. A sua carreira política foi bem sucedida como ministro da marinha e do ultramar em 1889, e ministro da fazenda em 1897. A sua importância política reflectiu-se também na sua participação como redactor no jornal “O Progresso” e no “Diário Popular”. Simultaneamente Ressano Garcia lecciona na Escola do Exército. É-lhe atribuído o cargo de Director efectivo da Companhia das Águas de Lisboa em 1900 e participa na Comissão Geral de Portugal na Exposição Universal de Paris no mesmo ano (CORREIA, 2011).

Em 1907 Ressano Garcia é demitido do seu cargo de director-geral do Serviço Geral de Obras, mas mantém-se como engenheiro da Câmara de Lisboa por mais 2 anos (CORREIA, 2011).

Morre no dia 27 de Agosto de 1911. Em 1929 a Câmara Municipal de Lisboa decide homenagear Ressano Garcia pela sua grande contribuição no desenvolvimento da cidade de Lisboa. Essa homenagem é feita através da atribuição do seu nome a uma das mais importantes avenidas da cidade de Lisboa, a Avenida Ressano Garcia, actualmente designada por Avenida da República (CORREIA, 2011).



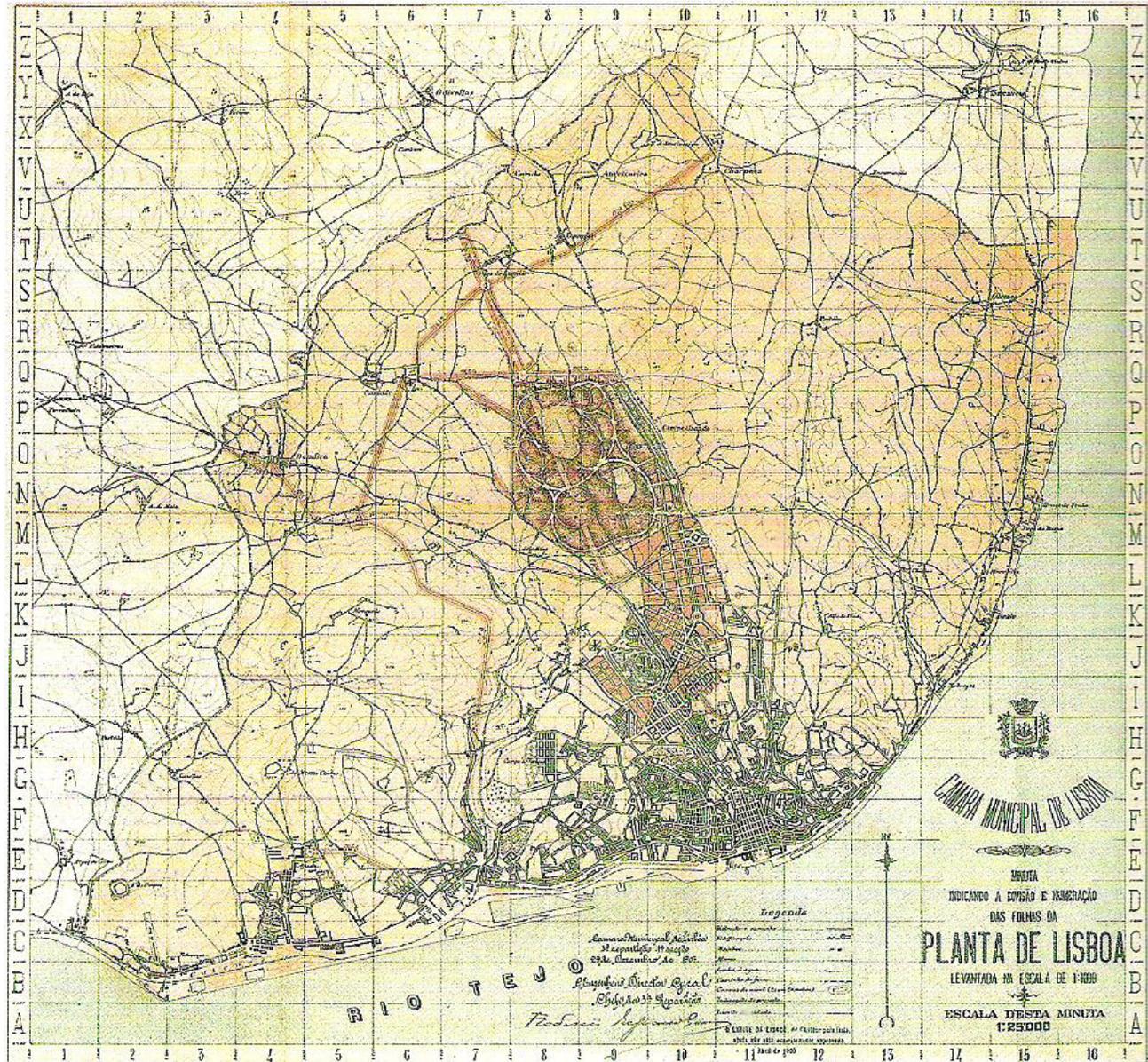


Fig. 2.5 | Plano de melhoramento da cidade de Lisboa 1903



2. AVENIDA DA REPÚBLICA

Lisboa como capital europeia e capital de um império colonial teve necessidade de se desenvolver e criar uma imagem moderna, que se adequasse ao papel a que correspondia. Todavia, o crescimento de Lisboa no século XIX é tardio face a outras capitais europeias.

A ideia de planeamento e modernização da cidade de Lisboa ganha forma nos últimos 30 anos do século XIX. O engenheiro Pierre-Joseph Pezerat apresenta um plano para esse melhoramento em 1858. Nesse ano é proposto um plano de esgotos e abastecimento domiciliário de água, mas por falta de rendimentos os planos não foram bem sucedidos.

Em 1864 é criado o Ministério de Obras Públicas para estudo de um novo “Plano Geral dos Melhoramentos da Capital”. Este acaba por não ser desenvolvido pelo ministério, mas sim pela Câmara Municipal de Lisboa alguns anos depois (SILVA, 2006).

O Plano Geral de Melhoramento da Capital acaba por ser elaborado por Pézerat, em 1865, num estudo intitulado “Mémoires sur les Études d’Amélioration et Embellissement de Lisbonne” (PAIXÃO, 2007, p. 107). Neste trabalho Pézerat aplica em Lisboa um plano idêntico ao realizado por Haussmann em Paris (PAIXÃO, 2007).

Neste estudo Pézerat apresenta um plano de rede de esgotos e de abastecimento de água, tendo como objectivo “a renovação do tecido urbano da cidade e a melhoria das infraestruturas existentes” (PAIXÃO, 2007, p. 107). No entanto, as propostas apresentadas por Pézerat acabariam por ser rejeitadas pela Câmara Municipal de Lisboa que as classificou de irrealizáveis face às dificuldades económicas da altura (PAIXÃO, 2007).

Com a necessidade de crescimento, era inevitável um traçado de novos planos urbanos para a cidade de Lisboa. Neste sentido foi pedido ao chefe da Repartição Técnica da Câmara de Lisboa, Frederico Ressano Garcia, que efectuasse o planeamento de expansão da cidade. Este planeamento tinha como objectivo articular vários planos da cidade entre si para que a ligação da cidade ao rio fosse fluida e rápida (Fig. 2.5).

Em 1888, é iniciada a expansão da cidade de Lisboa através dos planos de Ressano Garcia com todas as ideias herdadas de Paris. Através da ideia de crescimento, o principal interesse deste desenvolvimento seria investir no imobiliário e em zonas residenciais. O plano das avenidas novas é aprovado em 1889 e finalizado em meados dos anos 40 (LAMAS, 1993).

Este plano das Avenidas Novas é definido pela topografia e pela ideia de um novo bairro (LAMAS, 1993). Para Ressano Garcia as ruas estreitas da cidade antiga de Lisboa e o interior dos quarteirões eram pouco ventilados e iluminados. Assim o seu novo plano constrói-se por oposição à cidade antiga.



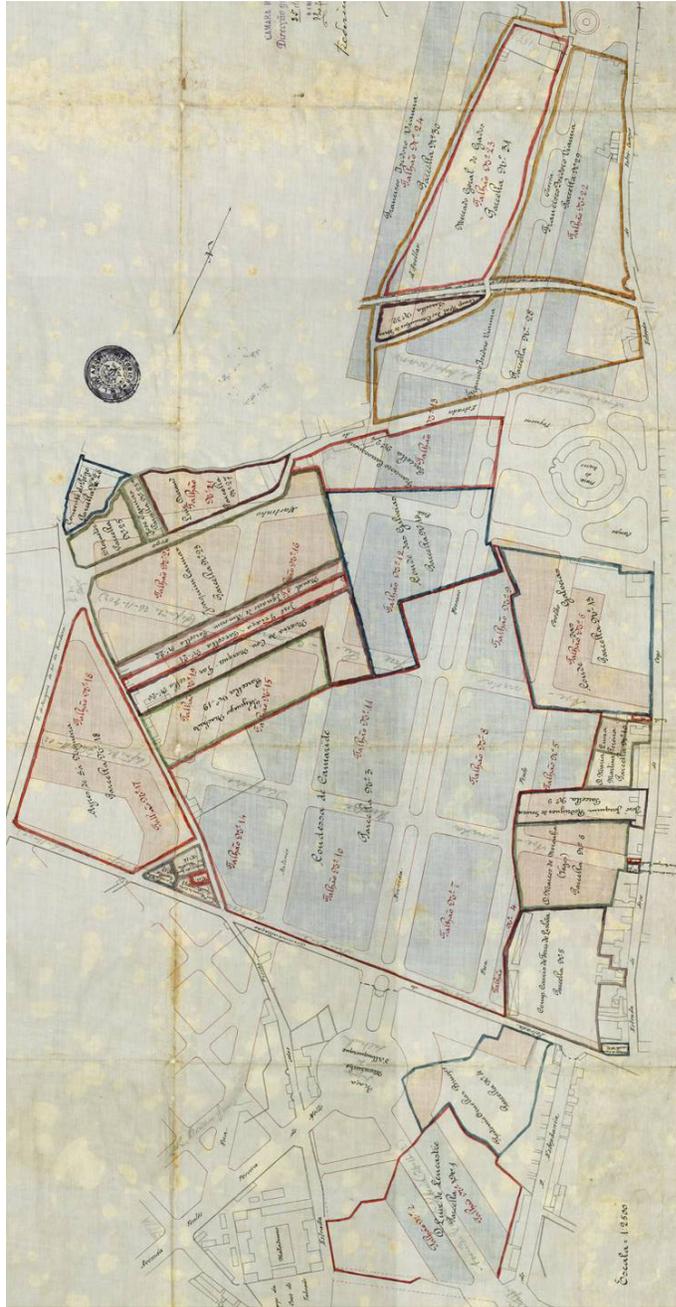


fig. 2.6 | Plano cadastral das Avenidas Novas, 1902

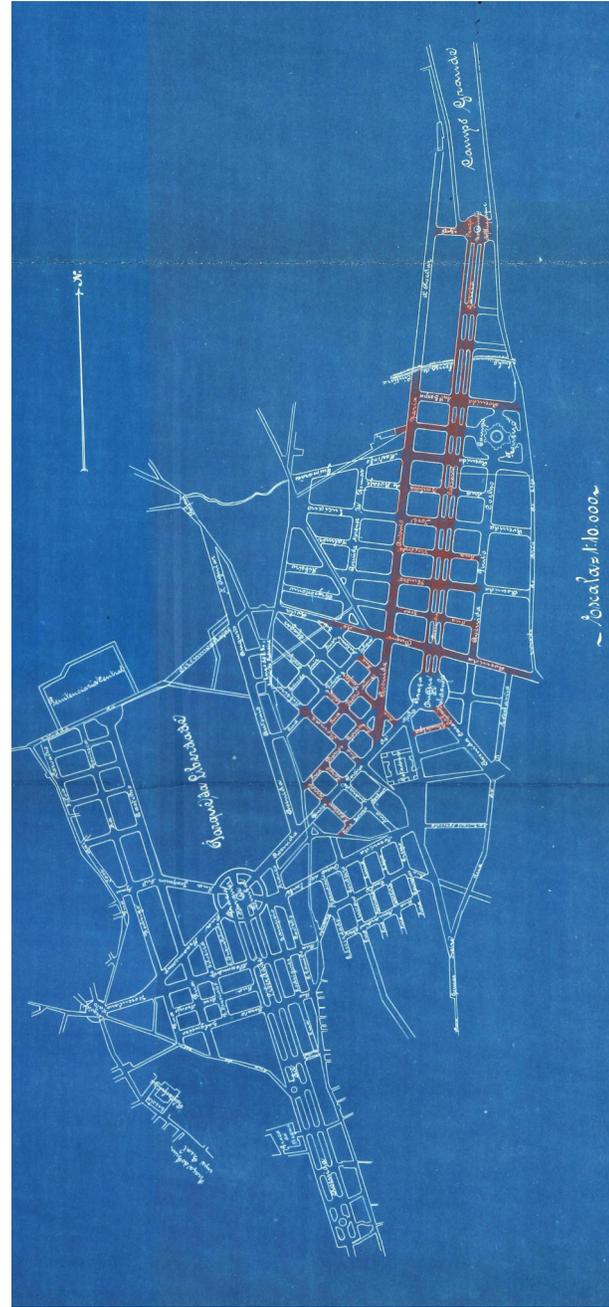


fig. 2.7 | Plano de melhoramento da cidade de Lisboa, 1906

O plano das avenidas novas é comparado aos planos das cidade de Paris e Barcelona, por estas cidades serem planeadas de forma radical e a uma grande escala. A diferença entre Paris e Lisboa é que a capital portuguesa não faz uma renovação do seu traçado, mas organiza a sua expansão e constrói-se numa área praticamente sem pé-existências. A “quadricula regular que muda de orientação e dimensão em cada bairro” (LAMAS, 1993, p. 224) de Paris é utilizada no plano para Lisboa.

Ressano Garcia tinha que resolver um projecto urbano onde a estrutura física do território era uma condicionante e a liberdade no desenho do traçado estava reduzida devido às preexistências (Fig.2.7). Hoje olhando para o projecto percebe-se que a grelha adapta-se a estas duas condições (território e preexistências) que são comuns a quem pretendem projectar na periferia (SAMPAYO, 2003).

As avenidas como a da Liberdade e da República introduzem “modificações sensíveis em relação aos Boulevard parisienses” (LAMAS, 1993, p. 224). Para este planeamento, Ressano Garcia decide integrar as ideias de higienização na cidade. Higienização que garantiu através do desenho das ruas, que propõe largas, da integração de uma rede de esgotos, da canalização de água e electricidade nas infra-estruturas e da introduz arvoredo. Na génese deste projecto a arborização passa a existir em faixas centrais ao longo das avenidas para que desta forma o passeio público se adapte ao local e às habitações envolventes.

Os elementos base utilizados para a criação da nova imagem de Lisboa, são a utilização do traçado, o quarteirão e a malha reticulada. Os quarteirões são subdivididos em lotes que podem receber várias tipologias, como a de habitações burguesas e prédios de rendimento. Este lotes eram vendidos dependendo da sua localização, e em relação às avenidas importantes próximas. Este método de organização deu origem a uma descontinuidade das formas do edificado das avenidas e das suas ocupações. Os lotes são delimitados por engenheiros, com uma matriz geométrica, “deixando logradouros generosos no interior dos quarteirões (que deveriam ser corredores de verdura) e, em muitos casos, jardins fronteiros ou laterais” (SILVA, 2006, p.132).

Ao contrário do que foi planeado para a Baixa lisboeta, as avenidas novas não tiveram um plano para o desenvolvimento da sua arquitectura. Com o crescimento da avenida verificou-se que a “qualidade do projecto urbanístico não teve correspondente na resolução arquitectónica” (SILVA, 2006, p.127), este facto está visível na diversidade da construção.

Embora, a avenida apresente cêrceas muito diversificadas existiam condicionantes impostas pela Câmara Municipal de Lisboa. Na consulta dos processos dos diferentes edifícios da avenida, verificamos que nos primeiros anos os projectistas estavam limitados a uma cêrcea de 20 metros de altura.

A avenida tem “ uma largura uniforme de 60 metros e um só alinhamento recto na extensão de 1524 metros a ligar as

Triplícado

5675

Memória descriptiva e justificativa

O projecto da avenida das Picças, hoje denominada Rissano Garcia, foi approvado por decreto de 4 de outubro de 1889, em conformidade com a lei de 9 de agosto de 1888 que estabeleceu a expropriação por zonas.

Por esse projecto a referida avenida, que tem toda largura uniforme de 50,00 e um só alinhamento recto na extensão de 1524,11 a ligar as praças Duque de Saldanha e Choussimbo de Cfl-bruquerque, era disposta em duas faixas de rodagem lateraes com 13,00 de largura cada uma limitadas por passeios de 3,00 do lado das edificações e separadas por um talhão central de 20,00 com quatro riques de arvores.

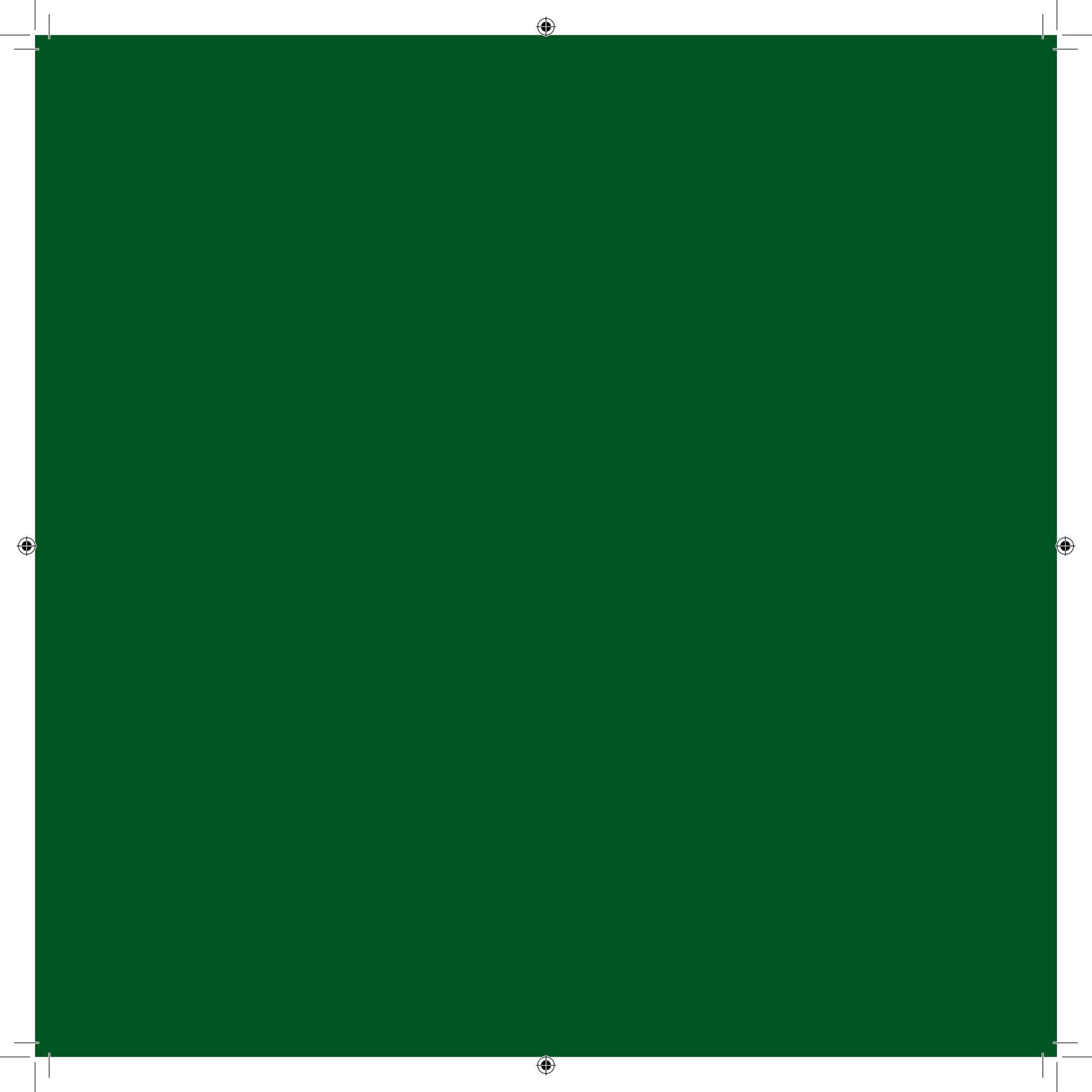
Tendo, porém, posteriormente a approvação do dito projecto sido feita pelo Governo a Companhia Carris de Ferro de Lisboa a concessão para o assentamento de duas linhas de tracção electrica simultaneamente no leito da avenida por essa forma planeada deu isso em resultado reconhecer-se a necessidade e conveniencia de se lhe dar uma outra distribuição do seu pavimento de maneira a harmonisar o serviço de exploração d'essas linhas com os legítimos interesses da viação ordinaria em geral, estudando-se e apresentando-se uma modificação ao projecto

primitivo a qual foi approvada pela Commissão Administrativa em 3 de julho de 1902 e conta da divisão do leito da avenida Rissano Garcia em tres faixas de rodagem separadas entre si por dois talhões de 11,00 com dois renques de arvores, tendo a central 16,00 de largura e as lateraes 8,00 limitadas por passeios de 3,00 junto as edificações, isto é, uma disposição identica à que foi dada a avenida da Liberdade.

Tendo-se iniciado agora as obras de construcção da avenida Rissano Garcia em vista de terem sido effectuadas todas as expropriações necessarias para esse effecto, devendo essas obras obedecer à alteração que indico e dando-se a circumstancia de se ter elevado o preço dos jornaes e dos materiais no periodo de 14 annos decorrido desde a approvação do projecto primitivo até hoje julgo esta seccão conveniente para regularidade da fiscalisação das obras proceder à rectificação da serie de preços e orçamento respectivos, trabalho que apresenta agora para os devidos effectos, e pelo qual se reconhece que a elevação sobre a respectiva importancia do primitivo orçamento é de 8.055.000 reis como se demonstra pelo seguinte mappa comparativo.

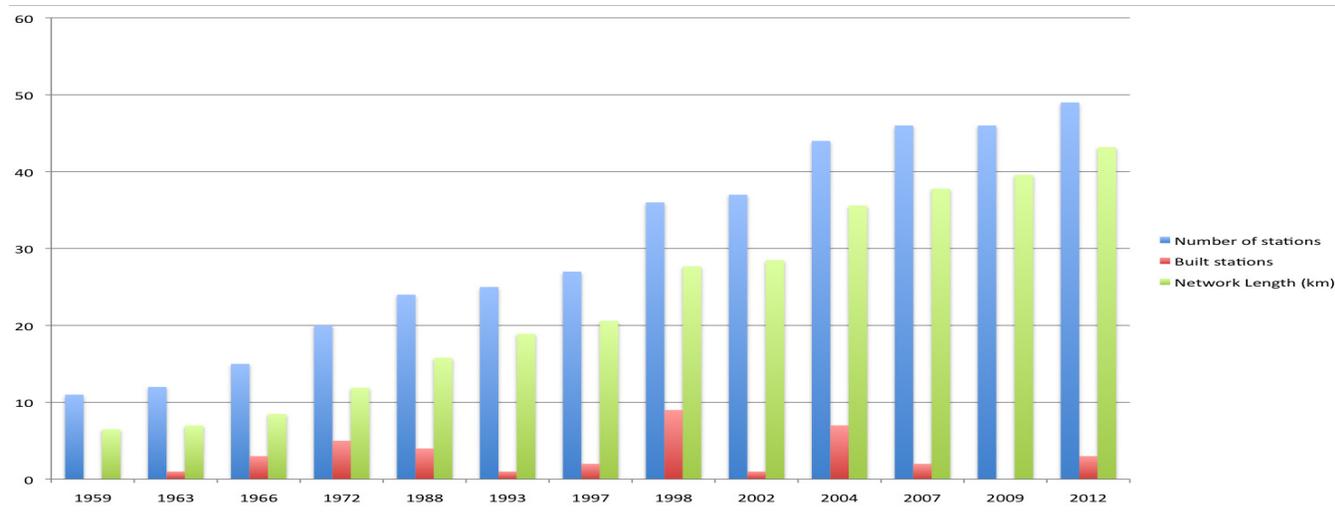
[fig. 2.8] Memória descriptiva da Avenida da República

Praças Duque de Saldanha e Mousinho de Albuquerque, era disposta em duas faixas de rodagem laterais com 13 metros de largura cada uma limitada por passeios de 7 metros de lado das habitações e separadas por um talhão central de 20 metros com 4 renques de árvores.” (Memória descritiva da Avenida da República)



[2·2]

ANÁLISE COMPARATIVA



[fig. 2.9] Desenvolvimento da linha do metro



1. Análise da rede do metropolitano de Lisboa de 1959 a 2012

Como é referido no artigo “The public Space as a consequence of Subway expansion, The case Study of Lisbon Subway – 1959 through 2009” (RODRIGUES e SAMPAYO, 2009) o desenvolvimento do metro numa cidade é um factor revolucionário no crescimento desta. Por um lado, o metro acompanha o crescimento do tecido urbano, por outro lado, ele é impulsionador da regeneração desse mesmo tecido.

Neste caso de estudo é pretendido mostrar que o metro foi o principal factor pelo qual a Avenida da República sofreu uma enorme alteração, sobretudo, a nível do seu edificado ao longo do tempo.

Em 1888, ano do início da expansão da cidade de Lisboa através do plano de Ressano Garcia, Henrique de Lima e Cunha apresenta um projecto intitulado “Esboço de traçado de um caminho de ferro metropolitano em Lisboa” (CUNHA, 1888). Com um atraso de mais de meio século face a outras capitais, como Londres, Nova York, Paris, Budapeste e Glasgow, o metro de Lisboa só arrancou em 1959.

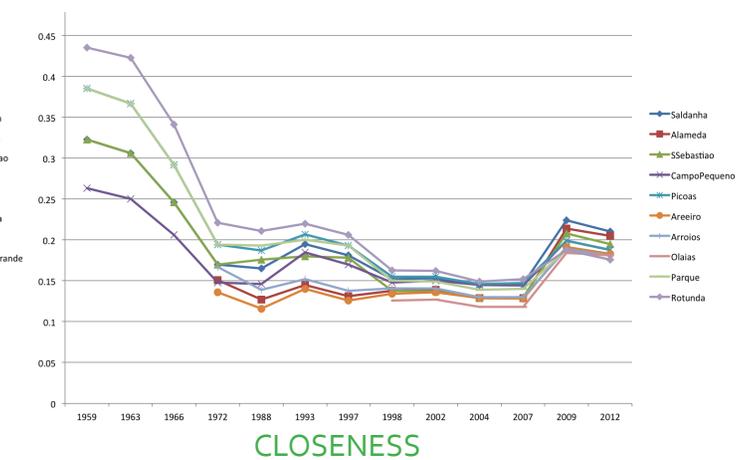
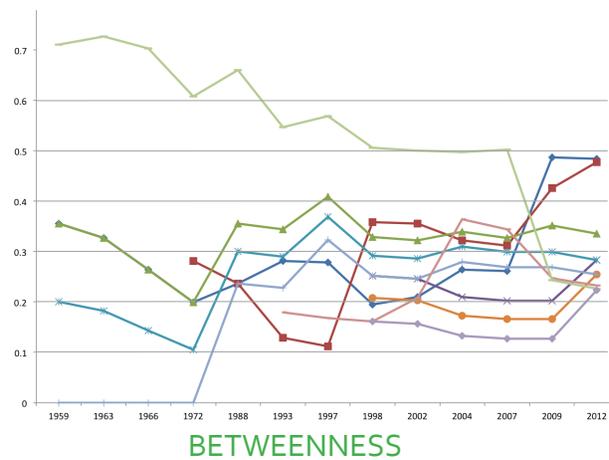
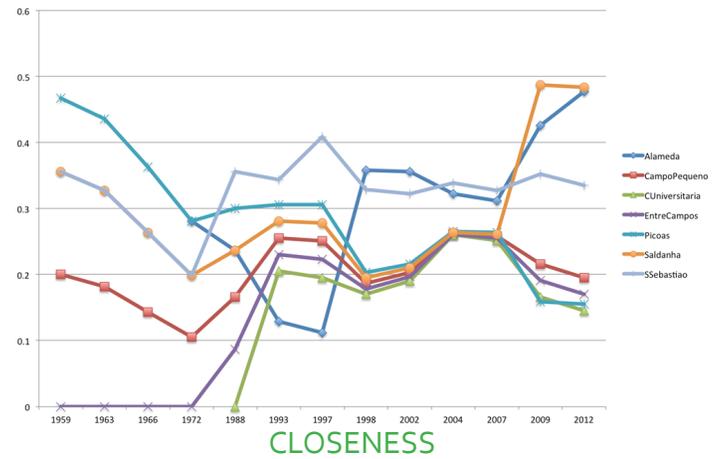
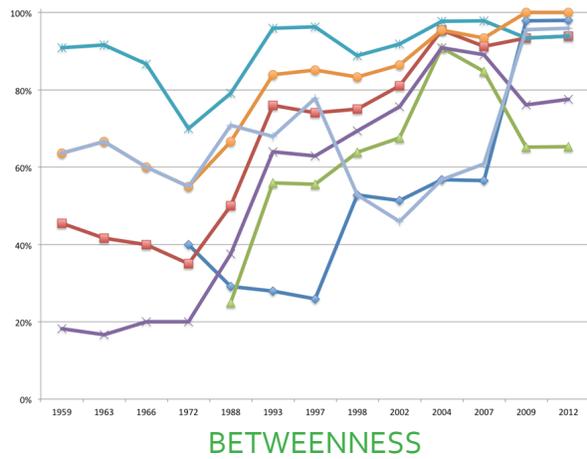
Várias foram as propostas realizadas desde 1888 a 1959. Nos anos 20, Lanoel d’Aussenac e Abel Coelho (1923) e José Manteca Roger e Juan Luque Argenti (1924) apresentarão novos projectos que não avançaram. Este último projecto encontra-se no Arquivo do Arco do Cego e já foi amplamente estudado (ROLLO, 1999). As propostas que não avançaram podem ainda informar o futuro desenvolvimento do metro.

Durante a primeira metade do século XX a imprensa acompanha as iniciativas relativas ao futuro metropolitano causando, certamente, bastante curiosidade nos lisboetas. A proposta para a primeira linha do metropolitano de Lisboa em 1958 equaciona o grande desenvolvimento da cidade englobando o tecido urbano das avenidas novas num eixo que sai do Marques de Pombal em direcção a Entre Campos.

De 1959 a 2014 a estrutura viária do metropolitano ganha complexidade numa rede de 4 linhas, 55 estações e 43 Km. Destas 55 estações apenas 49 marcam uma posição de localização na cidade de Lisboa (as outras 6 estações são resultado de cruzamentos). Observando a figura 2.9 conclui-se que os maiores avanços da rede ocorrem em 1998 e 2004 como reflexo dos acontecimentos internacionais (Expo 98 e Euro 2004).

Sempre que existe um avanço na rede do metropolitano as estações existentes sofrem reflexos disso. Imaginemos esta rede como um conjunto de vértices (estações) unidos por conexões (linhas). Analisemos para cada vértice dois conceitos, o de *closeness* e o de *betweenness* (RODRIGUES e SAMPAYO, 2009). A *closeness* representa uma medida de proximidade de um nó a todos os outros nós, e a *betweenness* representa a medida do papel de intermediador de um determinado nó no tráfego da rede.





[fig. 2.10] Betweenness com 7 estações

[fig. 2.11] Closeness com 7 estações

[fig. 2.12] Betweenness com 10 estações

[fig. 2.13] Closeness com 10 estações



Concentremo-nos nas estações que servem a *Avenida da República* (Entrecampos, Campo Pequeno e Saldanha), que existem desde a formação da rede. Interessa analisar para este estudo o metro como impulsor da regeneração do tecido urbano. Nomeadamente as implicações destas 3 estações na regeneração da frente da Avenida da República. Para tal consideramos preponderante analisar estas estações face às que se encontram próximas. Uma extensão em cada direcção. Para Entrecampos estendemos a análise até à Cidade Universitária, para o Saldanha estendemos a análise até Picoas, S. Sebastião e Alameda.

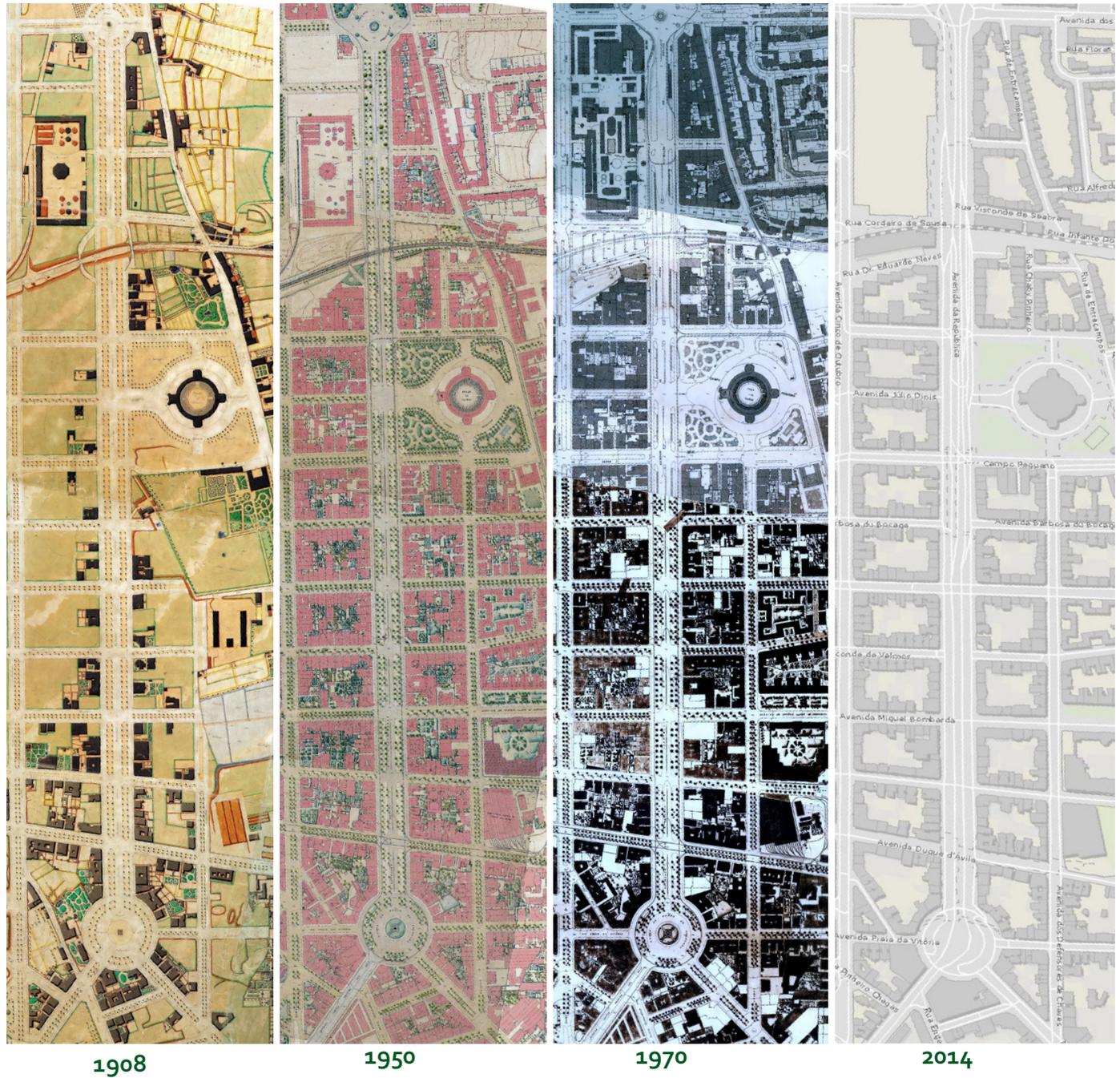
Construímos um gráfico representativo da *betweenness* para as 7 estações em análise (Fig. 2.10). Neste gráfico observa-se que a estação do Saldanha tem um valor de *betweenness* em 1959 superior às outras duas estações da avenida (Entrecampos e Campo Pequeno). Em 2012 essa situação mantém-se. Aliás a estação do Saldanha neste ano apresenta também o valor de *betweenness* mais alto face às 7 estações (Entrecampos, Campo Pequeno, Saldanha, Alameda, Cidade Universitária, Picoas, S. Sebastião) com implicações directas na avenida. Os valores da *betweenness* para Entrecampos e Campo Pequeno são divergentes em 1959 apresentado esta última um valor mais baixo por se encontrar na extremidade da linha. De resto no desenvolvimento da rede ao longo dos anos estas duas estações apresentam um valor de *betweenness* próximo fase a este conjunto de 7 estações.

O gráfico representativo da *closeness* para as 7 estações em análise (Fig. 2.11) mostra o valor mais alto para a estação do Saldanha. No entanto, a estação de Picoas manteve desde o início da construção do metro os valores mais altos de *closeness* face a estas 7 estações, apresentando uma quebra para valores mais baixos em 2007.

Analisou-se também as duas medidas *closeness* e *betweenness* numa escala de referência das 10 estações que apresentam os valores mais altos (Fig. 12 e Fig. 13). Constata-se que a estação da Alameda atinge um valor idêntico à do Saldanha em 2012 para a *betweenness*. As estações de bairros mais periféricos como Chelas, Bela Vista e Olaias apresentam os valores mais baixos de *betweenness*. A estação de Campo Grande apresenta, também, um valor de *betweenness* baixo e a estação do Campo Pequeno nem aparece no top 10 das *betweenness*.

Por fim, a análise da *closeness* no top 10 apresenta o Saldanha com os valores mais altos, tal como já tínhamos verificado para as 7 estações com implicações mais directas com a Avenida da República. A Rotunda que em 1959 apresentava o valor mais alto de *closeness* perde esse protagonismo sobretudo a partir 1998, com o surgimento das estações do Oriente.





[fig. 2.14] Cartografia original



2. Análise gráfica sobre cartografia de 1908, 1950, 1970 e 2014

A análise gráfica tem por base a sobreposição de cartografia de várias datas: i) **1908** corresponde a uma fase inicial em que se percebe o desenho dos quarteirões através da implementação das vias que estruturam o plano e observa-se já a implantação de algumas edificações; ii) **1950** corresponde a uma fase anterior à implantação do metro na Avenida da República, em comparação com a planta de 1908 verifica-se um grande crescimento a nível do edificado; iii) **1970** corresponde a uma fase posterior à introdução do metro, as vias e passeios sofrem algumas alterações assim como alguns limites de lotes e iv) **2014** corresponde à situação actual, os quarteirões são totalmente ocupados e as vias e passeios completamente alterados. São expostos vários esquemas trabalhados no programa ARCGIS para uma melhor leitura e sobreposição dos dados do trabalho.

O estudo começa pela análise pormenorizada do edificado da Avenida da República tendo por base a sua mudança ao longo do tempo. Sabendo que o plano existente para as avenidas novas tem origem em 1889, as balizas temporais para o estudo deste edificado têm como limites as datas de 1888 a 2014. Os edifícios são caracterizados pelas várias datas de construção e demolição, pelos arquitectos que os projectaram, pelo número de pisos das diferentes fases de construção e pelas várias funcionalidades que foram tendo ao longo do tempo. Este estudo inclui todos os edifícios existentes e pré-existentes da Avenida da República, e incorpora também todos os edifícios da praça Duque de Saldanha e os edifícios da Rotunda de Entrecampos.

2.1 Conceitos

Para a sintetização deste estudo, considerámos necessário integrar breves explicações sobre os conceitos de alguns elementos urbanos necessários no decorrer da investigação. Cada conceito deriva da sua aplicação no contexto deste estudo.

A investigação considera os seguintes conceitos:

'Espaço Público' – é um espaço não edificado. O espaço público é dividido em duas categorias: i) o espaço público linear, que corresponde aos espaços canais - às vias (avenidas, ruas, etc) e ii) o espaço público não linear, que corresponde aos espaços de estar (praças, largos) (SAMPAYO, 2011). Sucintamente o espaço público apresenta-se como o espaço de circulação e permanência do aglomerado urbano. É sempre projectado pelo homem com vista a resolver questões relativas ao desenho urbano.

'Quarteirão' – é um elemento que pode gerar e ser gerado pelo traçado urbano. O quarteirão tem como



característica ser um momento no desenho urbano. Desta forma, mostra ser importante na " ... concretização local de determinado modelo de sociedade, na concepção dos modos de vida, na conformação do espaço e da arquitectura que constrói a cidade ..." (COELHO, 2013, p. 123).

'Avenida' – é um importante espaço público do aglomerado urbano. Integra as duas categorias que o espaço público apresenta: o espaço público linear e o espaço público não linear. Uma avenida é geralmente desenhada de forma rectilínea e larga, integrando espaço de circulação e espaço de permanência. Por norma, esta é delimitada pelos edifícios que a constituem, mas também pela eventual existência de espaços verdes. As avenidas ganham um grande destaque no meio urbano por integrar edifícios de grande importância comercial, monumental ou cultural, nas suas extremidades.

'Lote' – é uma porção de terreno, "representing a land-use unit defined by boundaries on the ground" (CONZEN, 1969, p. 128), geralmente de forma regular (quadrada, rectangular ou outra), que se associa a outro lote formando um loteamento (MERLIN e CHOAY, 2010). O lote não implica uma ocupação de edificado em todo o terreno.

2.2 Fases da evolução do tecido urbano das avenidas novas

Lisboa está a diminuir o seu crescimento demográfico ao longo dos anos. Dias (1947) refere que entre 1852 e 1952 existe um forte crescimento demográfico. Neste período a cidade de Lisboa quadruplicou em termos populacionais e de 1900 a 1940 duplicou. Todavia, segundo os dados do INE Lisboa em 1960 continha 802 230 habitantes e em 2013 contém apenas 511 667 habitantes. Estes dados demonstram uma enorme descida demográfica em Lisboa.

A análise gráfica exposta na [figura 2.15](#) refere-se à evolução do tecido urbano das avenidas novas e à integração de alguns traçados adjacentes ao plano inicial. Pode-se verificar nos desenhos, que foram apenas traçadas as ruas que deram origem aos quarteirões descorando as preexistências na zona central do plano.

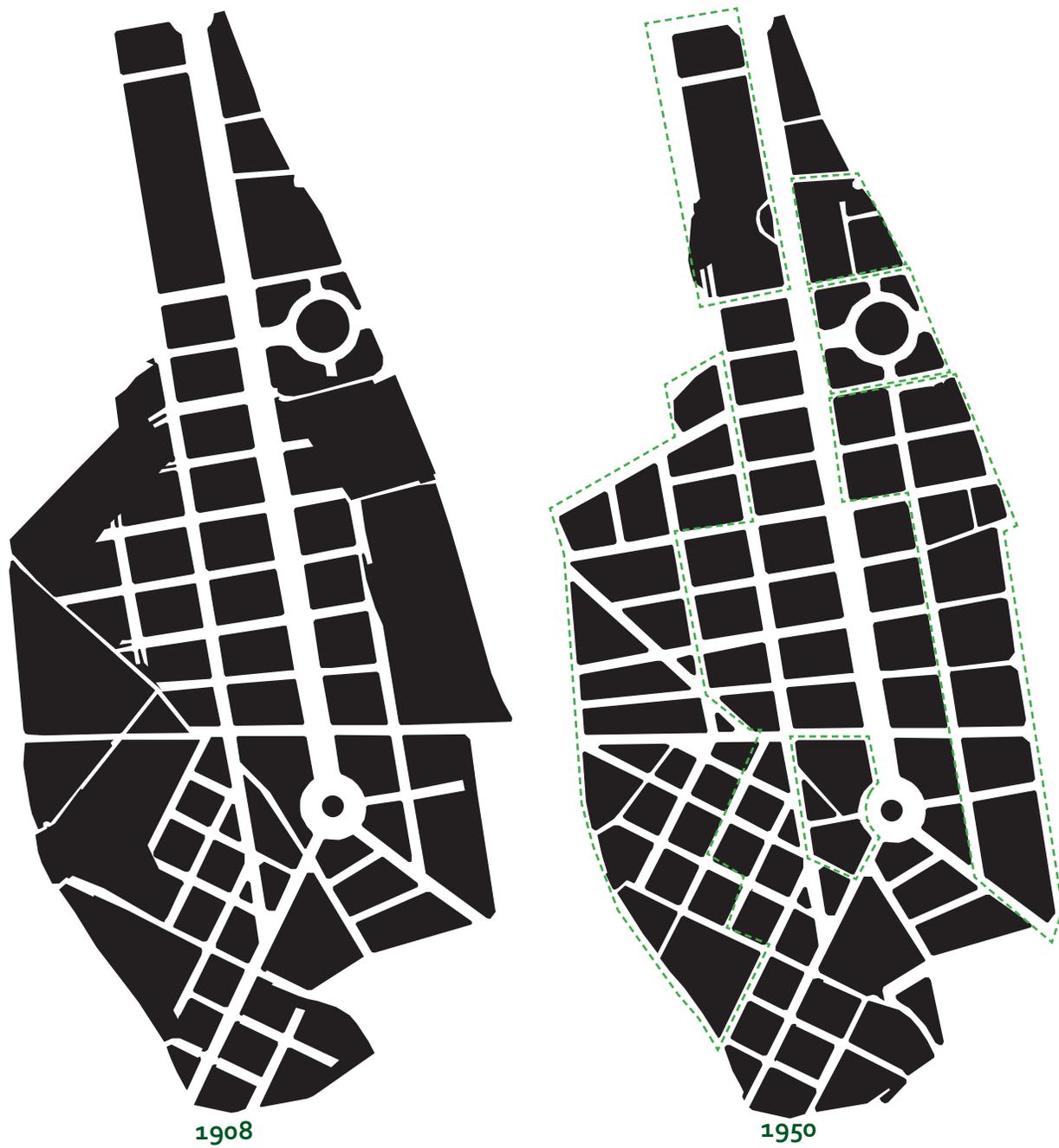
Em 1908 o traçado das avenidas não se encontrava totalmente concretizado. Avenidas importantes como a Avenida de Berna, a Avenida das Forças Armadas e a Avenida Duque Ávila, apenas se encontravam iniciadas, não criando hierarquias no traçado urbano. Nos limites do plano a rede viária preexistente é reequacionada. Na articulação da malha geral proposta com estes limites surgem quarteirões com formas variadas.

Na cartografia de 1950 o projecto das avenidas novas já se encontra finalizado. Adjacentes ao plano inicial surgem novos traçados como o plano do Bairro do Arco do Cego (1918), e o plano do Instituto Superior Técnico (1927). Estes traçados alteram a hierarquia das avenidas, como se verifica nas Avenidas Duque Ávila e Miguel Bombarda. Realiza-se também o prolongamento da Avenida Praia da Vitória adjacente à Praça Duque de Saldanha.

Em 1970 a evolução do traçado não sofre grandes acréscimos, apenas se verifica a introdução de novas vias junto à Feira Popular.

Até 1970 existiam passeios pedonais no centro das avenidas (Avenida de Berna, Avenida de Duque Ávila, Avenida Miguel Bombarda, Avenida das Forças Armadas e Avenida da República). A partir de 1970 alguns deste passeios são convertidos em vias automóveis com estacionamento.

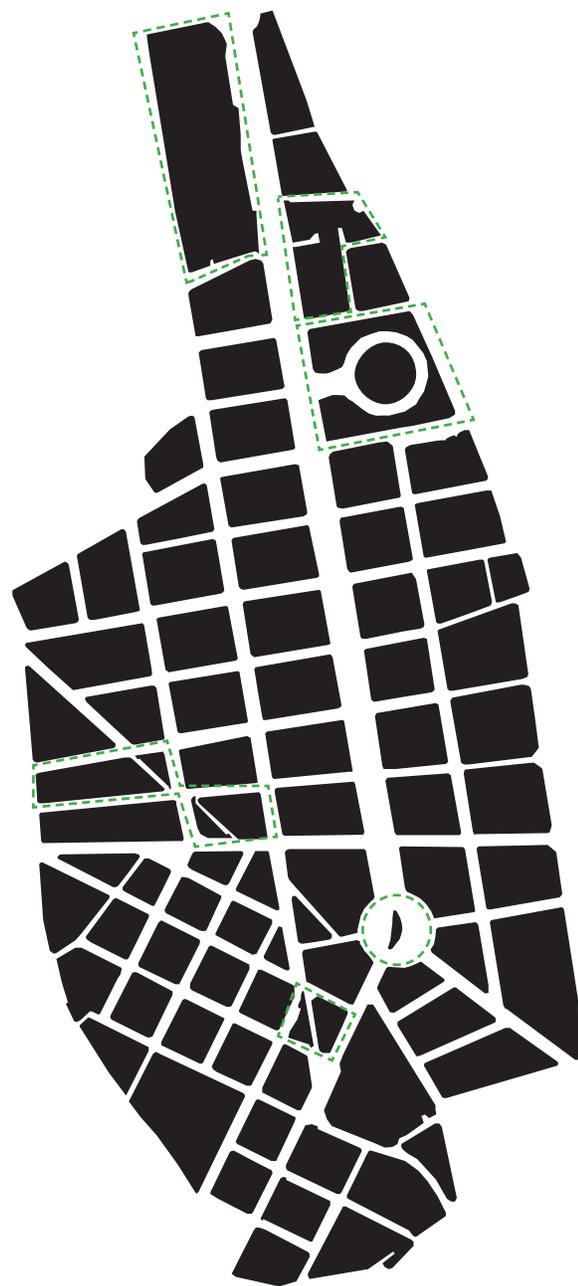
Por fim, no esquema de 2014 observa-se os traçados consolidados e terminados.



[fig. 2.15] Evolução do tecido urbano



1970



2014



- [fig. 2.16] Zona de entrecampos antes da introdução do metropolitano, 1950
 [fig. 2.17] Obras de introdução do metropolitano na zona de entrecampos, 1957
 [fig. 2.18] Obras de alteração dos passeios da avenida, 1967
 [fig. 2.19] Obras de introdução do metropolitano junto à Avenida de Berna, 1957

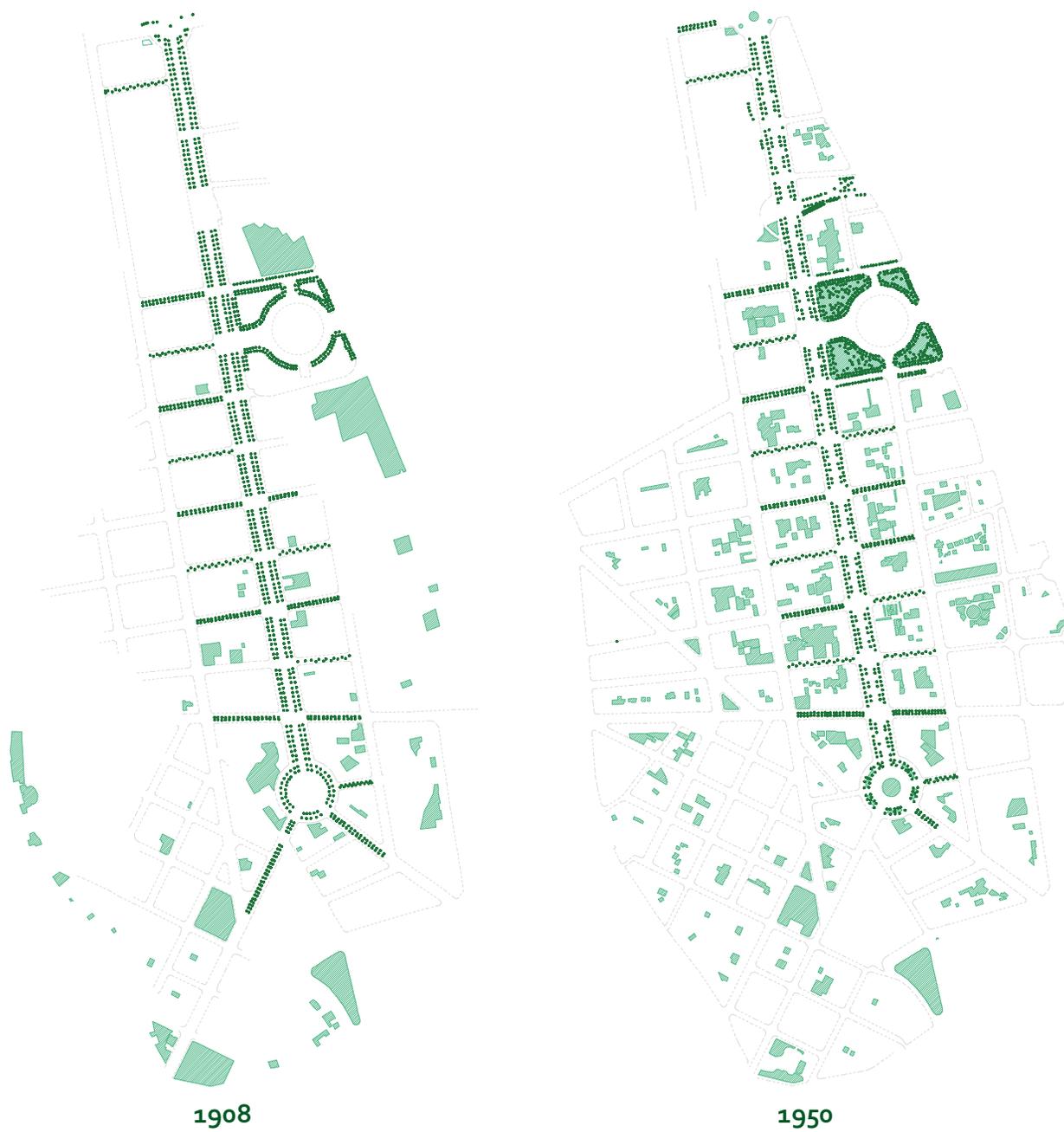
2.3 Vazios urbanos e estrutura verde

Para além do estudo do edificado da Avenida da República, é importante referir que o desenho da avenida foi-se transformando ao longo do tempo, também, no que diz respeito à sua arborização.

Ressano Garcia tinha como objectivo integrar soluções higienistas nas Avenidas Novas. Uma dessas intenções era a integração de arvoredo em duas faixas no centro da avenida e pretendia que todas as habitações não ocupassem todo o lote, possibilitando a existência de quintais e jardins. Através de cartografia de 1908, 1950, 1970 e 2014 constata-se que esse arvoredo foi desaparecendo, acabando por sobreviver pontualmente em algumas zonas da avenida (Fig. 2.20). Na figura 2.16 esta representado um troço da avenida junto ao antigo mercado geral do gado. Ressano Garcia planeou duas linhas de arvoredo para separar as vias de tráfego automóvel. Todavia com a construção do metro estas faixas são abolidas.

O aumento significativo do trânsito nesta artéria da cidade, obrigou a que as vias na avenida se multiplicassem, em detrimento dos passeios que integravam o arvoredo planeado. Na figura 2.17 conseguimos perceber que a introdução de estacionamento ao longo da avenida também gerou a extracção de várias árvores planeadas para o local. A avenida ganha uma nova imagem com o desenvolvimento tecnológico, acabando por perder muitas ideias principais do seu planeamento inicial.

No plano inicial, Ressano Garcia pretendia que os interiores dos quarteirões não fossem totalmente ocupados. Ele desejava que os vazios se mantivessem como espaços de jardins e quintais. Desta forma, em 1908, é visível a não ocupação do interior dos lotes com edificado (Fig. 2.20). Com os anos percebe-se que esses espaços verdes vão desaparecendo. Em 2014 observam-se muitos poucos quarteirões com espaço verde.



|fig. 2.20| Evolução da estrutura verde das Avenidas Novas



1970



2014



2.4 Quarteirões

A análise do crescimento dos quarteirões é produzida através da comparação entre várias cartas com as datas de 1908, 1950, 1970 e 2014.

Constata-se na carta de 1908 que o crescimento do edificado na Avenida da República inicia-se a sul, junto à Praça Duque de Saldanha. O desenvolvimento do edificado a norte, junto ao Campo Pequeno e junto ao Mercado do Gado, é diminuto nesta fase (Fig. 2.22).

172

Em 1908 na zona sul da Avenida da República alguns quarteirões já se encontravam praticamente completos. Os mesmos sugerem a primeira grande avenida perpendicular à Avenida da República designada por Avenida Duque Ávila. Longe da zona mais preenchida da avenida, entre a estação de Entrecampos e o Campo Pequeno apenas se constata a existência de uma frente de quarteirão completamente preenchida.

Comparando as cartas de 1908 e 1950 observamos que nesta última os quarteirões já se encontram praticamente completos. Nas frentes dos quarteirões da Avenida da República não existem lotes por preencher. Todavia em 1950 nas avenidas paralelas e perpendiculares à Avenida da República ainda registamos alguns vazios nas frentes dos quarteirões.

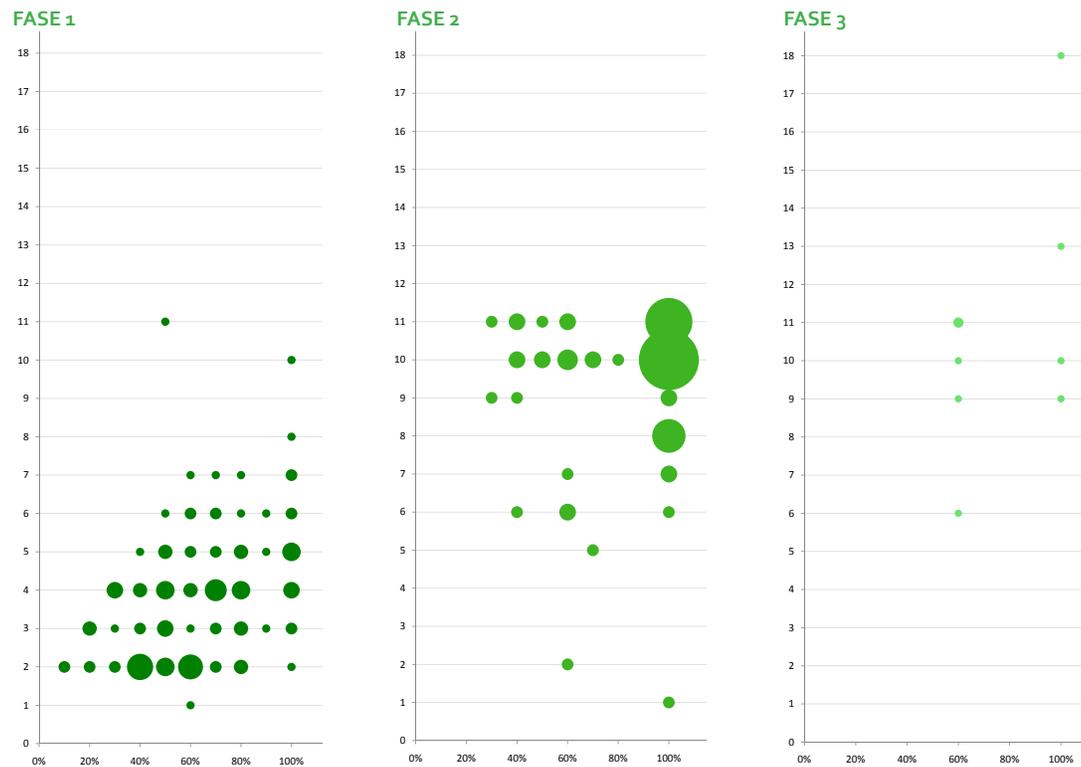
Nos anos 60 e 70 os quarteirões sofrem algumas alterações (Fig. 2.22). Surgem novos vazios na carta de 1970 representando edifícios demolidos. O quarteirão entre o Campo Pequeno e a estação de Entrecampos foi inteiramente demolido e renovado nas décadas de 60 e 70. Os vazios existentes neste quarteirão são correspondentes aos lotes 62 e 68, ambos edifícios construídos em 1967. As demolições ocorrem principalmente nas frentes dos quarteirões juntos à Avenida da República e não nas avenidas paralelas e perpendiculares a esta avenida como se verificava na carta de 1950.

Em 2014 os quarteirões da avenida já se encontram consolidados, não existindo nenhum lote por preencher. Estando todos os vazios da frente dos quarteirões preenchidos a alternativa de crescimento é para o interior dos mesmos. Em todos os quarteirões verifica-se que a ocupação do seu centro é totalmente preenchida por edificado anexo aos edifícios que delimitam os quarteirões.

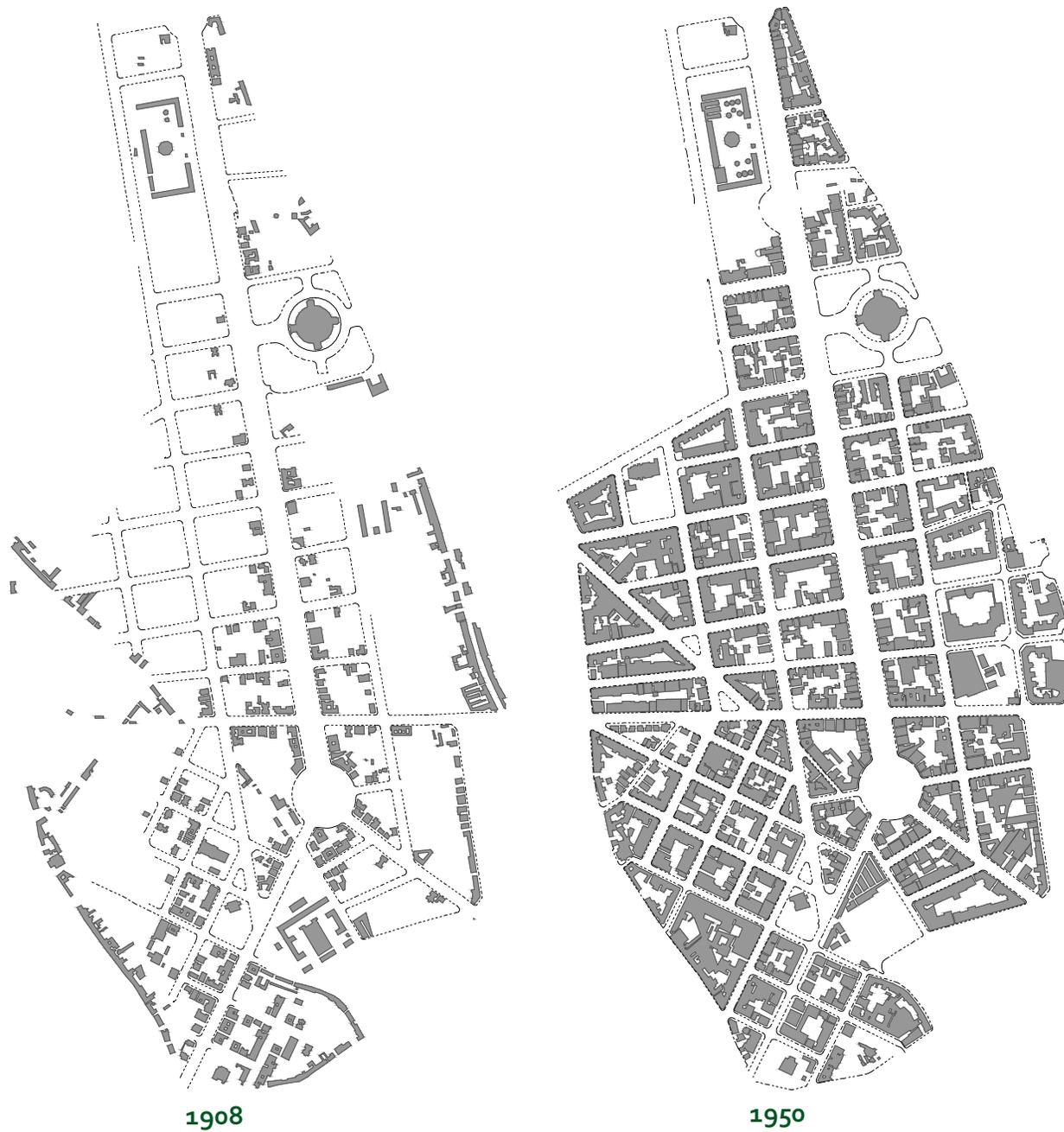
Na figura 2.21 definiu-se a construção da avenida em 3 fases, referentes às construções existentes em cada lote (1ª construção, 2ª construção e 3ª construção). Entende-se que na 1ª construção os edifícios não ocu-



pavam inteiramente as parcelas, apenas se verificam alguns casos de ocupação total. Na 2ª e 3ª fase de construção a percentagem de ocupação das parcelas aumenta, assim como o número de pisos.



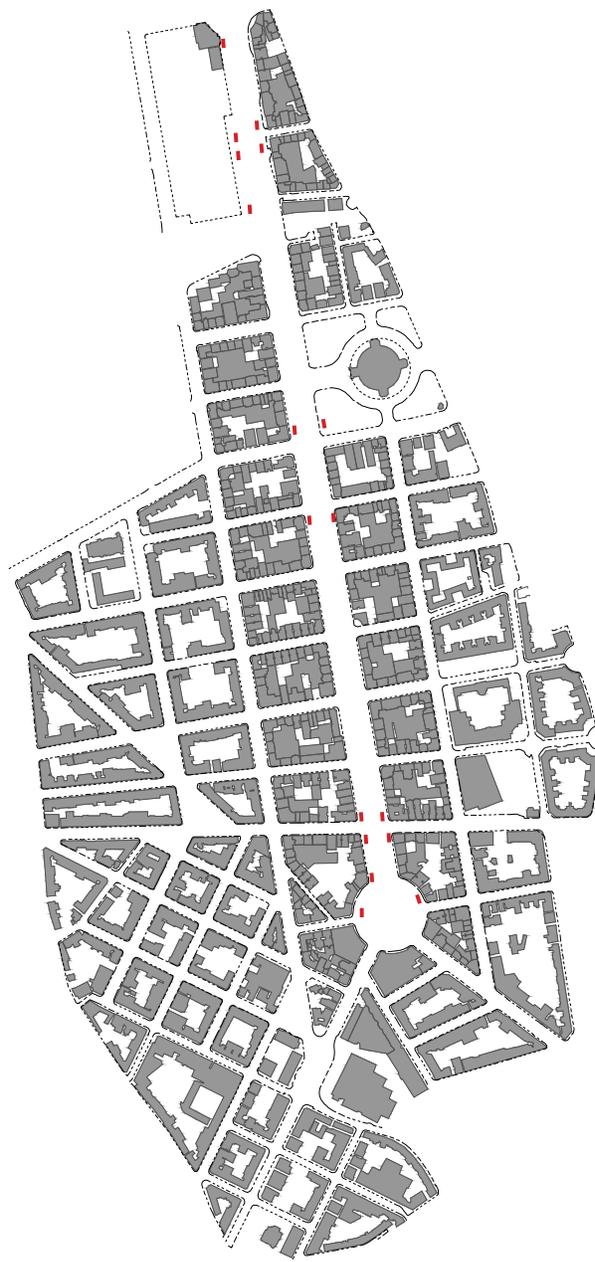
[fig. 2.21] Percentagem de ocupação dos lotes



[fig. 2.22] Fases de evolução do tecido urbano



1970



2014

2.5 Parcelas

Analisando apenas o edificado que define o eixo da avenida, percebe-se o crescimento de sul para norte pela grande quantidade de edifícios presentes a sul nos primeiros anos daquela (Fig. 2.24).

Confrontando um desenho da avenida, existente no Arquivo do Arco do Cego, de 1904 (fig. 2.23), relativo aos lotes vendidos, com o levantamento de Silva Pinto (carta de 1908), conclui-se que existia em 1902 uma regra no desenho das parcelas que não está perceptível na carta de 1908. No desenho de 1904 observa-se que as parcelas do centro da frente do quarteirão são idênticas nas suas dimensões e as parcelas que desenhavam os gavetos são maiores. Entende-se que alguns dos primeiros proprietários terão adquirido mais do que uma parcela e em 1908 o desenho mostra uma variedade no que diz respeito à frente do edificado.

Contudo, a quantidade de edifícios da Avenida da República no esquema de 1908 é muito pouco significativa. Apesar do número reduzido de edifícios em 1908 evidencia-se o desenho dos quarteirões da avenida, permitindo a leitura da largura (60 metros) e do comprimento da mesma (1524 metros).

Os edifícios nesta fase aparecem muito dispersos e o alçado geral da avenida é marcado pelos vazios existentes entre edifícios. Os edifícios com número de polícia 3, 5 e 7 (Anexo B, Fichas 5 a 7) são um raro exemplo de anexações. Cada edifício apresenta características diversificadas onde varia a profundidade da ocupação na parcela e a dimensão das fachadas.

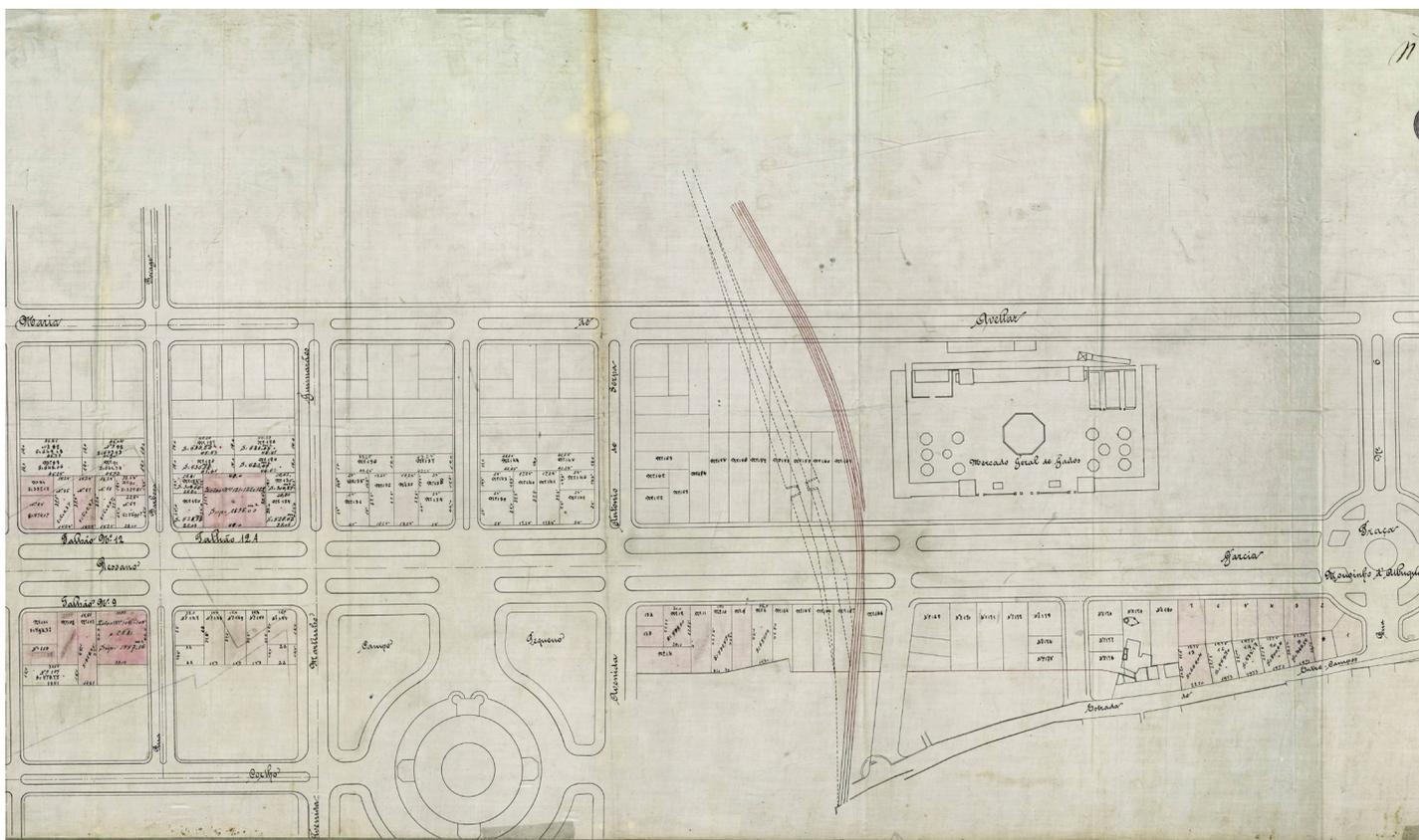
No esquema referente à data de 1950 os edifícios já não se encontram dispersos. Cada frente de quarteirão da avenida tem, diversificadamente, entre 3 a 13 parcelas. O quarteirão em frente à feira popular é o quarteirão com maior número de edifícios, sendo que, é o único que contém 13 edifícios na frente do quarteirão. Contudo, na maioria dos casos estas frentes de quarteirão variam entre 5 e 6 parcelas. Nota-se que na generalidade o edificado dos anos 50 já é construído sem interrupções entre cada parcela. Através da análise dos processos dos edifícios percebe-se que a partir dos anos 50 existe um grande número de construções novas na avenida como mostra a figura 2.24.

Começam a desaparecer alguns edifícios em 1970. As frentes dos quarteirões da avenida passam a estar incompletas novamente. Algumas parcelas são anexadas aumentando o tamanho da fachada e em todos os casos a sua profundidade, os números 29 a 35 (Anexo B, Ficha 18) da Avenida da República são exemplos dessas anexações. Inicialmente o projecto apenas incluía os lotes 29 e 30 e só com a obtenção dos lotes 33 e 35 é que

se iniciou a obra, em 1986.

Actualmente as frentes dos quarteirões, encontram-se totalmente preenchidas. Em 2013 existem novos casos de anexações de parcelas originando fachadas mais largas. Existe uma anexação de 3 edifícios da primeira fase de construção da avenida. É o caso do edifício que se apropria dos lotes 76, 78 e 80 (Anexo B, Fichas 71 a 73) em frente ao antigo terreno da Feira Popular. São mantidas as fachadas antigas dos edifícios, mas os seus interiores foram anexados transformando-se num só edifício.

Actualmente cada frente de quarteirão tem diversificadamente entre 1 a 10 parcelas devido a estas novas anexações. Sendo que a maioria das frentes dos quarteirões da avenida continuam a apresentar entre 4 a 5 edifícios.





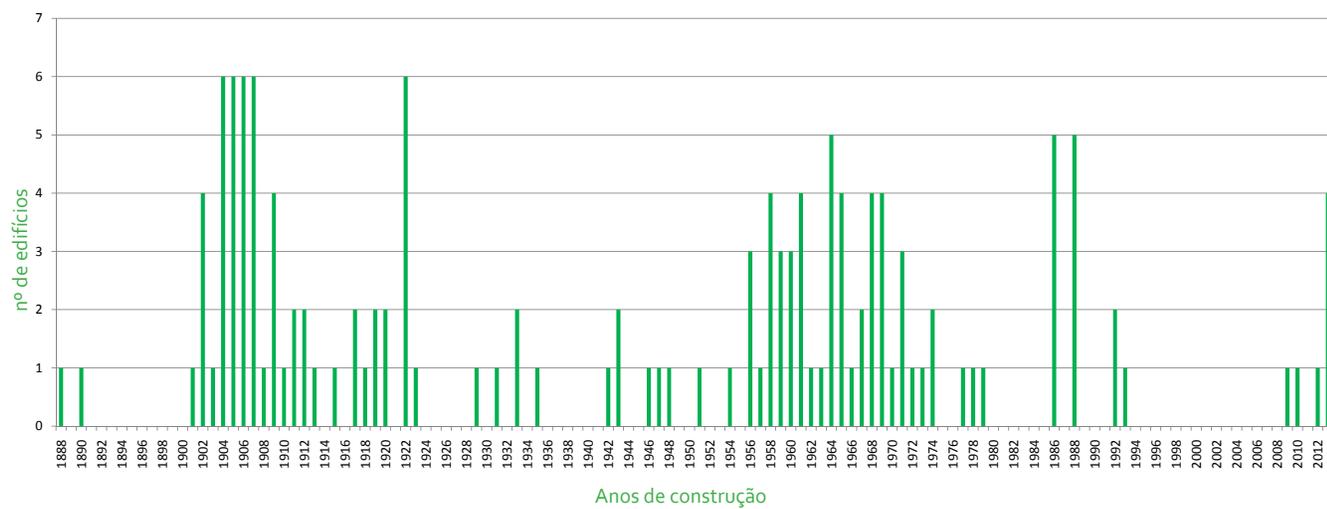
|fig. 2.24| Evolução das parcelas



1970



2014



[fig. 2.25] Arquitectos e construtores dos edifícios da Avenida da República nas 3 fases de construção



2.6 Edificado

Através de um estudo aprofundado das obras de cada edifício da Avenida da República entendeu-se que as épocas de construção do edificado dividem-se em 3 fases: 1ª fase de 1888 a 1940, 2ª fase de 1940 a 1970 e 3ª fase de 1970 a 2014.

Nesta investigação verificou-se que a primeira fase de construção de edificado da avenida vai desde 1888 até 1950. A maioria dos edifícios construídos neste período são caracterizados como edifícios de habitação e geralmente são edifícios com 2 a 8 pisos. Contabilizamos exactamente 38 edifícios nesta fase. Actualmente, junto à Avenida Duque d'Ávila, ainda se presencia a existência de um quarteirão inteiro com o edificado original desta época inicial.

Marcada por uma época em que os poderes políticos eram ditatoriais e a construção era maioritariamente privada, a segunda fase delimita-se pelas datas de 1950 a 1970. Existem 50 edifícios construídos desta fase de construção sendo que 6 foram demolidos, nomeadamente os números de polícia 33 da Praça Duque de Saldanha, os número de polícia 5, 18, 92 e 94 da Avenida da República (Anexo B, Fichas 5, 106, 66, 65) e o número de polícia 81 da Avenida de Berna (Anexo B, Ficha 85). Na zona em análise o desenvolvimento da construção integra o factor terciário. Ainda nesta fase começam a surgir os primeiros prédios de escritórios e o aumento do número de pisos. Assim encontramos nesta fase edifícios entre 8 a 15 pisos. A construção da Feira Popular em 1963 na avenida veio dinamizar a Avenida da República. A sua sobrevivência na avenida só se torna possível pela introdução do metro e de diversos transportes nesta zona da cidade. Os edifícios construídos depois desta fase ainda hoje permanecem na avenida.

Os edifícios construídos na terceira fase de construção da avenida correspondem a edifícios de escritórios ou comerciais. Estes edifícios são construídos geralmente no lugar de edifícios da primeira fase de construção. Curiosamente nas novas construções são mantidas as fachadas dos antigos edifícios. Este período corresponde a uma fase pouco evolutiva fase às anteriores, surgindo pontualmente reabilitações com preocupação na manutenção da fachada principal ou na construção de raiz. Apresentam-se 30 edifícios nesta fase: 6 destes edifícios encontram-se na Praça Duque de Saldanha, 20 são edifícios no centro da frente do quarteirão (5, 6, 7, 26, 43, 54, 53, 59, 76, 78, 79, 80, 81, 90 da Avenida da República) e 10 são edifícios de gaveto (18, 25, 29, 32, 46, 50, 65, 68, 70 da Avenida da República e 81 da Avenida de Berna). Os edifícios mais recentes desta fase são o número 4 da



Avenida da República (Anexo B, Ficha 113) e o número 56 da Avenida Casal Ribeiro (Anexo B, Fichas 120 e 121) que se transformaram num único edifício de escritórios.

Verificamos que alguns edifícios da Avenida da República são desenhados pelo mesmo arquitecto (ou projectista). Contabilizamos 19 arquitectos, nas três fases de construção, que construíram mais do que um edifício na avenida. Assim, salientamos Manuel Joaquim Norte Júnior (1ª fase de construção) com 6 projectos; Artur Júlio Machado (1ª fase de construção) com 4 projectos; Armando Matos Salgueiro (2ª fase de construção), Álvaro Machado (1ª fase de construção), José Rodrigues Martinho (projectista, 1ª fase de construção) e Sérgio Gomes (2ª fase de construção) com 3 projectos cada um; Carlos da Silva Pinheiro (2ª fase de construção), Carlos Franco (2ª fase de construção), António Gaspar (projectista, 1ª fase de construção), David Ferreira de Oliveira Lopes (2ª fase de construção), Jorge Ferrão de Albuquerque (2ª fase de construção), José Luis Monteiro (1ª fase de construção), José Rodrigues Pietro (1ª fase de construção), Miguel Ventura Terra (1ª fase de construção), Nicola Bigalia (1ª fase de construção), Porfírio Pardal Monteiro (1ª fase de construção) e Raúl Bragança de Araújo Branco (2ª fase de construção) com 2 projectos cada um.



2.7 Cérceas do edificado

No início da construção da Avenida da República no final do século XX, apenas se construíram edifícios de habitação burguesa e prédios de habitação.

Confrontando fotografias actuais com fotografias antigas (início do século) da Avenida da República e adicionando informação provinda do arquivo intermédio de Lisboa, elaborou-se o esquema presente na figura 2.27, que apresenta a evolução das cérceas de todos os edifícios da avenida ao longo dos anos, onde se salienta as 3 fases de construções identificadas.

186

Entre 1888 e 1950, verifica-se que os edifícios não são construídos com mais de 8 pisos. Esta fase de construção teve duas etapas. Inicialmente não se construíram edifícios com mais de 6 pisos, posteriormente o edificado atinge os 8 pisos. O edifício mais alto ainda existente desta época é o número 36 (Anexo B, Ficha 97).

Os edifícios construídos a partir dos anos 50 apresentam maioritariamente 10 pisos. Todavia neste período verificamos um edifício com 15 pisos construído em 1968 (Anexo B, Ficha 83). Nos anos 70, nota-se uma ligeira alteração no nível de pisos existentes em algumas construções, passando a construir-se maioritariamente com 11 pisos.

As construções com maior número de pisos surgem maioritariamente a partir dos anos 90 com a construção do Monumental, com 13 pisos (Anexo B, Ficha 1). Em 2010 é reabilitado o edifício mais alto da avenida, o número 81 da Av. de Berna, com 18 pisos (Anexo B, Ficha 85).

Os esquemas da figura 2.28 correspondem às 4 cartas estudadas que se referem a 1988, 1950, 1970 e 2014. Estes esquemas ajudam a entender graficamente o desenvolvimento das cérceas da avenida.

O primeiro esquema (1908) corresponde à primeira fase de construção da Avenida da República. Os número de pisos que encontramos nesta fase estão compreendidos entre 1 e 5.

O segundo esquema corresponde a 1950 e verificamos que os edifícios não ultrapassam os 8 pisos.

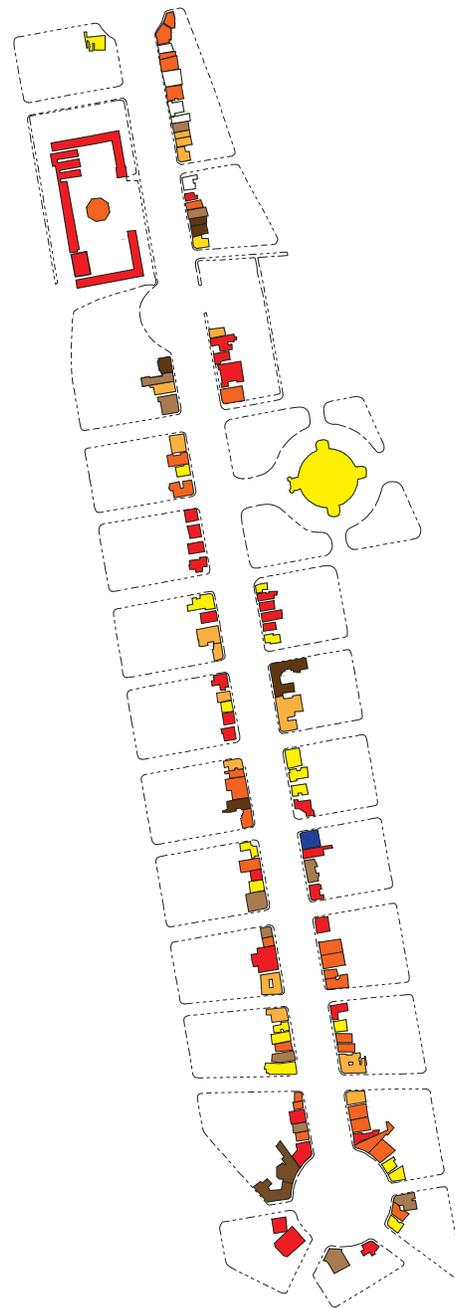
No terceiro esquema (1970) observa-se o desaparecimento de alguns edifícios da primeira fase de construção e os edifícios novos apresentam entre 9 a 11 pisos.

Finalmente no quarto esquema, percebe-se que desde o início da construção da Avenida da República as cérceas do edificado foram alteradas. É possível encontrar edifícios de 2 pisos a 18 pisos.

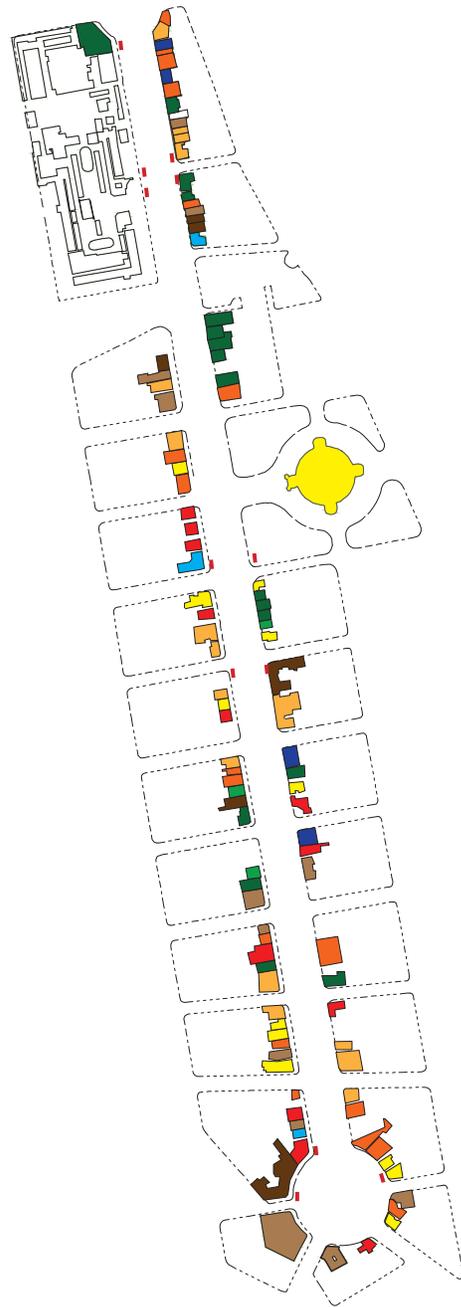




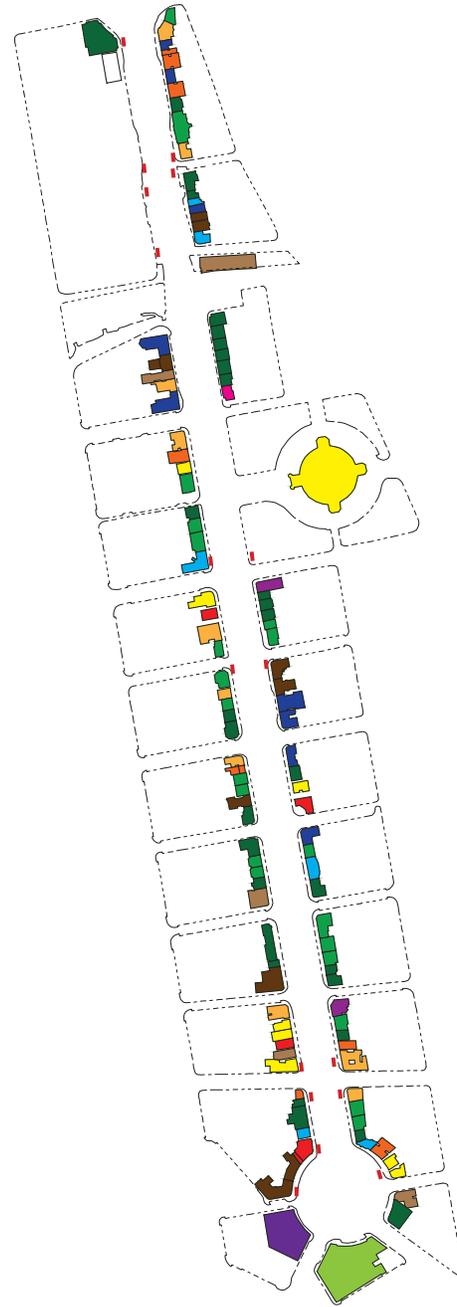
1908

1950
1ª fase

[fig. 2.28] Evolução das cérceas



1970
2ª fase

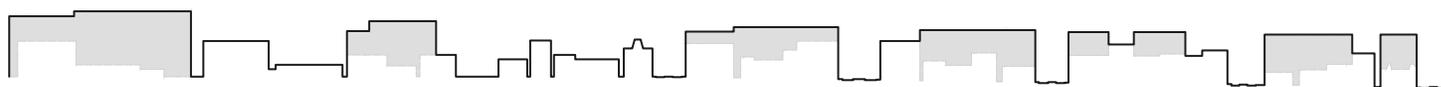


2014
3ª fase



190

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA



[fig. 2.29] Montagem de alçados de 1939 do lado esquerdo da Avenida da República

[fig. 2.30] Montagem de alçados de 1939 do lado direito da Avenida da República

[fig. 2.31] Esquema com sobreposição dos edifícios de 1939 e dos edifícios actuais do lado esquerdo da avenida

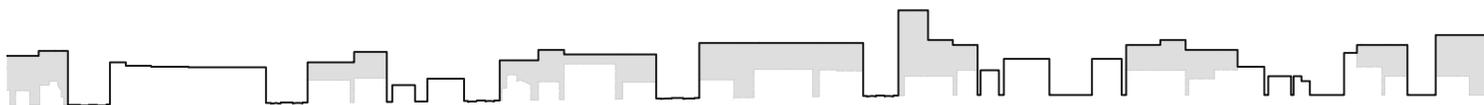
[fig. 2.32] Esquema com sobreposição dos edifícios de 1939 e dos edifícios actuais do lado direito da avenida



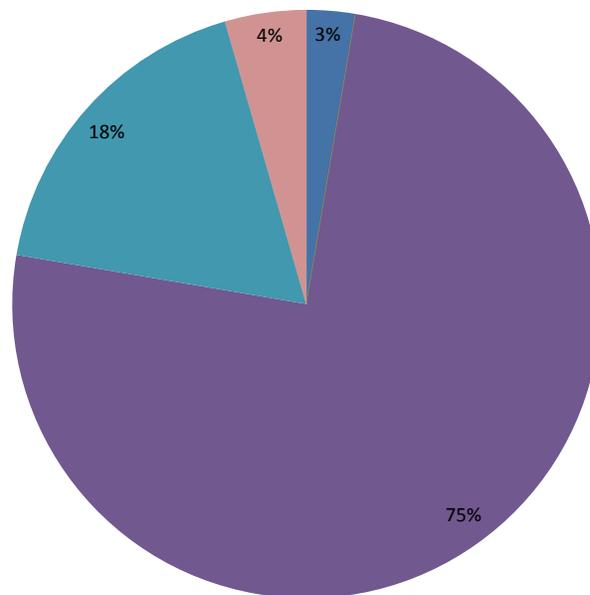


91

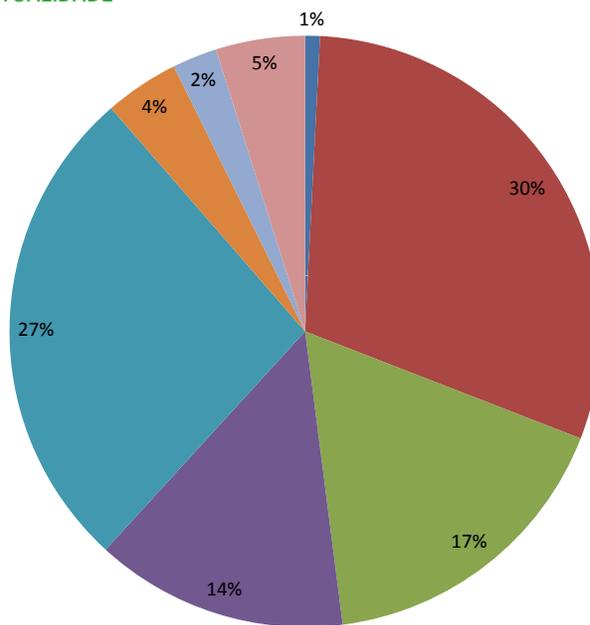
ANÁLISE COMPARATIVA



1ª FASE



ACTUALIDADE



- Comercial
- Empresarial
- Empresarial e comercial
- Habitacional
- Habitacional e comercial
- Habitacional e empresarial
- Habitacional, empresarial e comercial
- Outros

|fig. 2.33| Usos do edificado



2.8 Usos do edificado

Na primeira fase de construção da avenida, o comércio era muito raro. Na elaboração das fichas de caracterização dos edifícios, foram encontrados 2 edifícios que continham panificadoras. Esses dois edifícios ainda hoje existem com os números “13,14,15,16,17,18” da praça Duque de Saldanha e 37 da Avenida da República (Anexo B, Fichas 117 e 21). Como consequência do desenvolvimento da avenida de sul para norte, o comércio existente permanecia na zona da rotunda do Duque de Saldanha. Os edifícios a norte apenas serviam para habitação burguesa.

Apenas a partir dos anos 50, numa segunda fase de construção, o sector terciário aparece em grande número nas novas construções. As novas construções são projectadas para conter comércio no rés-do-chão e habitação nos pisos superiores.

Na terceira fase de construção, a partir dos anos 80, aparecem os primeiros centros comerciais e edifícios de escritórios. O edifício Monumental é construído em 1993 como primeiro grande centro comercial da Avenida da República (Anexo B, Ficha 1). Nos anos 80 os edifícios de habitação passam a ser transformados em escritórios e serviços.

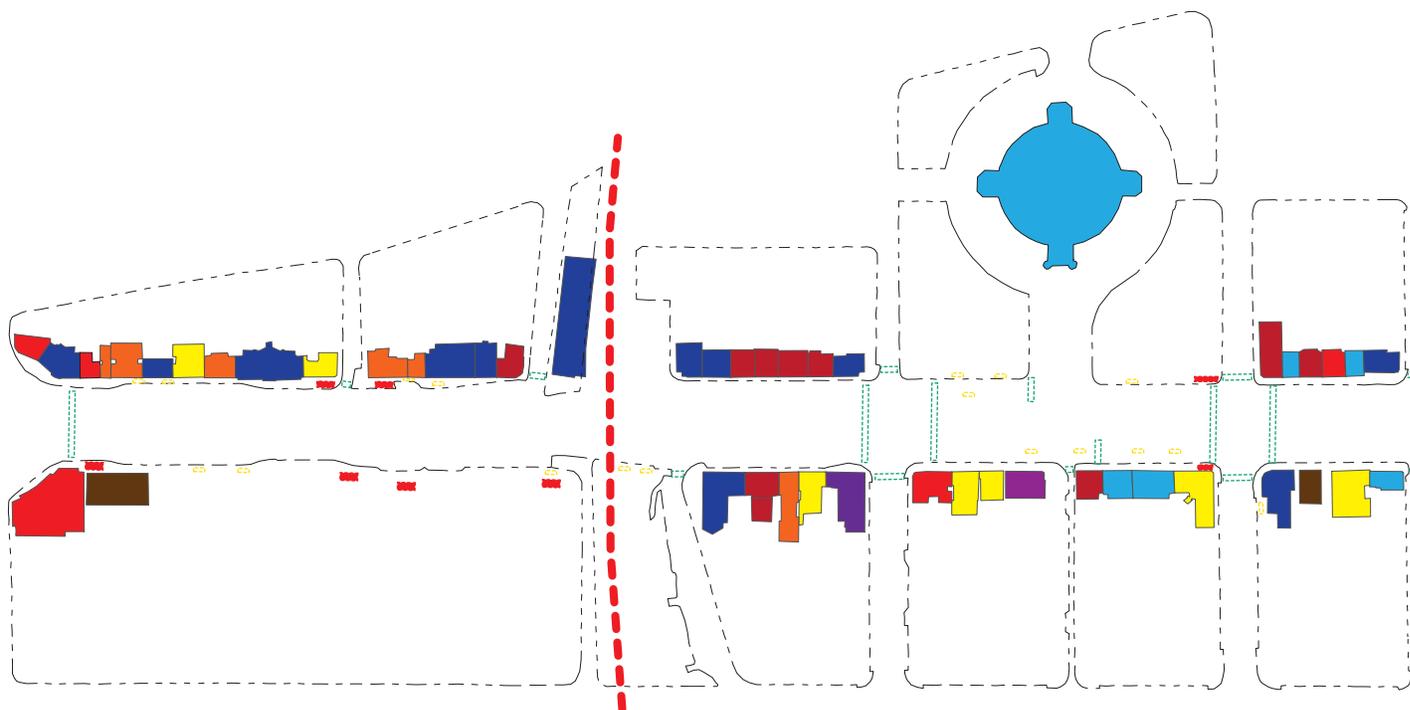
Hoje os escritórios são a função dominante da Avenida da República. Estes edifícios ocupam 26 dos 46 gavetos da avenida. Os edifícios com esta função são também identificados por serem os edifícios com maior altura da avenida, ocupam os dois gavetos junto ao Campo Pequeno, um com 15 pisos e outro com 18 pisos (Anexo B, Fichas 83 e 85). Alguns edifícios de escritórios surgem de anexações.

Como se pode ver nas figuras 2.33 e 2.34 temos apenas 10 edifícios (14% do edificado total) ocupados com habitação. Regista-se assim uma redução de 61% de edificado dedicado à habitação face à primeira fase de construção. Os edifícios habitacionais e comerciais também se encontram na maioria das vezes nos gavetos dos quarteirões, contabilizamos 13 edifícios nestas condições (27% do edificado total).

Junto às saídas do metro encontramos edifícios da primeira fase construção da avenida, estes são edifícios de excepção. Actualmente estes edifícios correspondem a escritórios que sofreram anexações ou foram ampliados (no número de pisos e/ou na implantação).

Na rotunda Duque de Saldanha os edifícios atingem o maior número de pisos (Fig. 2.34). Esses edifícios são ocupados por escritórios e comércio. Aqui os acessos ao transporte público estão facilitados o que favorece a implementação de comércio e escritórios.





--- Passadeiras

--- Paragem de autocarro

--- Saída do metro

■ Habitacional

■ Habitacional e comercial

■ Habitacional e empresarial

■ Habitacional, empresarial e comercial

■ Empresarial

■ Empresarial e comercial

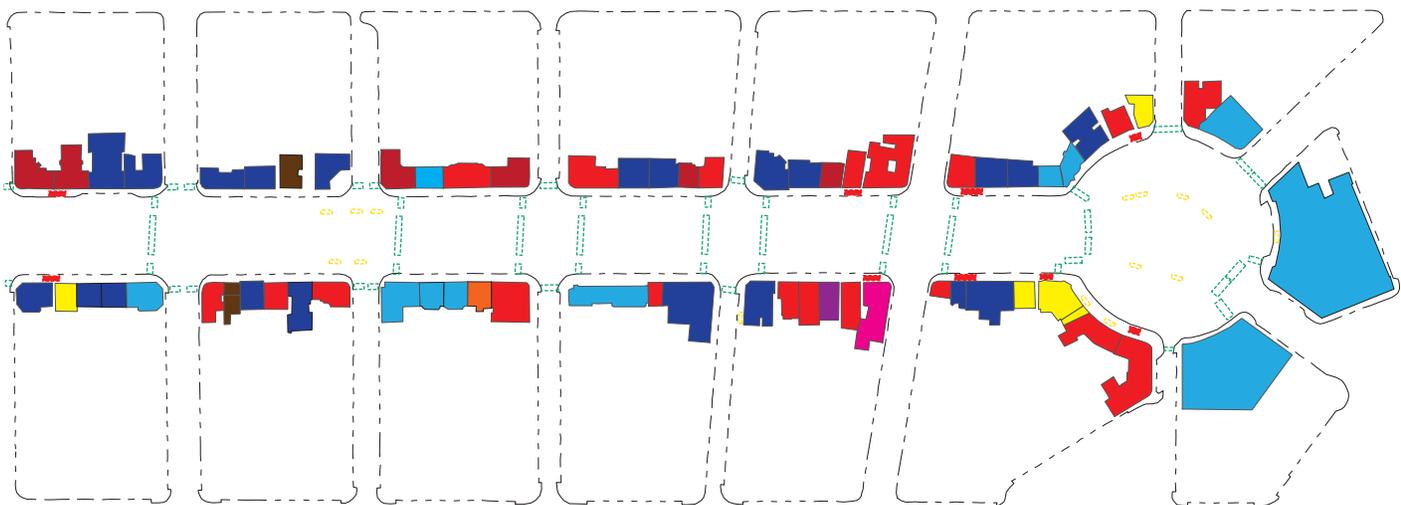
■ Educacional

■ Devoluto

■ Hoteleiro

■ Hoteleiro e comercial

[fig. 2.34] Usos do edificado em 2014







2.9 Conservação do edificado

O estado de conservação do edificado, na apreciação da fachada, foi dividido em 5 classificações:

- 'Bom' - edifício novo ou sem qualquer tipo de anomalias.
- 'Regular' - edifício com algumas anomalias derivadas da ausência de manutenção.
- 'Mau' – edifício com anomalias graves no que se refere à sua conservação.
- 'Em Construção' – edifício em construção de raiz (novo).
- 'Em Recuperação' - obras de conservação.

Esta análise é realizada no início do ano 2014. Em 113 edifícios que delimitam os limites da Avenida da República foram identificados 50 edifícios em 'bom' estado, 50 edifícios em estado 'regular', 9 edifícios em 'mau' estado, 2 edifícios 'em construção' e por fim 2 edifício no estado de "em recuperação" (Fig. 2.25).

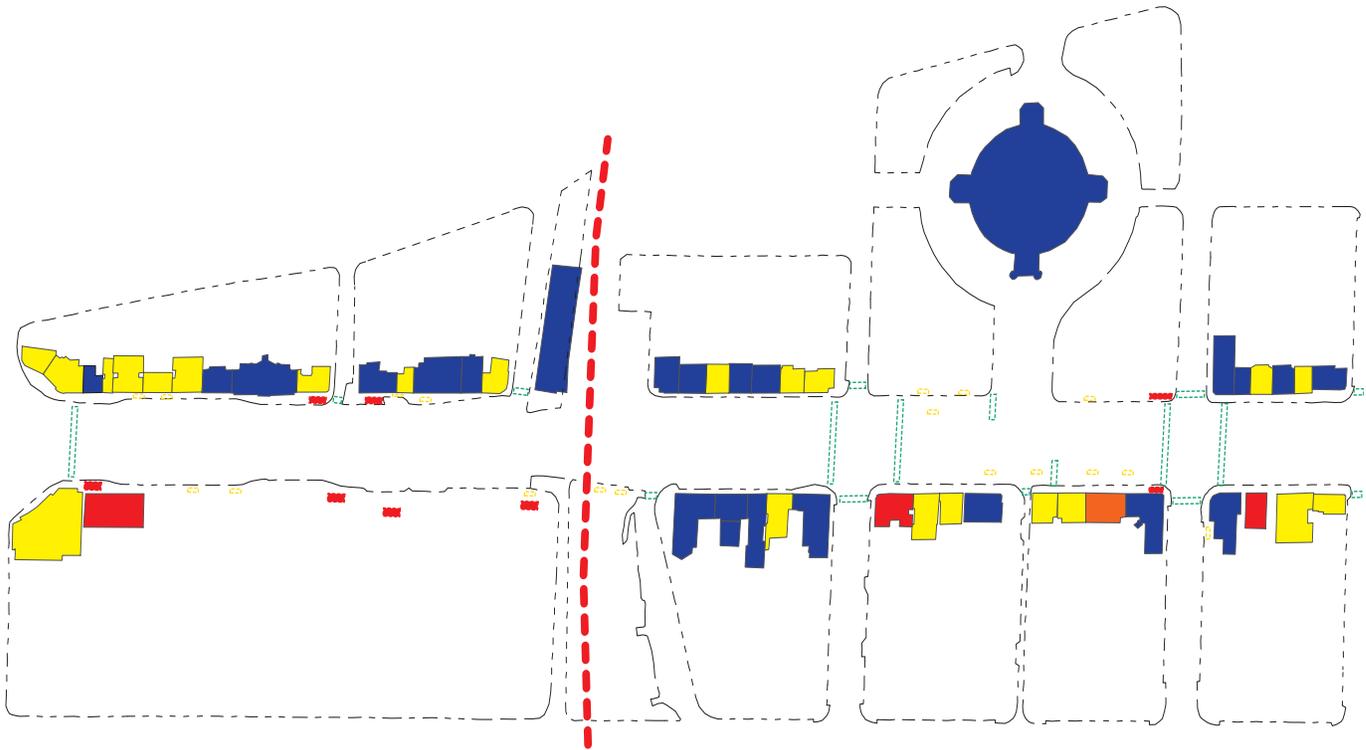
O edifícios que encontramos nos gavetos dos quarteirões têm maioritariamente classificação de "Bom" estado de conservação. Muitos destes edifícios são escritórios ou comércio.

Em contra partida nos centros das frentes dos quarteirões ao longo da avenida encontram-se, geralmente, os edifícios em estado 'regular'. Estes edifícios são geralmente edifícios dos anos 50, 60 e 70 com habitação e comércio com falta de manutenção nas fachadas.

Os edifícios em 'mau' estado de conservação são sempre edifícios do início da construção da *Avenida da República*. O edifício nº1 da Avenida da República construído por José Luís Monteiro é um exemplo desta falta de manutenção dos edifícios históricos da avenida (Anexo B, Ficha 4).

Encontramos edifícios "em construção" geralmente em edifício de gaveto. A política de intervenção nos actuais edifícios "em construção" não é a mesma. Assim verificamos duas posições: i) mantém-se a fachada do edifício pré-existente e altera-se as suas cêrceas descorando o processo construtivo do edificado inicial, exemplo disso é a intervenção num dos edifícios do Ventura Terra (Anexo B, Fichas 92); ii) não se preserva elementos dos edifícios pré-existentes e a relação com a envolvente não é tida em conta, exemplo disso é a intervenção realizada num dos edifícios localizado na praça Duque de Saldanha (Anexo B, Fichas 120 e 121).

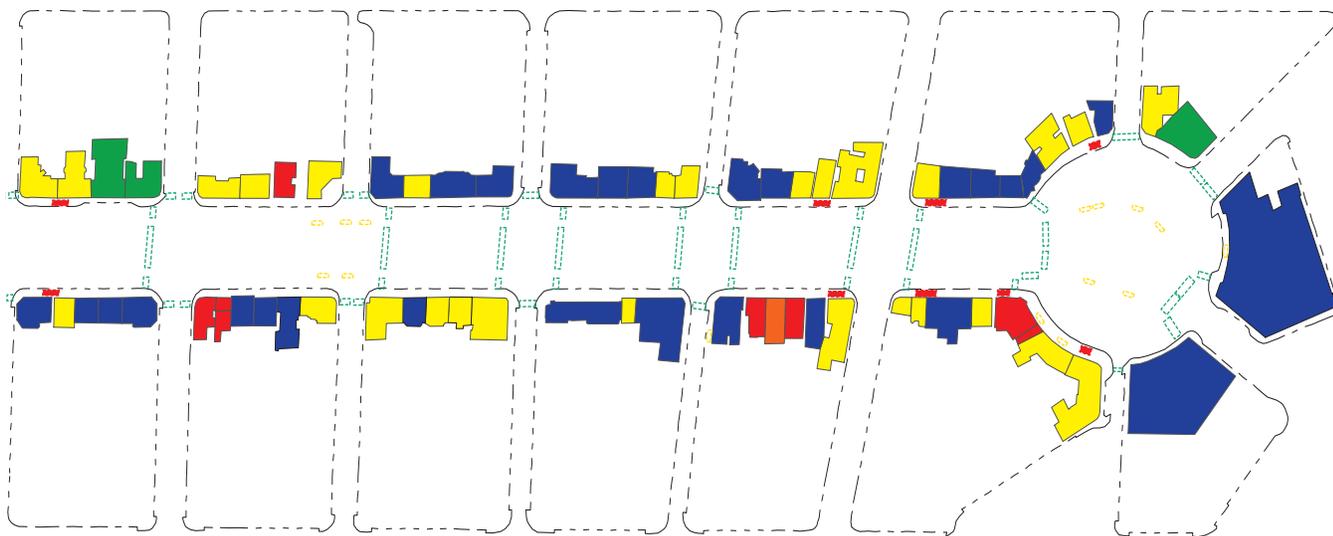


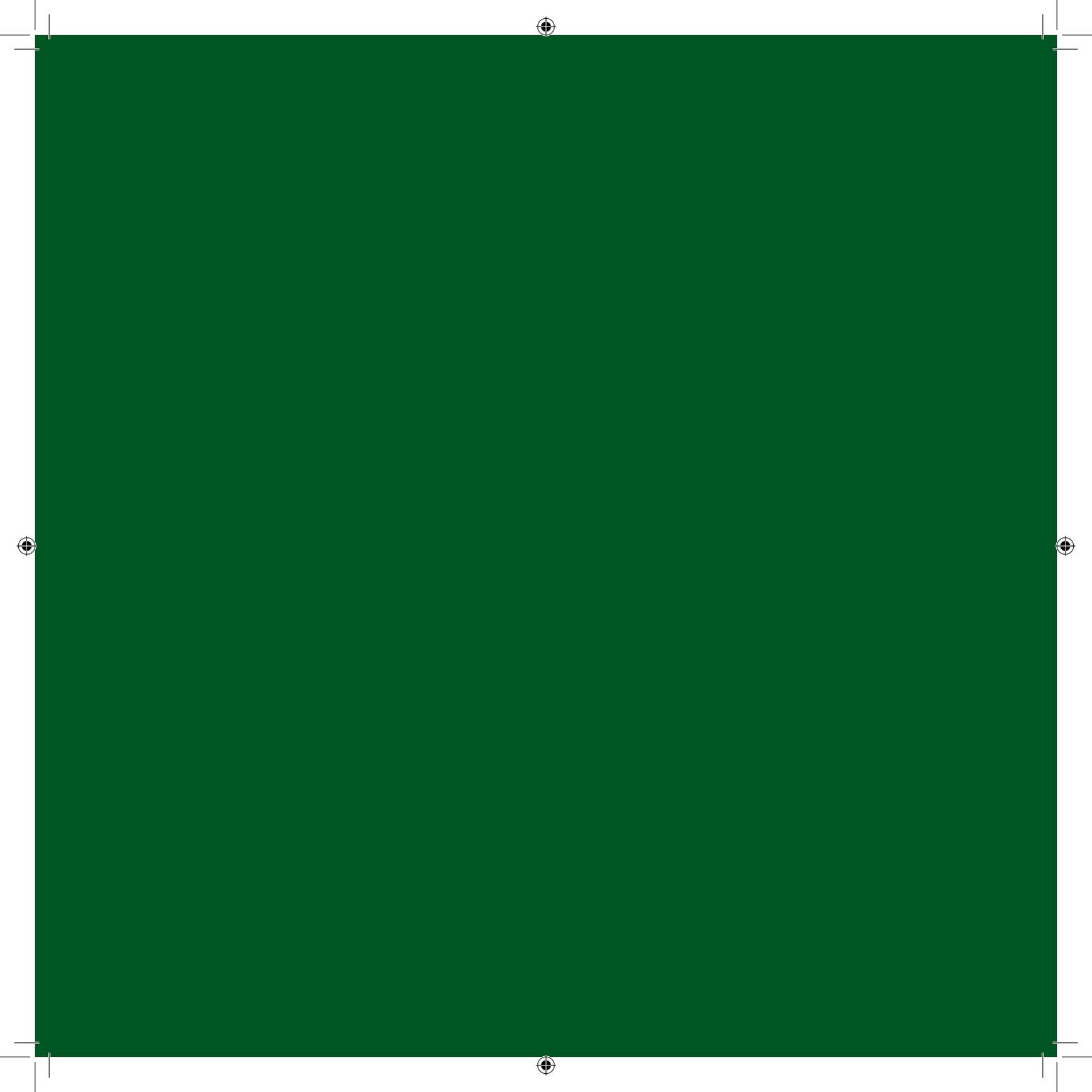


— Passadeiras
— Paragem de autocarro
— Saída do metro

■ Bom
■ Regular
■ Mau
■ Em construção
■ Em recuperação

[fig. 2.35] Estado de conservação do edificado em 2014





[2·3]

CONCLUSÃO

Com este estudo validou-se a persistência do espaço público através da leitura da cartografia de 1908, 1950, 1970 e 2014 para a Avenida da República e registou-se alterações na edificação destas datas, consequências dos avanços na rede do metropolitano.

Se por um lado, as avenidas novas com o plano de Ressano Garcia organizam a estrutura dos espaços públicos, por outro lado, não regram a altura do edificado, assim como as tipologias arquitectónicas que definem a envolvente deste espaços.

A altimétrica dos edifícios da avenida e a sua estética foi sendo aprovada ao longo do tempo pelos técnicos da câmara municipal de Lisboa. Nos primeiros processo consultados para a primeira época dos edificados verificamos muitas vezes a imposição de 20 metros de altura (5 pisos) assim como a não utilização da taipa. Posteriormente e com o evoluir da tecnologia o número de pisos foi incrementado.

Do estudo realizado constata-se que a actual Avenida da República ainda nos apresenta cerca de 1/3 do primeiro edificado. (38 edifícios são da primeira fase de construção). Outro aspecto que devemos salientar é a inversão da percentagem de funções na avenida. No início da construção temos 75% para a habitação e 0% para escritórios. Actualmente temos para habitação 41 ("habitacional" + "habitacional e comercial" e 47% ("empresarial" + "empresarial e comercial") para escritórios.

A introdução do metro em 1959 impôs um crescimento em altura à avenida. Podemos dizer que o metro transformou a avenida de pequenas habitações burguesas, numa avenida de grande escala, onde tem lugar o centro de negócios da cidade de Lisboa.

Demonstramos que o metropolitano pode condicionar e alterar o crescimento e desenho urbano da cidade. O metropolitano e as estações que servem a Avenida da República (Entrecampos, Campo Pequeno e Saldanha) têm como já referimos um forte impacto na regeneração da mesma.

A estação do Saldanha apresenta desde sempre um elevado valor de betweenness acrescido a partir de 2009 com as ligações à Alameda e a S. Sebastião. Como vimos esta característica potencia o tráfego de pessoas favorecendo a concentração de comércio e empresas. A estação do Saldanha ocupa também a primeira posição no que diz respeito à closeness, estando assim mais próxima das outras estações da rede. A localização de paragens de autocarro localizadas junto ao metro do Saldanha contribui também para potenciar o tráfego de pessoas na estação mais central da rede.

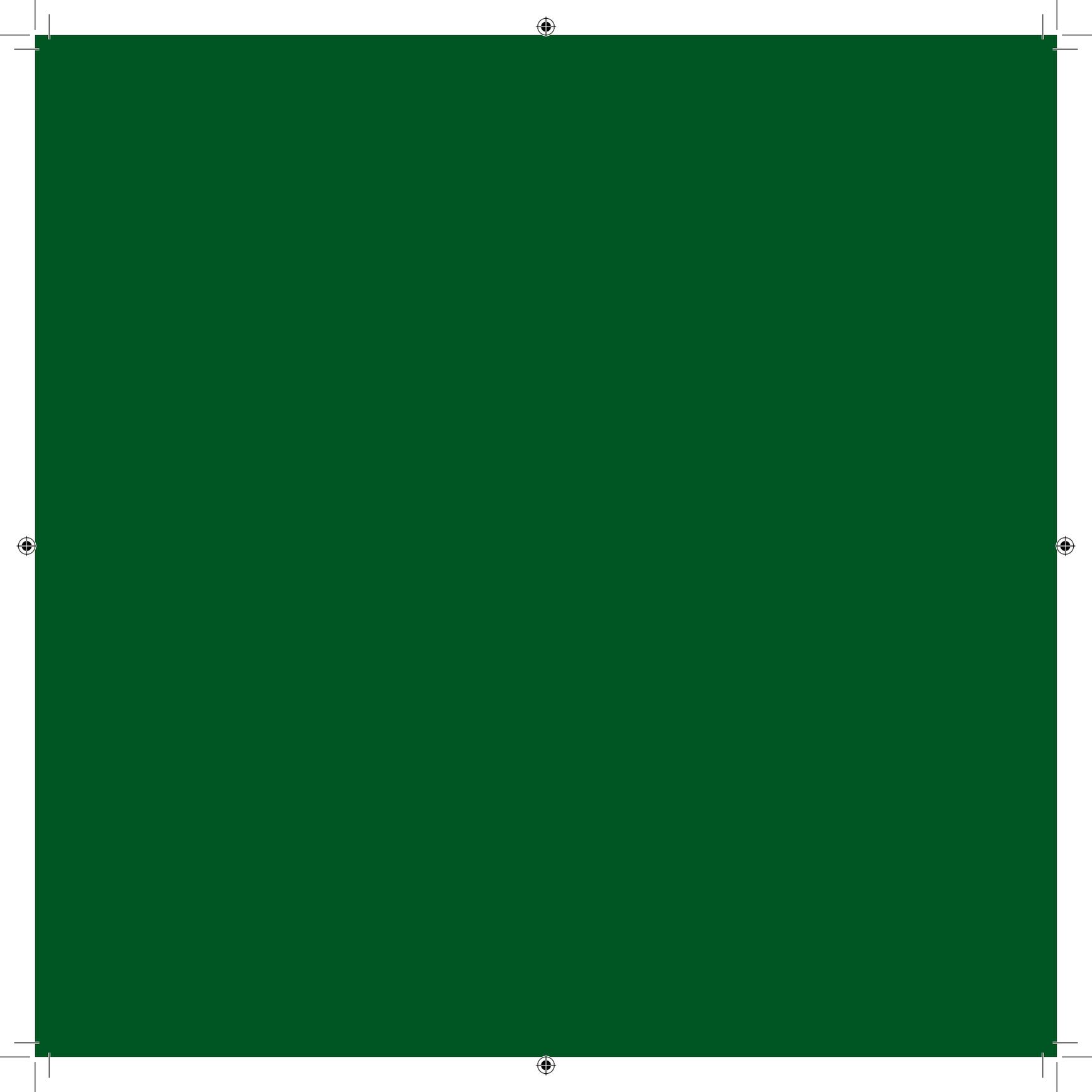
Junto à estação do Saldanha é evidente uma maior preocupação com a renovação e um grande investimento na construção de raiz, o que se justifica pelas características deste lugar (central e próximo das outras estações de metro).

Para além da alta betweenness e closeness na estação do Saldanha verificamos também que a estação do Campo Pequeno está a tornar-se numa das mais centrais da rede sendo possível distinguir os seus efeitos na regeneração deste troço na avenida. Os edifícios de gaveto junto à Praça do Campo Pequeno são actualmente os edifícios mais altos da Av. da República, um foi construído em 1968 e o outro reabilitado em 2010 (Anexo B, Fichas 83 e 85). Estas duas datas são importantes. Uma está muito próxima da data de chegada da linha do metro a esta zona (1959) e a outra do cruzamento da linha vermelha com a linha amarela em 2009, na zona do Saldanha. Curiosamente os edifícios hoteleiros da avenida encontram-se todos em frente à Praça de Touros (Anexo B, Fichas 45 e 49).

Junto à estação de Entrecampos as alterações que se registam nos edifícios são dos anos 60, após a abertura do metro. Assim os edifícios que torneiam a Rotunda de Entrecampos obtêm construções novas aumentando os pisos de 2 e 4 para 10 e 11 pisos (Anexo B, Fichas 55 e 56).

A Avenida da República muda em função das acessibilidades. A introdução do metro em 1959 permitiu um crescimento em altura da avenida. A função inicial de habitação é substituída progressivamente com o tempo por escritórios e comércio.

A infra-estrutura "metro" condiciona e promove ao mesmo tempo o desenvolvimento do território. Esta faz parte de um processo de renovação urbana. Com o crescimento da linha de metro a presença de novas centralidades aumenta, funcionando este como atractor de diversos usos da cidade, consoante a localização das estações. Desta forma, podemos ter locais mais adequados a serviços, a comércio, a escritórios, a habitação, entre outros.



[2·4]

BIBLIOGRAFIA





AAVV – **Plano de Pormenor, Modalidade Simplificada, designado por: Plano de Alinhamento e Cérceas para a Avenida da Republica**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2006.

BRANDES, U. and WAGNER, D. - visone - **Analysis and Visualization of Social Networks**. In Michael Jünger and Petra Mutzel (Eds.): Graph Drawing Software, pp. 321-340. © Springer-Verlag, 2004.

CAMARINHAS, C. - **L'urbanisme de Lisbonne: éléments de théorie urbaine appliquée**. Tese de Doutoramento, Université Paris IV, Sorbonne, Paris, 2009

COELHO, C., et al. – Elementos urbanos. **Cadernos de morfologia urbana: estudos da cidade portuguesa**. Lisboa: Argumentum, 2013. Vol. 1.

CONZEN, M.R.G. - **Alnwick, Northumberland: a study in town-plan analysis**. Publication No. 27, Institute of British Geographers, London; reprinted with minor amendments and Glossary, 1969 (1960).

CORREIA, R. - **Frederico Ressano Garcia (Lisboa, 1847 - 1911)**. Lisboa: CML, 2011.

DÁ MESQUITA, M. - **Casas urbanas de Lisboa – Memórias e metamorfoses**. Revista Arte Teoria, nº 8, Junho de 2006, pp. 136-145.

DÁ MESQUITA, M., SERRANO, I. - **A leitura da cidade pelos seus contemporâneos**. Revista Arte Teoria, n.º 10, 2007, pp.67-81.

DERRIBLE, S. – **Network centrality of metro systems**. Plos One. Volume 7, Issue 7, July 2012, pp. 1-10.

DERRIBLE, S. and KENNEDY, C. - **Network analysis of world subway**. Systems using updated graph theory. Transportation Research Record, 2112, 2009, pp. 17-25.

FREEMAN, L. – **A set of measures of centrality based on betweenness**. Sociometry, Volume 40, No. 1, Mar. 1977, pp. 35-41.

KOSTOF, S. - **The city assembled – the elements of urban form through history**. Londres, Thames and Hudson, 1999 (1992).



- KOSTOF, S. – **The city shaped: Urban patterns and Meanings through history**. London: Thames & Hudson, 2006 (1991).
- KRIER, L. - **Arquitetura : escolha ou fatalidade**. Lisboa: Estar Editora, 1999.
- LAMAS, J. M. – **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- MERLIN, P.; CHOAY, F. (dirs.) - **Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement**. 3ª Edição. Paris: PUF, 2010.
- MORAIS, J. S., ROSETA, F. - **Os Planos da Avenida da Liberdade e seu prolongamento**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- PAIXÃO, R. - **Vida e obra do engenheiro Pedro José Pezerat e a sua actividade na liderança da Repartição Técnica da Câmara Municipal de Lisboa (1852-1872)**. Cadernos do Arquivo Municipal de Lisboa, n9, 2007, pp. 98-112
- RODRIGUES, D., SAMPAYO, M. – **The Public Space as Consequence of Subway Expansion: The case study of Lisbon Subway -1959 through 2009**. In 5th International PhD seminar Urbanism& Urbanization. Leuven: Bruno De Meulder, Michael Ryckewaert, Kelly Shannon, 2009. pp. 77-79
- ROLLO, M. F. - **1888: primeiro projecto de um metropolitano para Lisboa**. Revista Ingenium, 2005.
- SAMPAYO, M. - **Construir Cidade com Espaço Público**. Waterfornts of Art III - Public Art & Urban Design: Interdisciplinary and Social Perspectives, 2003. pp. 44-46.
- SAMPAYO, M. - **Forma urbana da parte baixa da Lisboa destruída: Análise e avaliação (1756-1786)**. Tese de Doutoramento, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, 2011.
- SAMPAYO, M. - **Persistência do espaço público no plano de Lisboa (1756-1786)**. Actas do Simpósio EURAU (Europeu de Investigação em Arquitectura e Urbanismo) | Espaço Público e Cidade Contemporânea. Porto: EURAU, 2012b.
- SAMPAYO, M.; MARAT-MENDES, T. - **A lei da permanência do plano na cartografia da parte baixa de Lisboa de 1756 a 1786**. In Mafalda G. Teixeira de Sampayo; Paula André; Teresa MARAT-MENDES, (Eds), Actas da Conferência Internacional PNUM 2012a - Portuguese Network of Urban Morphology. Lisboa: ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, 2012a. Pp. 1307-1323.



SAMPAYO, M.; RODRIGUES, D. - The persistence of public space: downtown Lisbon; Roberto Cavallo, Susanne Komossa, Nicola Marzot, Meta Berghauer Pont, Joran Kuijper (eds); *New Urban Configurations*. Amsterdam: IOS PRESS, 2014, pp. 480-488, 2014

SAMPAYO, M.; SILVESTRE, C. - **The impact of Lisbon's subway development in "Avenida da República" and "Avenida da Liberdade"**. In 21st International Seminar on Urban Form. Porto: Victor Oliveira, Luisa nedes Batista, Tiago Patatas, 2014, pp.137

SILVA, R. – **As Avenidas Novas de Lisboa 1900-1930**. Lisboa, 1984 (Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Policopiada).

SILVA, R. – **Lisboa de Frederico Ressano Garcia: 1874-1909**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

SILVA, R.– **O passeio Público e a Avenida da Liberdade. *O livro de Lisboa*** (coordenadora de Irisalva Moita). Lisboa: Livros Horizonte, 1998. pp. 425-434.

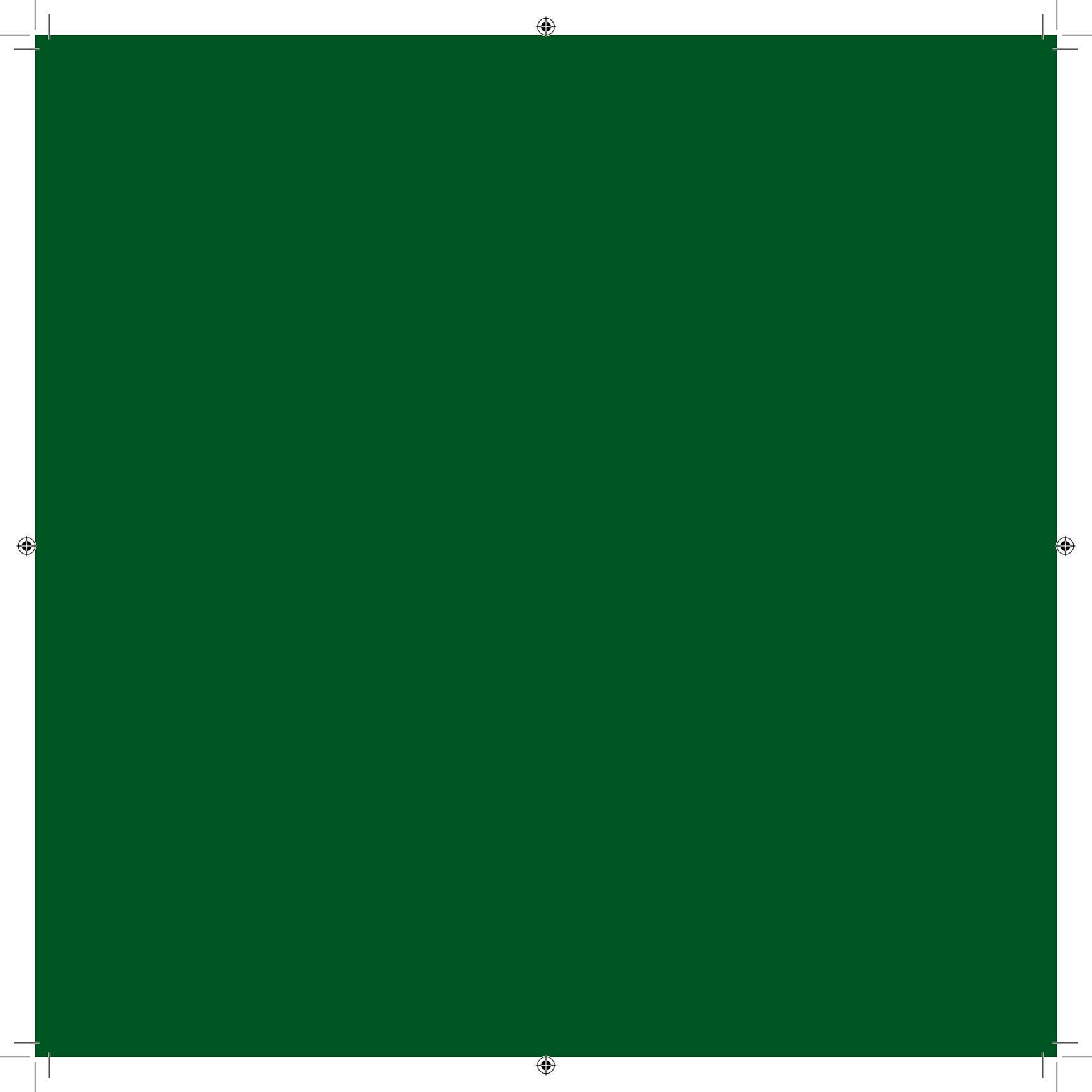
SILVA, R.– **Planear a cidade burguesa, 1777-1900**. Lisboa. Conhecer, pensar, fazer cidade. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa - Urbanismo, Direcção Municipal de Planeamento e Gestão Urbanística, Departamento de informação Urbana, 2001. pp. 50-63.

SILVA, R. – **Das Avenidas Novas à Avenida de Berna**. Revista de História da Arte, nº2 -2006. Instituto de História de arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2006. pp. 126-141

SILVA, R. – **Lisboa reconstruída e ampliada (1758 – 1903)**. 1758 Lisboa: O Plano da Baixa Hoje, Coordenação de Ana Tostões e Walter Rossa, Catálogo da Exposição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2008. pp. 127-164.

SILVESTRE, C.; SAMPAYO, M. - **O processo de transformação urbana da Avenida da República como consequência do metro**. In *Arquitecturas do mar da terra e do ar - arquitectura e urbanismo na geografia e cultura - vol. I*. Lisboa, Academias de Escolas de Arquitecturas e Urbanismo de Língua Portuguesa, 2014, pp. 395-405 ISBN | 978-150-2424-50-1





[2·5] ANEXOS

ANEXO A - Catalogação das cartas

Ficha cartográfica nº1



LEVANTAMENTO DA PLANTA DE LISBOA:1904-1911

AUTOR(ES): Silva Pinto

ESCALA: 1:1000

PUBLICAÇÃO: 1937

DATA A QUE SE REFERE: 1904-1911

DESCRIÇÃO FÍSICA: 23cm X 33cm

NOTAS: Planta referente ao Plano de Melhoramento da Cidade aprovada em 1904 com a integração das Avenidas Novas.

COTA: -

ARQUIVO: Gabinete de estudos Olisiponenses

Ficha cartográfica nº2



LEVANTAMENTO DA PLANTA DE LISBOA: 1950

AUTOR(ES): Instituto Geográfico e Cadastral

ESCALA: 1:1000

PUBLICAÇÃO: 2012, pela Câmara Municipal de Lisboa

DATA A QUE SE REFERE: 1950

DESCRIÇÃO FÍSICA: 66cm X 100cm

NOTAS: Cartografia histórica de Lisboa referente ao ano de 1950, resultante do levantamento e desenho do Instituto Geográfico e Cadastral.

COTA: -

ARQUIVO: Gabinete de Estudos Olisiponenses e Arquivo Histórico da CML.

Ficha cartográfica nº3



LEVANTAMENTO DA PLANTA DE LISBOA:1970

AUTOR(ES): Instituto Geográfico e Cadastral

ESCALA: 1:1000

PUBLICAÇÃO: 28/03/2012

DATA A QUE SE REFERE: 1970-1983

DESCRIÇÃO FÍSICA: 66cm X 100cm

NOTAS: Cartografia histórica de Lisboa resultante de levantamento aerofotogramétrico com actualização de 1973 da planta executada pelo IGC em 1951.

COTA: -

ARQUIVO: Arquivo Histórico da CML.

Ficha cartográfica nº4



LEVANTAMENTO DA PLANTA DE LISBOA: 2013

AUTOR(ES): Câmara Municipal de Lisboa

ESCALA: n/a

DATA A QUE SE REFERE: 2013

DESCRIÇÃO FÍSICA: Formato digital

NOTAS: Cartografia actual da cidade de Lisboa em 2013

COTA: n/a

ARQUIVO: n/a

Ficha cartográfica nº5



Planta de parte da cidade baixa e avenida da Liberdade com os projetos das zonas do parque da Liberdade, da avenida de Picoas ao Campo Grande, ruas adjacentes e bairro Camões

AUTOR(ES): n/a

ESCALA: 1:10000

DATA A QUE SE REFERE: 1897

DESCRIÇÃO FÍSICA: 54cm X 78cm

NOTAS: n/a

COTA: PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/11/506

ARQUIVO: Arquivo Municipal de Lisboa - Arquivo do Arco do Cego

Ficha cartográfica nº6



PLANTA DA ZONA DE PICOAS ATÉ CAMPO GRANDE

AUTOR(ES): Frederico Ressano Garcia

ESCALA: 1:2500

DATA A QUE SE REFERE: 25-01-1902

DESCRIÇÃO FÍSICA: 1 folha

NOTAS: Planta que contem o nome dos proprietários dos terrenos antes da implantação do novo plano das Avenidas Novas. Sobreposto à planta cadastral está o plano com a avenida de Ressano Garcia, a estrada de Picoas, o mercado geral do gado, o largo cruz do Taboado, a estrada do Arco do Cego, a avenida Fontes Perreira de Melo, a praça de Touros e a estrada de entrecampos.

COTA: PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/09/01928

ARQUIVO: Arquivo Municipal de Lisboa - Arquivo do Arco do Cego

Ficha cartográfica nº7



TERRENO PARA VENDA NA AVENIDA RESSANO GARCIA

AUTOR(ES): n/a

ESCALA: n/a

DATA A QUE SE REFERE: 20-10-1904 / 07-04-1905

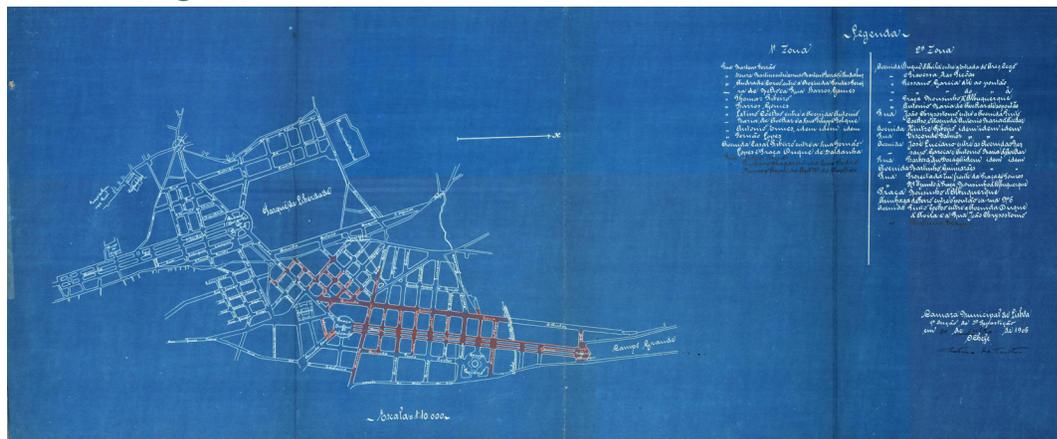
DESCRIÇÃO FÍSICA: 20 folhas

NOTAS: Planta que indica o preço e venda dos lotes nos quarteirões juntos à Avenida da República e ruas adjacentes.

COTA: PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/09/01921

ARQUIVO: Arquivo Municipal de Lisboa - Arquivo do Arco do Cego

Ficha cartográfica nº8



TERRENO PARA VENDA NA AVENIDA RESSANO GARCIA

AUTOR(ES): n/a

ESCALA: 1:10000

DATA A QUE SE REFERE: 1906

DESCRIÇÃO FÍSICA: 1 folha

NOTAS: Planta referente ao plano de melhoramento da cidade planeado por Ressano Garcia

COTA: PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/09/01926

ARQUIVO: Arquivo Municipal de Lisboa

Ficha cartográfica nº9



PLANTA DA CIDADE DE LISBOA- EXTRACTO DA CARTA TOPOGRÁFICA DE LISBOA

AUTOR(ES): Câmara Municipal de Lisboa

ESCALA: 1:10000

DATA A QUE SE REFERE: 1911

DESCRIÇÃO FÍSICA: 50cm x 76cm

NOTAS: Publicada em 1871, tendo sobrepostas a tinta encarnada as alterações feitas até 1911

COTA: PT/AMLSB/CB/13/13

ARQUIVO: Arquivo Municipal de Lisboa

Ficha cartográfica nº10

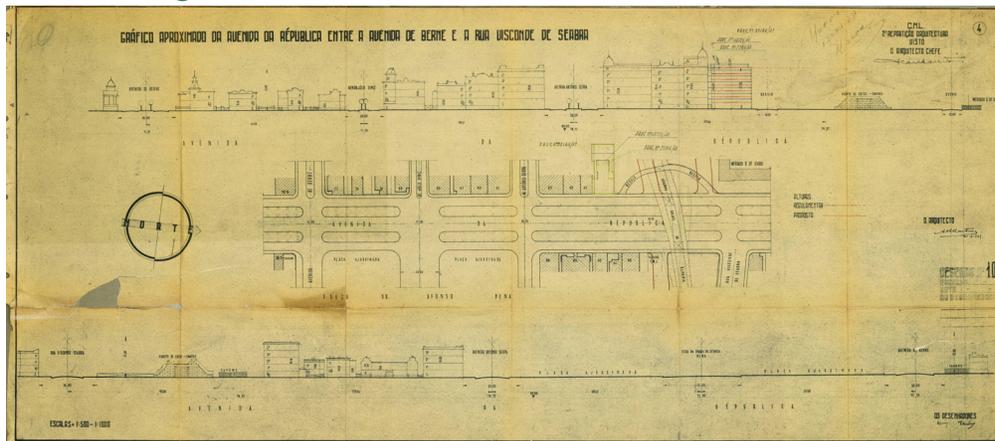


GRÁFICO APROXIMADO DA AVENIDA DA REPÚBLICA ENTRE A AVENIDA DE BERNE E A RUA VISCONDE DE SEABRA

AUTOR(ES): Câmara Municipal de Lisboa

ESCALA: 1:500 e 1:1000

DATA A QUE SE REFERE: 1939

DESCRIÇÃO FÍSICA: n/a

NOTAS: Alçado da Avenida da República com edifícios construídos em 1939 e novas propostas de construção.

COTA: Proc 35108-DAG-PG-1947

ARQUIVO: Arquivo Municipal de Lisboa

Ficha cartográfica nº13

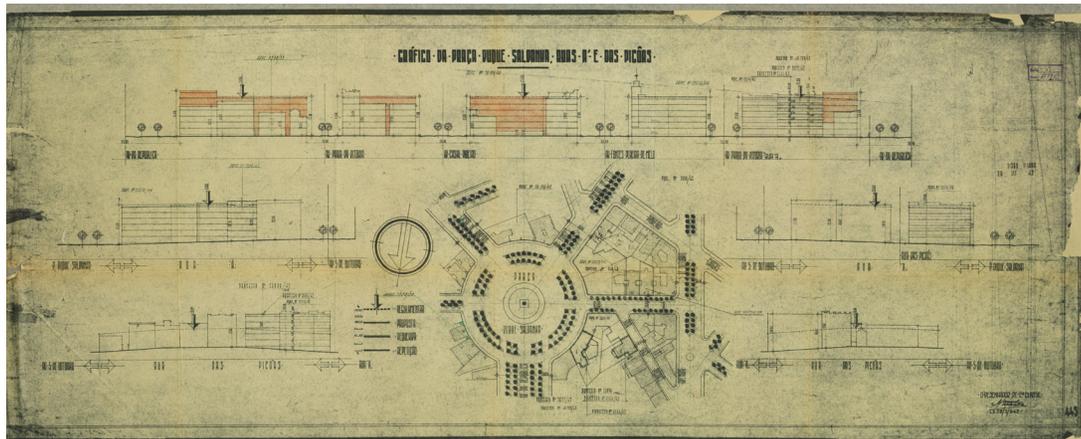


GRÁFICO DA PRAÇA DUQUE SALDANHA, RUAS A' E DAS PICÓAS

AUTOR(ES): Câmara Municipal de Lisboa

ESCALA: 1:500 e 1:1000

DATA A QUE SE REFERE: 1942

DESCRIÇÃO FÍSICA: Folha 5

NOTAS: Alçados da Praça Duque de Saldanha em 1942.

COTA: Proc 7538-DAG-PG-1953

ARQUIVO: Arquivo Municipal de Lisboa

Ficha cartográfica nº14

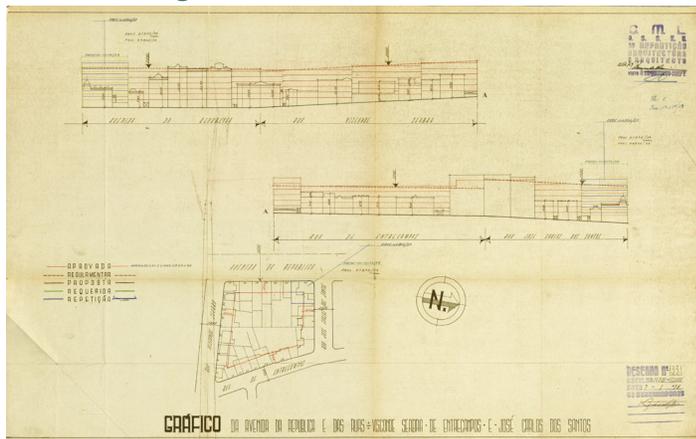


GRÁFICO DA AVENIDA DA REPÚBLICA E DAS RUAS VISCONDE SEABRA DE ENTRECAMPOS E JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

AUTOR(ES): Câmara Municipal de Lisboa

ESCALA: 1:500 e 1:1000

DATA A QUE SE REFERE: 1956

DESCRIÇÃO FÍSICA: Folha 5

NOTAS: Alçados da Avenida da República em 1956

COTA: Proc 10175-DAG-PG-1959

ARQUIVO: Arquivo Municipal de Lisboa

Ficha cartográfica nº14

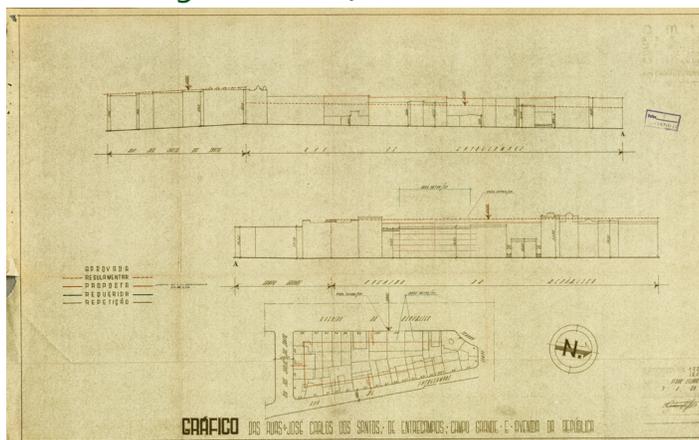


GRÁFICO DAS RUAS JOSÉ CARLOS DOS SANTOS DE ENTRECAMPOS; CAMPO GRANDE E AVENIDA DA REPÚBLICA

AUTOR(ES): Câmara Municipal de Lisboa

ESCALA: 1:500 e 1:1000

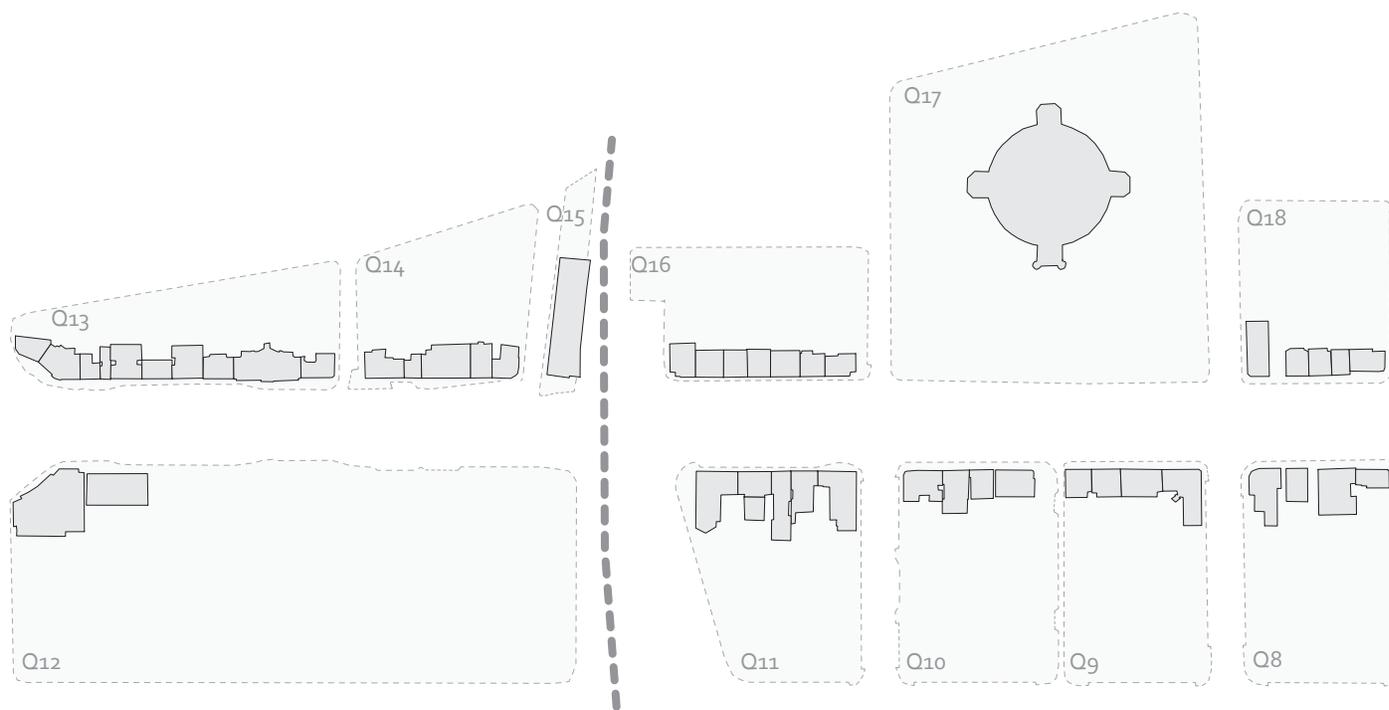
DATA A QUE SE REFERE: 1956

DESCRIÇÃO FÍSICA: Folha 9

NOTAS: Alçados da Avenida da República em 1956

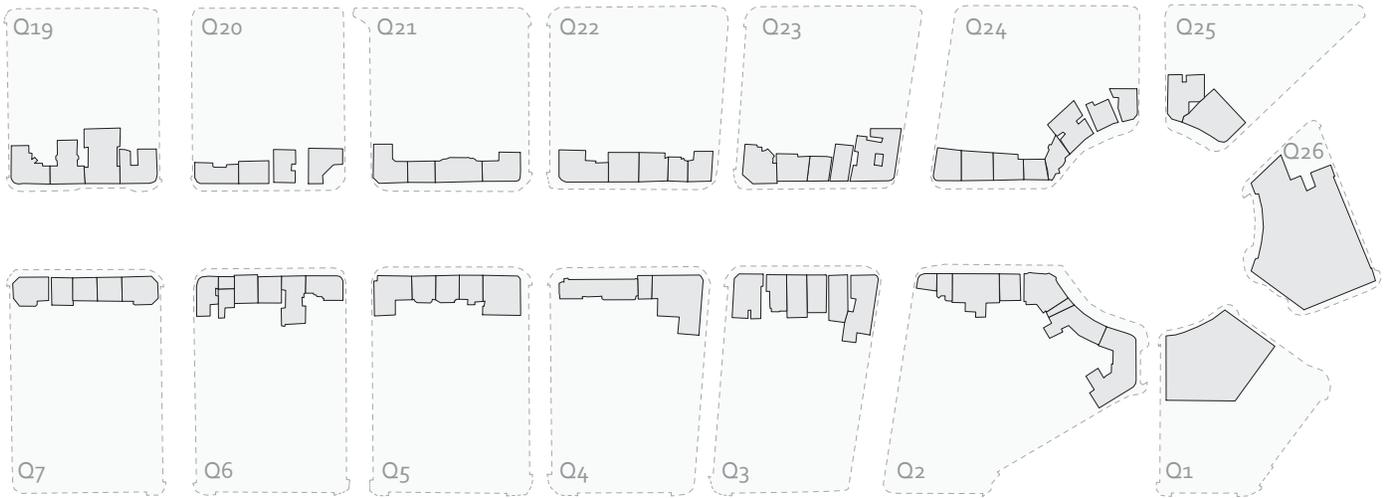
COTA: Proc 54758-DAG-PG-1955

ARQUIVO: Arquivo Municipal de Lisboa

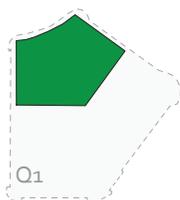


[fig. 2.17] Identificação dos quarteirões da Avenida da República

ANEXO B - Fichas de caracterização dos edifícios da Avenida da República



FICHA Nº 1



230

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

PRAÇA DUQUE DE SALDANHA, 33

LOCALIZAÇÃO

Praça Duque de Saldanha nº33;
1050-094 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Raúl Rodrigues Lima
3º edifício: Javier Adalid e Eduardo de Vilegas

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1951
3º edifício: 1993

UTILIZAÇÃO INICIAL

Colégio normal de Lisboa

SEGUNDA UTILIZAÇÃO

Cinema

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 6 Pisos
3º edifício: 13 Pisos



| fig. 1 | 1938 (FONTE: AML)

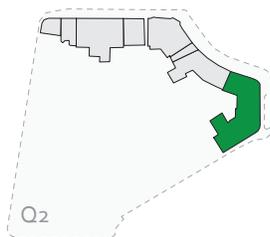


| fig. 2 | 1952 (FONTE: AML)



| fig. 3 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 2



PROLONGAMENTO DA AVENIDA PRAIA DA VITÓRIA

LOCALIZAÇÃO

Praça Duque de Saldanha nº31;
Avenida Praia da Vitória nº48,
1050-094 Lisboa

ARQUITECTO

Carlos Ramos

ANO DE CONSTRUÇÃO

1943

UTILIZAÇÃO INICIAL

Jardim da Nunciatura

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

7 pisos

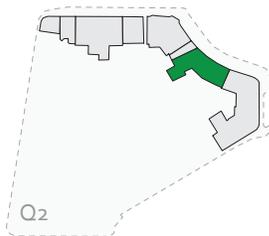


| fig. 1 | 1945 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 3



232

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

PROLONGAMENTO DA AVENIDA PRAIA DA VITÓRIA

LOCALIZAÇÃO

Praça Duque de Saldanha nº32;
1050-094 Lisboa

ARQUITECTO

João Simões

ANO DE CONSTRUÇÃO

1943

UTILIZAÇÃO INICIAL

Jardim da Nunciatura

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

6 pisos

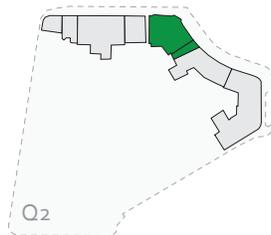


|fig. 1| 1945 (FONTE: AML)



|fig. 2| 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 4



AVENIDA DA REPÚBLICA, 1

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº1; Praça Duque de Saldanha nº28-30, 1050-185 Lisboa

ARQUITECTO:

José Luís Monteiro

ANO DE CONSTRUÇÃO

1907

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional

Nº PISOS

2 Pisos

NOTA

Edifício em gaveto. Contem outro edifício na sua lateral esquerda com menores dimensões.

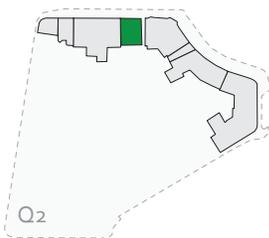


| fig. 1 | 1964 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 5



234

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 3

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº3
1050-185 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Alfredo Santos

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: n/a
2º edifício: 1964

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 9 Pisos

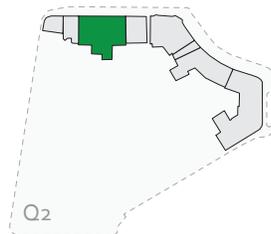


| fig. 1 | 1909 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 6



AVENIDA DA REPÚBLICA, 5

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº5
1050-185 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: 1ª fase: n/a
 2ª fase: n/a
2º edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1ª fase: antes 1908
 2ª fase: depois 1950
2º edifício: 2012

UTILIZAÇÃO INICIAL

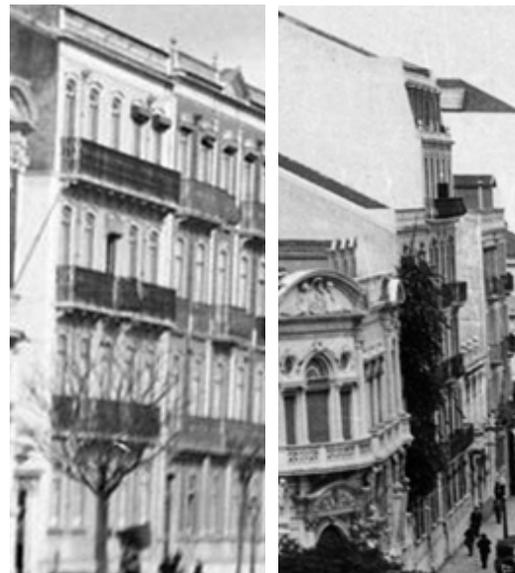
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 1ª fase: 4 Pisos
 2ª fase: 6 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

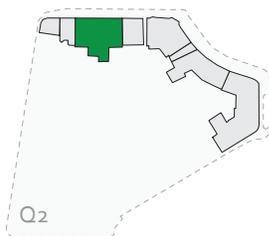


| fig. 1 | 1909 (FONTE: AML) | fig. 2 | 1967 (FONTE: AML)



| fig. 3 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 7



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 7

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº7
1050-185 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Nicola Bigaglia
2º edifício: **n/a**

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1904
2º edifício: 2012

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

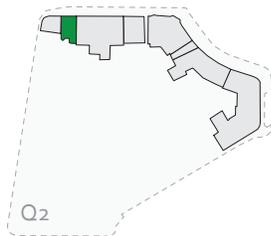


| fig. 1 | 1967 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 8



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 9

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº9
1050-185 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Construtor António Gaspar
2º edifício: Raul B. A. Branco

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1904
2º edifício: 1969

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

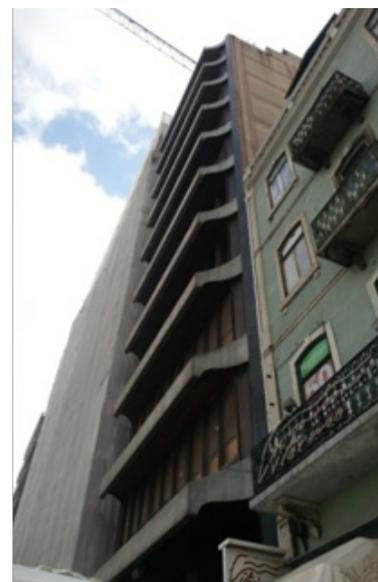
Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

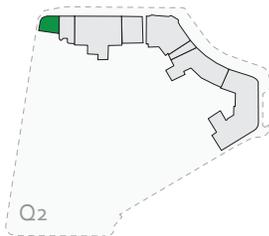


| fig. 1 | 1964 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 9



238

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 11

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº11; Avenida Duque d'Ávila nº109 e 111
1050-185 Lisboa

ARQUITECTO

Construtor António Gaspar

ANO DE CONSTRUÇÃO

1904

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

4 Pisos

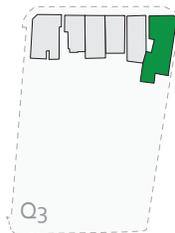


| fig. 1 | 1964 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 10



AVENIDA DA REPÚBLICA, 13

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº13; Avenida Duque d'Ávila nº38,
1050-185 Lisboa

ARQUITECTO

Álvaro Machado

ANO DE CONSTRUÇÃO

1904

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício educacional

Nº PISOS

3 Pisos

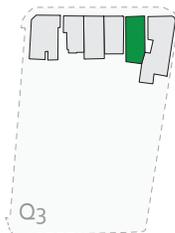


| fig. 1 | 1968 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 11



240

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 15

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº15,
1050-185 Lisboa

ARQUITECTO

Manuel Joaquim Norte Júnior

ANO DE CONSTRUÇÃO

1922

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

6 Pisos

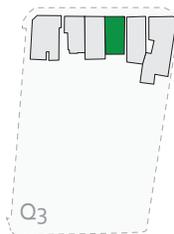


| fig. 1 | 1967 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 12



AVENIDA DA REPÚBLICA, 17

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº17,
1050-185 Lisboa

ARQUITECTO

n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

antes 1950

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Hotel e comercio

Nº PISOS

4 Pisos

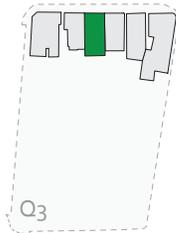


| fig. 1 | 1967 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 13



242

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 19

LOCALIZAÇÃO:

Avenida da república nº19,
1050-185 Lisboa

ARQUITECTO

Construtor António Pedrosa

ANO DE CONSTRUÇÃO

1909

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

3 Pisos

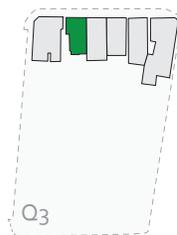


| fig. 1 | , 1967 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 14



AVENIDA DA REPÚBLICA, 21

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº21,
1050-185 Lisboa

ARQUITECTO

n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

antes 1908

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

3 Pisos

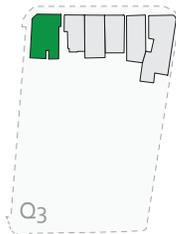


| fig.1 | 1967 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 15



244

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 23

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº23; Avenida João Crisóstomo nº19,
1050-185 Lisboa

ARQUITECTOS

Miguel Nogueira Júnior

ANO DE CONSTRUÇÃO

1913

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

5 Pisos

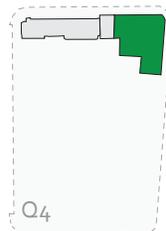


| fig. 1 | 1968 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 16



AVENIDA DA REPÚBLICA, 25

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº25; Avenida João Crisóstomo nº24
1050-186 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a

2º edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908

2º edifício: 2013

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 5 Pisos

2º edifício: 7 Pisos

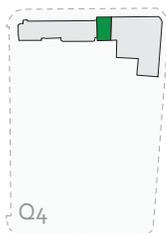


| fig. 1 | Antigo (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 17



246

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 27

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº27
1050-186 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Carlos Franco

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1957

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

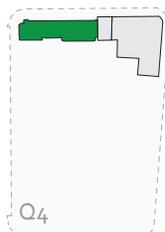


| fig. 1 | Antigo (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 18



AVENIDA DA REPÚBLICA, 29 e 31

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº29, 31, 33 e 35
1050-186 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Álvaro Machado
2º edifício: Luís Tabosa

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1905
2º edifício: 1986

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISO

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

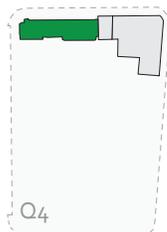


| fig. 1 | 1961 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 19



248

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 33

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº29, 31, 33 e 35
1050-186 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Luís Tabosa

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1986

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

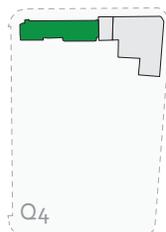


| fig. 1 | 1971 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 20



AVENIDA DA REPÚBLICA, 35

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº29, 31, 33 e 35;
Avenida Miguel Bombarda nº13; 15, 17e 19
1050-186 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Luís Tabosa

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: 1986

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 6 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

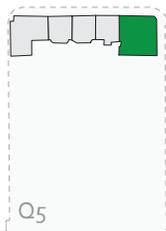


| fig. 1 | 1961 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 21



250

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 37

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº37
1050-187 Lisboa

ARQUITECTOS

Construtor José Rodrigues Martinho

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1918
2º edifício: 1919
3º edifício: 1920

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

6 Pisos

Nota: O primeiro projecto foi desenhado em 1918 para uma padaria (Padaria C. de Moura). Este projecto apresenta um piso com cobertura de águas. Em 1919 é acrescentado um piso, mantendo a função de panificadora. O projectista mantém-se o mesmo e observando os desenhos verifica-se a reutilização da mesma tipologia para os vãos (a entrada principal e as aberturas laterais).

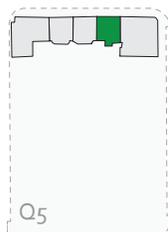


| fig. 1 | 1969 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 22



AVENIDA DA REPÚBLICA, 39

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº39
1050-187 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Augusto Carlos Cunha
2º edifício: Manuel do Lindo

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1904
2º edifício: 1959

UTILIZAÇÃO INICIAL

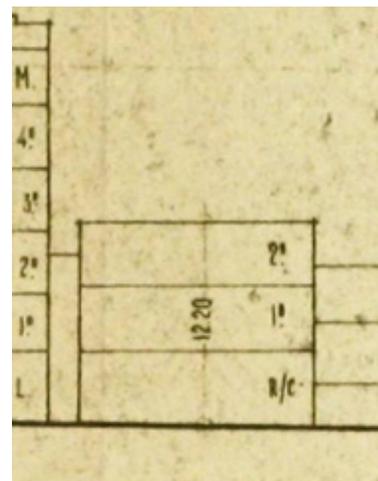
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 3 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

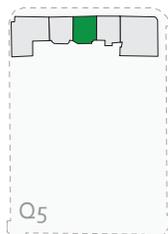


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 23



252

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 41

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº41
1050-187 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: David Ferreira Oliveira

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1964

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 11 Pisos

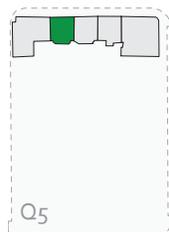


| fig. 1 | 1960 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 24



AVENIDA DA REPÚBLICA, 43

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº43
1050-187 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Fernando Sá Reis

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1974

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 11 Pisos

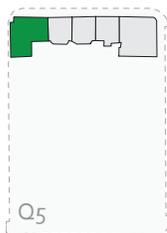


| fig. 1 | 1940 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 25



254

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 45

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº45; Avenida Visconde de Valmor nº 29
1050-187 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Sérgio Gomes

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1905
2º edifício: 1965

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

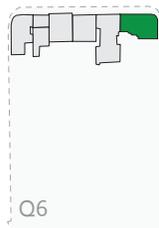


| fig. 1 | 1940 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 26



AVENIDA DA REPÚBLICA, 47

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº 47;
Avenida Visconde de Valmor nº 24,
1050-188 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Construtor Manuel Pinheiro Duque
2º edifício: Carlos Franco

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1922
2º edifício: 1963

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

NOTA

O edifício pré-existente é mantido e em 1962 é ampliado através de uma reconversão do 1º edifício.

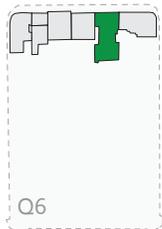


fig. 1 | 1940 (FONTE: AML)



fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 27



256

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 49

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº49 ,
1050-188 Lisboa

ARQUITECTOS

Porfírio Pardal Monteiro

ANO DE CONSTRUÇÃO

1923

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

7 Pisos

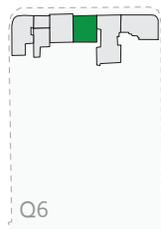


| fig. 1 | 1940 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 28



AVENIDA DA REPÚBLICA, 51

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº51,
1050-188 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Rogério Burritant Martins

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1958

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 11 Pisos

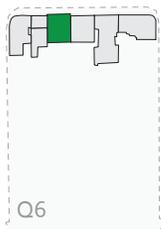


| fig. 1 | 1940 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 29



258

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 53

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº53,
1050-188 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: António Meira de Carvalho

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1988

UTILIZAÇÃO INICIAL

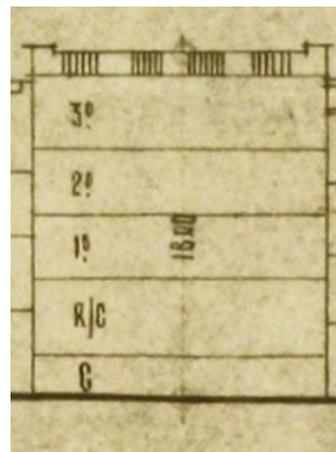
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 11 Pisos

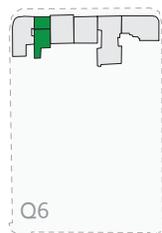


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 30



AVENIDA DA REPÚBLICA, 55A

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº55A
1050-188 Lisboa

ARQUITECTOS

Construtor Domingues Sersedello

ANO DE CONSTRUÇÃO

1912

UTILIZAÇÃO INICIAL

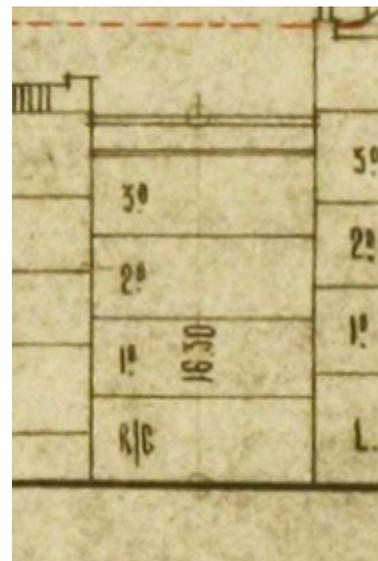
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício devoluto

Nº PISOS

4 Pisos

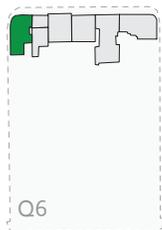


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 31



260

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 55B

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº55B
1050-188 Lisboa

ARQUITECTOS

Manuel Joaquim Norte Júnior

ANO DE CONSTRUÇÃO

1929

UTILIZAÇÃO INICIAL

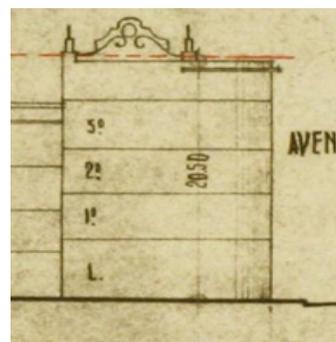
Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

5 Pisos

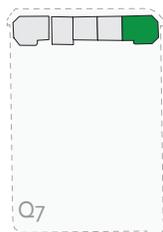


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 32



AVENIDA DA REPÚBLICA, 57

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº57
1050-189 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Barros Gomes

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: 1964

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 pisos
2º edifício: 10 Pisos

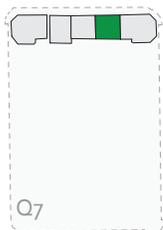


[fig. 1] 1964 (FONTE: AML)



[fig. 2] 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 33



262

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 59

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº59
1050-189 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Armando dos Santos Salgueiro

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1988

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

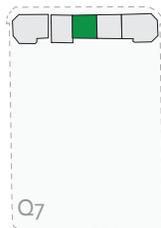


| fig. 1 | 1967 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 34



AVENIDA DA REPÚBLICA, 61

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº61
1050-189 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Jorge Ferrão de Albuquerque

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: 1968

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 3 Pisos
2º edifício: 11 Pisos

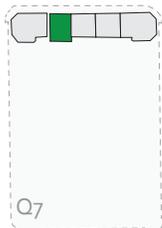


| fig. 1 | 1967 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 35



264

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 63

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº63
1050-189 Lisboa

ARQUITECTOS

Construtor João Rodrigues Sebola

ANO DE CONSTRUÇÃO

1906

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional

Nº PISOS

5 Pisos

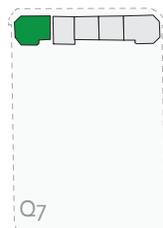


| fig. 1 | 1967 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 36



AVENIDA DA REPÚBLICA, 65

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº65; Rua Barbosa du Bocage nº69-73
1050-189 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Paiva Diniz
2º edifício: Fernando Silva e Jorge Soares Costa

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1917
2º edifício: 1971

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 11 Pisos

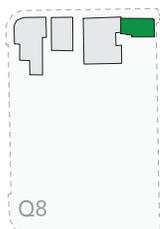


| fig. 1 | 1970 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 37



266

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 67

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº67
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Jorge Ferrão de Albuquerque

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1969

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 5 Pisos
2º edifício: 11 Pisos

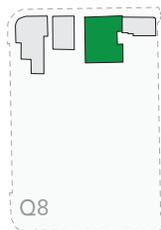


| fig. 1 | 1970 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 38



AVENIDA DA REPÚBLICA, 71

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº71
1050-189 Lisboa

ARQUITECTOS

Frederico Caetano de Carvalho

ANO DE CONSTRUÇÃO

1933

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional

Nº PISOS

5 Pisos

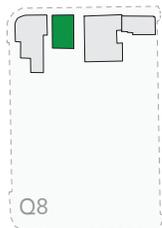


| fig. 1 | 1970 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 39



268

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 75

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº75
1050-190 Lisboa

ARQUITECTOS

Joaquim Francisco Tojal

ANO DE CONSTRUÇÃO

1917

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício devoluto

Nº PISOS

2 Pisos

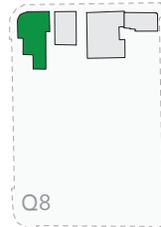


| fig. 1 | 1970 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 40



AVENIDA DE BERNA, 1

LOCALIZAÇÃO

Avenida De Berna nº1
1050-036 Lisboa

ARQUITECTOS

Manuel Joaquim Norte Júnior

ANO DE CONSTRUÇÃO

1910

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUA

Edifício empresarial

Nº PISOS

3 Pisos

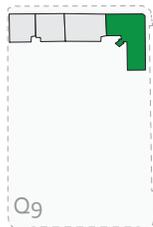


| fig. 1 | 1968 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 41



270

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 77

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº77;
Avenida de Berna nº2,
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Manuel Joaquim Norte Júnior
2º edifício: António Gomes Egea

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1906
2º edifício: 1956

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 9 Pisos

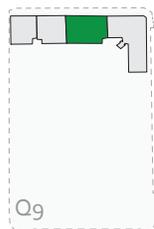


| fig. 1 | 1913 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 42



AVENIDA DA REPÚBLICA, 79

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº79
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Carlos Alberto Igreja da Silva

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: 1972

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 11 Pisos

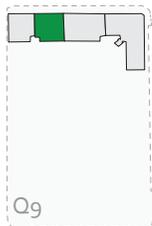


| fig. 1 | 1970 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 43



272

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 81

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº81
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Armando de Matos Salgueiro

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: 1977

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 11 Pisos

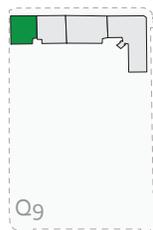


| fig. 1 | 1970 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 44



AVENIDA DA REPÚBLICA, 83

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº83
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Carlos Homem de Sá

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: 1961

UTILIZAÇÃO INICIAL

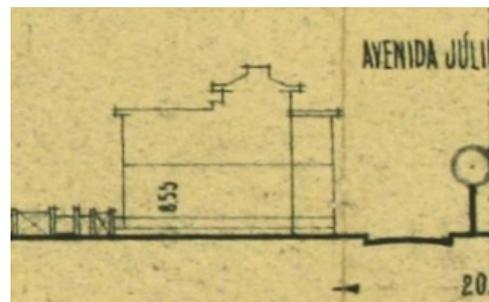
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional, empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

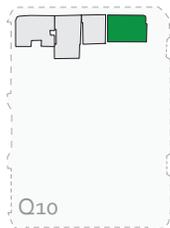


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 45



274

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 85

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº85;
Avenida Júlio Dinis nº2,
1050-190 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: João Vasconcelos Esteves

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: 1965

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Hotel e comércio

Nº PISO

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

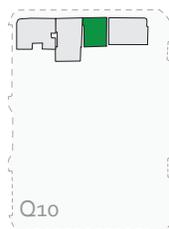


| fig. 1 | 1965 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 46



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 87

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº87
1050-190 Lisboa

ARQUITECTOS

José Rodrigues Pietro

ANO DE CONSTRUÇÃO

1907

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional

Nº PISOS

3 Pisos

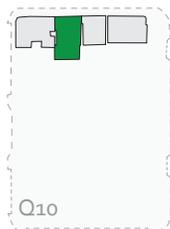


| fig. 1 | 1909 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 47



276

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 89

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº89
1050-190 Lisboa

ARQUITECTOS

José Rodrigues Pietro

ANO DE CONSTRUÇÃO

1909

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional

Nº PISOS

4 Pisos

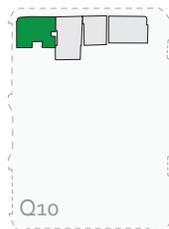


| fig. 1 | 1970 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 48



AVENIDA DA REPÚBLICA, 91

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº91
1050-190 Lisboa

ARQUITECTOS

Construtor João dos Santos Faria

ANO DE CONSTRUÇÃO

1931

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

5 Pisos

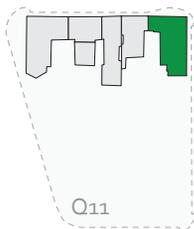


| fig. 1 | 1940 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 49



278

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 93

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº93; Avenida Serpa Pinto nº2, Lisboa
1050-190 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Metro Urbe

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: 2012

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Hotel

Nº PISOS

1º edifício: 6 Pisos
2º edifício: 8 Pisos

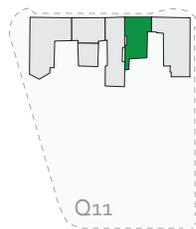


| fig. 1 | 1940 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 50



AVENIDA DA REPÚBLICA, 95

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº95
1050-190 Lisboa

ARQUITECTOS

Joaquim dos Santos

ANO DE CONSTRUÇÃO

1911

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional

Nº PISOS: 5 Pisos

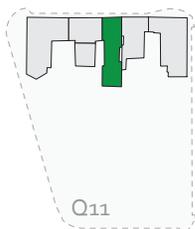


| fig. 1 | 1940 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 51



280

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 97

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº97
1050-190 Lisboa

ARQUITECTOS

Construtor João Manuel dos Santos Faria

ANO DE CONSTRUÇÃO

1922

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e empresarial

Nº PISOS

6 Pisos

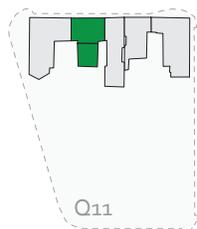


| fig. 1 | 1930 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 52



AVENIDA DA REPÚBLICA, 99

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº99
1050-190 Lisboa

ARQUITECTOS

Telmo Cotinelli

ANO DE CONSTRUÇÃO

1947

UTILIZAÇÃO INICIAL

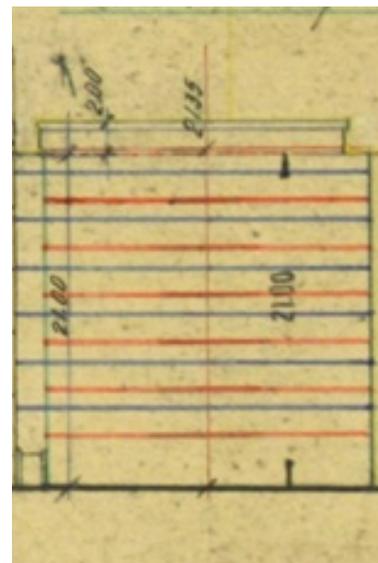
Edifício residencial e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional, comercial e empresarial

Nº PISOS

7 Pisos

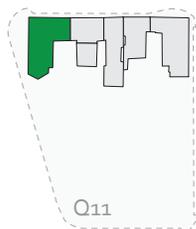


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 53



282

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 101

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº101
1050-190 Lisboa

ARQUITECTOS

n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

depois 1970

UTILIZAÇÃO INICIAL

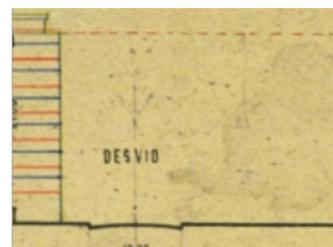
Jardim

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

8 Pisos

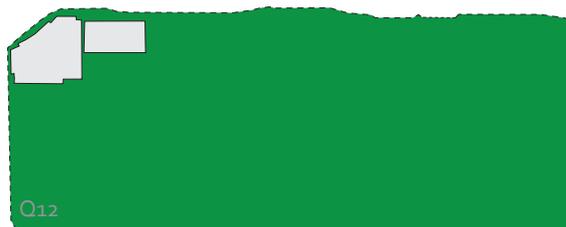


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 54



ANTIGO MERCADO DO GADO e FEIRA POPULAR

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república

ARQUITECTOS

Mercado: Parente da Silva

Feira Popular: Machado Faria e Maia

ANO DE CONSTRUÇÃO

Mercado: 1888

Feira Popular: 1961

ANO DE DEMOLIÇÃO

Mercado: 1960

Feira Popular: 2004

UTILIZAÇÃO INICIAL

Mercado de gado

SEGUNDA UTILIZAÇÃO

Feira Popular

UTILIZAÇÃO ACTUAL

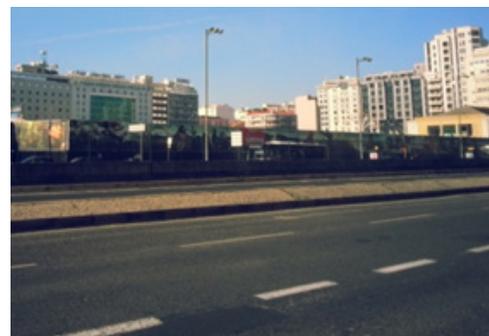
Devoluto



| fig. 1 | 1950 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 1967 (FONTE: AML)



| fig. 3 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 55



284

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 145

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº145;
Avenida das Forças Armadas nº1
1600-206 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Graco Theodor Martins

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1964

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 3 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

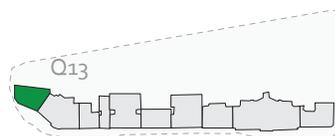


| fig. 1 | 1963 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 56



ROTUNDA DE ENTRECAMPOS, 04

LOCALIZAÇÃO

Campo grande nº04
1700-092 Lisboa

ARQUITECTOS

1 Edifício: n/a
2 Edifício: Jorge de Jesus Costa Maia

ANO DE CONSTRUÇÃO

1 Edifício: antes 1908
2 Edifício: 1961

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifícios habitacional e comercial

Nº PISOS:

1º Edifício: 4 pisos
2º Edifício: 11 Pisos

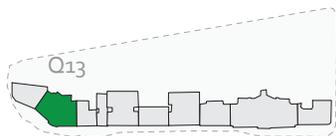


| fig. 1 | 1962 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 57



286

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

ROTUNDA DE ENTRECAMPOS, 02

LOCALIZAÇÃO

Campo grande nº02
1700-092 Lisboa

ARQUITECTOS

1º Edifício: José Luis Monteiro
2º Edifício: Victor Manuel de Carvalho

ANO DE CONSTRUÇÃO

1 Edifício: 1902
2 Edifício: 1933

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Empresarial

Nº PISOS

1º Edifício: 4 pisos
2º Edifício: 5 pisos

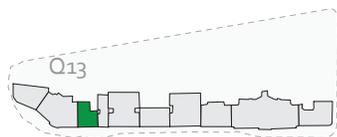


| fig. 1 | 1967 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 58



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 108

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº108
1600-206 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Sérgio Boltelho de Andrade Gomes

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1950
2º edifício: 1953

UTILIZAÇÃO INICIAL

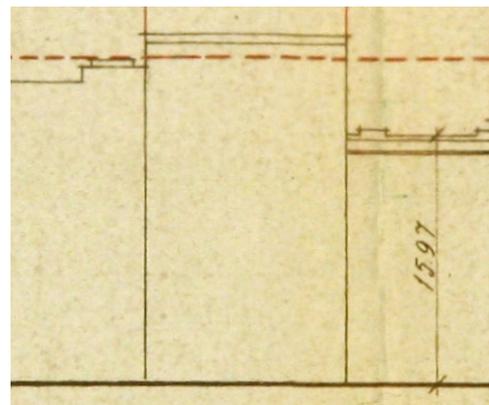
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

1º edifício: n/a
2º edifício: 8 Pisos

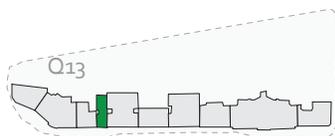


[fig. 1] 1956 (FONTE: AML)



[fig. 2] 2014 (FONTE: AML)

FICHA Nº 59



288

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 106

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº106
1600-206 Lisboa

ARQUITECTOS

Construtor José Tavares

ANO DE CONSTRUÇÃO

1919

UTILIZAÇÃO INICIAL

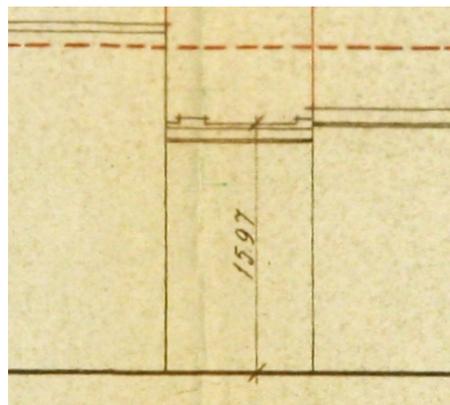
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e empresarial

Nº PISOS

4 Pisos



[fig. 1] 1956 (FONTE: AML)



[fig. 2] 2014 (FONTE: AML)

FICHA Nº 60



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 104

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº104
1600-206 Lisboa

ARQUITECTOS

Construtor António Gonçalves

ANO DE CONSTRUÇÃO

1903

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e empresarial

Nº PISOS

4 Pisos

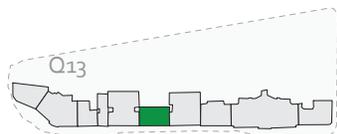


| fig. 1 | 1965 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 61



290

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 102

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº102
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1958

UTILIZAÇÃO INICIAL

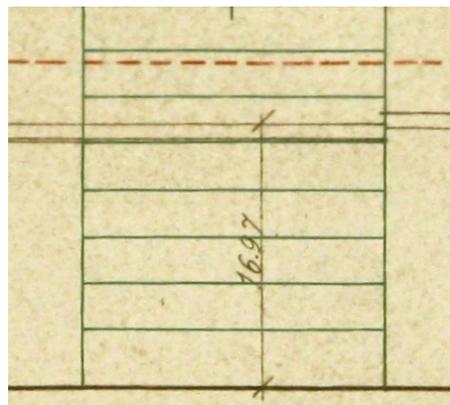
n/a

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 8 Pisos

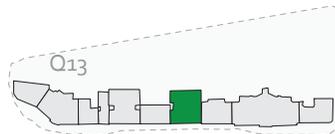


[fig. 1] 1956 (FONTE: AML)



[fig. 2] 2014 (FONTE: AML)

FICHA Nº 62



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 100

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº100
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

Construtor José Gomes Militão

ANO DE CONSTRUÇÃO

1906

UTILIZAÇÃO INICIAL

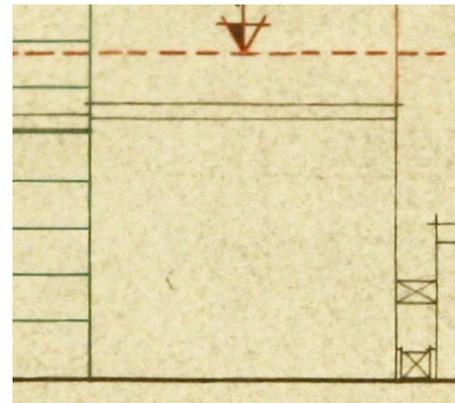
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUA

Edifício habitacional

Nº PISOS

4 pisos

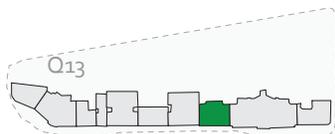


[fig. 1] 1956 (FONTE: AML)



[fig. 2] 2014 (FONTE: AML)

FICHA Nº 63



292

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 98

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº98
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Sérgio Gomes

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1964

UTILIZAÇÃO INICIAL

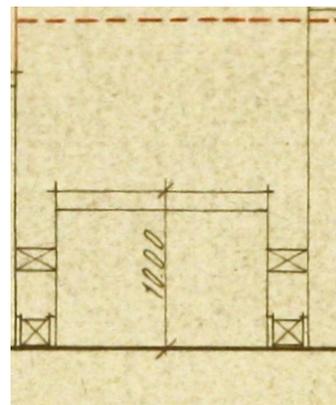
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

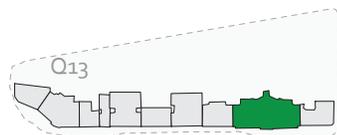


[fig. 1] 1956 (FONTE: AML)



[fig. 2] 2014 (FONTE: AML)

FICHA Nº 64



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 96

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº96
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Armando Matos Salgueiro

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1950
2º edifício: 1988

UTILIZAÇÃO INICIAL

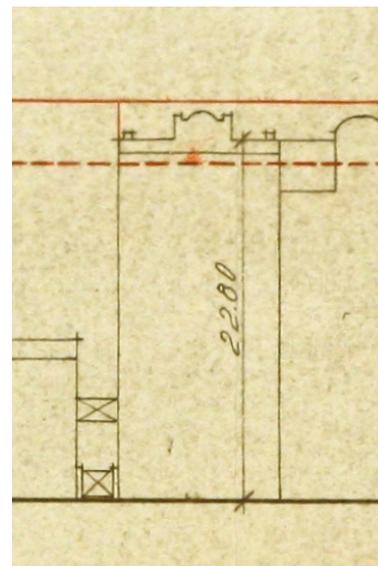
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 7 Pisos
2º edifício: 11 Pisos

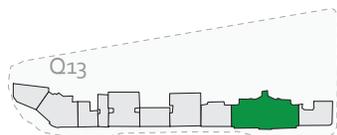


[fig. 1] 1956 (FONTE: AML)



[fig. 2] 2014 (FONTE: AML)

FICHA Nº 65



294

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 94

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº94
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: n/a
3º edifício: Armando Matos Salgueiro

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1950
2º edifício: 1974
3º edifício: 1988

UTILIZAÇÃO INICIAL

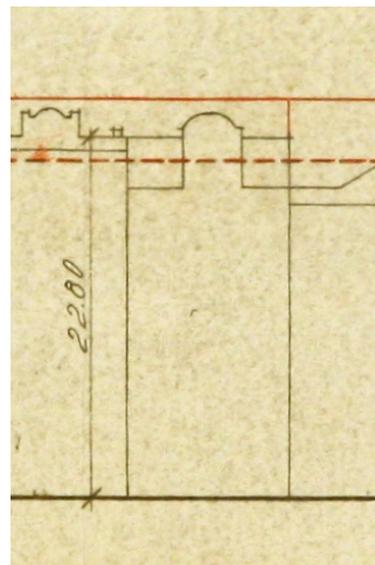
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 6 pisos
2º edifício: 10 pisos
3º edifício: 11 Pisos

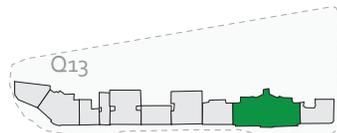


[fig. 1] 1956 (FONTE: AML)



[fig. 2] 2014 (FONTE: AML)

FICHA Nº 66



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 92

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº92
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: n/a
3º edifício: Armando Matos Salgueiro

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1950
2º edifício: 1973
3º edifício: 1988

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 5 Pisos
2º edifício: 10 Pisos
3º edifício: 11 Pisos

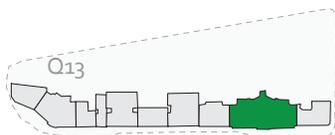


| fig. 1 | 1968 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 67



296

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 90

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº90
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Armando Matos Salgueiro

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1950
2º edifício: 1988

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 5 Pisos
2º edifício: 11 Pisos

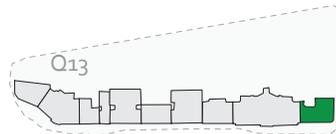


| fig. 1 | 1968 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 68



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 88

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº88
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

Construtor Alberto Henriques Nunes

ANO DE CONSTRUÇÃO

1935

UTILIZAÇÃO INICIAL

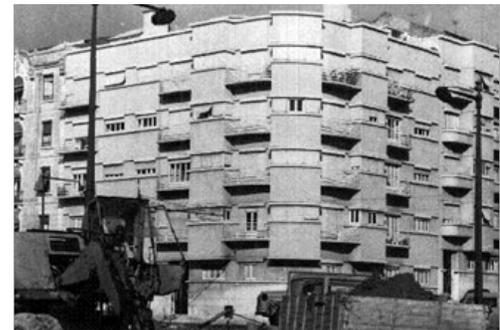
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional

Nº PISOS

5 pisos

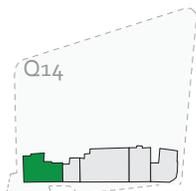


| fig. 1 | 1968 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 69



298

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 84

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº84
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Lucínio Cruz

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1950
2º edifício: 1959

UTILIZAÇÃO INICIAL

n/a

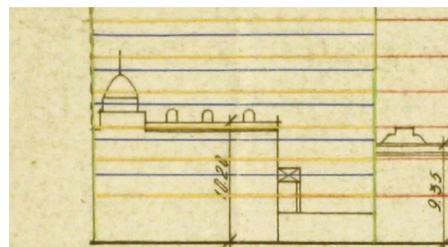
UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

NOTAS: São acrescentados mais dois pisos ao projecto de 1959.

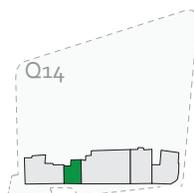


[fig. 1] 1960 (FONTE: AML)



[fig. 2] 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 70



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 82

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº82
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Conceição Silva

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1950
2º edifício: 1968

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

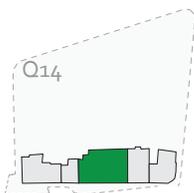


| fig. 1 | 1967 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 71



300

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 80

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº80
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Construtor Artur José Nobre
2º edifício: Hermínio Santos
3º edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1922
2º edifício: 1971
3º edifício: depois 1990

PRIMEIRA UTILIZAÇÃO

Edifício habitacional

SEGUNDA UTILIZAÇÃO

Edifício habitacional e comercial

TERCEIRA UTILIZAÇÃO

Edifício empresarial

Nº PISOS:

1º edifício: 4 pisos
2º edifício: 8 pisos
3º edifício: 9 pisos

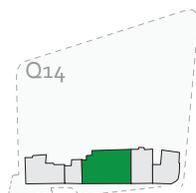


| fig. 1 | 1967 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 72



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 78

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº78
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Construtor Manuel Dias
2º edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1922
2º edifício: depois 1970

UTILIZAÇÃO INICIAL

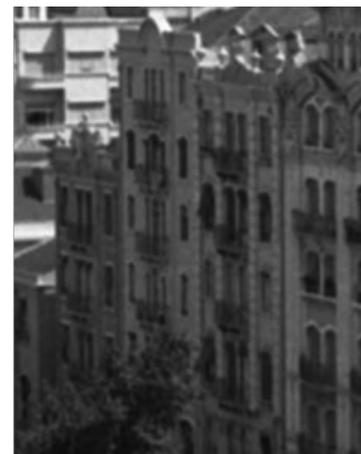
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 6 pisos
2º edifício: 8 pisos

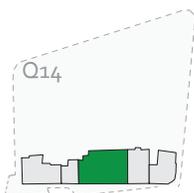


| fig. 1 | Antigo (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 73



302

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 76

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº76
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Construtor Germano da Silva
2º edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1920
2º edifício: depois 1970

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 5 pisos
2º edifício: 7 pisos

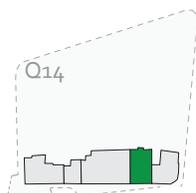


| fig. 1 | Antigo (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 74



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 74

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº74
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

Joaquim Luiz Macieira

ANO DE CONSTRUÇÃO

1922

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

7 pisos

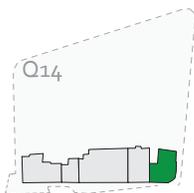


| fig. 1 | Antigo (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 75



304

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 72

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº72;
Rua Visconde de Seabra nº22
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS:

1º edifício: n/a
2º edifício: F. J. Estevão da Silva

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: 1959

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional, comercial e empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 3 Pisos
2º edifício: 9 Pisos

NOTAS: em 1961 acrescentaram um piso ao projecto inicial.



| fig. 1 | Antigo (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 76



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 70

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº70;
Rua Visconde de Seabra nº3
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

n/a

UTILIZAÇÃO INICIAL

Baldio

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

6 pisos

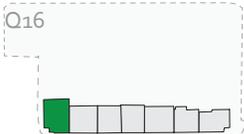


| fig. 1 | Antigo (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 77



306

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 68

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº68
1050-243 Lisboa

ARQUITECTOS

José Vieira Gaspar

ANO DE CONSTRUÇÃO

1967

UTILIZAÇÃO INICIA

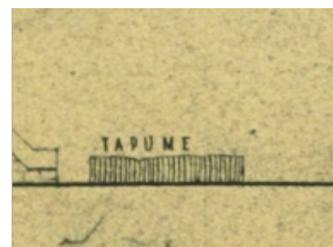
Baldio

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

10 pisos

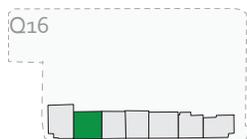


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 78



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 66

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº66
1050-197 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Construtor Manuel Garcia Júnior
2º edifício: José Aleixo da França Ribeiro

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1905
2º edifício: 1969

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 5 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

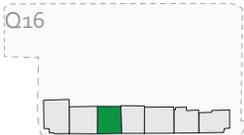


| fig. 1 | 1971 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 79



308

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 64

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº62
1050-197 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Raúl Lino
2º edifício: Alberto Pereira da Cruz

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1904
2º edifício: 1961

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

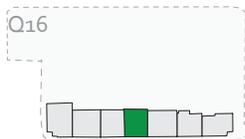


| fig. 1 | Antigo (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 80



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 62 E a G

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº62
1050-197 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1966

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional, comercial e empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

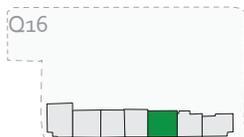


| fig. 1 | 1965 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 81



310

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 62 A a C

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº62
1050-197 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Manuel Óscar Coutinho de Carvalho

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1909
2º edifício: 1967

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional, comercial e empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

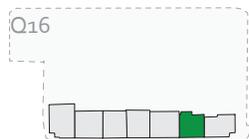


| fig. 1 | 1909 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 82



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 60

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº60
1050-197 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Henriques M. F. Madeira

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1909
2º edifício: 1965

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional, comercial e empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

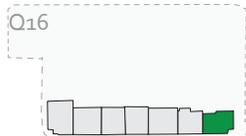


| fig. 1 | 1909 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 83



312

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 58

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº58;
Avenida António Serpa Pinto nº1
1050-197 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Thebar Frederico

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1968

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício residencial e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 15 Pisos

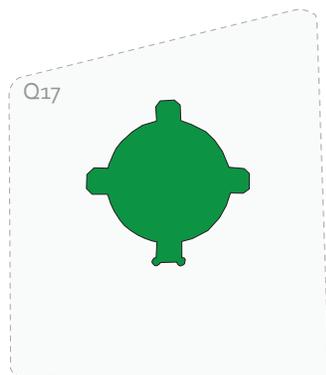


| fig. 1 | 1964 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 84



PRAÇA DE TOUROS

LOCALIZAÇÃO

Campo Pequeno
1000-306 Lisboa

ARQUITECTOS

António José Dias da Silva

ANO DE CONSTRUÇÃO

1890

UTILIZAÇÃO INICIAL

Praça de touros

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Museu, recinto de espectáculos e centro comercial

Nº PISOS

3 Pisos

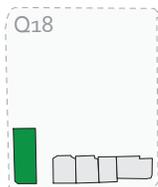


| fig. 1 | 1892 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 85



314

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA De Berna, 81

LOCALIZAÇÃO

Avenida de Berna nº81
1050-197 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: depois 1939
2º edifício: antes 1950

PRIMEIRA UTILIZAÇÃO

Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 3 Pisos
2º edifício: 18 Piso

NOTAS: Em 2010 o edifício sofre uma recuperação

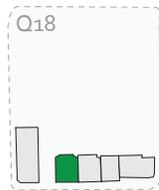


| fig. 1 | 1965 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 86



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 56C

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº56C
1050-192 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: L. R. C. de Castro Freire

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: 1963

UTILIZAÇÃO INICIAL

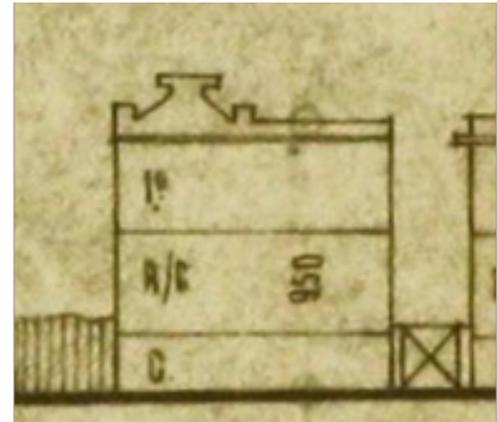
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 pisos
2º edifício: 10 pisos

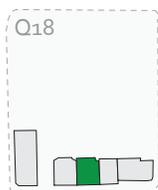


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 87



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 56A

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº56A
1050-192 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: António Pardal Monteiro

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: 1965

UTILIZAÇÃO INICIAL

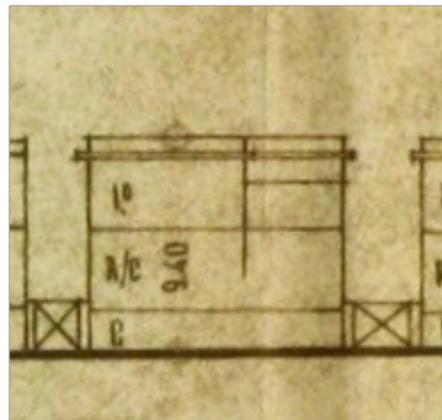
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional, comercial e empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 2 pisos
2º edifício: 10 Pisos

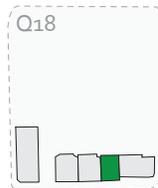


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 88



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 54

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº54
1050-192 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Raúl Bragança de Araújo Branco

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: 1967

UTILIZAÇÃO INICIAL

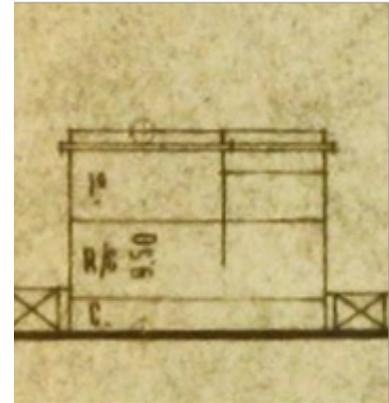
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 pisos
2º edifício: 10 Pisos

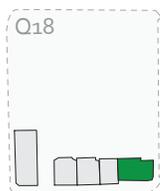


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 89



318

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 52

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº52
1050-192 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: depois 1950

UTILIZAÇÃO INICIAL

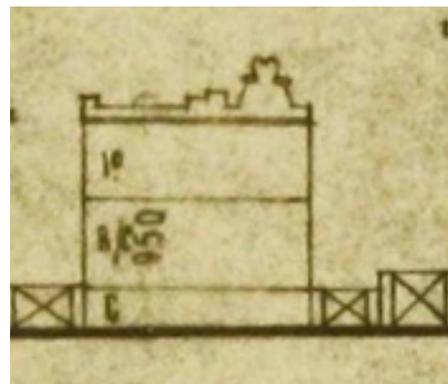
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 pisos
2º edifício: 11 Pisos

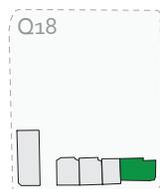


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 90



| fig. 1 | 1970 (FONTE: AML)

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 50

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº50;
Avenida Barbosa du Bocage nº54
1050-192 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Pelágo da Costa Mota

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: 1979

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

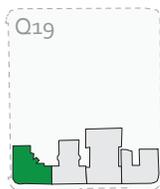
Nº PISOS

1º edifício: 3 Pisos
2º edifício: 11 Pisos



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 91



320

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 48

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº48;
Avenida Barbosa du Bocage nº49
1050-195 Lisboa

ARQUITECTOS

Raúl Francisco Tojal

ANO DE CONSTRUÇÃO

1942

UTILIZAÇÃO INICIAL

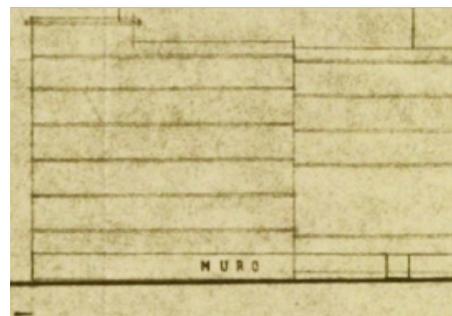
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional, comercial e empresarial

Nº PISOS

7 Pisos

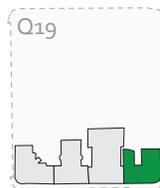


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 92



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 46

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº46;
Avenida Elias Garcia nº62,
1050-195 Lisboa

ARQUITECTOS

1º Edifício: Miguel Ventura Terra
2º Edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º Edifício: 1906
2º Edifício: 2014

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

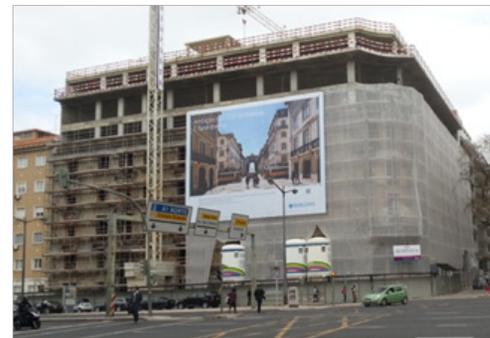
Edifício empresarial

Nº PISOS

1º Edifício: 5 pisos
2º Edifício: 8 pisos

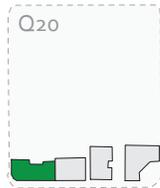


| fig. 1 | 1940 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 93



322

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 44

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº44
1050-193 Lisboa

ARQUITECTOS

1º Edifício: n/a
2º Edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º Edifício: antes 1908
2º Edifício: 1956

UTILIZAÇÃO INICIAL

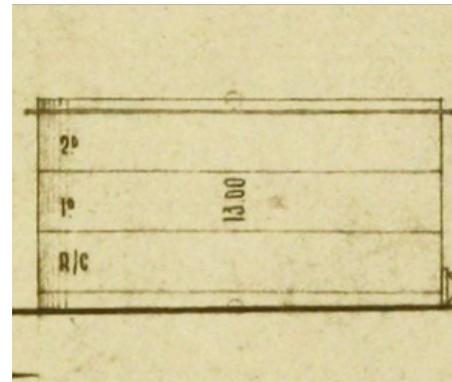
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1ª Edifício: 3 pisos
2ª Edifício: 8 pisos

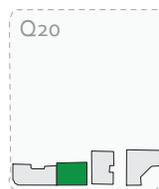


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 94



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 42

LOCALIZAÇÃO: Avenida da república nº42, Lisboa
1050-193 Lisboa

ARQUITECTOS

1º Edifício: n/a
2º Edifício: Carlos da Silva Pinheiro

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º Edifício: antes 1939
2º Edifício: 1958

UTILIZAÇÃO INICIAL

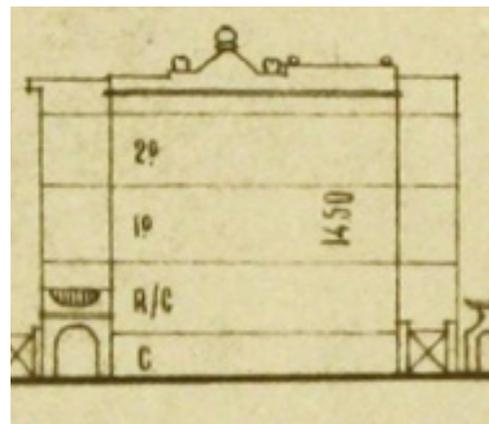
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1ª Edifício: 3 pisos
2ª Edifício: 10 pisos

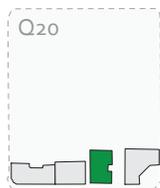


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 95



324

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 40

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República Nº40
1050-187 Lisboa

ARQUITECTOS

Construtor Fernando dos Santos Soares

ANO DE CONSTRUÇÃO

1911

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício devoluto

Nº PISOS

3 Pisos

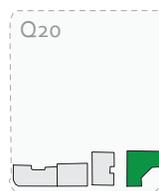


| fig. 1 | 1965 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 96



AVENIDA DA REPÚBLICA, 38

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº38;
Avenida Visconde de Valmor nº22, Lisboa
1050-194 Lisboa

ARQUITECTOS

Miguel Ventura Terra

ANO DE CONSTRUÇÃO

1906

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício residencial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

2 Pisos

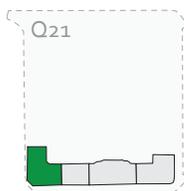


| fig. 1 | 1906 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 97



326

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 36

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº36
1050-193 Lisboa

ARQUITECTOS

1º Edifício: Manuel Joaquim Norte Júnior
2º Edifício: António Maria Veloso Reis Camelo

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º Edifício: 1907
2º Edifício: 1948

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional, comercial e empresarial

Nº PISOS

1ª Fase: 3 Pisos
2ª Fase: 8 Pisos

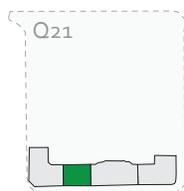


| fig. 1 | 1940 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 98



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 34

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº34
1050-192 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: depois 1970

UTILIZAÇÃO INICIAL

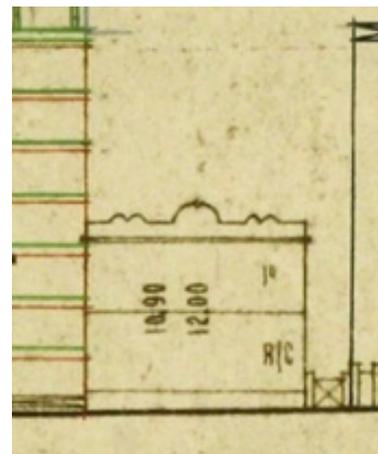
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 pisos
2º edifício: 11 pisos

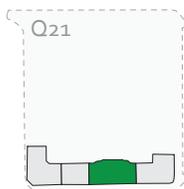


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 99



328

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 32

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº32,
1050-193 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: 1ª Fase: Porfírio Pardal Monteiro
2ª Fase: Manuel Leão Miranda

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1ª Fase: 1946
2ª Fase: 1982

UTILIZAÇÃO INICIAL

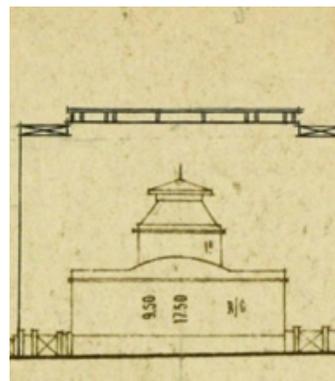
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 pisos
2º edifício: 1ª Fase: 6 Pisos
2ª Fase: 9 Pisos



| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)

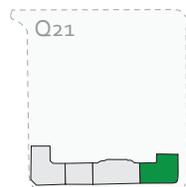


| fig. 2 | 1964 (FONTE: AML)



| fig. 3 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 100



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 30

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº30
1050-192 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: 1962

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

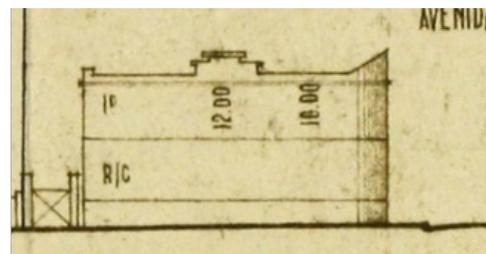
UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 pisos
2º edifício: 10 pisos

Nota: em 1958 foi submetido um projecto diferente.

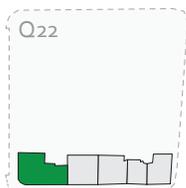


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 101



330

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 28

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº28;
Avenida Miguel Bombarda nº5-7
1050-192 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Artur Júlio Machado
2º edifício: Fernando Silva

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1905
2º edifício: 1958

UTILIZAÇÃO INICIAL

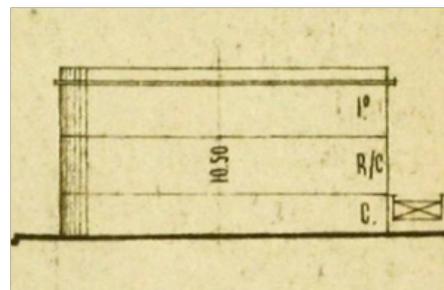
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 pisos
2º edifício: 11 Pisos

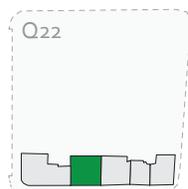


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 102



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 26

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº26
1050-192 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Artur Júlio Machado
2º edifício: Armando de Matos Salgueiro

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1907
2º edifício: 1978

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 11 Pisos

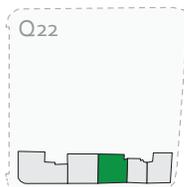


| fig. 1 | 1970 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 103



332

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 24

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº24
1050-192 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Artur Júlio Machado
2º edifício: Vasco Câmara Pestana

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1907
2º edifício: 1968

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 11 Pisos

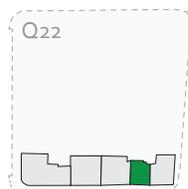


| fig. 1 | 1970 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 104



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 22

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº22
1050-192 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Rogério Buridant Martins

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1960

UTILIZAÇÃO INICIAL

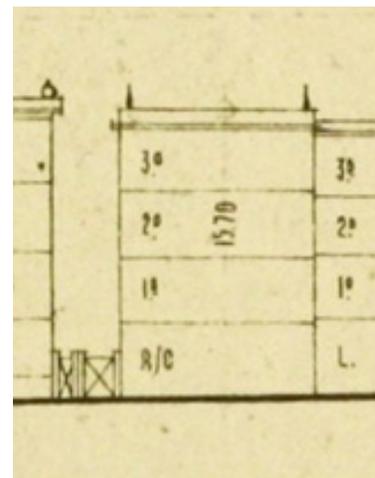
Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 4 pisos
2º edifício: 10 pisos

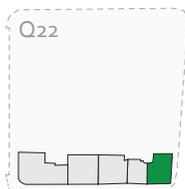


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 105



334

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 20

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº20;
Avenida João Crisóstomo nº22,
1050-192 Lisboa

ARQUITECTOS:

1º edifício: n/a
2º edifício: Joaquim Ferreira

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: 1956

UTILIZAÇÃO INICIAL

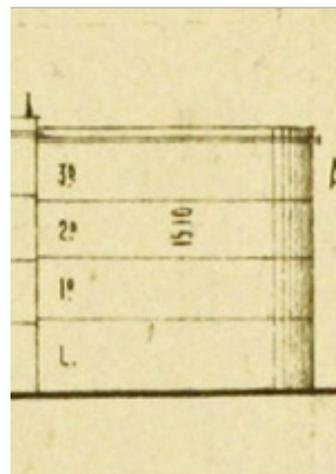
n/a

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 4 pisos
2º edifício: 10 pisos

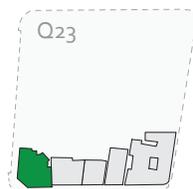


| fig. 1 | 1939 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 106



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 18

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº18;
Avenida João Crisóstomo nº17
1050-191 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1939
2º edifício: n/a

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 2 pisos
2º edifício: 18 pisos

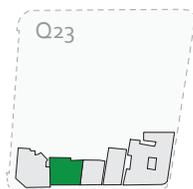


| fig. 1 | 1970 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 107



336

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 16

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República nº16
1050-191 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Nicola Bigaglia
2º edifício: Nuno Santos Pinheiro

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1907
2º edifício: 1971

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 3 Pisos
2º edifício: 11 Pisos

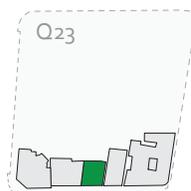


| fig. 1 | 1970 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 108



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 14

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº14
1050-191 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: David Ferreira de Oliveira Lopes

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1960

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional, comercial e empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

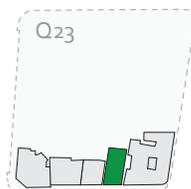


| fig. 1 | 1909 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 109

**AVENIDA DA REPÚBLICA, 12****LOCALIZAÇÃO**

Avenida da República Nº12
1050-191 Lisboa

ARQUITECTOS

n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

antes 1908

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

4 Pisos

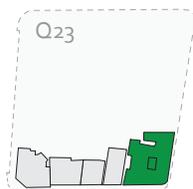


| fig. 1 | 1909 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 110



AVENIDA DA REPÚBLICA, 10

LOCALIZAÇÃO

Avenida da República Nº10;
Avenida Duque d'Ávila nº32
1050-191 Lisboa

ARQUITECTOS

Artur Júlio Machado

ANO DE CONSTRUÇÃO

1905

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

5 Pisos

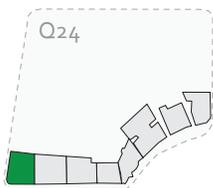


| fig. 1 | 1909 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 111



340

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 8

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº6
1050-191 Lisboa

ARQUITECTOS

n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

antes 1939

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

5 Pisos



| fig. 1 | 1967 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 112



EDIFÍCIO NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 6

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº6
1050-191 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1901
2º edifício: 1981

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 11 Pisos



| fig. 1 | 1967 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 113



342

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA DA REPÚBLICA, 4

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº4
1050-191 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Alfredo Santos

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1969

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 11 Pisos

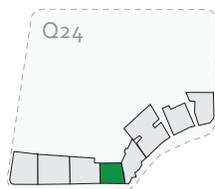


| fig. 1 | 1967 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 114



AVENIDA DA REPÚBLICA, 2

LOCALIZAÇÃO

Avenida da república nº2
1050-191 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Alfredo Santos

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: antes 1908
2º edifício: 1964

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

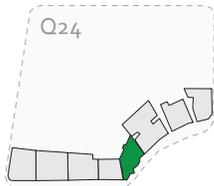


| fig. 1 | 1959 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 115



344

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

PRAÇA DUQUE DE SALDANHA, 21

LOCALIZAÇÃO

Praça Duque de Saldanha nº21
1050-094 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: Tomás Cardoso Taveira

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: n/a
2º edifício: 2009

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 9 Pisos

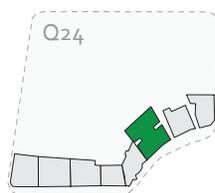


| fig. 1 | 1966 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 116



PRAÇA DUQUE DE SALDANHA, 20

LOCALIZAÇÃO

Praça Duque de Saldanha nº20
1050-094 Lisboa

ARQUITECTO

Construtor Joaquim Francisco Tojal

ANO DE CONSTRUÇÃO

1902

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

4 Pisos

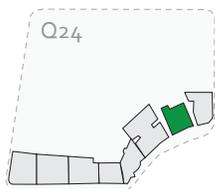


| fig. 1 | 1909 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 117



346

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

PRAÇA DUQUE DE SALDANHA, 13 14, 15, 16, 17, 18 e 19

LOCALIZAÇÃO

Praça Duque de Saldanha nº13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19
1050-094 Lisboa

ARQUITECTO

n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1908

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

3 Pisos

Nota: Em 1908 o edifício era ocupado por uma panificadora (companhia de panificação Lisbonense). São realizadas obra de limpeza na fachada do edifício em 1958.

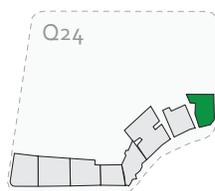


| fig. 1 | 1909 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 118



PRAÇA DUQUE DE SALDANHA, 12

LOCALIZAÇÃO

Praça duque de Saldanha nº12;
Avenida Praia da Victória nº44
1050-094 Lisboa

ARQUITECTO

Manuel Joaquim Norte Júnior

ANO DE CONSTRUÇÃO

1912

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional

Nº PISOS

3 Pisos

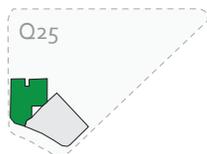


| fig. 1 | 1966 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 119



348

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

PRAÇA DUQUE DE SALDANHA, 11

LOCALIZAÇÃO

Praça Duque de Saldanha nº11 ;
Avenida Praia da Victória nº67, 65, 63, 61, 59, 57, 55, 53, 51 e 49, Lisboa
1050-094 Lisboa

ARQUITECTO

Construtor Manuel Catharino

ANO DE CONSTRUÇÃO

1915

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional e comercial

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício habitacional e comercial

Nº PISOS

6 Pisos

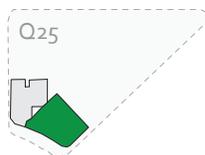


fig. 1 | 1923 (FONTE: AML)



fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 120



PRAÇA DUQUE DE SALDANHA, 4

LOCALIZAÇÃO

Praça Duque de Saldanha nº4
1050-094 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: Construtor Joaquim da Silva
2º edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: 1906
2º edifício: 2013

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 4 Pisos
2º edifício: 10 Pisos

Nota: Em 1994 foi entregue um projecto para um hotel residencial pela arquitecta Susana Freitas.

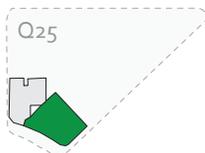


| fig. 1 | 1909 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 121



350

ARQUITETURA OU REVOLUÇÃO | VERTENTE TEÓRICA

AVENIDA CASAL RIBEIRO, 56

LOCALIZAÇÃO

Avenida Casal Ribeiro nº56
1000-093 Lisboa

ARQUITECTOS

1º edifício: n/a
2º edifício: n/a

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifício: n/a
2º edifício: 2013

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial

Nº PISOS

1º edifício: 3 Pisos
2º edifício: 10 Pisos



| fig. 1 | 1966 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)

FICHA Nº 122



ATRIUM SALDANHA

LOCALIZAÇÃO

Praça Duque de Saldanha nº1
1050-094 Lisboa

ARQUITECTO

1º edifícios: n/a
2º edifício: Ricardo Bofil e João Paciência

ANO DE CONSTRUÇÃO

1º edifícios: 1902
2º edifício: 1992

UTILIZAÇÃO INICIAL

Edifício habitacional

UTILIZAÇÃO ACTUAL

Edifício empresarial e comercial

Nº PISOS

1º edifício: 2 pisos e 6 pisos
2º edifício: 11 pisos



| fig. 1 | 1902 (FONTE: AML)



| fig. 2 | 2014 (FONTE: SILVESTRE)



[3] BIBLIOGRAFIA





- Alexander, C., 1965. The city is not a tree. *Architectural Forum*, Abril.
- Coelho, H. M., 2010. *Portela um modelo na difusão da periferia: estudo do desenvolvimento da urbanização da Portela da autoria do arquitecto Fernando Silva*. Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- Domingues, A., 2001. *Dinâmicas e protagonismos urbanos*, in Domingues et al. (eds) *Cidade e culturas: Novas políticas, novas urbanidades*. Porto: Associação Portuguesa de Sociologia.
- Félix, D. C., 2010. *Apartamentos para a Classe Média: A Habitação Colectiva de Fernando Silva*. Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- Ferreira, B. M., 2010. *[in]formar a Cidade Contemporânea: a criação de uma imagem/modelo de periferia com a obra do arquitecto Fernando Silva*. Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- Gonçalves, R., 1996. *Fernando Silva: Arquitectura desinteressante e repetitiva*. Documentos de Arquitectura.
- Grande, N., 2002. *O verdadeiro mapa do Universo: Uma leitura diacrónica da cidade*. Coimbra: Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC.
- Monteiro, I., 2007. *A obra do arquitecto Fernando Silva (1914-1983): um arquitecto da "geração esquecida"*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Pinto, P. T., (coord.), 2013. Paisagens Distantes: A CRIL uma Avenida Pós-moderna. *Revista Passagens*, Janeiro.





[4] ANEXOS

Anexo 1

Enunciado: Tema do ano

ARQUITECTURA OU REVOLUÇÃO – *Learning from the Sattellite.*

359

ANEXOS

Os anos que se seguiram à Revolução dos Cravos (1974)¹, em Portugal, permitiram clarificar alguns princípios urbanísticos que vinham já sendo aplicados por necessidade de resolver o problema da carência de habitação nas cidades. Em alinhamento com o debate internacional, uma consciência sobre a importância de um planeamento regional esteve na origem, por exemplo, do Plano Director da Região de Lisboa, iniciado em 1961, justamente com o objectivo de disciplinar e corrigir equilibradamente os “efeitos urbanísticos da expansão desordenada dos subúrbios da Capital”². Uma visão macro permitiu trazer para o planeamento urbano a importância das infra-estruturas, dos impactos ambientais e dos zonamentos de maior, ou menor, aptidão construtiva.

As novas bolsas de construção possibilitaram o desencadear de urbanizações de grande dimensão, assentando em novas lógicas comunitárias que se experimentavam também à época. O pensamento comunitário emerge como tema central no debate arquitectónico, designadamente, desde o manifesto de Doorn, em 1954. A oportunidade de pensar novas formas urbanas de organização social, pressupunha uma ligação daquele momento com a ancestralidade dos assentamentos humanos. Aldo Van Eyck sugeria justamente este princípio genealógico, ao sustentar no seu discurso de 1959, em Otterlo, que “o tempo transporta o antigo para o novo, não através da linha historicista,

¹ Em Abril de 2014 serão completados 40 anos sobre a Revolução portuguesa de 1974. A partir dessa efeméride julga-se oportuno lançar um tema que possa envolver docentes e alunos nos eventos em preparação para o próximo ano civil;

² AZEVEDO, Mário “O Plano Director da Região de Lisboa”, in AA.VV. *Binário*- revista mensal de arquitectura, construção e equipamento , 108, Lisboa, Setembro de 1967 (pag. 117);

mas apelando à redescoberta dos princípios mais arcaicos da natureza humana". Estas formulações sedimentadas no seio do Team 10, surgem em linha com um debate, mais amplo, que envolveu à época vários sectores da sociedade e que assentavam na convicção de que um novo tempo abriria possibilidade para um novo modo de organizar as comunidades humanas. Neste processo ressaltam os estudos sobre o comportamento humano, os quais vieram a orientar novas possibilidades comunitárias, nomeadamente os de B. F. Skinner plasmados, por exemplo, em *Science and Human Behaviour*³ (de 1965), ou *Walden II* (1948), este último recuperado por Ricardo Bofill (n.1939) no conjunto de San Justo Desvern (1970).

Para o novo homem que emerge dos escombros da destruição da Guerra reclamava-se um território igualmente novo que pudesse funcionar em rede, como uma espécie de satélite de um sistema planetário complexo e poli-nuclear. De certa forma, este pensamento recupera as experiências soviéticas descritas por Manfredo Tafuri (1935-1994) para a "Nova Mocovo" em *La Sfera e il Labirinto*⁴, onde relata o protagonismo da disciplina de planeamento urbano como a outra face do processo vanguardista que se seguiu, na sequência da Revolução Bolchevique, à Guerra Civil Russa (1918-1921). O objectivo dos urbanistas soviéticos como Sakulin, Shestakov, ou Shchusev, passava por uma aplicação dos ideais defendidos pelos urbanistas do século XIX como Charles Fourier (1772-1837), Pierre-Joseph Proudhon (1809-1863), Camilo Sitte (1843-1903), Ebenezer Howard (1850-1928), ou Patrick Gueddes (1854-1932). São estes mesmos personagens que vêm igualmente orientar os pressupostos de Le Corbusier, quando em 1923 incorpora em *Vers une Architecture*⁵ (1923), o desafio: "Arquitectura ou Revolução", expressão que serve ao arquitecto suíço para colocar a tónica na necessidade de recuperação do "equilíbrio rompido" entre as condições de vida das classes activas e as próprias cidades - Só uma nova estrutura urbana podia corresponder às exigências de salubridade e inovação que o acelerado processo moderno trazia associado. Os novos territórios periféricos representavam oportunidades de implantar novas tipologias urbanas e arquitectónicas que, contrastando com os densificados e insalubres núcleos urbanos tradicionais, correspondiam aos anseios de todos

³ SKINNER, B. F. *Science and Human Behavior*, The Free Press, Nova Iorque, 1965;

⁴ TAFURI, Manfredo - *The Sphere and the Labyrinth: Avant-Gardes and Architecture from Piranesi to the 70s*, MIT Press paperback edition, 1990, tradução do original *La Sfera e il Labirinto: Avanguardie e architettura da Piranesi agli anni 70*, de 1980;

⁵ LE CORBUSIER *Por Uma Arquitectura*, editora Perspectiva, São Paulo, 1998 tradução do *Vers un Architecture*, Collection L'Esprit Nouveau, 1923;

aqueles que depositavam na “casa” o alicerce primeiro da sua cidadania.

As urbanizações construídas no contexto das cidades satélite acabaram por funcionar como laboratórios de experimentação quer de novas tecnologias, quer de especulações sobre as relações entre as comunidades e o próprio espaço. O factor programático pôde também aproximar os arquitectos dos próprios promotores, tanto em investimentos oriundos do sector público como aqueles que resultaram do optimismo do sector privado. A revolução que Le Corbusier pretendia conter acabou por acontecer, não na expressão de uma revolta mas, na alteração dos modos de vida da maior parte dos agregados familiares, com a passagem da origem rural, para um universo urbano.

Actualmente no contexto português, aparentemente estão superadas as carências de habitação que se colocavam no limiar da década de 70, verificando-se uma homogeneização do território urbano que acabou por envolver as acções urbanas que no passado se encontravam isoladas, alterando as lógicas de relação entre centro e periferia pela absorção dos núcleos urbanos satélites num extenso manto urbano. Neste processo pragmático foi ficando menos intenso, no campo do urbanismo e da arquitectura, um discurso prospectivo sobre o futuro. O campo de acção e de debate passou a estabelecer-se mais num pressuposto regenerador, que num designio expansionista.

Le Corbusier terminou *Vers un Architecture* expressando que “podemos evitar a revolução”, no contexto actual fica no ar a pergunta se neste processo de continuidade valerá a pena conter o ímpeto revolucionário.



Fig. 1 Hans Hollein, Aircraft Carrier City in Landscape, 1964.

Lisboa, Julho de 2013

Paulo Tormenta Pinto

Anexo 2

Vertente projectual: enunciado do exercício de Arranque e Aquecimento



**ISCTE – IUL - Departamento de Arquitectura e Urbanismo – Mestrado
Integrado em Arquitectura**

Projecto Final de Arquitectura 2013-14 / Exercício de Arranque e Aquecimento

Argumento: A Representação do Espaço no Tempo do *Space Shuttle* Columbia

O *space-shuttle* Columbia, fazendo parte de uma série de cinco vaivéns que a NASA produziu (Columbia, Challenger, Discovery, Atlantis e Endeavour), foi pioneira nas missões espaciais com naves reutilizáveis. Tendo efectuado missões a partir de 1981, viria a despenhar-se num acidente em 1 de Fevereiro de 2003. Nesse período, de cerca de duas décadas, assistiu-se a uma profunda alteração nas relações da humanidade com o território.

À medida que se foi ampliando a capacidade de observação do globo terrestre, através dos satélites colocados no espaço, também as relações globais se foram estreitando, aproximando todos os territórios terrestres. As comunicações entre os povos virtualizaram-se na complexidade das diversas redes que, numa dimensão planetária, acabaram por envolver o mundo. Este fenómeno provocou uma relativização das autenticidades culturais e uma metamorfose das relações humanas com o espaço.

A visualização da terra por satélite, ao mesmo tempo que potenciou fenómenos de globalização, veio tornar evidente as alterações eco-sistémicas, as quais, no contexto das grandes metrópoles, se verificam maioritariamente através da impermeabilização em grande escala do território, associada a um crescimento em massa da urbanização. Em paralelo com o impacto do frenesim da urbanização, começa a consolidar-se uma consciência sobre o desenvolvimento sustentável do planeta que no Rio de Janeiro, em 1992, com a Agenda 21, dá um passo decisivo que viria a sedimentar-se já no início do novo milénio, em 2002, na Cimeira da Terra de Joanesburgo.

Portugal, com pouca interveniência nas disputas espaciais, recebe por contágio, tal como a generalidade das nações, os efeitos avassaladores das alterações em curso neste “mundo novo”, ao mesmo tempo que desfruta do optimismo de um, ainda, frágil processo democrático na sequência de 25 de Abril de 1974. Foi no mandato governativo do advogado e jornalista Francisco Pinto Balsemão (no quadro do VII Governo Constitucional, da 3ª República Portuguesa), que o Columbia descolou do Kennedy Space Center em Cape Carnival, Flórida.



No contexto Português são as cidades litorais que mais se alteram neste período. À cabeça, as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto alastraram-se conurbando-se com aglomerados ou cidades de média dimensão, formando um contínuo urbano na franja atlântica. É este fenómeno de crescimento em “mancha de óleo” registado por Álvaro Domingues em *Cidade e Democracia, 30 anos de transformação urbana em Portugal*, que gera mudanças aceleradas na morfologia do território. O optimismo inicial associado às operações suburbanas é apanhado numa torrente avassaladora de crescimento, submetendo ao pragmatismo dos investimentos a qualidade dos projectos dos novos edifícios.

A importância dos lugares, e a sua genealogia em muitos casos foi superada pela implementação das novas tipologias urbanas associadas a projectos de edifícios pouco qualificados.

É com este argumento que procura estruturar-se o exercício de arranque de PFA 2013-14, enquadrando-o com a temática geral da unidade curricular expressa no texto: *Arquitectura ou Revolução – Learning from the satellite*. Para além de funcionar como experimentação prévia das temáticas em estudo, este exercício funcionará o como revisão sumária da formação adquirida nos 4 anos anteriores.

Metodologia e tarefas a desenvolver:

Os estudantes deverão constituir-se em grupos de 5 elementos, no seio de cada grupo deverá ser seleccionado um edifício de habitação colectiva cujas características apontem para uma obra pouco qualificada do ponto de vista arquitectónico, implantada nas áreas de expansão de Lisboa (no tempo do *Space Shuttle Columbia*).

O edifício seleccionado deverá ser devidamente enquadrado com a envolvente e com a época em que foi construído.

O exercício consiste em encontrar uma possibilidade de intervenção desse edifício, tendo por base um orçamento de 10.000,00 €.

Durante o processo de projecto cada grupo deverá ser capaz de realizar interpretações e leituras representativas do edifício (por ex. desenhos, fotos, maquetas de estudo), tendo como objectivo descortinar um nexo arquitectónico no edifício escolhido, o qual deve ser associado à intervenção a operar.

Como resposta ao exercício deverão ser produzidos 3 tipos de representação do projecto:

1. No contexto do grupo, deverá realizar-se uma apropriação do objecto escolhido e do discurso sobre ele produzido, realizando ligações a imagens (gráficas, literárias, fotográficas, cinematográficas, etc) produzidas por outros autores. Neste contexto o grupo deverá ser capaz de explicar de forma clara as ligações estabelecidas com um universo cultural, que apesar de externo, pressupõe quer sínteses, quer estímulos evocativos das opções arquitectónicas a empreender;
2. Desenhos e/ou fotomontagens manuais em formato A2 capazes de representar as opções de leitura e projecto;



3. Deverá ainda ser realizada uma maquete, cujo volume deverá ser aproximadamente 30 dm³ (0,30x0,30x0,30 m), realizada com o objectivo de fixar o entendimento discursivo em torno do edifício em estudo e das possibilidades de regeneração previstas – A escala do edifício fica inteiramente ao critério do grupo de trabalho;

Objectivos

- Ob1. Estimular uma aproximação ao tema geral de PFA 2013-14;
- Ob2. Estabelecer um reconhecimento discursivo entre docentes e discentes;
- Ob3. Debater processos de intervenção arquitectónico e urbano com base em condicionalismos pré-delineados;
- Ob4. Promover relações entre leituras macro e micro do território de intervenção, associando-as a processos de representação do espaço;

Elementos a entregar entregar:

Para além dos elementos dos elementos anteriormente designados deverá ser realizado um processo de plantas cortes e alçados à escala 1:100 (ou outra julgada mais conveniente) e um *book* de formato [A4] onde deverá incluir-se uma síntese do processo projectual

O *book* A4 deverá conter:

- a) O texto explicativo das opções tomadas do projecto - incluído explanação sobre os custos da intervenção;
- b) Fotografias e desenhos relativos ao edifício escolhido;
- c) Plantas, cortes e alçados, a escala conveniente da maquete – tratados graficamente para se inserem no design do *book* A4;
- d) Digitalizações e/ou fotografias dos elementos resultantes do processo de representação (imagem, desenhos e/ou fotomontagem e maquete)
- e) Deverá ainda ser reservada uma área do book A4 para a demonstração do processo de resposta ao exercício, em forma de *story board*. Para tal deverá utilizar-se o recurso fotográfico;

Apresentação

Digital tipo *Power-point*, com exibição dos elementos de representação e processo de plantas cortes e alçados em formato não superior a A1.

Calendário do Exercício

Início – dia 17 de Setembro / Entrega e apresentação – aula do dia 3 de Outubro

Lisboa, 17 de Setembro de 2012



Anexo 3

Vertente projectual: enunciado do exercício anual (fase em grupo)



ISCTE – IUL

Departamento de Arquitectura e Urbanismo – Mestrado Integrado em Arquitectura

Projecto Final de Arquitectura 2013-14 – Docentes: Paulo Tormenta Pinto e José Neves

ARQUITECTURA OU REVOLUÇÃO – *Learning from the Satellite*

Exercício Tema 1, Anual

A Arquitectura e a Cidade: *E se toda a zona central da Portela de Sacavém fosse destruída por uma catástrofe?*

A Urbanização da Portela (1965-1979), projecto do arquitecto Fernando Silva (1914-1983) e fruto de uma encomenda privada do empresário Manuel da Mota, foi construída numa das “portas” de acesso à capital, na Freguesia de Sacavém do Concelho de Loures, na proximidade do aeroporto que, na década de 40, fora construído segundo desenho de Keil do Amaral.

Apesar de alguns dos princípios do projecto da Urbanização da Portela não terem sido cumpridos na sua execução, verifica-se, na essência, a aplicação dos postulados da Carta de Atenas, resultante do CIAM de 1933. Na Portela, tal como nas cidades preconizadas pela Carta redigida por Le Corbusier a partir das discussões de muitos dos mestres do Movimento Moderno em cruzeiro pelo Mediterrâneo, os princípios urbanísticos são estratificados em torno de 4 funções: habitar, trabalhar, repousar e circular.

Nos terrenos das “Quintas da Vitória, Casquilho, Ferro, Carmo e Alegria (...)”, num total de 50 hectares, 4500 fogos e o respectivo equipamento urbano¹, destinados à classe média/alta, os modelos tipológicos orientam a acção de Fernando Silva que define uma “tábua rasa” para sobre ela determinar um sistema pragmático que controla a totalidade da intervenção. Tal como na cidade idealizada pelo Movimento Moderno, a Urbanização da Portela concentra uma zona de trabalho e comércio, perfeitamente configurada por um conjunto edificado composto por uma base – um “disco” de piso único – e uma torre de escritórios² que se destaca volumetricamente do conjunto, assinalando o centro – geométrico e cívico – da Portela.

¹ FERREIRA, Bruno Macedo “Urbanização da Portela” em PINTO, Paulo Tormenta (coord.) *Passagens nº1 – Paisagens Distantes – A CRIL uma Avenida Pós-Moderna*, Caleidoscópio, 2013 (pág. 227-235)

² Torre que, apesar de tudo, integra uma percentagem importante de habitação.



À época da sua construção, a Portela de Sacavém funcionava inequivocamente como um núcleo urbano satélite, organizado em função de uma lógica de superação das insuficiências da cidade antiga para responder a certas aspirações da vida moderna. Na Portela, a pureza do ar, a envolvente verde, a generosidade das distâncias entre os edifícios, respeitando a chamada “lei dos 45”³, das dimensões das vias e das casas permitiriam uma vida desafogada e livre das contradições a que, supostamente, a sedimentação das cidades tinha levado os seus centros históricos.

Além disso, esta situação de “descolamento urbano”, associada a idêntica “pureza” da linguagem dos vários edifícios isolados, paralelipipédicos e caracterizados por faixas horizontais, afastava em certa medida possíveis afinidades genealógicas em relação à arquitectura existente em Lisboa – mesmo à sua arquitectura moderna –, ou no próprio país. A Portela, implantada num terreno praticamente plano, no cruzamento entre a auto-estrada, o aeroporto, o caminho de ferro e o Porto de Lisboa, desfrutava de uma situação perfeita para se enquadrar num sistema muito mais global.

Hoje, passados quase 50 anos sobre o Ante-Plano de Urbanização da Portela, verifica-se uma grande transformação: os territórios envolventes foram entretanto preenchidos. Não só a densificação de Sacavém ou a consolidação de Olivais Norte, mas sobretudo a urbanização dos terrenos onde seria construído o Parque das Nações, transformaram por completo a envolvente da Portela, provocando uma alteração profunda no modo como este aglomerado, pensado para 18.500 habitantes, se relaciona consigo próprio e com as áreas urbanas que a circundam. O alastramento em “mancha de óleo” dos núcleos urbanos da área metropolitana de Lisboa, aglutinaram a Urbanização da Portela no manto urbano contínuo, alterando as suas dimensões originais de isolamento e descontinuidade .

Este fenómeno, próprio do metropolitanismo, tem implicado uma alteração crescente da centralidade prevista no Plano de Urbanização da Portela. Para além de uma certa obsolescência dos modelos tipológicos do centro cívico, verifica-se que parte dos núcleos de permanência do espaço público alastraram, encontrando-se agora em zonas contíguas, tais como os parques infantis para Nascente, ou a Igreja e o supermercado para Sul, assistindo-se ao mesmo tempo uma tendência de conurbação com Moscavide e, por conseguinte, com a antiga Expo-98.

A. OBJECTIVOS

³ Referimo-nos ao Art. 59.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas: “A altura de qualquer edificação será fixada de forma que em todos os planos verticais perpendiculares à fachada nenhum dos seus elementos, com excepção de chaminés e acessórios decorativos, ultrapasse o limite definido pela linha recta a 45º, traçada em cada um desses planos a partir do alinhamento da edificação fronteiria, definido pela intersecção do seu plano com o terreno exterior”.



De modo a sedimentar as experiências realizadas ao longo do curso, o objectivo principal dos trabalhos a desenvolver durante o ano, trata de avaliar criticamente os modelos subjacentes à arquitectura da cidade no final do século XX, pondo em relevo a tomada de uma posição ética no trabalho da arquitectura.

B. PROGRAMA E MÉTODO

O trabalho que se propõe aos alunos de PFA assenta num cenário que decorre de uma ficção que acelera subitamente um processo, de certo modo, em curso:

E se toda a área central da Portela de Sacavém fosse destruída por uma catástrofe?

Considerando-se assim a destruição irremediável, através de um grande incêndio e consequente derrocada, de um dos alicerces fundamentais da Urbanização da Portela, apesar de nunca ter sido edificado conforme o projecto original – não só o centro comercial e a torre, mas também as piscinas, as escolas e a igreja, da autoria do arquitecto Luíz Cunha, entretanto construídas – propõe-se o lançamento de um debate no contexto do colectivo da turma e, mais concretamente, dos grupos de trabalho, sobre a arquitectura da cidade, a pretexto do modelo subjacente a esta estrutura urbana.

Em certa medida invocam-se, com as devidas distâncias, pressupostos aproximados ao debate que há 25 anos, em 1988, se puseram com o incêndio do Chiado que atingiu uma das áreas chave e de maior concentração comercial da Baixa Pombalina.

Os estudantes deverão manter os grupos de 5 elementos, que começarão por desenvolver uma proposta colectiva para o projecto do novo centro cívico da Portela, do qual um conjunto de edifícios será desenvolvido individualmente por cada um dos elementos.

Deste modo o trabalho deverá ser realizado com base em 3 fases desenvolvidas, ora em grupo, ora individualmente:

1ª Fase (em grupo): O Território

Cada grupo deverá proceder à recolha de informação relativamente a alguns dos aspectos da área de intervenção, sempre em relação com as áreas envolventes, nomeadamente:

- Caracterização biofísica: topografia, estrutura de espaços verdes, orografia e sistemas de drenagem natural; geologia - hidrologia; orientação e exposição solar.
- Caracterização da mobilidade, potencialidades e estrangulamentos: acessos, rede viária, percursos pedonais, etc.
- Caracterização da estrutura edificada, da distribuição de funções e dos espaços públicos: tipologias de espaços públicos; estruturas urbanas de proximidade;



Edificado; estado de conservação; espaços vazios; espaços públicos; equipamentos públicos e privados, etc.

- Evolução e enquadramento histórico: processo de formação do tecido edificado através da recolha de plantas de várias épocas, consulta de monografias e descrições, bem como a circunscrição de exemplos nacionais e internacionais relevantes.
- Planos Urbanísticos condicionantes: PDM's; PP's.; Condicionantes Urbanísticas; Loteamentos; projectos mais relevantes para a área de intervenção.

Em paralelo com este trabalho de análise, os grupos deverão desenvolver uma proposta de intervenção com base nas áreas brutas edificadas correspondentes ao programa cujo suporte edificado existente *foi entretanto destruído*, respectivamente:

- Comércio: 7.638m² (não inclui espaços de serviço e arrumos)
- Escritórios: 7.050m²
- Habitação: 7.050m²
- Escola Básica: 3.263m²
- Estacionamento coberto: 2.800m²
- Escola Secundária: 2.626m²
- Piscina: 2.195m²
- Igreja: 2.100m²

Este programa deverá ser entretanto questionado e, se necessário, ajustado, tal como o modelo de cidade existente na Portela.

Os elementos a entregar serão os seguintes:

- Memória descritiva, referindo-se a todos os elementos relativos à análise crítica realizada, bem com à proposta;
- Implantação Geral e Maquete, à escala 1:000
- Plantas, Cortes e Alçados, à escala 1:500
- Perspectivas
- Desenhos de trabalho

Estes elementos deverão ser organizados clara e criteriosamente num caderno A4, ao alto, que corresponda a uma síntese tanto do resultado final como do processo de trabalho.



2ª e 3ª fases (individual) – O Edifício

Cada elemento do grupo deverá desenvolver, individualmente, o projecto para um conjunto edificado determinado entre a proposta global.

Ao longo do desenvolvimento individual dos diferentes conjuntos, o debate no contexto do grupo de trabalho prosseguirá, tendo em vista uma articulação constante entre as várias partes do todo e a consolidação do modelo urbano proposto inicialmente pelo grupo de trabalho.

Os enunciados respectivos serão distribuídos oportunamente no início de cada uma das fases.

C. PRAZOS⁴

1ª Fase: 10/10/13 – 19/11/13

2ª Fase: 05/12/13 – 18/03/14

3ª Fase: 25/03/14 – 15/05/17

Lisboa, 10 de Outubro de 2013

⁴ Os prazos poderão sofrer ligeiros ajustamentos, prevendo-se igualmente a existência de apreciações dos trabalhos em momentos intercalares às datas de entregas das várias fases. Tantos os eventuais ajustamentos como as apreciações intercalares serão marcadas no decurso do acompanhamento do trabalho.



Anexo 4
Vertente projectual: enunciado do exercício anual (fase individual)



ISCTE – IUL

Departamento de Arquitectura e Urbanismo – Mestrado Integrado em Arquitectura

Projecto Final de Arquitectura 2013-14 – Docentes: Paulo Tormenta Pinto e José Neves

ARQUITECTURA OU REVOLUÇÃO – *Learning from the Satellite*

Exercício Tema 1, Anual

A Arquitectura e a Cidade: *E se toda a zona central da Portela de Sacavém fosse destruída por uma catástrofe?*

Determinados os conjuntos edificados a projectar individualmente e definidos os programas respectivos, cada aluno deverá prosseguir o trabalho de acordo com as fases descritas a seguir. Após a conclusão destas fases individuais, deverá realizar-se a revisão final dos trabalhos de grupo.

A. OBJECTIVOS

Continuando a tomar como objectivo principal *a avaliação dos modelos subjacentes à arquitectura da cidade no final do século XX, pondo em relevo a tomada de uma posição ética no trabalho da arquitectura*, e de modo a *sedimentar as experiências realizadas ao longo do curso*, tal como definido no princípio do ano, o objectivo central dos trabalhos a desenvolver ao longo das fases seguintes, tratará de *reforçar e aprofundar a importância dos processos de projecto inerentes à prática e ao pensamento da arquitectura*.

B. PROGRAMA E MÉTODO

Adoptando em todos os momentos, os processos de tentativa e erro baseados nos modos e nos códigos do desenho arquitectónico, enquanto método de desenvolvimento do projecto, as aulas decorrerão com a apresentação sistemática dos trabalhos em curso, perante o colectivo da turma, permitindo a sua discussão e avaliação contínua.

O estado dos trabalhos a apresentar regularmente por cada aluno, deverá corresponder a um ponto de situação, incluindo, tanto quanto possível, os elementos em desenvolvimento que constituirão a apresentação final de cada fase. Respectivamente:



2ª Fase (estudo prévio), a entregar no dia 25 de Fevereiro

- Elementos de trabalho (desenhos, maquetas, textos, referências, outros);
- Memória Descritiva (uma folha A4);
- Planta de implantação e perfis à escala 1:500;
- Plantas, cortes e alçados à escala 1:500, da volumetria, elucidativos da organização e qualificação genérica dos diversos espaços e acessos (incluindo a indicação das áreas programáticas), da relação interior exterior e dos princípios da definição formal.
- Perspectivas elucidativas quanto à relação do conjunto com a envolvente;
- Maqueta do conjunto desenvolvido individualmente à escala 1:500;

3ª Fase (projecto base), a entregar no dia 1 de Abril

- Elementos de trabalho (desenhos, maquetas, textos, referências, outros);
- Memória Descritiva (uma folha A4);
- Planta de implantação e perfis à escala 1:200;
- Plantas, cortes, alçados à escala 1:100, elucidativos do aprofundamento da organização e qualificação dos diversos espaços e acessos, da relação interior exterior e da definição formal, indicando claramente os princípios, elementos e eixos estruturais.
- Maqueta do conjunto desenvolvido individualmente à escala 1:200;

4ª Fase (projecto detalhado), a entregar no dia 6 de Maio

- Elementos de trabalho (desenhos, maquetas, textos, referências, outros);
- Memória Descritiva (uma folha A4)
- Detalhes à escala 1:20, representando, de uma parte significativa do conjunto, a relação com o chão, a relação com o “céu”, uma parede exterior, uma esquina e um vão;



C. Formatos de Entrega

Para cada uma das fases de entrega deverá ser constituído por:

- a) Um caderno de formato A4 com a síntese do projecto em cada fase, compreendendo, entre outros elementos, a memória descritiva e fotografias de maquete;
- b) Compilação de desenhos (implantação, plantas, cortes e alçados) à escala indicada em cada fase de trabalho

D. PRAZOS

2ª Fase (estudo prévio): 25 de Fevereiro

3ª Fase (projecto base): 1 de Abril

4ª Fase (projecto detalhado): 6 de Maio

D. BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

COELHO, Hugo Rafael Morais. *Portela um modelo na difusão da periferia: estudo do desenvolvimento da urbanização da Portela da autoria do arquitecto Fernando Silva*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2010.

DOMINGUES, Álvaro (coord.). *Cidade e Democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal*. Lisboa : Argumentum, 2006. ISBN 972-8479-39-8 / 978-972-8479-39-8.

FERREIRA, Bruno Macedo. *[in]formar a Cidade Contemporânea: a criação de uma imagem/modelo de periferia com a obra do arquitecto Fernando Silva*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2010.

FERREIRA, Bruno Macedo. *Optimist Suburbia: o início da Metrópole Contemporânea. Leitura crítica sobre a configuração urbano-arquitetónica da periferia norte da cidade de Lisboa*. In: Actas do 2º Congresso Internacional de Habitação no Espaço Lusófono, Lisboa, Março 2013. Lisboa : LNEC. no prelo.

GONÇALVES, Rogério. *Fernando Silva: Arquitectura Desinteressante e Repetitiva*. Documentos de Arquitectura. Fevereiro 1996, nº 1.

GRANDE, Nuno. *O verdadeiro mapa do Universo: Uma leitura diacrónica da cidade portuguesa*. Coimbra : Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC, 2002. ISBN 972-97383-7-8

MONTEIRO, Isabel. *A obra do arquitecto Fernando Silva (1914-1983): um arquitecto da "geração esquecida"*. Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2007.



Anexo 5
Vertente teórica: Enunciado do Laboratório de Urbanismo

LABORATÓRIO DE URBANISMO 2013-2014*

Objectivos do Laboratório de Urbanismo

O laboratório de urbanismo pretende que os alunos adquiram e sedimentem um conjunto de aptidões inerentes ao complexo exercício da disciplina de urbanismo. Nesse sentido, o objectivo geral incidirá na **formação de capacidades de investigação**, onde será fomentada a pesquisa de fontes primárias e o contacto com o território através da observação directa com o espaço. Os objectivos específicos incidirão:

- (i) na **criação de metodologias de análise ao espaço público**;
- (ii) num **processo de análise** da forma urbana sobre cartografia e fotografia (antiga e actual);
- (iii) numa **avaliação qualitativa e quantitativa** do espaço público;
- (iv) numa **avaliação comparativa** do espaço público através de cartografia actual.

Enquadramento

A cadeira de Projecto Final de Arquitectura apresenta como tema geral “**Arquitectura ou Revolução – Learning from the Satellite**”. No texto introdutório desta unidade curricular destaca-se o facto da cidade do pós-guerra ser “revolucionária”, na medida em que exige um território novo que funcione em rede, alterando os modos de vida das famílias, fenómeno que se regista na passagem do mundo rural para o mundo urbano.

Em oposição às cidades do século XIX, acerca das quais Mumford evoca “non-plan of the non-city” (MUMFORD, 1946, pp. 183-190), o século XX elege um “l'esprit nouveaux” propagado num movimento internacional (através dos C.I.A.M.) que reproduz um modelo progressista fomentado sobretudo por arquitectos. Este modelo progressista incorpora um urbanismo caracterizado essencialmente por espaços abertos, rasgados por vazios e verdes como resposta às exigências de higiene, onde os conceitos chave são estandardização, zonamento e abolição da rua.

Todavia os ideais modernistas nascem de obras bem diferentes como as de Fourier (1772-1837), Proudhon (1809-1863) e ainda Owen (1771-1858), Richardson (1828-1896) ou Cabet (1788-1856), que têm em “comum uma mesma concepção do homem e da razão, que subtece e determina suas propostas relativas à cidade” (CHOAY, 2007, p. 8) numa discussão sobre a estrutura e o sentido da relação social.

O texto de Projecto Final de Arquitectura pode levar a pensar **de que forma se fez a revolução do pós-guerra nas cidades? Como é que cresceu Lisboa na 2ª metade do século XX?**

Lisboa tal como outras capitais europeias resulta de um crescimento faseado marcado por acontecimentos vários. Um forte crescimento demográfico caracteriza esta cidade na 2ª metade do



século XIX e na 1ª metade do século XX. Sabe-se que entre 1852 e 1952 a cidade quadruplicou em termos populacionais e de 1900 a 1940 duplicou (DIAS, 1947, p. 648).

Em cada período histórico o avanço urbanístico na cidade de Lisboa foi de alguma forma comandado por homens de poder e grande iniciativa. Durante o estado novo, dominado pelo Eng.º Duarte Pacheco, que assumiu a presidência da Câmara Municipal de Lisboa, efectuou-se uma mudança profunda ao nível urbanístico com novos métodos para obtenção de terrenos. As expropriações levadas a cabo neste período possibilitaram uma reabilitação e desafogo financeiro à Câmara Municipal de Lisboa. À CML competia a tarefa de urbanizar e ao proprietário um papel passivo (CML, 1952; DIAS, 1947). Segundo texto da CML sabe-se que esta entidade tinha, com as directrizes de Duarte Pacheco, o poder para expropriar com grande liberdade e a possibilidade de o fazer de uma forma planeada¹.

Com o crescimento demográfico e a capacidade de expropriar a cidade, que se confrontava até então aos limites das Avenidas Novas e da Praça do Chile (à área interior da via de cintura, o caminho-de-ferro), começou-se a programar Lisboa em termos globais, à semelhança de outras capitais do século XX. Embora Lisboa não tenha sofrido efeitos directos da 2ª grande guerra, como as outras capitais europeias que tiveram que ser reconstruídas porque foram bombardeadas, podemos dizer que os novos modelos urbanístico experimentados nas cidades atacadas terão influenciado os urbanistas que contribuíram para a expansão de Lisboa no 3º quartel do século XX.

No final da década de 50 assiste-se à expansão da cidade através de operações urbanísticas de grande escala como Olivais e Chelas. Estes bairros materializam os princípios da cidade modernista, onde o território se evidencia pela inclusão pontual do edificado no espaço livre, fluido e verde.

Concluído o plano director da cidade, George Meyer-Heine (1959-1967) a planta da capital mostra a consolidação dos bairros de Alvalade e do Restelo, o princípio da edificação de Olivais Sul e Norte e ainda o território a poente da Avenida do Campo Grande. Não colocando em causa a qualidade urbanística e arquitectónica destas expansões, atribui-se a Alvalade uma continuidade com a cidade consolida e critica-se negativamente os Olivais na conexão com a mesma.

Após uma postura visivelmente expansionista e cessada a carência habitacional, passamos a uma atitude de requalificação da cidade num processo reformador. Os núcleos urbanos periféricos são assimilados pela cidade que conhecemos e que teve início no plano de Etiénne de Groër (1938-1948).

¹ "Para tal, e para que ficasse também assegurado ao Município um <controlo> absoluto sobre todo o desenvolvimento da cidade, resolveu-se como regra geral, que de futuro, a Câmara Municipal adquiriria ou expropriaria, antes de dar início à execução de qualquer plano, toda a área por este abrangida, por desenvolver ou valorizar e independentemente do seu destino posterior "(CML, 1952).



O Laboratório de urbanismo pretende criar metodologias de análise ao espaço público, tendo como estudo de caso a cidade de Lisboa, nomeadamente as intervenções urbanísticas realizadas após o plano de Étienne de Groër.

Tendo como mote o estudo da forma urbana, na óptica de ilustrar como se fez a cidade de Lisboa e com que rigor, cumpre definir que morfologias urbanas podem representar o universo de análise. Os alunos deverão identificar na planta de Lisboa as principais unidades morfológicas referentes a malhas urbanas posteriores a 1948 e reconhecer as componentes da forma urbana através da análise do espaço público (trabalho a desenvolver em grupo no 1º semestre).

Pretende-se desenvolver um método de leitura da forma urbana onde serão obtidas e avaliadas as características mais significativas da área urbana de Lisboa (circunscrita às intervenções urbanas subsequentes ao Plano Director de Urbanização e Expansão de Lisboa de 48), através da interpretação do espaço público. Para aferir o método procederemos ao estudo analítico e quantitativo das plantas de Lisboa. Na avaliação quantitativa dos espaços públicos será analisada a percentagem de áreas dos espaços públicos lineares e dos espaços públicos não lineares. Correspondendo ao primeiro aos espaços de circulação, como ruas, travessas, etc; e os segundos aos espaços de estada, como largos, adros, praças, etc.. Ainda nesta avaliação, serão revistos conceitos como a permeabilidade, a conectividade, a transversalidade, a acessibilidade, a variedade e a legibilidade da estrutura do espaço público.

O estudo da cidade, através dos elementos que a compõem, clarifica e objectiva o seu entendimento. Ao analisar o espaço público numa dada área, é conveniente entender as percentagens destinadas a espaços de circulação e de permanência, bem como correlacioná-los com o desenho urbano e com a imagem social do espaço em estudo. Os espaços bem sucedidos têm certas características geométricas que devem ser seguidas na criação de novos espaços urbanos (SALINGAROS, 1999, p. 40). Assim, os resultados finais obtidos na leitura dos vários trabalhos teóricos dos alunos poderão servir de base para a construção de novos espaços e para a requalificação de antigos, sabendo nós que as próximas intervenções estabelecem-se mais num “pressuposto regenerador”.

Metodologia

Os métodos de ensino e actividades de aprendizagem no laboratório de urbanismo visam sobretudo uma exposição teórica sobre o tema específico deste. Neste sentido, serão ministradas aulas teóricas pelos docentes do Laboratório de Urbanismo e por individualidades exteriores ao Mestrado Integrado em Arquitectura e Urbanismo do ISCTE (convidados), relacionadas com as temáticas ligadas ao universo do urbanismo com o intuito de fomentar a reflexão e a discussão sobre as mesmas. O 1º e 2º semestres decorrem respectivamente em 12 aulas, com desenvolvimentos distintos.

No 1º semestre incentiva-se o trabalho de grupo. Cada grupo deve escolher um tema genérico e desenvolver um trabalho escrito que será apresentado na 12ª aula do 1º semestre. Pretende-se com





este trabalho que cada aluno amplie a capacidade de investigação e exposição oral (discurso adequado), com o objectivo de dar resposta ao projecto de investigação individual a desenvolver no 2º semestre. Em simultâneo, neste 1º semestre, o aluno deve pensar no tema específico que irá desenvolver posteriormente, apresentando o seu tema e discutindo os objectivos com o co-orientador. No 2º semestre dar-se-á início à dissertação/projecto individual e o aluno deverá apresentar na 1ª e 2ª aulas o título do projecto individual, assim como o programa de trabalhos que será criticado em grupo. No decorrer do 2º semestre será afinado o plano de trabalhos e será estruturada a pesquisa naquilo que se considera fundamental para o projecto de investigação individual (a “promessa” com a introdução ao tema e objectivos, o estado da arte, questões e hipóteses, metodologia para encontrar a validade da(s) hipótese(s) e resultados). Sendo que o trabalho final não deverá ter mais que 25 000 palavras (cerca de 35 páginas dactilografadas) não contabilizando os elementos gráficos.

No final de cada semestre, terão lugar aulas de apresentação pública do trabalho e crítica por parte dos docentes responsáveis pelo Laboratório em Urbanismo.

O apoio e esclarecimento de dúvidas aos alunos funcionará quer nos horários determinados para esse efeito (aulas e tutorias), quer através da página web do laboratório (plataforma de conteúdos: <https://e-learning.iscte-iul.pt>) e e-mails dos professores (mgts@iscte.pt; tmmm@iscte.pt; rui.ricardo@cm-lisboa.pt).

Referências

- CHOAY, Françoise – **O Urbanismo**. São Paulo, Editora Perspectiva S. A., 2007 (1ª edição 1965).
- DIAS, Jaime Lopes – Lisboa de Hoje. In (Gustavo Matos Sequeira) – **Lisboa, oito séculos de história**. Lisboa, CML, 1947. pp. 644-667.
- MUMFORD, Lewis – **The Culture of Cities**. London, Secker & Warburg, 1946 (1ª edição 1938).
- OLIVEIRA, Ricardo Girão – **Lisboa: sua evolução e desenvolvimento**. Lisboa, CML, 1952.
- SALINGAROS, Nikos A. – Urban space and its information field. **Journal of Urban Design**. Nº 4 (1999). pp. 29-49.

* Este documento encontra-se em aberto até à 1ª semana de Setembro, permitindo uma colaboração dos docentes responsáveis pelo Laboratório de Urbanismo.

